

INDICE GERAL DA PASTA DE REVISTAS

REVISTAS DE SÃO PAULO/SP.....03

- Paulicéia em revista(1948).....	05
- Flash(1953).....	09
- Radiolar(1953).....	13
- Parada de Discos(1955,1956 e 1957).....	17
- Ala Arriba(1955).....	23
- Melodias Populares(1956).....	27
- São Paulo na TV(1963).....	33
- Contigo(1966).....	37
- Realidade(1969).....	41
- Veja(1974,1975,1980,1982 e sem data).....	49
- Homem Vogue(1976).....	57
- Quatro Rodas(1979).....	61
- Visão(1982).....	73
- Isto É(1984).....	79
- Gourmet(1984).....	83
- Esporte e Turismo(1984).....	113
- Guia Azul de Rádio-Atores(1946).....	117
- Carnaval de 1985(1985).....	121
- Paulista(sem data).....	127

REVISTAS DO RIO DE JANEIRO / RJ.....131

- O Cruzeiro(1953 e sem data).....	133
- Revista do Rádio(1954,1955,1957,1959,1961 e sem data)...	145
- Radiolândia(1956 e 1957).....	159
- TV radioLÂNDIA(1961).....	167
- Carioca(1953 e sem data).....	171
- O Mundo Ilustrado(1954).....	179

- Rádio-Teatro(1953).....	183
- Parada RCA-VICTOR(1956).....	188A
- Brasil Ritmos-Letras/Carnaval de 1960(1960).....	191
- A Cigarra(1967).....	195
- Amiga(1972,1973,1975,1976 e 1982).....	203
- Manchete(1973,1975,1976,e 1984).....	213
- Cartaz(1973).....	221
- Sétimo Céu(1974).....	225
- A Modinha Popular(sem data).....	229
- Vamos Cantar(sem data).....	235
- Cinelândia(sem data).....	239
- Encanto(sem data).....	243

REVISTAS DE BELO HORIZONTE / MG.....247

- Alterosa(1954).....	249
-----------------------	-----

REVISTAS DA ITÁLIA.....255

- TV Illustrazione(1966).....	256A
-------------------------------	------

REVISTAS SEM REFERÊNCIAS DE PUBLICAÇÃO.....259

- Apenas a Data(1951 e 1966).....	261
- Totalmente sem referências.....	267

REVISTAS DE SÃO PAULO/SP

PAULICÉIA EM REVISTA

- 1948.....07



FANNY GONÇALVES — que atua no rádio-teatro da Rádio Cruzeiro do Sul. Além de excelente rádio-atriz, Fanny toca violão, é aplaudida intérprete de músicas portenhas.



ADONIRAX BARBOSA — grande humorista, o milionário criador de tipos radiofônicos. Ator de primeira grandeza na constelação da cinematografia brasileira — Barbosinha já tomou parte em grande número de produções nacionais.

Indústria e Comércio de Artefatos de Borracha e Ebonite

LUIZ RIENZO

Loja e escritório:
R. dos Timbiras, 125
Caixa Postal. 6155

FONE: 6-1567
End. Telég.: "CAVIANA"

Fábrica:
Santo André
E. F. S. J.



TEODORO BONFIM — conhecido compositor de músicas populares brasileiras, residente no Rio e que se encontra atualmente em São Paulo, em gozo de férias.

Laboratório de Prótese Dentária
"UNIDOS"

Especialidade em:
DENTADURAS
ROACHS
ACRÍLICOS

PAULO CASTELLARI
R. Wenceslau Braz, 78
4.º andar — Sala 12
Telefone: 3-9752
SÃO PAULO

RADIO

De que então, a Rádio São Paulo melhora a sua programação? Temos a impressão de que melhorou. Não sei, ou se aborrecer de ser posto de merula, ou então compreenderem que Rádio não é somente novelas e músicas.

Dizem que a Bandeirantes, faz muito de pagar todas as suas despesas, unicamente com a receita, isto é, com o dinheiro de anunciantes. A ideia é boa, mas acredito que a medida não dá resultado, pois os seus empregados não recebem o pagamento no dia certo!

A Rádio Excelsior continua bem dirigida. Sem comentários.



"OS PIONEIROS SERTANESOS" e "Riolinho", que dão a regionalidade das emisoras.

Casa Especial

Plantas e m...

BIAGIO B.

P. da Sé, 242 - 1.º - Sala

REVISTA FLASH

- 1953.....11

"BARBOSINHA" e sua boemia saudavel - O ritmo e a gira dos engraxates já for-
neceram temas para as composições populares do conhecido humorista, ator e compo-
sitor. - Talento e força de vontade o binomio de seu sucesso.

Com osde fosforos, latas de graxa
 e escovas, está feita a batucada.
 O milrobio da samba atinge

a todos e Adoniran não
 pode ver de junto sem cho-
 rar... Estão vendo?

T
E
X
T
O

D
E

L
I
G
A
S

M
U
N
I
Z



F
O
T
O
S

D
E

C
R
U
Z

ADONIRAN BARBOSA

BUSCA INSPIRAÇÃO PARA SEUS SAMBAS



Sempre que ha uma lol-
 guinha, Adoniran puxa
 o ritmo. Vemo-lo com o apreciado conjunto Demonios da Garôa, da Record numa batuca-
 da extra-studio. Peteleco seu cão de estimação olha atentamente sey dono sabores um caléirho

25 - Maio

FLASH



Os engraxates da cidade são todos amigos e fãs de Adoniram. Em seus ritmos exuberantes e sinceros, tem o compositor encontrado um material inegociável para suas produções.

Quem é que disse que a paciência, em rádio, não vale? Ora, si vale. Adoniram Barbosa é um dos melhores exemplos. Ele vem de longe na tentativa de um lugar no rádio. Soube lutar. Teve paciência. Até que chegou a sua hora "H".

Moço cheio de sonhos e repleto de inveja daquela rapaziada que já fazia bonito pelos microfones de São Paulo, o Adoniram (naquele tempo ele não se chamava assim, não...) não recebeu nada nem ninguém e foi metendo a cara em todos os prefixos.

Começou como cantor. E, aqui entre nós, se não era um "astro" também não desapontava. Foi cantor da primitiva Rádio Cosmos e ganhando seus "cachets" de 20 ou 50 mil reis, foi passando por várias antonias. Quando não dava certo numa rádio, já tinha um amigo "na mira" e lá ia procurá-lo, a cata de prestígio para entrar noutra estação.

Isso — quer dizer, a vida de Adoniram tentando um lugar mais firme no rádio — durou anos e anos. Não foi sóa, não. A sorte é que fez muitos amigos. E os amigos sempre lhe deram mão sincera.

Mas acontecia, já naquelas éras, que o rapaz mineiro, com um sotaque engraçado e uma gíria toda dele, divertia quem com ele falava. Já era, portanto, um humorista. E

fazia "tipos" que via aí pelos circos e também pelas rádios.

Naturalmente essa vocação caricata foi que lhe valeu tudo quando, na Rádio Record, descobriram que o rapaz que compunha marchas e lambas e que insistia em querer cantar pra ganhar mais fás, ele — o Adoniram — "deu" pra humorista. Foi aquela primeira fase da "Escola Risonha e Franca" idéia de Gilberto Martins para a PRB-9. De Adoniram Barbosa, como rapaz já madarinho, surgiu o "Barbosinha", um garoto trêfego como o diabo e que fazia "miséria" na Escolinha das 6 e meia no auditório da rua Quintino Bocaiuva.

De lá pra cá a vida artística do Adoniram transformou-se muito, transformando o cartaz numa dessas coqueluches populares. Ficou "indispensável" a todos os programas humorísticos d'"A Maior".

Até que o cinema também "descobriu" o Barbosinha. Apareceu em "O Cangaceiro" numa ponta idéia, que ele viveu em grande primeiro plano. Quando a fita saiu, quem é que aguetava o cartaz do rapaz? Max ele o merecia. Tanto, que o próprio Lima Barreto

Na Nick Bar com Buschel, Maria Prado e Oswaldo Santiago, diretor e produtor de cinema.



Alberto Buschel e Adoniram tornaram-se inseparáveis depois de "O Cangaceiro".

já o tem fixo no seu "carnet" para as próximas produções da série, nos estúdios da Vera Cruz.

Max... e fora do rádio, como é que é o Adoniram Barbosa, heim! Humaníssimo como qualquer um. As vezes, até demais. Prefere mesmo os humildes. Desde o seu cachorro "Petelêco", parceiro de uns bate-papos que só eles mesmo entendem. E os engraxates! Ah! fise é um outro mundo na vida cotidiana do Barbosinha. E a turma saboreia quando Barbosinha vai chegando, já de calxinha-de-fôlôro nas mãos e um sambinha qualquer nos lábios. Forma-se o "nâipe de ritmo" com os catxotes, as escovas, os vidros d'água, as latinhas de graxa, escovas que foram de dentes...

Aí está justamente um "Flash" de Adoniram Barbosa. Um tipo raro, de fato, nesse emaranhado todo do nosso rádio. Artista completo no gênero. Cartaz sem discussão. Amigo dos amigos. De vêr em quando dribla a disciplina do relógio. Mas sempre resolve com a sua presença. Tem o "Petelêco", seu lá de todas as horas. E, no mundo de Eva, é um tabaão de suspiros, com aquela gíria toda e aquela gíria que sabe dizer belíssas diferente dos poetas.



RADIOLAR

- 1953.....15

Na cabeça de ADONIRAM BARBOSA o chapéu de LAMPEÃO!

FOTOS DE USIRATAN FERREIRA
ESCREVE FRED JORGE

Começou sua carreira de humorista na Radio Record, onde tem atuado com brilhantismo em diversos programas. Adoniram é mais uma grande contribuição do rádio ao cinema. Já era um grande carteraz radiofônico quando o portentoso Lima Barreto resolveu fazer o CANGACEIRO — esse filme que foi visto, aplaudido e premiado em Cannes e etc. Esse etc. fica por conta de todos os adjetivos elogiosos que surgem em torno do nome do filme.

Para o papel que Adoniram viveu, estava escolhido um outro ator, também do rádio. A turma seguiu para um lugar da filmagem ficando acampada em pleno sertão, exposta à chuva, ao vento e ao sol. Dizem que visto de longe, o local parecia mesmo um autêntico acampamento de cangaceiros. Barracas de jora, fogueirinhas, e ao lado disso tudo, câmeras e aparelhos de filmagem.

O ator em questão não aguentou o bafado. Achei mesmo um pouco rude aquela vida no ar livre, e resolveu dar às "vilas do diabo". Veio a São Paulo e indicou o Adoniram para o papel. O grande radialista aceitou sem hesitar e seguiu para o sertão. Lá chegando, encontrou o ambiente de tristeza e desolação. Os "cangaceiros" estavam com saudades do asfalto, da grama, da tristeza crepuscular da cidade.

Além das tomadas de filmagem, não havia mais nada a fazer. Foi só Adoniram chegar e pronto, foi "foto na cangica". Com seu humor esuficiente, com seu espírito sempre alegre, cantando e contando piadas, levantou o animo de todos. O produtor Lima Barreto ficou entusiasmado. Tanto como amigo, como artista, ou como humorista, Adoniram era um sucesso. Um ator de grandes possibilidades e iniciativa. Aquela "cuspida" na cena final não estava no "script", mas foi um detalhe apreciável.

Beim, falar no Cangaceiro já é pleonasmo. Todos sabem que foi o melhor filme nacional, premiado em Cannes, e outras coisas mais. Assim como o filme foi bom os atores também o foram. Grande interpretação de quasi todos.

A seguir, o grande Adoniram fez outro filme. ESQUINA DA ILUSÃO, ao lado de Ilka Soares e Alberto Ruschel. Nesse filme ele sentiu-se mais à vontade, fazendo um barbeiro espanhol. Sentiu-se mais à vontade porque estava num papel mais adequado a sua índole artísticas. Humorismo. É como acontece frequentemente em certos filmes, um elemento colocado em segundo ou terceiro plano, consegue absorver a película toda, dando a ela o

(Continua no fim do Revato)



NA CAREÇA DE...

timbre de sua personalidade. Foi o que aconteceu com Adoniram. Revelou-se ótimo no cinema, e dedica-se muito. Não é desses elementos que pretendam estacionar, ou dormir sobre os lauros. O Cangaceiro foi um grande filme. Em ESQUINA DA ILUSÃO Adoniram foi um sucesso. Nas próximas filmes ele também pretende ser um elemento brilhante. Esperamos então essas novas filmes que nos darão além do grande humorista, o naturalizador de tipos, que tem-se revelado na figura de Adoniram Barbosa.

Para a filmagem do Cangaceiro foi usado material cedido pelo Museu de Bahia. O Adoniram nos contou que as armas e as roupas eram autênticas. O chapéu que ele usou durante o filme todo pertenceu realmente ao grande Lamepeira, rei do Cangaceiro.

CONCURSO - RADIOLAR

Realizou-se na redação de RADIOLAR, Rua Rafael de Barros, 162, 2.º andar, a apuração do concurso do último número de Radiolar. Entre as inúmeras concorrentes foi vencedora a leitora NADIR ROGOVALHO, moradora a Rua Pascoal Moreira, 236, em Santo Amaro. O prêmio, um lindo relógio-pulseira, encontra-se a disposição da premiada aqui em nossa redação.

NOSSA CAPA

Na capa — Em magníficos tecelões, apresentamos o querido e famoso galã do FRA-S, Rádio São Paulo, Nello Finheira.

Na contra-capa — Sonia Maria forma com Nello Finheira o mais querida dupla romântica do rádio paulista, vencedora do cobijado ROQUETE PINTO de 1952.



Diretor Responsável: Elbio F. Pacheco ♦ Redatores: Fred Jorge, Denis Brown, E. F. Pacheco, Dulcio Apolinário, Maria Lucia e Berilo Amaral ♦ Fotografos: Rubens Ferreira e Ubiratan Ferreira ♦ Desenhos e Montagem: Waldemar ♦ Redação: Rua Rafael de Barros, 162, 2.º, Tel. 70-7923 ♦ Impressão por Brusco & Cia., Rua Luz Gomes, 764, Tel. 33-7200 ♦ Tiragem desta edição: 30.000 exemplares ♦ Distribuidor: Distr. Paulista de Jornais, Revistas, Livros e Imprensa Ltda., Rua Brás Gomes, 30, Cx. Postal, 6.026, Tel. 34-6799 - S. Paulo - Brasil.

3 FATOS EM FÓCO

AOS DIRETORES

O Dr. Paulo Machado de Carvalho, diretor geral das Emissoras Unidas, inteligentemente colaborou para a renovação de valores de nosso rádio. Entregou a direção de suas emissoras aos seus três filhos jovens, dinâmicos e competentes. E aí está a geração nova do rádio desenvolvendo sua atividade, imprimindo às emissoras que dirigem sua personalidade. Tuta tomou o leme da Pan-Americana, emissora líder nos esportes, e sente que seu barco vai de vento em popa. Paulo Machado de Carvalho Filho continua orientando os destinos do Rádio Record e Alfredo de Carvalho dirige a Rádio São Paulo. São três grandes emissoras, de programações completas, que exigem três grandes diretores. E todos três estão sendo muito bem orientados.

Ainda há pouco tempo, essas direções jovens, irmãos e acima de tudo amigos, mostraram a força da colaboração. O incendio que devastou a rádio São Paulo colocou a emissora em péssima situação. Alfredo de Carvalho pensou em mudar os estudos para o transmissor, mas logo desistiu da ideia. Tuta, diretor da Pan-Americana, resolveu que seria melhor a sua emissora. Na manhã seguinte ao incendio, a FRA-S produziu da emissora dos esportes, sem prejuízo algum em sua programação, e sem prejudicar a programação da emissora que o estava auxiliando. Em seguida, surge o efeito de Paulinho de Carvalho, diretor do Record. Achou que a FRA-S ficaria melhor intitulada no Rádio Record. E assim foi.

A colaboração entre os três se fez sentir de maneira brilhante. Toda turma do Rádio São Paulo sente-se agradecida ao grande diretor que é Paulinho e ao Tuta, pelo valioso auxílio que prestaram na hora difícil.

Isso vem provar que bons diretores são aqueles que unem a competência ao calor humano e a camaraderie. São como essas três jovens que diariamente estão em contacto com seus artistas, fazendo de cada elemento um amigo, e de cada amigo, um afim e produtivo trabalhador. Não se encerram em torres de marfim, estultos de todos. São acessíveis e fáceis de serem encontrados, por todos aqueles que os procuram.

AOS RADIALISTAS

A classe dos radialistas, na atualidade é uma das melhores. Antigamente gozava de pouco conceito. Sim, dizia-se que gente de rádio não era gente boa. No entanto, o radialista soube reagir e hoje é bem representado em todos os setores. Temo-dentes da rádio, elementos de todas as condições. Alfaiates, advogados, doutores, deputados e vereadores. Homero Silva, o locutor de voz inconfundível é um elemento brilhante tanto ao microfone como na Câmara. Ao dele, sobram no mesmo sentido, Nicolau Tuma, José Nicolini e Cid Franco. A política pouco deu ao rádio em comparação ao que o rádio deu à política. Wondik de Freitas, do Rádio Record, há pouco tempo foi eleito presidente do sindicato de jornalistas. Nello Finheira é um advogado brilhante. Também o são Blota Junior, Thalino de Oliveira e outros grandes nomes. Na literatura, sobressai Maria Donato, autor de livros de sucesso como PRESENÇA DE ANITA. Sim, em todas as setores encontramos radialistas de projeção. Isso vem provar que a classe progrediu muito. O que antes era um emprego pouco convidativo pela reputação que criava e pelo conceito que envolvia o elemento, é hoje uma carreira brilhante.

Tanto no Rio de Janeiro como em São Paulo, homens de cultura, de projeção, e portadores de grandes títulos procuram o rádio, não como "bico", mas sim como carreira, talvez mais rendosa do que a carreira que antes possuíam.

Está de parabéns o nosso rádio com esses elementos brilhantes.

AOS LEITORES

No página central da revista de mês passado, o leitor encontrou uma surpresa que se repete no número de hoje. Várias fotos coloridas de artistas do nosso rádio. O leitor não deve deixá-la na revista. Arranque-a e recorte as fotos, porque muito em breve RADIOLAR publicará um álbum no qual essas fotos serão pregadas. Nessa modesta revista tudo faz para agradar os leitores. Há também uma nova seção que promete ser um sucesso. O casamento de ouvintes. Como é de praxe, cada número de Radiolar publica um casamento de gente de rádio. Mas gente de rádio não se casa todo dia, e por isso pensamos a publicar reportagens de casamentos de leitores e ouvintes de rádio.

Além dessas seções, prometemos muito mais. Mas nossas promessas não são daquelas de ficar no tinteiro. Não. Queremos fazer tudo para que a revista melhore mais e mais. E para o próximo número prometemos fotos coloridas, na página central, de outros grandes artistas. Vá recortando, leitor... e logo terá um belíssimo álbum completo.

Respostas certas do "RADIO TESTE" — 1.º Antonio de Freitas — 2.º Italia — 3.º Rádio Nacional (Plínio Comargo) — 4.º Rádio São Paulo — 5.º Nello Finheira — 6.º Cigiliani e Nello — 7.º Rádio Gazeta — 8.º Augusto Barone e Osmino Campos — 9.º Mirtes Grisol — 10.º Rádio Cultura — 11.º Maria Donato — 12.º Almirante — 13.º Amabilia — 14.º Paraguaná — 15.º Pan-Americana — 16.º Balza — 17.º O Governador — 18.º Nello e Sonia — 19.º Santo André — 20.º Artistas infantis da Rádio São Paulo.

PARADA DE DISCOS

-1955.....	19
-1956.....	20
-1957.....	21

DEMONIOS DA GARÇA

Os Demônios da Garça que vêm ditando os maiores sucessos musicais do momento, vêm de lançar mais um disco que já está trilhando o caminho seguido pelas outras letras.

Referimo-nos a "Não faça fe contigo", (Bandinha), e "Ficamos" este último do mesmo compositor de "Saudade Maluca", o homem que vem enriquecendo o cânone negro popular de nossa terra, ADONIRAN BARBOSA.

Considerado pelas críticas de rádio e de disco, como o melhor conjunto vocal de 1955, está, pois, de parabéns o público e a gravadora por mais esse lançamento.



DISCOGRAFIA

10.107	Mito Rendeiro	Balço
	Sei Trovax	Samba
	Refrão "O Cangaceiro"	
10.154	Saudade Maluca	Samba
	A Samba do Ernesto	Samba
13.904	Conto Iho de mulher	Samba
	A Mariposa	Samba
13.967	Vamos a outro lugar	Samba
	Quem bebeu morreu	Marcha





SAUDOSA MALOCA

em Long-playing

Um dos maiores êxitos musicais assinalados na história de nosso cancioneiro popular traz o nome de Adoniran Barbosa como seu autor.

Dotado de uma versatilidade incrível, Adoniran, explorando temas de malocas, juntou-se aos homens que habitam as favelas e sentindo suas tragédias e alegrias, transformou em melodia com sentido humano e poético todos os anseios da massa numerosa que sofre, canta, briga e conta anedotas, ainda encontrando "tempo para trabalhar".

"Saudosa Maloca", quem não conhece? Conta-nos a história do Mato Grosso e o Joca que, vendo destruído o seu barracão para dar seguimento ao progresso, se conformam com o destino e partem à procura de outro abrigo cantando "Saudosa Maloca, Maloca querida din dindonde nós passamo dias feliz de nossa vida".

Nesse linguajar de maloca, o poder imaginativo de Adoniran criou igualmente outros números musicais como por exemplo "Arnesto", "Um samba no Bixiga", "Progressio", "Apaga o fogo Mané", etc.

Colecionando os-êxitos dêsse já renomado compositor, a Odeon lançou com os criadores e igualmente responsáveis pelos sucessos dessas melodias, um álbum long-playing reunindo músicas de Adoniran Barbosa e que recebeu o título de "SAUDOSA MALOCA".

Uma jóia musical êsse lançamento da etiqueta do templo que prestigia dessa forma nossa música popular, fazendo salientar a participação de um dos mais famosos conjuntos vocais em todo o Brasil, DEMÔNIOS DA GAROA. Disco ODEON MODB-3065.

Adoniran Barbosa num "closed", que além de compositor é também excelente radio-ator e humorista, lançou pela "Demônios da Garoa", que sentiram as criações de Adoniran e o interpretaram para o disco com real sucesso, fazendo de cada lançamento, mais um êxito para a sua brilhante carreira.

A L A A R R I B A

- 1955.....25

Um artista completo

Num dia destes encontramos-nos com nosso velho amigo Barbosa, com a mesma simpatia de sempre.

Cumpre frizar que o Adoniran é um dos expoentes máximos da Rádio e TV Record e um dos homens de arte mais completos de S. Paulo: Ator de Rádio, TV, teatro, cinema, (Cangaço, Candinho, Carrocinha etc...) cantor e compositor de páginas famosas da música popular brasileira, tais como: Joga a chave, Maloca, Mariposa e outras. Portador de uma bagagem de sucessos sem conta e uma versatibilidade que impressiona, Barbosa promete dar o maior espetáculo de sua carreira em «O Sertanejo», filme que Lima Barreto dirigirá para a Cia. Cinematográfica «VERA CRUZ». — Vamos aguardar.



ADONIRAN BARBOSA

BALLET MANCO

Inédito
p/ Ala Arriba

à mon cher ami, le grand
danseur Serge-Michel Pellet

saia de nervos dourados
chemisier de seda e prata
cabelos soltos ao vento
dança a musa ao luar gris
seus pés rosados e nus
voam nas flores azuis
dança do sétimo céu
morte no décimo céu
seus braços são brancos de neve
seus dedos finos e brancos
tocam os troncos sangrentos
das palmeiras a cantar

abre-se a camisa efêmera
rasga-se a seda do sol
seios soltos ao luar
nua em sua pureza
ela dança

é a dança da morte
a dança da morte no sétimo céu
do canto do cisne

seus pés esmagam serpentes
seus dentes laceram ipês

estes soltos ela dança

um tambor resmunga ao lado
dum violão intoxicado
pelo éter do batuque

borboletas transparentes
voam nas águas das fontes
onde murmura o pistão

jaz da eternidade azul
ela dança e seu pé nu
leva lágrimas ao céu.

ROBERT - GILLES LACROIX
São Paulo, Bras'l.

Ouçá todos os dias "HORAS PORTUGUESAS" na Rádio "Pan-Americana",
das 10,30 às 11 horas, o programa dirigido por INÊS FERNANDES.

M E L O D I A S P O P U L A R E S

- 195629

Quem bate sou eu

SAMBA

Adoniran Barbosa e Artur Bernardo

Gravado pelos Demonios da Garoa

Bis (Ó de casa, quem bate
(Quem bate sou eu
(Sou eu amigo
(Que venho pedir-te abrigo

Ceguei brião
No barraco
O seguinte aconteceu:
Fui acendê o fogão
De querosene, explodiu
Incendiô
Queimô tudo que era meu

No morro da Casa Verde

SAMBA

Adoniran Barbosa

Gravado pelos Demonios da Garoa

(Silencio
(E madrugada
(No morro da Casa Verde
(A raça dorme em paz
Bis (E lá em baixo
(Meus colega de Maloca
(Sobre as órde do Joca
(Que é o rei do batuque
(Quando começa a sambá
(Não pára mais,

Vardi busca o tambô
Laércio traiz o agogô
Que o samba na Casa Verde inferô
Que o samba na Casa Verde inferô

Um samba no Bexiga

SAMBA

Adoniran Barbosa

Gravado pelos Demonios da Garoa

Domingo nois fumos
Num samba no Bixiga
Na rua Majô
Na casa do Nicôla
A méza nôte ao cloç
Salu uma baita duma briga
Era só pizza que avçava
Junto coás brajôla:

Nois era estranho no lugá
E não quizemo se metê
Num fumos lá prá brigá
Nois fumos lá prá cumê
Na hora H
Se infierno debaixo da mesa
Fiquemo ali di beleza
Vendo o Nicôla brizá
Dali um póco escutemo
A Patrulha chegá
E o sargento Oliveira fala
Não tem importância
Vô chamá duas ambulancia

(Break)

Calma pessoal
situação tá muito crítica
ants pró
prás clínica

Apaga o fogo Mané

Adoniran Barbosa

Gravado pelos Demonios da Garoa

Inez salu
Dizendo que ia comprá um pavio
Pro lampião
Pode me esperar Mané
Eu já volto já
Acendi o fogão
Botei agua pra esquentá
E fui pro portão
Só pra vê Inez chegá
Anoiteceu
E ela não voltou
Fui pra rua feito louco
Prá saber o que aconteceu

Procurei na central
Procurei no hospital
E no xadrez
Andei a cidade inteira
E não encontrei Inez
Voltei pra casa triste demais
O que Inez me fez não se faz
E no chão

Tem perto do fogão
Encontrei um papél escrito
Pode apagá o fogo Mané eu não volto [mais
Pode apagá o fogo Mané eu não volto [mais

La Casa Verde

SAMBÁ

Adoniran Barbosa

Demonios da Garça

la
a Casa Verde
me em paz
xo
a de Maloca
de do Joca
do batuque
meça a samba
ais.
o tambô
iz o agogô
a na Casa Verde inferô
a na Casa Verde inferô

fogo Mané

Adoniran Barbosa

Demonios da Garça

compra um pavio

Mané

squentá

chegã

louco
conheceural
ntalneira
Inez
riste demais
oz não se faz

ção
apêl escrito
ogo Mané eu não volto
[mais
ogo Mané eu não volto
[mais

VEM MORENA

MARCHA

Adoniran Barbosa

Gravação de Carlos Galhardo

(Morena, morena
Bis (Tem pena por favor
(Morena, morena
(Não despreze o meu amor.

Ai, Ai, Ai morena
Por ti tomei veneno
Dei pulo no sereno
Vem, vem, vem morena
Tu és minha paixão
Dona do meu coração.

DOCE PRIMEIRO AMOR

SAMBÁ

U. M. e Adoniran Barbosa

(Doce primeiro amor
Bis (E' o amor que não se esquece
(Doce primeiro amor
(E' cinza mas sempre aquece.

Na vida a gente esquece tudo
Momentos de alegria e dor
A gente só não esquece enfim
Lembranças do primeiro amor.

BOM DIA TRISTEZA

SAMBÁ

Adoniran Barbosa e Vinícius de Moraes

Gravação de Aracy de Almeida

(Bom dia tristeza
(Que tarde tristeza
(Você veio hoje me ver
Bis (Que já estava ficando
(Alé meio triste
(De estar tanto tempo
(Longe de você.

Se chegue tristeza
Se sente comigo
Aqui nessa meza de bar
Beba do meu copo
Me dê o seu hombro
Que é para eu chorar,
Chorar de tristeza
Tristeza de amar.

IRACEMA

SAMBÁ

Adoniran Barbosa

Gravado pelos Demonios da Garça

Iracema
Eu nunca mais eu te vi
Iracema
Meu grande amor foi embora
Chorei, eu chorei de dor porque
Iracema
Meu grande amor foi você
Iracema
Eu sempre dizia:
Cuidado ao travessá essas rua
Eu falava
Mais você não me escutava não
Iracema
Você travessô contra mão

E hoje ela vive lá no céu
E ela vive bem juntinho de Nosso Sinhô
De lembrança guardo sómente
Suas meia e seus sapato
Iracema eu perdi seu retrato

Declamado:

Iracema
Faltava vinte dias pro nosso casamento
Que nós ia se casá
Você travessô a rua São João
Vem um carro te pega e te pincha no chão
Você foi p'ra assistencia
O chofer não teve culpa, Iracema
Paciencia...

CONSELHO DE MULHER

SAMBÁ

Adoniran Barbosa

Gravado pelos Demonios da Garça

Progressio
Progressio
Eu sempre escutei falá
Que o progressio
Vem do trabalho
Então amanhã cedo
Nóis vai trabalhá

Quanto tempo
Nóis perdeu na boemia
Sambando noite e dia
Cortando uma rama sem pará
Agora escutando
O conselho das muié
Amanhã nós vai trabalhá
Se Deus quizé.

(Break) - Mais Deus não quô!

AS MARIPOSA

SAMBA

Adoniran Barbosa

Gravado pelos Demonios da Garça

As mariposa
Quando chega o frio
Fica dando vorta
Pra se esquentá
Elas roda, roda, roda
E depois se senta
Em cima dos prato das lampida
Pra descansá.

Eu sou a lampida
E as muié é as mariposa
Que fica dando vorta
Em vorta de mim
Tuda as noite só pra me beijá.
(Break falado)
— Boa noite lampida.
— Permite-me oscular-lhe a sua face?
— Pois não, Mais rapido, porque daqui
a pouco eles me apaga.

POR ONDE ANDARÁ MARIA

SAMBA

Adoniran Barbosa

Gravação de Roberto Amaral

(Tá clariando o dia
(E ela que não vem
Bis (Nas ruas já não tem mais ninguém
(São cinco-da manhã
(Por onde andaré Maria

• que será que aconteceu
Que Maria não voltou
Será que se perdeu
Ou arranjou um novo amor, ô ô.

SAUDOSA MALOCA

SAMBA

Adoniran Barbosa

Gravado pelos Demonios da Garça

Se o senhor num tá lembrado
Dá licença de contar
Que aqui onde agora está
Esse edifício arto
Era umas casa veia
Um palacete assobradado
Foi aqui seu moço
Que eu, Malo Grosso e o Joca
Construimo nossa Maloca

Mais um dia
Nois nem pôde se alembra
Veio os home cas ferramenta
O dono mandô derrubá
Peguemo tudas nossas coisas
E fomo pro meio da rua
Preciá a demolição
Que tristeza que nois sentia
Cada tábua que caia
Doia no coração
Mato Grosso quiz gritá
Mais em cima eu falei
Os home tá ca razão
Nois arranja otro lugar
Sô se conformemo
Quando o Joca falô
Deus dá o frio
Conforme o cobertô

E hoje nois pega a páia
Nas grama dum jardim
E pra esquecer
Nois cantemo assim:

Saudosa Maloca)
Maloca querida) Bis
Dim dim donde nois passemos)
Dias felizes de nossa vida)

SAMBA DO ARNESTO

SAMBA

Adoniran Barbosa

Gravado pelos Demonios da Garça

O Arnesto nos convidô
Para um samba, ele móra no Braiz
Nois fumos
Não encontrêmos ninguém
Nois vortêmos c'uma baita
De uma reiva
Da outra veiz nois num vai mais.

No outro dia encontrêmos
Cô Arnesto que pediu desculpa
Mais nois num aceitêmos...
Isso num se faz Arnesto
Nois num se importa
Mais você devia
Ter pnhado um recado na porta.

(Break falado)
— Ôi turma. - Num deu pra espera,
Devido que isso. Num tem importancia
Num faz mar.

S ã O P A U L O N A T V

- 1963.....35

X

Revista São Paulo na TV - 21/10/63

● A TV-Excelsior continua com suas fabulosas contratações. Agora é a vez de Adoniram Barbosa, "Charulinho", que já está em entendimentos com a Canal 9. Charulinho parece contente e disse que "no 9 farei tudo aquilo que no 7 nem sequer me deram a oportunidade de apresentar, como planificação."

C O N T I G O

-1966.....39

O COMPOSITOR, ÊSSE DESCONHECIDO



ADONIRAN BARBOSA

Adoniran Barbosa nasceu em Valinhos (SP). Em 1964 foi considerado o melhor compositor do carnaval do IV Centenário do Rio de Janeiro. Quase sempre ele faz tudo sozinho, a música e a letra de suas melodias. Seu atual sucesso é "Já fui uma brasa", que ele fez em parceria com Marcos César. A letra é assim: "Eu também um dia fui uma brasa / E acendi muita lenha no fogão / E hoje o que é que eu sou / Quem sabe de mim é o meu violão / Mas lembro que o rádio que hoje toca / Iê, iê, iê o dia inteiro / Tocava a saudosa maloca. / Eu gosto dos meninos / Dêsse tal de iê, iê, iê / Porque com eles canta a voz do povo / E eu que já fui uma brasa / Se assoprarem posso acender de novo".



ADYLSON GODOY

Adylson Teixeira de Godoy é de Bauru. Além de exímio pianista, é cantor e compositor. Atualmente é assistente musical dos três mais importantes programas da TV Record: "O Fino", "Côrte Rayol Show" e "Show Hebe Camargo". Foi o único compositor que teve quatro músicas classificadas entre as 18 finalistas do Festival Nacional da Música Popular, promovido este ano pela TV Excelsior. Uma dessas músicas, "Chora Céu", foi classificada em 3.º lugar, cabendo a Adylson e ao seu parceiro Luiz Roberto o "Berimbau de Bronze". Adylson tem um lp gravado só com músicas de sua autoria.



ALEXANDRE CIRUS

Seu nome completo é Alexandre de Mello Belezzo. Faz letra e música de suas composições. Tem mais de 30 músicas gravadas, é professor e bacharel em Ciências Contábeis. Pertence à SADEMBRA, sociedade que defende os interesses dos compositores.



GERALDO CUNHA

Geraldo Gaia Brito Cunha também é baiano, mas já vive aqui no sul há muitos anos. É de 23 de julho de 1937 e já recebeu a "Medalha Júlio Rosenberg" por suas composições. Participou várias vezes do "Festival da Balança", promoção anual da Universidade Mackenzie, reunindo o que existe de melhor em música popular brasileira moderna. Como cantor, tem um lp e 5 compactos gravados. Considera Chico Buarque de Hollanda e Gilberto Gil os dois compositores populares mais importantes do momento. Apresenta-se diariamente, à noite, no "Fuga", um barzinho que fica ao lado do Teatro Maria Della Costa, à rua Palm, em São Paulo.



CÉSAR ROLDÃO VIEIRA

Nascido em Guaratinguetá (SP) a 23 de maio de 1944, César começou a aparecer depois de ter

feito mais de 40 músicas. Seu primeiro grande sucesso foi "Sem Deus Com a Família", gravado por Elis Regina. Ele tem apenas dois anos de atividade artística profissional e tem pronta muita coisa inédita, destinada ao sucesso.



GERALDO VANDRÉ

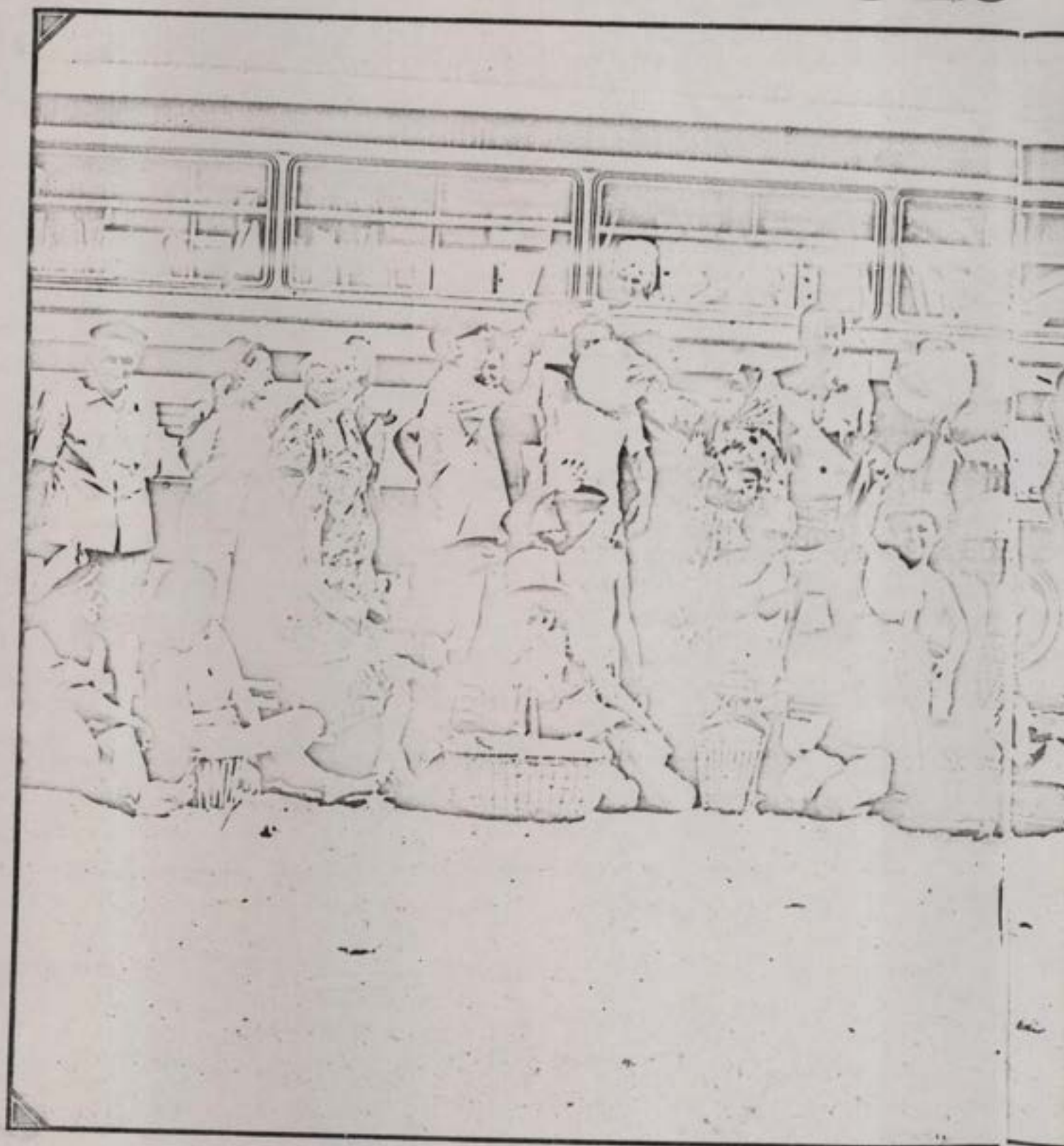
Co-autor de "Porta Estandarte", ganhou o "Berimbau de Ouro" de 1966, prêmio máximo do Festival Nacional promovido pela TV Excelsior de São Paulo. É de 1935 e seu nome completo é Geraldo Pedrosa de Araújo Dias. Seu primeiro sucesso foi "Samba em Prelúdio", que ele gravou com Ana Lúcia, mas como compositor, apareceu com "Quem Quiser Encontrar o Amor". Vandré acha que os direitos autorais no Brasil não são amparados por nada. Leva muito a sério a sua arte, porque "arte popular só tem sentido nos termos de representação de uma cultura dentro da qual o artista vive e na qual ele se integra. Acusa as grandes companhias de discos e editoras de música de se empenharem "na conquista pura e simples de mercado, sem a menor preocupação ou responsabilidade de ordem cultural ou artística."

R E A L I D A D E

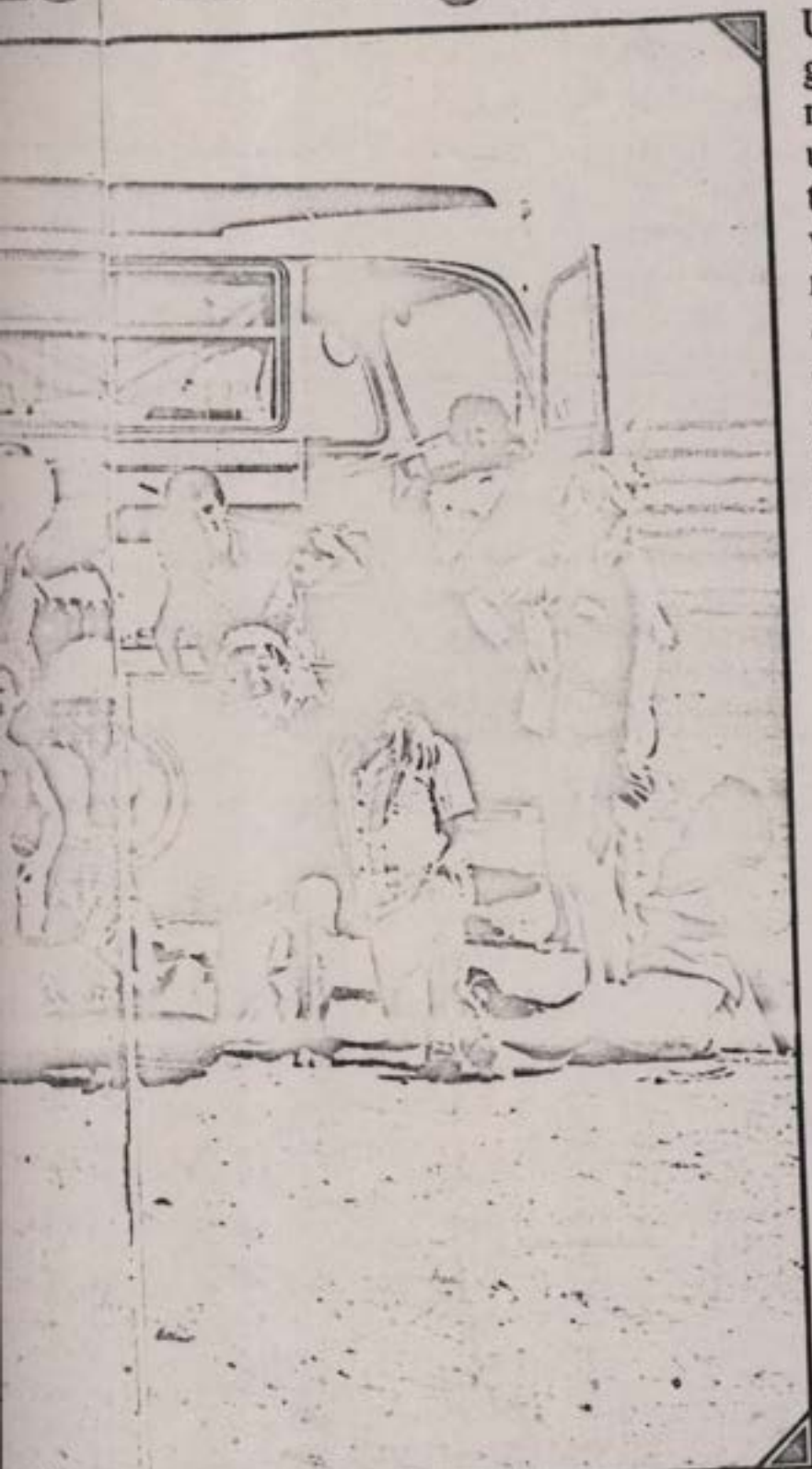
- 1969.....43

UM SENHOR

Fotos de Zepinto



R PIQUENIQUE!



Um fim de semana da gente alegre e extrovertida do Brás. O tema, fascinante, é explorado por um cronista do cotidiano paulista, Adoniram Barbosa, cuja verve correu o Brasil através de suas músicas, como o *Samba de Arnesto*, *Saudosa Maloca*, *Trem das Onze*. Adoniram conta aqui, com aquêlê seu estilo que acentua os cacoetes de linguagem, uma divertida aventura.

— Que horas são?
— Três de la matina.
— Eu vou dormir.
— Eu não vou. Já são três horas e o ônibus sai às cinco!

— Que ônibus?
— Não sabe? Eu conto pro senhor. Nós vai fazê um piquenique na Praia Grande. O ônibus sai às cinco, nós chega lá às sete e meia. Vai ser um senhor piquenique! Um sinhô piquenique!

— Nós! Nós quem?
— Gente da minha rua. Todos de lá. Quase tudo da mesma firma. Gente da Casa Pirani, da Companhia de Gás, ali no Gasômetro, da Maria Zélia, Matarazzo, da Arno. A gente mora quase todos na mesma rua. Quase todos. Pessoal da Caetano Pinto, Carneiro Leão, Visconde de Parnaíba e adjacência. Todos nós! Quase uma família só, a bem dizer. Trabalhamos quase tudo na mesma firma, e moremos tudo perto um do outro.

— Mas como é que é o piquenique?

— O sinhô nunca foi num piquenique?

— Não.
— Qué i junto? Eu falo com o Dante e nós arranja lugar pro sinhô no ônibus! O sinhô vai vê o que é piquenique na Praia Grande, feito por nós.

— Deve ser bom demais...
— Ô!!! O Dante, que é o mais velho da turma, é que organiza tudo. Primeiro, êle consulta quem qué i. Depois que tudo mundo aceita, êle vem e fala: o ônibus custa cento e quarenta conto. Aumentou. Mas tem uma coisa: o ônibus fica à nossa indisposição o dia inteirinho, com chofer e tudo. O ônibus chega na praia, deixa nós ali, encosta num canto longe da praia, e espera até a hora que a gente marquemos pra volta. No ano passado teve um. Foi ôtis, doutor, ôtis! Ninguém mais esquece aquêlê piquenique do ano passado, de tão ôtis que foi!

— Vai muita gente?

— Hiii! Lotação completa: trinta e seis sentado. Se a agência do ônibus deixava, ia mais uns vinte. Mas nós somos ordeiro, respeitamos tudo. Eu vou contar, só pro sinhô ter uma idéia.

SECCA

Mal o ônibus parte, alguém ataca o violão

— Quando é na véspera, cada um arruma as suas coisas, principalmente essas coisas pra comê, o sinhô sabe, não? Nessa altura, o Dante já recolheu o dinheiro de cada um. Uns cinco, dêis conto por pessoa. Já pagou a agência, e já tá com o recibo. Hora marcada e tudo. Ai êle e a patroa (conhece Dona Mafalda? Não? Magina!!!) começa a preparar as coisas. Ela faz uns vinte frango cheio, sendo que cada das mulher faz outras coisas. As môça se arruma, corta as unhas dos dois pé, tem umas que compra maiô nôvo na loja, tem as outras que manda enrolá o cabelo, pra soltá de manhã, e é uma beleza! Nessa noite, tudo mundo pega o berço mais cedo, que é pra levantar disposto, porque o Dante é igente e todo mundo respeita êle, porque êle num demite atrazo e nem confusão. Ele avisa um por um: "Ângelo, o ônibus sai cinco hora. Quatro e meia no Largo da Concórdia, tudo mundo. Avisa quem você encontrar!" Nessa noite, doutor, tou garantindo que ninguém drome direito. O mar fica fazendo onda na cabeça da gente! E gente que ainda sonha, fica sonhando com o céu azulzinho, a espuma branca batendo na areia, as onda que vai e que vem! É um sonho, doutor, um sonho! O sinhô já sonhou, furta-côr? Contaram alguma vez da Disneylândia pro sinhô? É quase igual, eu nunca fui lá, mas é quase igual!

Partida

— Esse é o nosso ônibus! Vamo pegá o nosso lugar! Cada um com a sua sacola. Ninguém perturba! — esse é o Dante que fica de ôlho na gente. O Dante — sabe? — é gordo, corado, bonito, um pedaço de homem dêsse tamanho! Êle gosta de piquenique, doutor, nem queira saber!

— Aquiles não sai de perto de nós! Quando chega lá, fica tudo mundo justo! — É a Dona Carmeluccia que tá falando. Coitada! Com a criança, a cesta, a sacola, pacote de sanduíche (pra comer na viagem), ela entra no ônibus. E o resto vai subindo, pegando lugar, até um casal de namorado (o filho da Dona Guilomar com a filha do seu Orlando) senta lá atrás,

porque os dois não quer se misturar com a gente. Nós também não se incomoda, porque o ano passado aconteceu igual com a Iolanda e Amílcar e os dois casaram e nem vão amanhã, porque ela vai ter nenê por êsses dias. Bem feito! Ai, o ônibus sai. As mãe manda as criança dá tchau pra gente que ficou no Largo da Concórdia. Nem bem começa a viagem, o Gardelito (êle mora com a nona na Visconde de Parnaíba) começa a tocar violão. Doutor, ninguém quase fica quieto. A gente canta pro motorista:

"Motorista, meu amor!
Motorista você é artista!
Não corra tanto, por favor,

Queremos chegar vivo,
sim senhor!"

— Pára na biquinha pra gente fazê xixi.

— Pára pra bebê água! Xixi é na moita!

— Qué sanduíche, filho?

— Não, mãe! Espera mais pra adiante!

— Num afasta o banco que me exprême as perna!

— Coitado do Romano, não pôde vim!

— Por quê?

— Teve que drobá no serviço lá' no Gasômetro.

Ai o Américo aponta pro lado e tudo mundo olha:

— Oia a Voquisvage! Ai que é a Voquisvage! São Bernardo do Campo!

— O ano que vem, eu acho que compro um Fusquê dêsses! Olha quantos que tem aí!

— Tudo zero quilômis!

Tem gente dormindo no ônibus. Menos as mocinha e o Dante (êsse não dorme), olhando sempre pra trás. E as mocinha canta:

"Eu te amo! Eu te amo!"

Vem a bronca do Ricciari:

— Mas até aqui? Já não chega o dia inteiro lá em casa?

Mas as môça dão o trôco:

— Eh, tio, vê se num enche. Seu tempo já passô.

— Passô? Gardelito, dá o tom maior aí.

Gardelito dá um acorde, e nós batuca nos braço da poltrona, e no pandeiro do Cláudio, só pra elas ver que nós num passemos:

"É da banda da banda de lá!

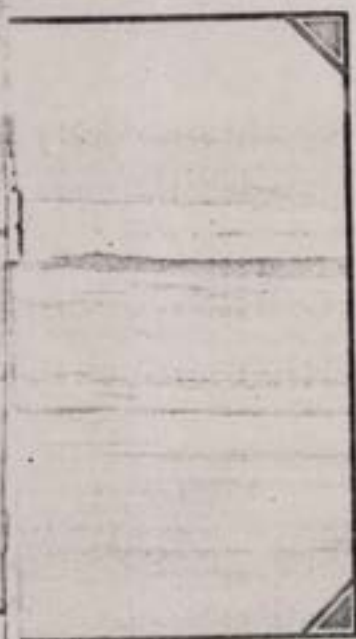
É da banda da banda de cá!

Houve retreta domingo

e a banda da banda de lá

Vieio tocar na banda de cá.





O almoço na Praia Grande é uma festa, a que não falta, depois da sobremesa, uma roda onde se canta baixinho, ao som do violão. Sobre as toalhas, na grama, há manjares feitos com unção. Depois, é a volta à água. À distância, há quem inveje a sorte alheia: se fôsse vinte anos atrás, com uns 30 quilos a menos...

"Olha o sol! Parece um remendo branco na calça azul do céu!"

Durante a retreta com a banda da banda de lá e a banda da banda de cá, alguém desafinou: trocaram o dó pelo fá e todo mundo protestou! E da banda da banda de lá! E da banda da banda de cá!"

— Velho, hein? Todo mundo cantou com nós. E o teu "ti amo" alguém cantou?
— Pessoal, segura que tá descendo a serra! Já só meio surdo!
— Não é nada. É a impressão da altura da serra! Respira fundo que passa!
— Magina se o ônibus rodopeia daqui! Não sobra ninguém!
— Bidu! Olha o Cubatão! Lá tem oloduto!
— Que qui é oloduto, pai?
— Ólio encanado. Vai direto pras bomba de gasolina de São Paulo.
— Tá chegando!
— O mar num é lá?
— Acho que é!
Dai a pouco a gente tá chegando na Praia Grande.

Praia

O ônibus pára e o motorista avisa a gente:
— É aqui. Desce tudo mundo e as coisa pode ficá no carro que eu tômo conta. Eu vou encostá um pouco retirado, porque é proibido estacioná na praia, o simbô sabe, não?
Ai os home desce. Fica só as mulher, que é pra poder trocar de roupa. O Dante leva a gente pra trocar de roupa numa casa que tá em construção. O Dante conversa com o home e a gente pode tomar banho e vestir o calção e, na volta, ele disse que pode tirá o sal. Tem chuveiro. A gente troquemos, dobreemos as novas roupa e tudo mundo vai guardar suas coisa no ônibus.
— Não entra ainda! Tem môça se trocando! — é a Dona Mênega que fala.
— Já dá pra tomá uma bati-da, não dá, seu Dante?
— Não! Eu trouxe um garraffão. Fiz ônti di noite, no capricho.
— Mas mesmo assim nós vai — cochicha o Ernesto.
A mãe do Amílcar dá bronca:
— Olha, vocês viêro aqui pra tomá banho de mar, e não

pra enchê o cacô. Cuidado, hein, bom?

Tá tudo pronto. As môça tudo de maiô, bem penteada, os home de calção e as mãe de maiô cumprido, se cobrindo com o penhoar.

— Meio-dia tudo mundo aqui! Não vão longe! Aqui embaixo dessas árvores.

— Perfeitamente, seu Dante! Fica sossegado!

O seu Dante ainda avisa:
— Não vão longe! Olha as criança, pelo amor de Deus!

O Romeu trouxe a bola pra uma pelada na praia. Ele é o Rivelino da turma. A gente formemos dois time: velho contra môço. As mocinha vão jogar peteca e as mulher vão arranjando lugar na areia, enquanto que as criança vão fazer castelinho de areia, mas alguns querem mesmo é pegar conchinha pra trazer de lembrança.

A essa altura, o Estoré já está no bar, arrepiado com a primeira:

— Não sei como é que branco bebe isso!

O resto da turma vai deixando o futebol e vem encostá o imbêgo no balcão.

— Eu quero uma com macacujá.

— Uma pura e um picolé de limão pra misturá.

— Pra mim, faz uma caipirinha sem casca!

— Pra mim também!
— Pra mim também! Mas coadilha!

— Pra mim também! Com bastante gêlo!

O Dante vem e bronqueia:

— E quem é que vai bebê aquela que eu trouxe? Vocês não tem jeito mesmo. Parece que nunca viro cachaça!

E depois o Dante pede pro dono do bar:

— Duas dúzia de cerveja, e duas de guaraná pras criança.

Eu pago o depósito do vasilhame. Tudo bem geladinho, hein!

— Todos mundo tomá banho!

— Não vão longe, hein?

A espuma do mar vem vindo, vem vindo e chega na ponta do meu pé:

— Brrrrrrrrrr!

— Tá fria, Rolando?

— Que fria nada, paulista. Entra d'uma vez que você perde o mêdo!

A gente olha e já vê tudo mundo brincando nas onda!

O filho da Dona Guiomar e a filha do Seu Orlando não se mistura com a gente. Tão suzinho lá adiante. Dois bobocas...

— Aquilo vai dá casamento!

— Deus queira!

Tudo mundo da turma tá alegre demais!

— Pula essa onda, manê!

— Que lindo que é o mar! Dá vontade de comê!

— Olha o sol! Parece um remendo branco na calça azul do céu!

— Já perdi a fome. Queria bebê o mar inteiro!

— Que pena que daqui a pouco temos que i simhora!

Um menino dá risada:

— Olha os gambito branco do Seu Adamo! Branco que nem leite!

Ai o Brancato fica beservando a môça:

— Bobona! Não quer mostrar as gambita! Bela porcaria.

O último que saiu do bar foi o Roberto!

— Já me esquiatei quatro bela caipirinha dupla e, agora, eu vou ver a côr d'água!

E lá vai ele cantando:
"Por que bebes tanto assim, rapaiz!"

O Ricieri dá uma baita bronca no garôto.

— Porcô! Onde se viu fazê xixi no mar? Quem te ensinou a fazê isso daí? Alguma vez seu pai fez isso? E agora temo que nadá nisso aí? Porcô!

Chega o Dante:

— Hi, quantas vez eu descarreguei no mar! Se fôsse contá, dava pra enchê um baldê!

A pelada está no fim. Os velho ganharam, como sempre.

E aí que a Dona Olívia não agüenta mais:

— Pessoal! Vamo comê! Chega de água do mar!

Então tudo mundo vai saindo d'água, vai rindo, tomando o caminho do ônibus, pra ir pegar comida e arranjando lugar embaixo das árvores. Cada um vai arrumando toalha no chão, as mulher vão abrindo os pacote, as sacola e vão pondo



Uma parada no caminho: todos saltam para beber a água fria da fonte.

Nessa noite há alguém que sonha com a espuma branca do mar

tudo na toalha e já tem gente mastigando em falso, com água na boca!

O almoço

O almoço é uma festa. Cada família fez uma coisa. E só olhar e ver tudo em cima das toalhas estendidas na grama: frango cheio, pimentão cheio, brinjolinha, abobrinha cheia, torta de frango, cuscuz, bife à milanesa, coxinha, mortadela, presunto, salaminho, pão de peito da Rua Glicério, vinho da cantina do irmão do Dante (vinho bom), garrafão de pinga com limão, que o Etoze preparou, cheiro de frango, cheiro de pastéis (foi a nona do Gardelito quem fez), a risada do Roberto e os palpites do Guido:

— Fui até naquela onda lá!

O Dante previne a gente:

— Depois que comê, ninguém vai nadá na água, porque dá digestão!

Tudo mundo divagarzinho vai ficando quieto. O sono tá batendo na gente e a persiana do zolhos querendo fechar. Os moço não dorme. O Gardelito pega o violão e começa a cantar tango:

"Estoy me poniendo viejo de tras de la alma se va la vida. Hoy me miré al espejo e senti mi alma que está moriendo cuando mi amor me acariava..."

Música vai, música vem e está na hora do último banho:

— Vamo entrar mais um pouco n'água?

Tudo mundo volta pra água. E começa de novo as risadas, o jogo de bola, gente furando onda, batendo peteca, as crianças na areia, o namorado desenhando com o dedão do pé um coração com flecha na areia molhada, as mulher conversando, e começa o cansaço até que o Dante dá a orde:

— Vamo se arrumá, que às quatro o ônibus sai. São três e meia. Acho que já chega.

O pessoal vai saindo, as mulher vão tirá o sal no chuveiro da casa em construção, que o Dante pediu emprestado. E, depois do banho, a gente já tá meio triste, cansado, tudo mundo se arrumou e vão subindo no ônibus. E, quando tá tudo pronto, o motorista avisa que vai embora e o Dante examina, vê se não falta ninguém e man-

da tocar. E a gente nas janelinha vai olhando a praia que fica dizendo que é uma pena!

— Ainda é cedo! Fica mais um pouco, pessoal!

Mas a gente diz que não pode, porque a estrada tá muito cheia, tem muito carro e a gente precisamos chegar cedo, pra trabalhar amanhã no nosso serviço, porque temos os nosso compromissos.

Volta

O ônibus sai depressa e levanta as folhas de jornal e de papel que deixamos na praia, e esses papel voando lá atrais parece que tão dizendo adeus e querendo que a gente fique mais um pouco!

A tarde vai morrendo e nós na estrada, ouvindo só o ronco do motor, mas tem alguém que ainda canta:

"Motorista, motorista, por favor.

Não corras tanto!

Devagar é pressa!

E pressa, sim senhor.

Do jeito que saímos

nós queremos chegar..."

Já é quase noite. O ônibus já está no Brás. Para no Largo

da Concórdia, justo onde o Dante combinou a chegada. A porta abre e a gente vai descendo e ninguém diz até logo e nem nada. Nós moremos perto, quase tudo uma família só. E nessa noite tem alguém que sonha com a espuma branca do mar, a onda braba que vinha, o sol quente tostando o corpo, e a areia queimando o pé da gente, e nós ouvindo o ronco do mar, a voz do Gardelito, o samba no ônibus, o iê-iê das meninas, tudo que a gente viu e ouviu. E a gente fica triste, quando escuta Dona Edna dizendo que não pôde aproveitar:

— Justo hoje! Porca pipa! Não faz mal, as minhas meninas se divertiro bastante! Graças a Deus!

E quando tudo mundo já entraram cada um em suas casa, nós entremos no bar, pedimos a penúltima, olhamos pra tudo mundo, até gente que nós não conhece, enchemos o peito, depois de um gole, e suspiramos fundo, mas cheio de orgulho:

— Grande! Como é grande um piquenique na Praia Grande!



No fim da tarde, a praia está coalhada de coisas, despojos da mesa estendida sobre a areia.

V E J A

- 1974.....	51
- 1975.....	52
- 1980.....	54
- 1982.....	55
- sem data.....	56

underground

ADONIRAN BARBOSA, com Adonirán Barbosa; LP Odeon (3839).

Brasil, o underground sonoro nem se é o que assim parece. Muito poucas figuras representativas — com Andy Warhol e Lou Reed nos EUA, o Bowie e o conjunto Pink Floyd na Inglaterra, que, depois de alguns anos arreia, acumulavam elogios e fortuna. Sem muito rigor, pode-se dizer que o carioca João Rubinato, ex-carregador, ex-marmiteiro, ex-varredor, ex-opeiro, pintor, encanador, tecelão, serralheiro, mascate e, por fim, ator de rádio e compositor, é um legítimo representante do subterrâneo brasileiro. Em todo seu primeiro LP individual, digno de nome, somente foi lançado na semana passada, após quase cinquenta anos de carreira, e ainda sob o impacto de um desgastante rodízio de rótulos: ácido, antiestético, genial.

Popularizado no rádio paulista através da voz (gutural) dos personagens como "Conversa", "Barbosinha Mal Educada da Silva", "Perna Fina" e "Charuti". Rubinato também ficou conhecido como outro tipo, o raro Adonirán Barbosa, das "malocas" e "cortiços", fim, do bas-fond tão reprimido, o contrário do carioca, de São Paulo. É uma personagem contundente e triste, de um amargor, pouca ginga e muito sentimento, como comprovam os doze temas de seu LP. Falando de pequenas histórias cotidianas e ambientes inelutáveis entre os chamados pouco recomendáveis, talvez o único tenaz repórter esquecidos redutos populares, Adonirán ainda teve, desta vez, que reforçar muitas de suas letras densas, "por causa do português errado".

perto do fogão — Tanto zelo estético parece no mínimo dispensável diante da extraordinária precisão documental de Adonirán Barbosa (nascido em Valinhos, em 1910) assegura aos costumes e elenco mais populoso da periferia de São Paulo. Realmente ocorreu a história (não incluída no disco, em defesa da língua) contada em "Samba do Arco": Adonirán e seus amigos, Joca Matogrosso (lembrados em "Saudosa Maloca" e "Abrigo de Vagabundos", essa, felizmente, constantes do LP), de fato haviam aceitado o convite de um certo Ernesto para um samba no Brás: "Nóis fumo e não encontremo ninguém/ Nóis vortemo euma baita duma reiva/ Na outra veis nóis num vai mais".

A fidelidade ao falar caipira/italiano da região, porém, não será menos



Adonirán: maldito, sincero, amargo

incômoda, ao mesmo tipo de estetas, do que a tragédia simplória de "Véspera de Natal", onde o pobre pai de família, carregado de "bala Mistura" e "um pãozinho de mel", entala na chaminé da casa, tentando alegrar os filhos, vestido de Papai Noel. Ou a atmosfera desoladora de "Apaga o Fogo, Mané", quando, depois de procurar "na central/no hospital/e no xadrez", o homem abandonado encontra "perto do fogão" o bilhete da mulher avisando-o de que não voltava mais. Parceiro involuntário de Vinicius de Moraes ("Ele deu de presente a letra para Aracy de Almeida e eu coloquei a música") em "Bom Dia Tristeza", vencedor do carnaval do IV Centenário carioca com "Trem das Onze", gravado há um ano por Gal Costa,

Adonirán conservou-se sincero e amargo mesmo ao reconhecer, por volta de 1966, a fase de desinteresse e esquecimento que cobriu sua carreira: "Eu também fui uma brasa e acendi muita lenha no fogão/(...) Mas lembro que o rádio que hoje toca /ié-ié-ié o dia inteiro/ tocava/ "saudosa maloca". Pior para o rádio.

• Târik de Souza

O salto

A LARANJA MECÂNICA, de Walter Carlos*; partitura original e arranjos para o filme de Stanley Kubrick; LP CBS (16023), exclusivo para a cadeia de Lojas HiFi de São Paulo.

Foi um vigoroso mas bem sucedido salto no tempo e no espaço. Depois do sucesso de suas transcrições eletrônicas de obras do velho mestre alemão ("Switched on Bach", também editado no Brasil), o jovem compositor americano Walter Carlos, 34 anos, acabou incumbido da trilha musical de um dos mais ousados filmes de antecipação de todo o cinema. Em meados dos anos 60, ele estava empenhado em uma obra autônoma ("Timesteps") quando conheceu "A Laranja Mecânica", romance de Anthony Burgess. Daí por diante, "Timesteps" evoluiu quase como um poema sinfônico, inspirado pela arrebatadora violência do livro. E, quando Carlos soube que o

* "Timesteps", "Tema de A Laranja Mecânica" e "Country Lane", por Walter Carlos. Mais os arranjos eletrônicos dos terceiro e quarto movimentos da "Nona Sinfonia" de Beethoven, da abertura "La Gioia Lutra", de Rossini, e da "Marcha para os Funerais da Rainha Mary", de Henry Purcell. Outras gravações, como a do estúdio Fontana/Phonogram (4552066), procuraram explorar o sucesso do filme editando, como trilha sonora, apenas as versões orquestrais originais das trechos clássicos.



"A Laranja Mecânica": uma trilha sonora adequadamente caricatural

**Água
subterrânea.**



CORNER

Perfurando
poços desde
1898.

Tel. 63-5738 - 63-6282
63-3005 - São Paulo
Tel. 29-0360
Oituda/Recife

**Emerson, campeão
do mundo, conta
as corridas de F1
com exclusividade
para nossos
leitores.**



QUATRO RODAS

venta misticos espalhados pela plateia.

VEJA — E os Estados Unidos, maestro? O senhor vai ou não vai aceitar o convite da Sinfônica de Dallas?

ELEAZAR — Até hoje não havia dito sim ou não. Criou-se uma crise, envolvendo meu nome e meu trabalho, e isso quase me humilhou. Em outras circunstâncias, teria arrumado minhas malas. Se o fizesse, porém, saltariam de alegria meus inimigos, os caluniadores inconscientes que me acusam de ganhar 40 000 cruzeiros por mês quando recebo apenas 18. Mas eu vou ficar. Vou fazer misérias para valorizar a música nesta cidade e neste Estado. Uma cigana afirmou que tenho apenas mais dezesseis anos de vida. E se é para o bem de meus admiradores, daqueles que amam a música sem segundas intenções, diga a todos que fico, se possível estes dezesseis anos.



Adoniran: os retratos de São Paulo

O repórter

ADONIRAN BARBOSA, com Adoniran Barbosa: LP Odeon (3877).

Quando eficaz, o bom compositor pode ser comparado ao repórter competente: nada lhe escapa, do ambiente de suas criações. Melhor ainda, se tal cenário se confunde com a própria história do retratista. Por exemplo, uma narração convincente da atmosfera paulista somente poderia ser feita por um cidadão típico como João Rubinato.

Sétimo filho de uma família de imigrantes venezianos estabelecidos em Valinhos, interior de São Paulo, Rubinato começou a trabalhar aos 8 anos e, a par-

tir da década de 20, se aproximou da capital. Foi carregador de trens da São Paulo Railway, entregador de marmitta, faxineiro, pintor, encanador, serralheiro, mascate, garçom, balconista e entregador de compras. Nos empregos em que era obrigado a andar pelos bairros da cidade, porém, desenvolveu uma distração valiosa: unindo o necessário ao indispensável, compunha sambas colocando nas letras a paisagem de seu longo caminho de empregos.

Depois, atraído pela ascensão econômica mais rápida oferecida pelo meio artístico, Rubinato, no rádio, passou a encarnar os tipos variados que conhecera, os malandros "Charutinho" e "Zé Cunversa", ou os tantos imigrantes típicos iguais a ele: o chofer italiano "Perna Fina", o judeu das prestações Moisés Rabinovic, o professor de inglês Richard Morris. Como sambista, preferiu inventar o pseudônimo Adoniran Barbosa. E, com ele, João Rubinato chega ao segundo LP individual numa carreira de mais de quarenta anos. Esse modesto porém reconhecível triunfo, na verdade, se deve menos ao cantor de voz rouca e amarrotada das doze faixas do disco que ao compositor de todas elas, o mais fiel e irônico repórter sonoro da cidade de São Paulo.

Guerra conjugal — "Esta cidade que está acabando, que já acabou com a garoa, os bondes, o trem da Cantareira, o triângulo, as cantinas do Bexiga, Adoniran não a deixará acabar, porque graças a ele ficará misturada vivamente com a nova. Como o quarto do poeta, também intacta, boiando no ar." Colocado, nestas palavras do ensaísta Antônio Candido, na contracapa do disco, como um fixador das tradições paulistas, Adoniran, a rigor, deixa mesmo tal impressão, apenas por retratar a periferia da cidade, onde as mudanças são maiores e mais lentas. Em "Triste Margarida", por exemplo, ao contar uma velha história de desprezo amoroso, o compositor se apropria dos cenários em transformação: "Eu disse a ela que trabalhava de engenheiro/e o metrô de São Paulo estava em minhas mãos/e que se desse tudo certo/seria a primeira passageira na inauguração".

Didático, Adoniran Barbosa traça um vigoroso perfil dos conflitos de sua faixa social, registrando o semidialeto ("Samba do Arnesto", "Tocar na Banda"), da populosa periferia paulistana, sem esquecer, por tratar-se de São Paulo, um conveniente "Samba Italiano", ortodoxo e bem-humorado. Como diz Antônio Candido, na contracapa: "Lírico e sarcástico, malicioso e logo emocionado, com o encanto insinuante de sua ativoz rouca, o chapeuzinho de aba quebrada sobre a permanência do laço de borboleta de outros tempos, ele é a voz da cidade".

• Tárk de Souza

VEJA, 13 DE AGOSTO, 1975

SÃO PAULO, Nº 362, p. 98.

Sugestões de VEJA

Durante o ano de 1975, VEJA comentou mais de duas centenas de discos. Como sugestões para os presentes de Natal, apresenta sua seleção dos melhores.

MINAS, com Milton Nascimento (Odeon) — Ao mesmo tempo metálico e sensível, Milton corta as onze encadeadas faixas com sua voz de faca amolada, executa revisões da toada mineira ("Conversando no Bar"), pontadas de música aleatória ("Trastevere") e planícies de cantochão ("Minas"). Uma tapeçaria variada do mais eloquente músico de 1975.

REFAZENDA, com Gilberto Gil (Phonogram) — Incansável descobridor sonoro, Gil parece reinventar a simplicidade, menos procurada em gravações anteriores. Seu disco é uma seqüência de novidades.

AVE NOTURNA, com Fagner (Continental) — Fusão incandescente de rock e música nordestina, costurada pela voz instigante do cearense Fagner, num repertório que liga o folclore à mais recente geração de autores brasileiros.

CAÇA À RAPOSA, com João Bosco (RCA) — O compositor de "Dois pra Lá, Dois pra Cá" se revela, no mínimo, demolidor, invariavelmente capaz de oferecer uma música complexa e exemplarmente versificada por Aldir Blanc.

GILBERTO GIL E JORGE BEN (Phonogram) — A enérgica união, em disco, dos mais ilustres e ecléticos praticantes das variadas seitas africanas da música brasileira.

QUALQUER COISA e JÓIA, com Caetano Veloso (Phonogram) — Ainda uma vez, o compositor baiano semeia esperanças através de dois discos simultaneamente lançados. A despreocupação reinante no primeiro se converte, no segundo em inspirações, depuração, jóia.

NOVO AEON, com Raul Seixas (Phonogram) — Uma Babel filosófica, sob rajadas de rock e humor, um abastecido supermercado de idéias e intenções.

MÚSICA POPULAR DO SUL (Quatro Álbuns, Marcus Pereira) — Terceira etapa de um alentado trabalho que se destina a cobrir o mapa do folclore nacional, esta coleção exhibe surpresas, revelações e um bom número de preciosidades.

NANA CAYMMI (Cid) — Sem dúvi-

da, a decidida (e tardia) revelação feminina de um ano povoado por estréias de cantoras, Lírica e perturbadora, Nana se mostra uma estilista imprevisível, das canções lentas às ritmadas.

ADONIRAN BARBOSA (Odeon) — O mais fiel repórter sonoro de São Paulo, João Rubinato traça um vigoroso perfil dos conflitos de sua faixa social, registrando saborosamente o semidialeto da populosa periferia paulistana.

O CABEÇA-CHATA (Chantecler) e **CUMA É O NOME DELE?** (RCA), com Manezinho Araújo — Uma reedição e uma gravação nova, ambas contendo emboladas, conhecidas e inéditas, que atestam a permanente vitalidade da obra de Manoel Pereira de Araújo, pernambucano, hoje com 65 anos.

SÓ O TEMPO DIRÁ, com Carlinhos Vergueiro (Continental) — Disco irretocável e surpreendente, nele se reflete a história de um jovem de 23 anos, que angustiadamente tenta se libertar do entupimento mental que desabou contra sua geração.

NARA, com Nara Leão (Phonogram) — Canções de ninar, peças do folclore infantil brasileiro e pelo menos dois momentos de antológico perfeccionismo. Tudo isso cantado com bela e absoluta simplicidade.

PAULINHO DA VIOLA (Odeon) — Depurado, o compositor da Portela decalca seus recados sobre um fundo musical e lírico, a confirmar o "estilo Paulinho da Viola", único capaz de defini-lo.

LUGAR-COMUM, com João Donato (Phonogram) — Contrariando o título, o tecladista, compositor e cantor acreano João Donato oferece uma refrescante fusão de bossa nova e macumba.

MARAVILHA DE CENÁRIO, com Martinho da Vila (RCA) — Orquestração dosada, a malícia embutida na voz. Martinho José Ferreira, o da Vila Isabel, evita com ímpeto o lugar-comum irremovível do sucesso que já destruiu tantos cartazes.

CRIATURAS DA NOITE, com o grupo O Terço (Copacabana) — Harmônico e fluente, o mais poderoso trabalho de O Terço, capaz de tornar superfúas numerosas importações na área do rock.



Milton



Milton



Gilberto Gil



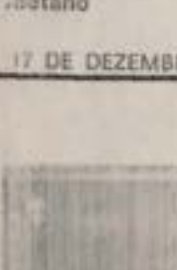
Fagner



João Bosco



Raul Seixas



Caetano



Adoniran



Manezinho



Vergueiro



Nara Leão



Paulinho



João Donato



As duas faces do
incansável
Adoniran Barbosa

o amigo da noite

Aos 70 anos, um LP e uma festa para Adoniran

Esta é a história de um filho de imigrantes italianos que abandonou a escola antes de completar o curso primário; que entregou marmittas; pintou paredes; consertou canos entupidos; serviu refeições na casa do ministro da Guerra Pandiá Calógeras. Vagou pelas ruas de São Paulo como um andarilho em busca de diversões noturnas e, um belo dia, fascinou-se com a idéia de ser um artista. Queria fugir da monotonia, do emprego após emprego que seu temperamento impaciente não conseguia segurar. Seu nome era João Rubinato e, quando abriu a boca para mostrar seus sambinhas, o falatório foi geral: esquisito aquele sujeito meio atrapalhado que cometia terríveis erros de português, tinha uma voz rouca e nenhuma pinta de galã.

O desenrolar desta história faria chorar as criancinhas: João passou a chamar-se Adoniran (homenagem a um amigo, funcionário dos Correios) e o Rubinato virou Barbosa (por causa do cantor Luís Barbosa); passaram-se quase quarenta anos até que Adoniran Barbosa gravasse seu primeiro disco (em 1974) e um pouco mais para que ele fosse reconhecido como um personagem importante dentro da música popular brasileira, tão importante

quanto Dorival Caymmi ou Cartola, além de acrescentar a sua biografia o fato de ter inaugurado o que se costuma chamar "samba paulista". Esta semana, na quarta-feira, Adoniran Barbosa completa 70 anos de vida e recebe a homenagem que ele aceita com mágoas: um disco (ADONIRAN BARBOSA, Odeon) comemorativo em que o produtor Fernando Faro e todos os que dele participam (Clementina de Jesus, Clara Nunes, Elis Regina, MPB-4, Gonzaguinha entre outros) parecem querer redimir as culpas de uma memória que o Brasil não costuma preservar. Adoniran preferia, como no samba de Nelson Cavaquinho e Guilherme de Brito, "que se alguém quiser fazer por mim que faça agora". Só que seu passado tem injustiças demais para que apenas hoje elas sejam redimidas. "Por que não me procuraram há vinte anos atrás?"

BOÊMIA — Havia uma certeza no coração inquieto deste paulista nascido em Valinhos, que o talento de um artista pipocava em seu peito, desde que, aprovado no programa de calouros de Jorge Amaral, em 1933, optou pela vida — que ele acreditava folgada — de um cantor. Adorava a boêmia ("Quando escurecia, eu começava a viver"), jamais pensava no amanhã e, numa de suas frases famosas, definia aquela quase brincadeira que era a sua vida com um sensível senso de humor: "Nóis ganha pouco, mais nós se divertiti".

Por essas e outras frases, pelas letras de suas músicas (*O Arnesto não convidô/Prum samba, ele mora no Brás*, "Samba do Arnesto"), Adoniran foi catalogado na mais cruel das definições que um artista vivo pode suportar: o folclore engraçado. É certo que Adoniran, talvez para enfrentar essa condição com um toque muito pessoal, criou em torno de si a imagem de um humorista que absolutamente não ligava para o que dele pudesse pensar a classe intelectual. A casa onde mora, na Cidade Ademar, bairro da periferia de São Paulo, recebe apenas convidados especiais. Fala pouquíssimo sobre sua vida particular. Sabe-se que Adoniran casou pela primeira vez em 1935 quando ganhava um salário de 300 000 réis, teve uma filha que morre hoje no Rio de Janeiro com o neto. Desde 1943 vive seu segundo casamento, com Matilde.

PALHAÇO — Define-se como um compositor que não gosta do que faz e que precisa sair de casa todos os dias para o trabalho (comparece regularmente à gravadora Odeon e visita rádios, trabalhando suas músicas) porque "senão eu morro", não vai a outros Estados para fazer seus shows com o Conjunto Talismã (foi apenas duas vezes ao Rio de Janeiro e uma em Curitiba) porque "desconfio que eles não me conhecem", bebe uísque todos os dias e fila cigarros de qualquer um, até mesmo dos desconhecidos que encontra no meio da rua.



Adoniran: o único bom sambista a arrancar inspiração dos arranha-céus de São Paulo

Datas

Adoniran Barbosa (1910-1982)

Quando o compositor paulista Adoniran Barbosa compôs *Samba do Arnesto*, uma de suas melhores canções, em 1955, gerou um comentário que acabou por se tornar mais conhecido que a própria canção. Indignado com os erros de português na letra, o poeta carioca Vinicius de Moraes escreveu na extinta revista *A Cigarra*: "São Paulo é o túmulo do samba". A frase tem muito de verdade mas, por ironia, o próprio Adoniran seria consagrado, nove anos depois, como a mais brilhante exceção ao veredito de Vinicius. Em 1965, ao vencer o concurso de músicas de Carnaval no 4.º Centenário do Rio de Janeiro, bateu todos os sambistas cariocas e transformou *Trem das Onze*, a canção vencedora, num estrondoso sucesso nacional na voz do grupo Os Demônios da Garoa.

Por isso mesmo, ao morrer na terça-feira passada, no Hospital São Luís, em São Paulo, de enfisema pulmonar, aos 72 anos, Adoniran levou consigo não apenas um dos mais talentosos sambistas da música brasileira, com cerca de sessenta canções gravadas, mas também um dos mais originais. Se os mortos do Rio de Janeiro geraram uma lista infindável de cronistas de seu cotidiano, Adoniran foi o único grande sam-

bista do país a arrancar inspiração dos arranha-céus de São Paulo. Em vez de mostrar maíãs com latas d'água na cabeça, contou a transformação violenta da paisagem paulistana (*Aqui onde agora está/Esse edifício alto/Era uma casa velha/Um palacete assobradado*, cantava em *Saudosa Maloca*, de 1955). Em lugar do malandro de chapéu de palhinha, traçou o perfil dos imigrantes italianos dos bairros do Brás e da Bela Vista, cujo sotaque típico, aprendido com os pais, nascidos em Veneza, ele usava ao cantar. Boêmio convicto, Adoniran viveu entre seus personagens: choferes de táxi, homens simples do povo e vagabundos da noite, com quem gostava de beber e conversar. Mesmo morando no subúrbio de Cidade Ademar junto a Matilde, companheira de quarenta anos, passava a maior parte do tempo no centro da cidade, onde era figura lendária nas ruas e nos bares, sempre identificado por inseparáveis chapéu e gravata borboleta. "Quando escurece, eu começo a viver", costumava poetar.

CONVIDADOS ATÔNITOS — Aveso a intelectuais, homenagens e campanhas promocionais, teve uma relação difícil com o sucesso. Em quase cinquenta

anos de carreira gravou apenas três LPs. Os dois primeiros, lançados em 1973 e 1975, ambos com seu nome no título, estão hoje fora de catálogo e são peças de colecionador. O último, também batizado com seu nome, foi gravado em 1980, quando um grupo de astros da música brasileira, de Elis Regina a Djavan, decidiu homenageá-lo pelos 70 anos, dividindo com ele a interpretação de seus maiores sucessos. Adoniran gravou o disco, mas lançou uma farda contra a curta memória do país: "Por que não me procuraram há vinte anos?", perguntou aos atônitos convidados. Morreu pobre. Depois de

construir um trabalho brilhante, só virou celebridade no início dos anos 70, resgatado na mesma barca que tirou sambistas como Cartola da área do folclore para as lojas de discos e palcos importantes. Só ganhou dinheiro com música em shows esporádicos e com *Trem das Onze*, que lhe permitiu comprar a casa onde morava. Por isso, exerceu várias profissões paralelas.

Nascido em Valinhos, no interior de São Paulo, estudou até o 3.º ano primário. Pintou paredes, consertou canos e foi garçom na casa do político e historiador Pandiá Calógeras, em Jundiaí. Fascinado pela música, passou a frequentar programas de calouros do rádio no início dos anos 30, e abandonou o nome de batismo, João Rubinato. Adotou Adoniran em homenagem a um amigo, funcionário dos Correios, e Barbosa por causa do cantor carioca Luís Barbosa. Acabou por trilhar uma bem-sucedida carreira de humorista radiofônico. Inventou personagens como o Zé Conversa, crioulo da Barra Funda que namorava as empregadas da rua e usava as roupas do patrão; o Perna Fina, chofer do Largo do Paissandu; e o célebre Charutinho, o desocupado, grande atração do programa *Saudosa Maloca*, que ficou no ar por dez anos na Rádio Record de São Paulo.

A morte de Adoniran deixa órfãos esses e muitos outros personagens que tirou das ruas de São Paulo para o rádio e para seus sambas. Personagens que criou porque os viveu, e que pareciam alegrar a velhice de um personagem principal com quem era mais cruel: no final da vida, perguntado sobre sua própria personalidade, Adoniran costumava responder: "Sou um palhaço triste".

A Abril Video preparou uma semana de programação especial em homenagem a Adoniran Barbosa.

21 a 25/11, 20h30: São Paulo na TV vai mostrar reportagens, entrevistas e testemunhos de gente que viveu e acompanhou o trabalho de Adoniran.

24/11, 21h15: Em Dois na Cidade, Cláudia Matarazzo e Otávio Ceschi Jr. saem por São Paulo em busca dos lugares que Adoniran frequentou e cantou.



SEMANA ADONIRAN



21 a 27 de novembro


abril vídeo

27/11, 20h30: Estação Paulista apresenta o show Adoniran: Dá Licença de Eu Contar. Apresentação de Gianfrancesco Guarnieri e participação dos Demônios da Garoa, Martinho da Vila, Gonzaguinha, Clementina de Jesus, Isaurinha Garcia, Grupo Talismã, Tetê Espindola, Carlinhos Vergueiro e Elizeth Cardoso. Passe a semana inteira com Adoniran Barbosa.

Quem vive São Paulo não pode perder esta festa.

H O M M E M V O G U E

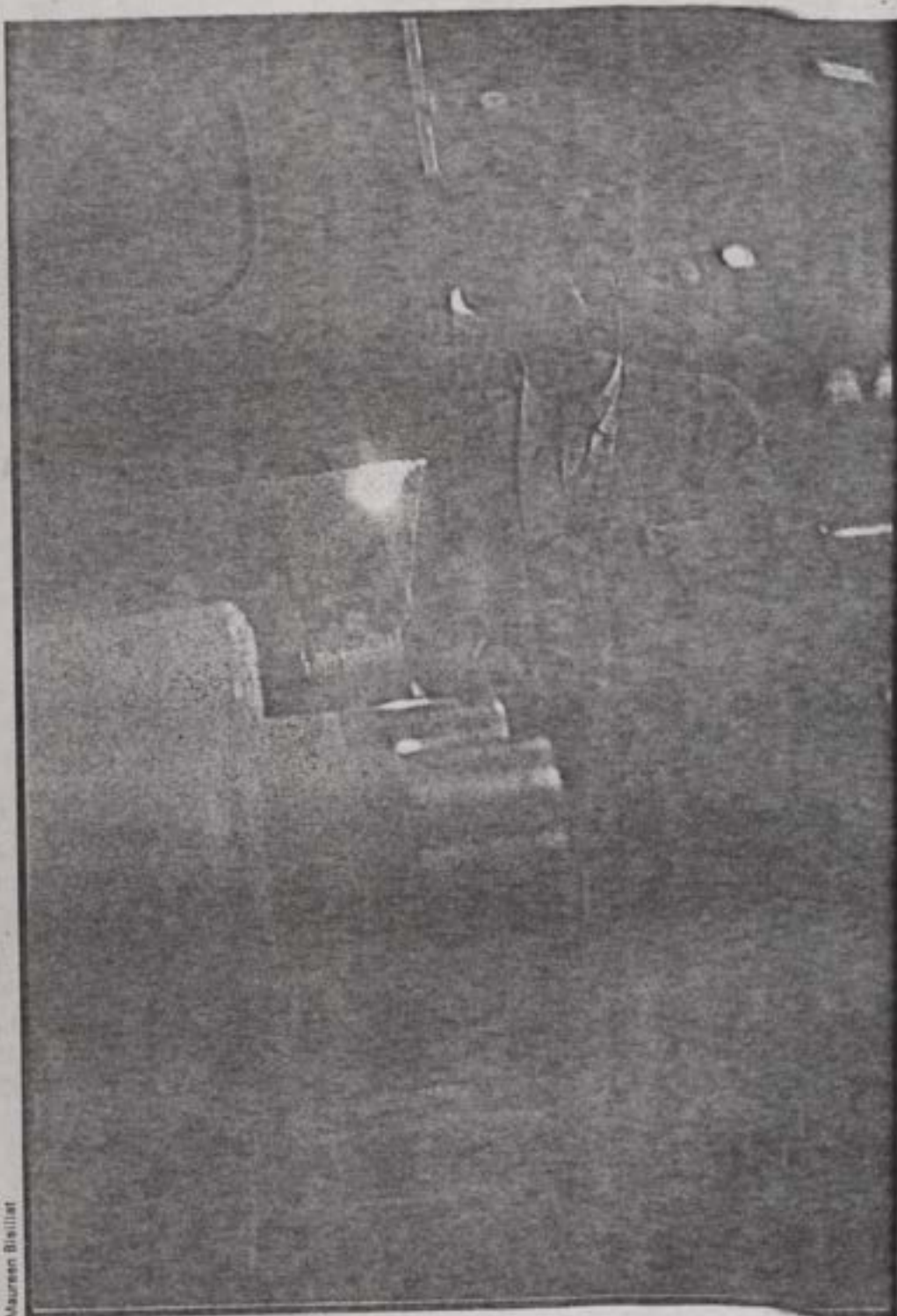
- 1976.....59

ITALIANO NO SAMBA

Adoniram Barbosa se chama mesmo João Rubinatti e nasceu em Valinhos em 1910. Representa o samba de São Paulo, como ninguém. Foi carregador, marmiteiro, varredor, operário, pintor de parede, encanador, serralheiro, mascate, ator de rádio, cinema. Também passou pela tecelagem, daí o estar à vontade no clima da Scala d'Oro, onde estas fotos foram feitas. Compositor de sucessos, como *Saudosa Maloca*, *Trem das Onze*, *Malvina*, *O Samba do Ernesto*. Célebre na televisão pelo papel de pescador em *Mulheres de Areia*. No cinema, fez fitas na fase da Vera Cruz e, recentemente, ao lado de Vera Fischer, *Super Fêmea*.

REVISTA HOMEM VOGUE - SÃO PAULO, Nº10/A, ABRIL/1976

p.66



Maureen Bisillat

TEATRO TEATRO TEATRO RAUL E CELSO.

Celso Nunes, 34 anos, diretor teatral, ressurte por espetáculo como *A Viagem*, *O Inimigo*, *Como Serômico Se Não Fosse*, *Dr. Knock*, *A Noite de Cristal*, *E Gente Ganhar a O Prêmio* como melhor diretor de 75 com atualmente com *O em São Paulo*. Dá aula de teatro e criatividade USP, mas já foi convidado pela Unicamp. Estudou direção na França, é o único brasileiro espetador em Grotowsky. Vive de teatro, e vive. Gosta de cozinhar, de tocar violão, de arrumar a casa, que curte com dois filhos e a mulher atriz Regina Braga Cortez, paulista de São Paulo. Amaro, tem no momento uma paixão que se chama Bety Caruso. Raul pensa em teatro, em teatro. Acha, até hoje, o maior trabalho, o espetáculo *Burgueses*, criado no Brasil por Celso Martinez Cortez. Gosta também do espetáculo de Greta Garbo, o bispo e depois chefe de polícia de *O Balcão*. Joaquim de *Vereda da Vação*. Em cinema, o momento foi *Os Inimigos*. Naves, direção de Person. É presidente da Associação de Entregadores de São Paulo e da está decidindo a luta para a "geração visão".

QUATRO RODAS

- 1979.....63



REPORTAGEM DE
ISABEL VIEIRA
FOTOS DE
MARIA DA CONCEIÇÃO

ADONIRAN UMA VIDA PARA O SAMBA

Com seus sambas que
falam de malocas, amores, poesia e
miséria, Adoniran Barbosa
fixou 40 anos de vida em São Paulo.



João Rubinato ou Adoniran Barbosa: a voz do povo no samba.

Ele não é Arnesto nem mora no Brás, mas às vezes também costuma se esquivar dos encontros marcados sem deixar nenhum recado na porta: com seus 66 anos impecavelmente trajados com a velha dignidade da gravata borboleta, terno de colete e chapéu de asa quebrada, Adoniran Barbosa sempre tenta fugir às oportunidades de falar sobre si mesmo.

— Tudo que eu tinha pra contar já contei — vai dizendo o sambista mais paulistano de São Paulo, enquanto alega compromisso urgente e procura um táxi (que não aparece) no meio do "rush" das 5 da tarde.

Mas o sorriso maroto de canto de olho desmente as palavras de recusa, e ele acaba sentando na mesa do bar. Agora Adoniran já não tem pressa. Contempla sem palavras o tumulto do "pega ladrão", a correria do trombadinha e a figura patética do executivo gordo, suando na inútil corrida atrás de sua pastinha 007. Adoniran balança a cabeça: *esta cidade não é mais a mesma que ele cantou em seus versos*. Recortada contra a claridade do final do dia, a figura do velho compositor parece saída de um figu-

rino dos anos 40. Ou da contracapa de um dos seus discos, onde uma foto antiga anunciava "chops a 200 réis" e mostrava os bondes que subiam lentamente a ladeira até o pátio do Colégio.

Agora só a cidade corre. Adoniran já não tem pressa. Ele fuma devagar, acende um cigarro no outro, tem as mãos trêmulas amarelas de nicotina — as mãos que, anos atrás, dedilhavam samba em caixinhas de fósforo ou em ferramentas que vendia no balcão de uma loja comercial.

Agora Adoniran vai cedo para casa. Não sai mais à noite nem percorre as ruas do Bexiga nas intermináveis serenatas dos boêmios: tem medo dos assaltos e dos viadutos de concreto. Não dirige mais automóvel: tem medo da violência do trânsito e saudade do tempo em que se fazia corso pelas ruas.

Agora Adoniran é apenas um "free lancer". Na profissão e na vida da cidade que cresce. Compõe "jingles" para a TV e canta uma caderneta de poupança. E se emociona com o novo arranjo de "Saudosa Maloca" na voz de Elis Regina:

— Ela canta meu samba chorando! Ajoelha e faz uma reza! (quando lembra disso seus olhos ficam úmidos e vermelhos).

Agora Adoniran se dispõe a falar. Aponta o fruteiro na calçada e pergunta se quer um pêssego, uma maçã. Digo que só quero ouvir histórias. Ele responde finalmente que tem, sim, tem ainda muitas histórias para contar.

Primeira história

É 1924. O menino João Rubinato, nascido em Valinhos, tem 11 anos de idade (nessa época ele ainda não é Adoniran nem Barbosa, nomes que só escolheria mais tarde, quando o gênio inquieto do samba começasse a formigar em suas veias). Frequenta a escola, mas não gosta de estudar. Por isso, todos os dias, quando leva a marmitta do pai na estação ferroviária, acaba ficando por ali, ajudando-o no serviço: carregar lenha e paralelepípedos.

Um dia foge das aulas para sempre e vai trabalhar como almoxarife numa companhia metalúrgica de ☺



Não importa quem seja "Arnesto" ou as outras figuras dos sambas de Adoniran: são todos reais



Para compor seus sambas, ele percorreu vielas, jardins, farrós e batucadas.

mundial. Mas o menino é inquieto e não pára mesmo em lugar nenhum. Com 14 anos apronta sua mala e pega o primeiro trem para Santo André: entra como operário numa fábrica de tecidos. Depois vêm as ocupações mais singulares: garçom particular de uma família muito rica, encanador (que batuca nos canos enquanto faz consertos em casas ricas), pintor de paredes, mascate que vende meias na rua.

Aí chega a vez do comércio: balconista da Votorantim ("serviço que deixa as mãos um pouco mais limpas"), e depois balconista de uma loja de ferragens ("aí tinha samba no sítio, um batuque para cada ferramenta").

Segunda história

Em 1930, com 20 anos, é hora de enfrentar a capital. E antes que comece a interminável romaria por rádios, teatros e programas de calouros, ainda vive sua última experiência no campo artístico: é entregador

de encomendas numa loja atacadista de tecidos da rua 25 de Marco.

É 1934. Agora ele já é Adoniran Barbosa, o moço que faz sambas mas acha todos ruins. Acaba rasgando e jogando fora. Por isso seu primeiro prêmio como calouro, na Rádio Cruzeiro do Sul, no largo da Misericórdia, não é nenhuma composição sua.

Ele canta "Filosofia", de Noel Rosa, e é como intérprete que obtém o primeiro lugar no programa.

Dai para locutor de rádio é um passo. Entra para a Rádio Cosmos (hoje América), depois passa a humorista na Rádio Cruzeiro do Sul ("com cachê de 200 mil réis") e na Record (onde permanece até 68).

O sucesso como compositor só chega em 1942, com as gravações de "Malvina" e "Joga a chave" pelos "Demônios da Garoa". E em 1950 é o estouro de "Saúda Maloca", gravada pelo próprio Adoniran na Continental, consolidado definitivamente quatro anos mais tarde na voz dos "Demônios", pela Odeon.

O sambista agora está animado, as inspirações se sucedem: é o "Samba do Arnesto", "Mariposa", "Conselho de Mulher" até o famoso "Trem das 11", novo estouro dos "Demônios da Garoa" depois de dez anos (gravado em 64).

Em 69 Adoniran vai para a TV Tupi e estréia como ator. Faz as novelas "Mulheres de Areia", "Os Inocentes", "Ovelha Negra" e "Xeque-Mate".

E hoje, aposentado ("rico não, mas folgado"), ele percorre escolas e cidadezinhas do interior com seu "Conjunto Talismã", fazendo concorrência às discotecas locais com a sua voz rouca que fala de barracões de lavoura, amores desfeitos, dor de cotovelo, batuque do morro, poesia e miséria — tudo, enfim, que cutuca nos jovens os germens perdidos de sua própria identidade... esfumada, talvez, pelos últimos ventos soprados pelos Cash Box.

40 anos de São Paulo

"Já tenho lido que ele usa uma linguagem misturada de italiano e português. Não concordo. Da mistura, que é o sal de nossa terra, Adoniran colheu a flor e produziu uma obra radicalmente brasileira, em que as melhores cadências do samba e da canção se aliam com naturalidade às deformações do português brasileiro, onde Ernesto vira Arnesto, em cuja casa nós fumo e não encontramos ninguém, exatamente como por todo esse país."

(Antônio Cândido, na contracapa do último disco de Adoniran.)

Adoniran nunca morou em Jaçanã nem tomou o trem das 11, não fez batuque no morro da Casa Verde e só frequentou o Bexiga nos tempos da Vera Cruz, quando atuava em cinema. Adoniran não viveu todas as situações que cantou. Se é considerado "a voz da cidade" é simplesmente porque amou cada bairro de São Paulo como se em cada um estivesse presente. Se repete a fala do



Das conversas com boêmios, chegava a inspiração

povo é porque amou cada brasileiro como se fosse ele mesmo. Por isso andava pelas ruas, observava uma maloca, uma estação de trem, a vida de uma favela, conversava com sambistas das escolas, com boêmios das praças públicas, e aí a inspiração chegava. A letra saía na linguagem exata das personagens, as coisas e situações passavam para a música tal qual o instantâneo de um lambe-lambe caprichoso e paciente.

(Quem será Malvina, a quem seu nego pede que não o abandone, pois "sem você como é que eu vou ficar"? Quem será o patético Papai Noel que foi "comprar Bala mistura e um pãozinho de mel", e depois se prendeu na chaminé? E a orgulhosa mulher que desprezou seu amor quando soube que ele era jardineiro dos barancos da av. 23 de Maio e não engenheiro do metrô, como fingia?)

Não importa quem sejam, pois são todos reais. Com seu último samba, que fala do metrô, Adoniran fixou quase 40 anos da vida de São Paulo. Vasculhou cada recanto, percorreu as vielas e os jardins, os forrões e as batucadas. Terminou no moderno trem, que nada tem a ver com o das 11, nem com o bonde, nem com o Brás.

No Brás ele já morou. Hoje vive na Cidade Ademar, bem afastado do burburinho do centro e dos lugares que frequentou. Só sai da sua toca para um ou outro trabalho avulso, quando o chamam a uma emissora de rádio ou de TV. Fala muito do neto Guilherme, de 5 anos, que mora no Rio, "menino bonito que já toca violão", mas está atento ao trânsito intenso da av. Dr. Arnaldo, a caminho da Tupi. Mais que ao trânsito, à motorista: aceitou relutante a carona até o Sumaré, mas recomenda nervoso, a cada instante:

— Vai devagar, filha, que eu não confio em mulher na direção!

QUATRO RODAS

Na Brake tester seu carro vai encontrar segurança.



Seu carro vai ter o que há de mais seguro. Tudo em freios e amortecedores você encontra na Brake-Tester que também faz alinhamento de direção e teste gratuito com Dinamômetro.



BRAKE - TESTER



Rua Alvarenga nº 1244 - Butantã - São Paulo
Fones: 813 9989 - 813 7350

Escapamentos e amortecedores é na Silescape.



Silescape equipamentos e amortecedores para todas as marcas de carros nacionais e estrangeiros. Peças originais de linha de montagem. Instalações modernas que possibilitam atender 8 carros de uma só vez. Aberto até 22:00 horas.

SILESCAPE - EQUIPAMENTOS PARA AUTOMÓVEIS LTDA

Av. Sumaré, 6 - Fones: 267 8070 - 263 3435
Av. Jacupiraçu, 352 - Fone: 577 8320
R. Tabapuá, 1423 - Fone: 64 5848



UMA VOLTA COM PELÃO PELAS SURPRESAS DA VIDA NOTURNA

Entre um chope e outro,
o boêmio Pelão
descreve suas andanças pelas
madrugadas, onde
ficou famoso produzindo
discos
de Cartola e
de Adoniran Barbosa.

REPORTAGEM DE FRANCISCO VITAR - FOTOS DE BIU COUTO

1

"O bar é a pilastra da sociedade." A frase é de João Carlos Botezeli, 37 anos, mais conhecido como Pelão, produtor de discos, freqüentador das noites paulistas, emérito conhecedor de bares, botecos e botequins.

O repórter se apresenta, por telefone, para marcar a entrevista. Pelão, do outro lado, resiste: "Você vai querer que eu fale mal de quem desta vez?"

O encontro é finalmente marcado no Ópera Cabaret, onde Pelão é o encarregado da seleção musical e da contratação de músicos e cantores. Por lá já passaram Cartola, Adoniran Barbosa, Ivone Lara, Guilherme de Brito, Edu da Gaita e outros. É freqüentado por artistas, jornalistas e compositores como Paulo Vanzolini. Um bar bem paulista, com decoração das sacadas imitando o viaduto do Chá. Local para dançar, orquestra, abajures na mesa, comida e bebida. Pelão está sentado a uma mesa, pró-

ximo à entrada, barba grande, óculos, um jeitão simpático. Já bebeu muito e está bebendo mais, como bom boêmio.

Nascido em São José do Rio Preto, de onde saiu com 15 dias de idade, Pelão viveu desde então acompanhando sua família pelo interior de São Paulo, pulando de cidade em cidade.

— Uma vida de altos e baixos. Meu pai trabalhava com hotel e com venda de terras e sempre que seus negócios não davam certo numa cidade partíamos para outra.

Chegou a cursar Administração Municipal, Agronomia, em Piracicaba, Artes Gráficas, Marketing, que utilizou na divulgação de discos, e Direito na PUC de São Paulo. Além disso, diz ser carpinteiro: ele próprio fabrica os móveis de sua casa.

O enésimo chopp do dia é servido. Pelão, antes dos copos se esvaziarem, grita para o garçon "mais uma

QUATRO RODAS

BOX DO CIDADÃO MOTORRADIO

Use seu poder de comunicação, seja no "HOBBY" do momento com a BOX DO CIDADÃO. Mantenha contatos imediatos através de radiocomunicação, inclusive com canais livres para o COPOM e serviços de emergência pública e segurança.



RÁDIO
HOBBY

hobby do momento

VENDAS
•
ASSISTÊNCIA
TÉCNICA
•
INSTALAÇÃO

Rua Dr. Vila Nova, 313 - sl. - V. Buarque
Tel.: 259-0578 - 257-0153 - 258-8488
Caixa Postal, 10418 - São Paulo - SP
Estacionamento: Rua Maria Antônia, 158

SOM



Em sonorização e equipamentos para automóveis: teto solar, poltrona defletora, vidros elétricos, consolos, rádios, toca-fitas, rodas esportivas, bancos reclináveis, capas de bancos e alarmes contra roubo. Você conta com assistência técnica para todos aparelhos. Tudo com financiamento.

Ganhe um brinde especial na instalação do seu som.

Rua do Acre, 150 - Mooca
através da Mooca
Tel. 264-5286 - São Paulo

2



Por profissão e por gosto, Pelão vive atenta no mundo da música.

...ada, mas servida pelo Spirogueta" apelido que ele deu a um dos funcionários do Ópera, encarregado de preparar as bebidas).

— Moro no Rio, atualmente, onde trabalho na produção de shows musicais para a Rede Globo. Mas São Paulo é o lugar que eu gosto. É a terra que curto. É a minha embaixada.

No seu currículo musical está o privilégio de ter sido o produtor do primeiro disco do compositor e cantor Cartola, na época com 65 anos, e do compositor paulista Adoniran Barbosa.

— O primeiro disco de Adoniran fez problemas com a Censura que dizia que o compositor tinha que fazer Mobral e outras besteiras. Trabalhei também na produção de festivais universitários, carnaval e música sertaneja.

Lembra que Adoniran foi só duas vezes ao Rio o, mesmo assim, ganhou o prêmio de melhor compositor

do 4.º Centenário, com "Trem das Onze". Explica que o que mais gosta é de bar, bom papo, tranquilidade e abrir novas faixas de mercado para compositores de categoria relegados a segundo plano.

— Cartola e Adoniran foram dois desses. De vez em quando Adoniran se apresenta aqui no Ópera e dá um verdadeiro espetáculo. Mantém a platéia concentrada, brinca, conversa, faz do show uma espécie de bate-papo descontraído.

O boêmio Pelão começou a se formar nos bailes.

— Eu ia aos bailes do Aeroporto. Conheci o Simonetti e comecei a trabalhar com ele no Canal 4 e no Canal 9. Mas quem mais me fez gostar de música popular foi o Nenê, dono da Pizzaria Martins, na Vila Mariana, que era conhecedor profundo e tinha uma enorme coleção de discos em 78 rotações.

Nessa época Pelão tomava co-

Você tem orgulho do seu carro.

E do seu cabelo?



Pacheco montou a melhor equipe de especialistas para cuidar de seu cabelo.

Profissionais de personalidade para clientes de classe.

Pacheco: "leve, sulto

Pedro: "o cliente precisa participar" Fernando: "estar na moda é importante"

Nivaldo: "uma extensão da personalidade"

Noêmia: "prático"

Edvaldo: "em qualquer idade"

Pacheco

HAIRSTYLING

Av. Nove de Julho, 5.049 - 2º andar
São Paulo - SP

Marque hora

Tels. 280-5341 881-5960 881-7882

Estacionamento próprio



3

O primeiro disco de Adoniran teve problemas com a Censura



Bar e bom papo, a receita de Pelão para viver bem.

nhique com guaraná e pinga com groselha e se "julgava um tremendo malandro". Depois, passou a frequentar o Lancaster, bar onde também iam Teo de Barros e Camargo Mariano, seus amigos até hoje.

Levanta da mesa para apresentar um cantor que está estreando em São Paulo: Nelson Sargento. É também o produtor do seu primeiro disco. Sobe ao palco, senta na banquetta do piano e anuncia Nelson com a mesma emoção com que anunciou em outras épocas os maiores nomes de nossa música popular. Reclama um pouco dos refletores da televisão, que estão ligados para uma reportagem sobre Sargento. Mas não fica nervoso.

Pelão desfila na escola de samba Mocidade Alegre e acha que as escolas paulistas são magníficas.

— Claro que não têm o luxo, o número de turistas ou os filhinhos de fulano ou beltrano, como no Rio de Janeiro. O que eu acho é que o paulista está tão condicionado a achar as

O SOM QUE VOCÊ SEMPRE QUIS PARA O SEU CARRO ESTÁ NA STORE SOUND

Com ofertas muito especiais!



A STORE SOUND sonoriza seu carro com toda a técnica eletrônica e acústica, além de personalizá-lo.

Amplificadores exclusivos de 160, 200 e até 240 Watts.

Sonorização completa em todos os carros de fibra: Puma, Bianco, Miura, Lafer, GT Malzoni, Adamo, GT e WMV.

Especial para você: amplificador estéreo de 140w e 160w e duplos de 200 e 240 Watts.



STORE SOUND

Rua Duarte de Azevedo, 207 (estação Santana do Metrô) - Tels.: 299-6713 e 299-6478
Falar com Rodolfo ou Wladimir

O início: ouvindo os discos de 78 rotações de um amigo



No Ópera Cabaret, lançando Néelson Sargento em São Paulo.

escolas do Rio melhores, que até encomendam indumentária de lá. Ele acha também que a maioria das músicas norte-americanas tem como base músicas latino-americanas, principalmente as da América Central. "Até os Beatles usaram boleros em suas músicas, como em Judy."

Levanta, conversa com alguns amigos que estão chegando, um deles o diretor de arte Zé Mauri, que preparou as capas dos discos de Adoniran e de Néelson Sargento. Senta de novo, agora para falar de música sertaneja, que a maioria dos críticos não gosta, por achá-la sempre com o mesmo ritmo, sem variações.

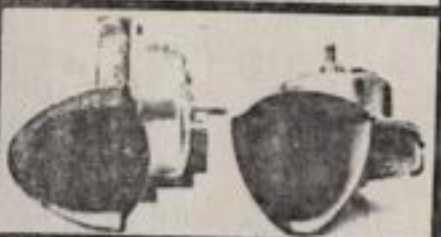
— A música sertaneja é ótima e está presente até na bossa nova. Hoje a gente tem aí o Renato Teixeira mostrando que se pegarem a música caipira, divulgarem e derem a variação que necessita, ela será aceita por todo mundo.

Spirogueta caprichou mais uma rodada e Pelão fala agora dos novos compositores: ©

Equipe seu carro na PRE SOM e sinta a diferença.



OFERTA: Power Box - Amplificador com 80 Watts de potência. Apenas Cr\$ 1.399,00 instalado.



OFERTA: Buzina Mini Fiamm - Apenas Cr\$ 399,00 instalada.

PRE SOM

R. Miguel Isasa, 476 - Pinheiros
CEP 05426 - Tels.: 813-7203 e
813-7254 - São Paulo - SP.

Na Pre Som você pode personalizar o seu carro com os mais sofisticados equipamentos.

Tudo com instalação gratuita e financiamento automático.

Visite ainda hoje a Pre Som e coloque o seu carro no ritmo certo.

PRE SOM
SOM E EQUIPAMENTOS
476 PARA AUTOS



OFERTA.

Suporte anti-furto para toca-fitas Cr\$ 299,00 colocado.

LANÇAMENTO EXCLUSIVO:
Buzina Musical Amplificada com o HINO DO CORINTHIANS

OFERTA:
RÁDIO AM/FM ESTÉREO VÁRIAS MARCAS
Cr\$ 2.399,00 COLOCADO.



Comercial Presidente S/A Automotivos
Via Dutra Km. 400 + 600 mts., Vila Maria -
São Paulo - Tels.: 295-7291 - 295-6783 - 295-6283

Monte Castelo a cantina da família

Na Cantina Monte Castelo você e sua família passam momentos agradabilíssimos.

Porque é o lugar onde você reencontra o prazer de comer bem numa atmosfera acolhedora.

Enquanto saboreia um sensacional Pintado na Brasa, você ouve uma excelente música romântica ao vivo.

A Cantina Monte Castelo possui amplo estacionamento para o seu carro e deliciosas especialidades como massas italianas caseiras e pizzas, feitas em forno de lenha, churrasco e uma deliciosa picanha.

Mais, você pode também reservar o exclusivo salão de festas para comemorações.

Vá hoje mesmo com sua família conhecer a Cantina Monte Castelo. Pepe - o rei da pizza - está de volta.



Cantina Monte Castelo

Rua General Flores, 278 - Tel: 220-9797
Bom Retiro - São Paulo - SP.

VALORIZE SEU CARRO COM TETO-SOLAR.



Coloque um teto solar Santilli em seu carro.

Você vai ter o carro mais bonito,
mais confortável e com muita classe.

O teto solar da Santilli é encontrado nos grandes magazines,
concessionárias e nas boas lojas de acessórios.

FABRICADOS POR

Santilli

R. Clélia, 1295 - Lapa
Tel.: 65 2424 - São Paulo - SP



Entre os novos, Pelão destaca Carlinhos Vergueiro

5



Em São Paulo, ele e Mocidade Alegre.

— Tem gente boa. Carlinhos Vergueiro é um. Maduro, corajoso. Boas as faixas em que fez parceria com o J. Petrolino, que tem esse nome porque seu pai fez a campanha do petróleo é nosso. E tem outros que começaram bem, mas abandonaram, como o Marcos Calazans e Cal Pimentel. Pelão viajou por todo o Brasil e conhece muito de músicas regionais. Em Barra do Corda, no Maranhão, diz ter visto uma dança indígena que considera a mais sensual que já viu, com cipós.

Produziu discos de música popular do Centro-Oeste, trabalhando com Teo de Barros, e um de cururu, música paulista, de origem indígena, adaptada depois pelos jesuítas e até hoje existente nos lugares por onde passaram os bandeirantes. Produziu também o único LP de Donga, pouco antes dele morrer. Fala de Carlos Cachça com muito carinho, da Mangueira como reduto do samba e de sambista. Para Pelão, foi Cachça

QUATRO RODAS

OPALA TURBO



Orientação pessoal de Bird Clemente.

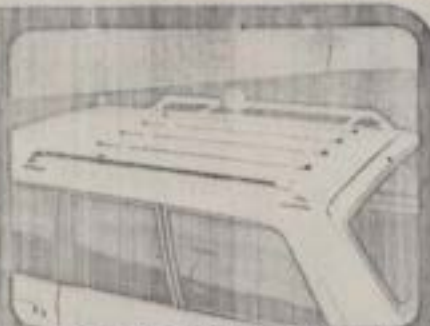
- Instalação em motor de linha
- Aumento de 50% na potência
- Aceleração de 0 a 100 em 8,1 segundos
- Velocidade máxima 217 km por hora
- A performance especial aos mais rápidos automóveis do mundo em venda ao público

Equipe seu carro

no melhor estilo, enquanto você admira as grandes máquinas de todos os tempos



Modelos de rodas para todos os veículos.



Capoteiro Top Station Wagon para carros nacionais. Instalação com ferramental próprio.



Proteção para a frente e para trás.



Proteção lateral para todos os tempos.



Bota de proteção para qualquer tipo de terreno. Também disponível em importado.



Variz verde, degradê, sem personalização e acessórios das mais sofisticadas.

Pedidos pelo reembolso

Bircl's

Financiamento na hora com novos planos de pagamento inéditos no preço. Aceita-se todos os Cartões de Crédito.

BIRCL'S - Comércio de Equipamentos Automotivos Ltda.
Rua Joaquim Floriano, 952 - Tels: 260-7599 - 64 - 613 - São Paulo



6

No Ópera uma luta pelo nosso ritmo



"A nova geração descobriu os velhos"

quem ensinou Cartola. O apelido Pelão, segundo ele, veio de um tal Tartaruga, que morava em Piracicaba, quando ele cursava a escola agrícola. "Não sei porque o apelido pegou e ficou até hoje."

Pelão lembra também do tempo que morou perto do Bexiga:

— O cine Rex da época é o atual teatro Aquarius. O local do Ópera Cabaret era uma fábrica de lâmpadas totalmente nacional. A Philips que comprava, o cara não vendeu. Lançou lâmpadas 70% mais baratas e aguentou ano e meio. Depois morreu de coração e os filhos fecharam a fábrica. Acho que nossa luta continua agora com o Ópera, sempre tentando manter a música popular brasileira. A nova geração está curtindo cada vez mais Cartola, Adoniran, Nelson Cavquinho e outros que tinham público restrito. Um conjunto de choro é fácil de montar: violão, cavaquinho. E o choro é mais antigo que o jazz, que tem menos variações. Não podemos desistir.

QUATRO RODAS

2
5
som
linhas

Use
Além
com
que

V I S ã O

-1982.....75

Visão
6/12/82.

Os cariocas sempre disseram que São Paulo não tem samba. Na verdade, todo o país, paulistas inclusive, levou quase cinco décadas para reconhecer o que um júri carioca detectou, em 1965, ao dar o prêmio máximo do concurso de músicas de carnaval instituído para comemorar o IV Centenário do Rio de Janeiro a *Trem das onze*. O samba paulista existe, é curiosamente aparentado ao choro. Seu maior sucesso é *Trem das onze* e seu máximo artista — quicá seu criador — é Adoniran Barbosa.

Homem inquieto, impaciente, Adoniran falava tanto com o público em seus shows quanto desgostava de falar longamente com repórteres. Aceitava dar entrevistas e logo mostrava-se ansioso, inventava um compromisso para o qual tinha de correr. Foi assim quando recebeu a jornalista Flávia Amaral, de VISÃO em São Paulo. Mês de junho. A repórter marcou três vezes e três vezes sua mulher, Matilde, telefonou para desmarcar. "A bronquite atacou de novo."

Finalmente, aconteceu o encontro. Adoniran vinha com o inseparável cha-



pêu, mas sem a gravata borboleta que marcou a sua imagem. Afrito, respiração ofegante, foi falando, querendo acabar a entrevista a todo momento. Afinal, prometeu marcar outro dia para terminar o assunto. Não marcou. Em outubro, a bronquite levou Adoniran ao hospital. Dia 23 de novembro, o compositor não conseguiu safar-se de outra crise: morreu às 17h15 no Hospital São Luís.

VISÃO — *Você tem alguma preocupação especial por utilizar uma linguagem diferente da usual em suas músicas?*

Adoniran Barbosa — "Ma que", preocupado? Quem tá preocupado, eu?

O excesso de carros e de prédios aborrecia

VISÃO — *Bem, você não teve sua música do Arnesto proibida e criticada porque não usava o português correto?*

Adoniran — Nunca. Nunca o Ministério proibiu música minha. O português que eu uso foi eu que inventei: nós vai, nós fica. Todo mundo fala assim. Os intelectuais que falam issô são uns bobos coitados. No *Trem das onze*, qual é o erro que tem? Não tem. E é sucesso nacional. No Arnesto, o que tem? "Peguemos", "fumos". Porque eu sei falar errado. Então, fica simpático do jeito que eu falo. Agora, para quem não sabe falar errado, fica chato, fica ruim. Você vê. Quantos que não falam "despois" no Brasil?

VISÃO — *Você pesquisou?*

Adoniran — Não. Eu falo popular.

VISÃO — *Em casa você falava italiano?*

João Rubinato? Não podia ser. Por isso, Adoniran Barbosa rebatizou-se com o nome de um amigo de boêmia e com o sobrenome de um cantor famoso. O sucesso inicial veio-lhe como radioator: era o Barbosinha. Mas, na história da MPB, ele é Adoniran Barbosa, o criador do samba paulista.

Sábio



Adoniran, apaixonado pela noite paulistana

Adoniran — Não, eu falava como agora, mesma coisa. Tudo que sei é da rua.

VISÃO — E o disco novo?

Adoniran — Já saiu. Agora vai sair um novo. Lá pelo mês que vem vamos começar a preparar outro. Mas eu só tenho seis músicas prontas, só seis sambas.

VISÃO — Você está tendo dificuldades para compor atualmente?

Adoniran — Não tenho mais aquela gana. Não quero mais, chega. Já fiz muita coisa.

VISÃO — Decepção?

Adoniran — Não tem decepção. Não quero mais me preocupar com isso. Porque samba, quando vem, vai. E assim por diante.

VISÃO — E quando você ouve sua música ser tocada?

Adoniran — Fico louco de alegria. Carnaval, por exemplo: *Trem das onze* ainda é um sucesso.

VISÃO — Quais são as músicas novas?

Adoniran — Tem um samba novo que eu fiz com o Gudín. Mas não vou cantar aqui para você, não. Não, nunca. Não posso, tô rouco. Tem um com o Ver-

gueiro que eu já gravei com a Dona Clementina — *Torresmo à milanesa*. Chega, né... Vou embora daqui, vou almoçar...

VISÃO — Então, vamos almoçar juntos...

Adoniran — Não. Quero almoçar sozinho.

VISÃO — Uma cervejinha...

Adoniran — Nada, nada. Daqui não saio, daqui ninguém me tira.

VISÃO — Está bravo hoje, Adoniran?

Adoniran — Hoje não tô bom, não. Faz entrevista outro dia, hoje eu não tô bom.

VISÃO — Você foi disc-jôquei?

Adoniran — Não, eu nunca fui disc-jôquei. No meu tempo não era disc-jôquei. Eu fazia vamos ouvir, vamos ouvir agora. Sem comentar nada. Locutor. Na época eu era cantor.

VISÃO — E as farras?

Adoniran — As farras... Eu sempre fui para a farra, como qualquer um. Agora não tem mais farra. Mas eu nunca fiz farra.



Uma porta do Bexiga, bairro das andanças de Adoniran. "Pra fazer samba, não precisava morar lá."

VISÃO — O que cativava você na noite?

Adoniran — Nada, a noite. Escurecia, aí eu gostava. Na noite, sim, eu começava a viver. Iamos por lá e começávamos a beber. Todos. Isso aí, até acabar a noite.

VISÃO — Acho que eu vou entrevistar você às 6 horas da tarde...

Adoniran — É melhor às 6 horas da tarde.

VISÃO — Então marca.

Adoniran — Não posso marcar. Não tô

Barbosa

VISÃO - 06/12/82 (CONT.)



Bar em bairro italiano, rua, gente: a inspiração de Adoniran para criar o samba paulista



bom de saúde. Quando eu ficar bonzão, a gente vai conversar bastante.

VISÃO — Mas, Adoniran...

Adoniran — Não, não posso. Foi muito bom hoje, Flávia. Ah! Flávio, do Corinthians. Marca aí, Flávio do Corinthians. Vai tirar mais fotografia? Mais uma chapa?

VISÃO — Vai tirando devagarinho, porque o Adoniran está bravo comigo...

Adoniran — Não tô bravo, não. Sou assim mesmo. Não sei o que falar. Já falei tanto por aí! De tudo eu já falei. Sabe que é tudo? Tudo. Agora faço shows com meu conjuntinho.

VISÃO — Você sempre foi assim?

Adoniran — Eu sempre fui nervoso, agitado. Sempre assim. Agora, no palco,

não. Anunciou, eu entro e tudo bem. Boa noite, como vai.

VISÃO — Quando foi a primeira vez em que você subiu no palco?

Adoniran — Não me acuerdo. Não me acuerdo. Faz muito tempo. Acho que em 1934. Faz tempo, puxa vida! Acabou?

VISÃO — Quero ver. Agora tenho seu telefone, você o meu...

Adoniran — Tá aqui, nas minhas carças, no bolso. Não vou esquecer. Deixa eu estar descansado, bonzinho, calmo, sem bronquite. Isso é chato, cansa a gente...

VISÃO — Você sempre teve bronquite?

Adoniran — Como, sempre? Tive agora. Recente.

VISÃO — E você parou de fumar?

Adoniran — Putz! Vou ver se consigo. Faz três dias que eu não fumo.

VISÃO — Onde você morou?

Adoniran — "Onde não mora ninguém". Mooca, não morei lá. Morei em Jaçanã; Brás, morei um pouquinho. Bixiga? Nunca morei no Bixiga. Não precisa morar lá pra fazer samba. Você imagina e faz.

VISÃO — Mas você andou muito por esses lados todos...

Adoniran — É.

VISÃO — E "Tiro ao Álvaro"? Como pintou?

Adoniran — É. Como pintou, como é que eu fiz? Aí é que tá: senti em vez de alvo, Álvaro. Pronto. Nunca morei em maloca. Como é que eu fiz? É a cuquinha da gente. Não sei se brota ou é uma coisa... Tô andando, pinta a música, a melodia. Vem assim, normalmente, sem me preocupar com o samba. Só fiz samba. É o que eu mais gosto. Só gosto de samba.

VISÃO — Do samba de São Paulo?

Adoniran — Não, tem coisa melhor do que eu. Deve ter melhores que eu aqui. Não sei. Não sou nada ainda.

VISÃO — Cadê a gravata borboleta?

Adoniran — Tá no meu lar. Não uso mais, há um mês mais ou menos. Mas vou voltar a usar. Tão pedindo pra eu usar.

VISÃO — Quer dizer que você vai começar a preparar outro disco?

Adoniran — É. Eu e o Faro, pela Odeon. Eu penso também em fazer um disco coletivo especial com o Carlos Vergueiro e o Ruy Guerra. Não, disco não, filme de reportagem. Fazer lá pelo Brás, Valinhos, Jundiaí, Campinas, por onde eu andei. Um filme para a televisão. Você acompanha e depois você pega tudo...

VISÃO — Mas vamos sair para almoçar, comer um comercial...

Adoniran — Comercial, não. Vamos comer um sanduiche de mortadela com uma caracu e a gente rebate tudo... Mas não tô bebendo mais... Acabaram com tudo, com o Brás, Bixiga, Jaçanã... Não tem mais coisa boa por aí... Tchau, bela!

I S T O É

-1984.....81



Bico-de-pena, de 1926

Homenagem do Humor a J. Carlos chega com um mês de antecedência da verdadeira data do centenário, 18 de junho próximo. Seu coordenador, o desenhista e escultor Jorge de Salles, 35 anos, reconhece que procurou "sair na frente", pois a Funarte programa uma retrospectiva dos desenhos do artista e a Nova Fronteira prepara a publicação de um livro ilustrado.

A exposição, porém, tem surpresas engraçadas. Zivaldo, por exemplo, conseguiu unir a singela Melindrosa de J. Carlos com o seu Jeremias, o Bom. Milôr trocou o Cristo Redentor pela mesma Melindrosa. Chico Caruso caricaturou vários J. Carlos, e Fortuna e Paulo Caruso associaram o estilo e as personagens do desenhista às eleições diretas-já. Seis trabalhos originais do próprio homenageado completam a mostra de humor. Um deles, *Como a Humanidade É Estúpida*, de 1945, fala da descoberta da penicilina e da ameaçadora bomba atômica.

"Ele foi o mais talentoso e competente cartunista da primeira metade do século", diz Zivaldo. "Seu desenho tem unidade, qualquer pessoa reconhece uma cadeira, um cachorro feito por J. Carlos." É esta unidade que J. Carlos exibiu pelas revistas em que trabalhou como *O Tagarela* - onde começou -, *O Tico-Tico*, *O Malho*, *Fon-Fon*, e para todos. Vítima de derrame cerebral, J. Carlos morreu em 1950, então casado e com cinco filhos, sem ter realizado uma única exposição de seus trabalhos. "Essa exposição é uma oportunidade para a nova geração descobrir J. Carlos", diz Salles. ▲

ISTOÉ 9/5/1984

DISCOS

Rock adolescente, nunca mais

PARTING SHOULD BE PAINLESS

• Com Roger Daltrey. LP WEA

Desta vez Roger Daltrey acertou. Depois de atravessar duas décadas como vocalista do The Who - grupo de rock legendário, contemporâneo dos Beatles -, Daltrey parece disposto a dar uma direção definida à sua carreira. Se o Who sempre foi um grupo que investigou o universo emocional dos adolescentes, o



Daltrey: cantando até tango

quarentão Daltrey, nesta nova investida como solista, trata de cavoucar as inquietações do adulto que realmente é. A verdade é que para ele, aos 40 anos, já não basta ser apenas um cantor de rock. Recentemente, numa entrevista, ele explicou por que está dedicando mais tempo às experiências como ator de teatro e TV do que ao rock: "Na minha idade é esquisito ser um cantor de rock e apenas isso. Rock-and-roll não cai bem para pessoas de meia-idade".

Mas isso não quer dizer que Roger Daltrey está envelhecendo e ponto. Ao contrário: nessa investida para escapar do estigma adolescente do rock, ele voou alto, ampliou o espaço de sua música e se renovou totalmente. No disco, poucas canções lembram o Who. Há referências de new wave, citações sutis de grupos como o Police, invenções inspiradas na

SÃO PAULO / Nº 385

corrente tecno-pop - e até um tango (*Parting Should Be Painless*), que fala de separação e recebe um tratamento acelerado de rock. Os arranjos, impecáveis e criativos, dão o espaço exato para o brilho dos instrumentistas - com destaque para a guitarra de Chris Spedding e a bateria de Alan Schwartzberg. Há também um cuidado especial em revalorizar a função dos backing-vocals.

E, para que ninguém diga que ele está negando as origens, Daltrey fecha o LP com um rockão tipo antigo: *Don't Wait on the Stairs*. Com um tratamento novo, reciclado, a faixa surpreende pelo pique e energia. É completa com muito charme este bonito e desprezioso painel da modernidade sonora.

Valdir Zwetsch ▲

Pérolas do samba paulista

SAUDADES DE ADONIRAN

• Com Adoniran Barbosa, Demônios da Garoa e Wilson Miranda. LP Alvorada

Se o senhor não está lembrado, dá licença de contar: os sambas de Adoniran Barbosa, o maior cronista musical de São Paulo, ainda vivem sob o signo da atualidade. Afinal, muita gente ainda corre para pegar o trem das 11, chora a derrubada das malocas e lamenta as Iracemas que não tomam cuidado ao atravessar a avenida São João. E, como há raros discos seus a venda, o eterno Adoniran agora pode ser mais bem lembrado neste excelente LP, que traz os velhos Demônios da Garoa entoando clássicos como *Samba do Ernesto*, Wilson Miranda com a linda *Bom-Dia, Tristeza* e o próprio autor em seis faixas. Num trabalho cuidadoso de pesquisa, o produtor João Carlos Botezeli (o "Pelão") resgatou gravações históricas (inclusive dos tempos em que o radioator Adoniran Barbosa era ainda um boêmio amador, capaz de cantar muito bem o xote *Olha a Polícia* e o samba *No Morro do Ploio*) e, o que é melhor, sem o chiado tradicional dos discos em 78 rpm. Além disso, tem outras coisas: foram incluídos trechos de gravações da Rádio Record, escritos por Oswaldo Moles, para interpretação de Adoniran. Há também depoimentos do compositor, que explica até o pseudônimo (Adoniran de um funcionário do Correio, Barbosa em homenagem ao cantor Luís Barbosa) que rebatizou João Rubinato, paulista de Valinhos, falecido há um ano e meio, aos 72 anos. Na linha documento, este é um disco imprescindível.

Rosângela Petta ▲

G O U R M E T

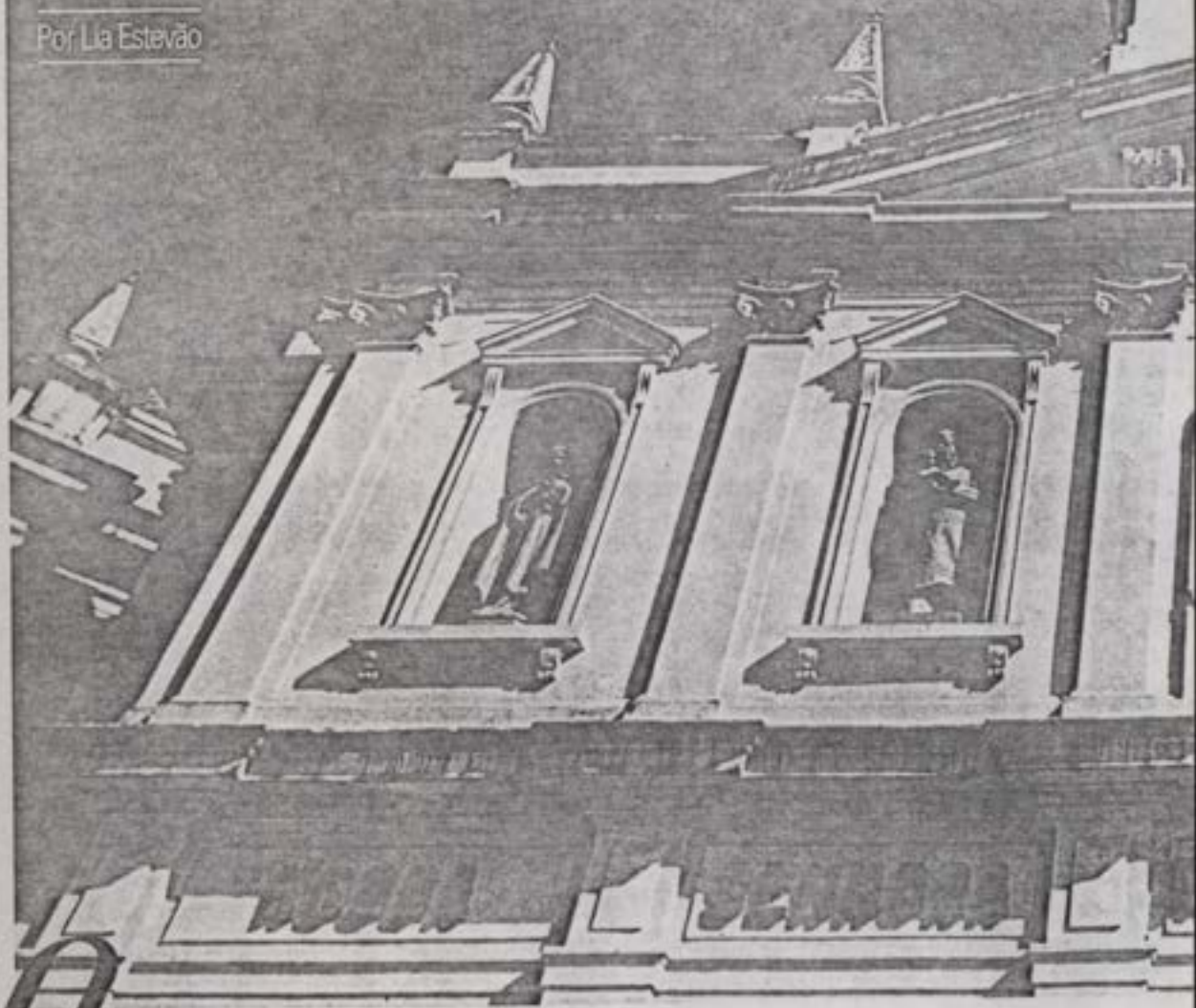
- 1984.....85

B
I
X
I
G
A
Especial

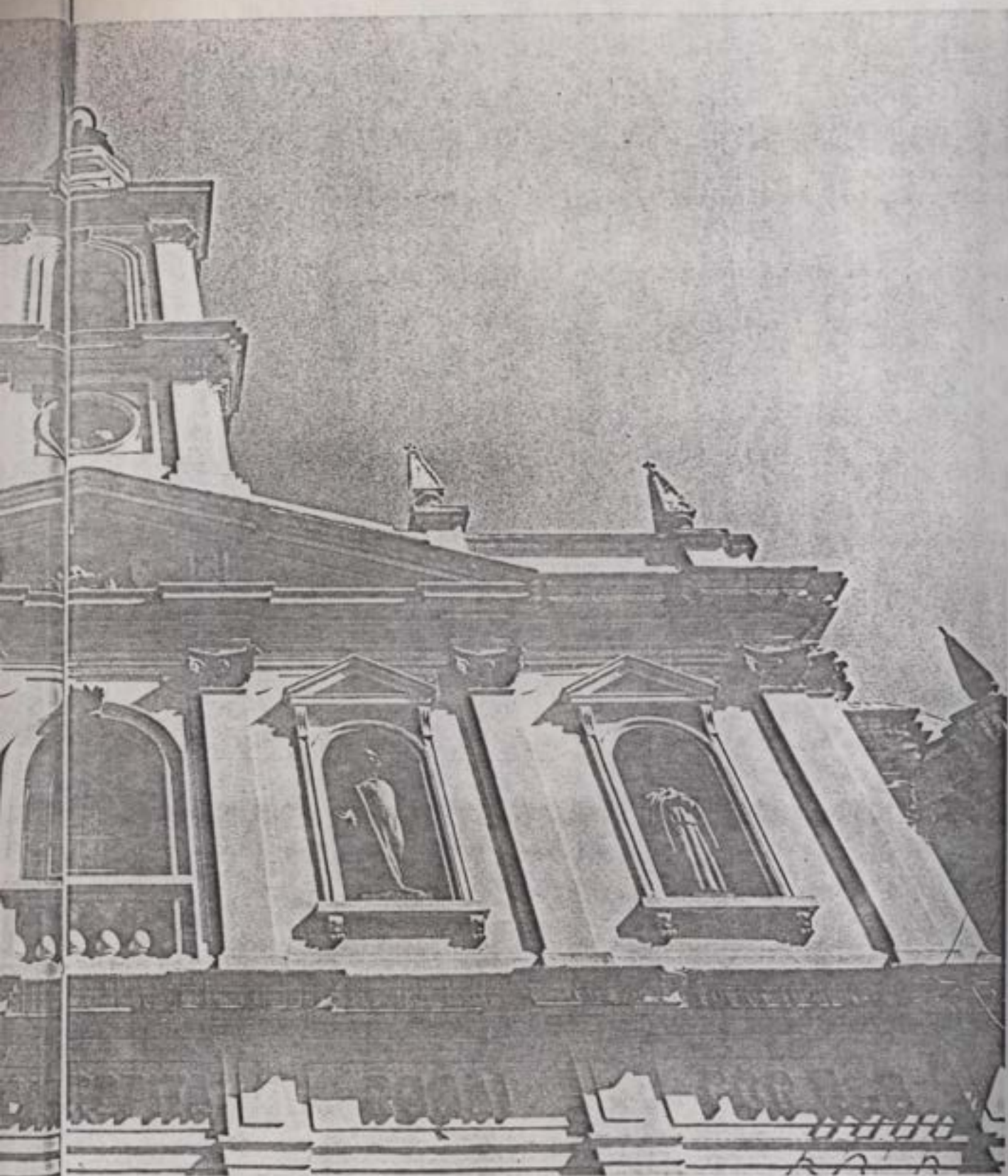
O SÍMBOLO DO BIXIGA

NOSSA SENHORA AQUIROPITA

Por Lia Estevão



quinze de agosto é dia de homenagear Nossa Senhora Aquiropita. Uma
Mas a religiosidade não é esquecida. Para os calabreses de Rossano é a



nensa procissão, colchas nas janelas, e uma grande quermesse tomam conta do Bixiga.
santa que ajuda a preservação dos hábitos e costume italianos em terras distantes.

Não existem segredos em torno de Nossa Senhora Aquiropita. A imagem original é venerada pelos calabreses de Rossano, nas praias do mar Jônio, há séculos. Lá, dizem que a virgem pintou seu próprio retrato. Aqui, a primeira imagem foi construída na rua Oriente. E tanto lá como aqui a devoção é a mesma: profunda, íntima, amiga. Falar de Nossa Senhora Aquiropita é discorrer, também, sobre os costumes do Bixiga, suas grandes quermesses de rua, sua procissão. No início, a imagem ficava na casa de Antonio Falconi (conhecido por Porcaro), de onde saía apenas para as festas de agosto. Em 1910, constituiu-se uma comissão para a compra de um terreno e a construção de uma capela para a Nossa Senhora Aquiropita. Com o dinheiro arrecadado em festas religiosas, adquiriu-se o atual terreno da igreja. Na construção, a presença constante dos italianos, que trabalhavam aos sábados e domingos, sem cobrar, e sempre com espírito alegre, brincalhão. Logo que o altar ficou pronto, a imagem foi instalada. Sua inauguração deu-se em 1926, quando a tradicional festa de 15 de agosto deu um lucro de 5.500\$000, o que serviu para saldar dívidas anteriores.

E que bairro já teve um santo hospedado em uma de suas casas? Pois o Bixiga teve. E bem na rua dos Ingleses. Trata-se do padre Dom Orione, que o papa João Paulo II beatificou em 1982. "Um dia apareceu no bairro, em 1923 ou 24", lembra um antigo calabrés, "e ficou por algum tempo. Ainda tem gente viva que foi amigo dele". Verdade é que tudo acontece no Bixiga. Vale conhecer as quermesses de agosto, por exemplo, que durante uns dezoito anos teve suas festas simplificadas, deixando de ser nas ruas. Porém, em 1978, a festa voltou às ruas, sendo considerada uma grande realização italiana na capital paulista. Atualmente, acontece durante todo o mês de agosto, nos fins de semana, apresentando inúmeras barracas-restaurantes, com grande quantidade de vinho, muita música e bastante macarronada.

Antigamente, a tradição mandava: quando a santa

Aquiropita passasse, as melhores colchas e tapetes ficavam expostos à janela. O tempo "arrefeceu" esse hábito que, no momento, volta sob outro prisma: cada família coloca o que pode em suas janelas, de lençóis a toalhas. Nas barracas, os doces italianos são a grande atração, assim como o pastel *fogaça* (onde as filas chegam a 1 km). Na grande procissão de 15 de agosto, a santa percorre todo o bairro. À sua passagem, ainda tem gente que, em sinal de respeito, cobre o rosto com toalhas. Esse é um costume que ficou. Um que se foi é o do padre que poucas vezes saía da igreja, a não ser a cada dois meses, quando "benzia" casa por casa. Encontrá-lo nas ruas significava beijar suas mãos, "para não ser excomungado", ou tirar o chapéu.

No passado, as quermesses ocupavam o trecho entre a rua Santo Antonio e a rua Conselheiro Carrão, com bandas de música, barracas de quentão, churrasco, vinho, pão e sardela. São tão típicas e importantes que, em 1980, foram representadas pela escola de samba "Vai-Vai", quando reproduziram a igreja e algumas barraquinhas. A principal atração da festa era o pau-de-sebo, onde colocavam, no alto, provolone, salames e dinheiro. Se as festas continuavam, o culto à Nossa Senhora Aquiropita também permanece intacto. Seu aparecimento: em 580, o monge Efreim obteve do imperador Maurício de Constantinopla a licença para erguer um templo à Nossa Senhora. Em 1930, a pequena igreja foi ampliada, em estilo gótico, por Roberto Courtenyn. Para pintar a imagem, chamaram hábeis artistas de Bizâncio. Conta a tradição: o que eles pintavam durante o dia, desaparecia à noite. Numa delas, surgiu uma senhora toda resplandecente de luz. No dia seguinte, a imagem de Nossa Senhora estava terminada. A virgem havia pintado seu próprio retrato. Os descendentes dos rossaneses, imigrando para o Brasil, trouxeram a devoção pela santa Aquiropita. Hoje, a igreja de Aquiropita, na Itália, é catedral, e no pilar da nave central encontra-se uma pintura semelhante à estátua do Bixiga. □



FOTO: DAVID ZINCO



BIXIGA UMA HISTÓRIA

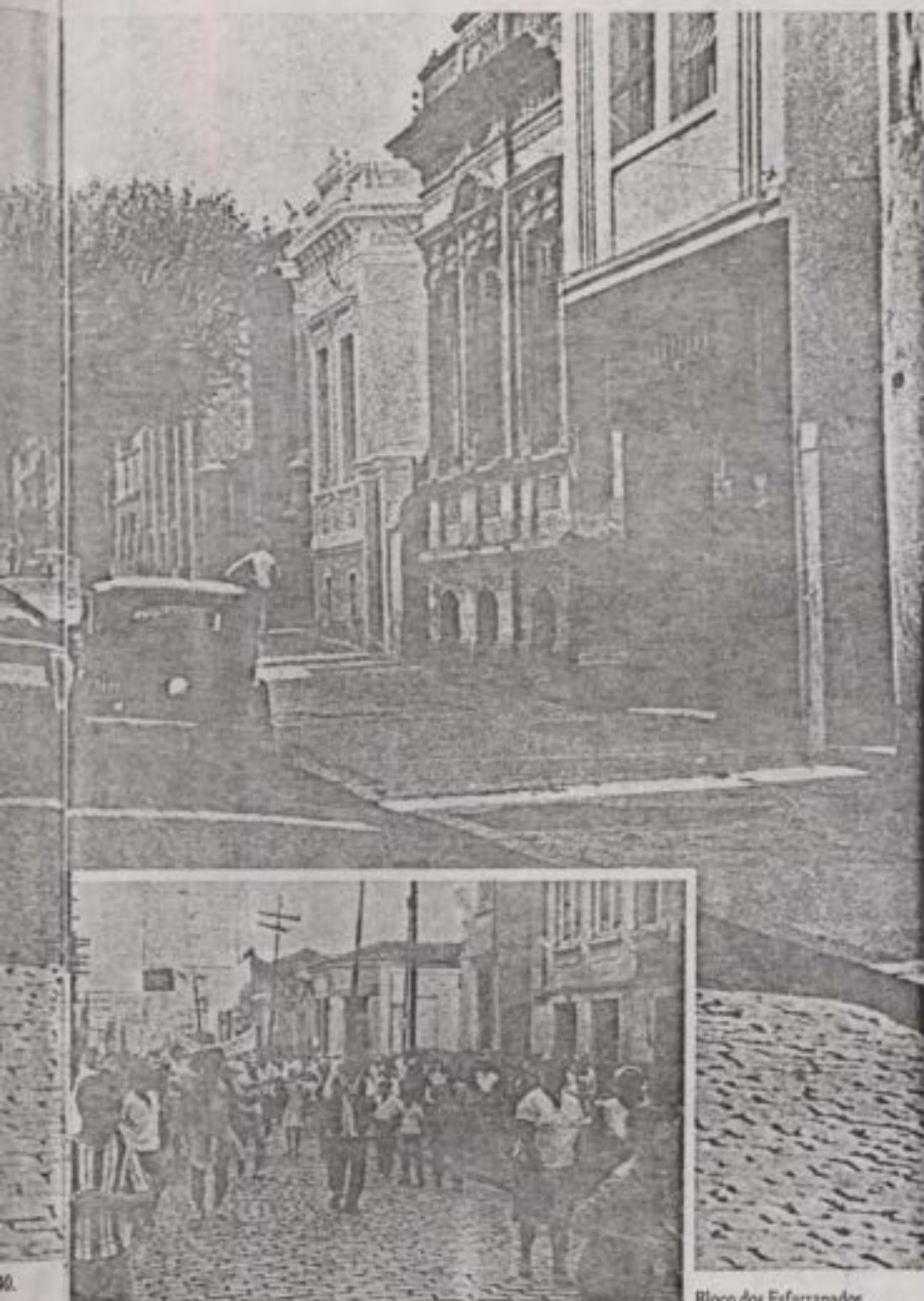
Por Lia Estevão

Rua Maria Paula, ano de 1940.

B
X
I
G
A
Especial
B

Bixiga. Não se sabe ao certo a origem do nome desse bairro de São Paulo. Ou foi por abrigar os doentes vítimas da varíola, conhecida por bexiga, os bexigosos, ou em homenagem a Antonio Bexiga, dono da enorme chácara do Bexiga, local escolhido pelos imigrantes da Itália para se fixarem.

Por volta de 1850, a velha São Paulo ganhava outra roupagem... Novos bairros foram se incorporando ao perímetro urbano, através do loteamento de chácaras e arruamentos. A avenida Paulista foi inaugurada em 1881, e, em 1882, surgia o viaduto do Chá. É um período em que a planta da cidade paulistana mostra seus 35 mil habitantes e suas



Bloco dos Esfarrapados.

chácara principais: Sertório, Bexiga, Barão de Limeira, Palmeiras, Mauá e Perdizes. A chácara do Bexiga abrangia as avenidas Brigadeiro Luís Antônio, 9 de Julho, e as ruas Santo Amaro, Santo Antonio, Major Diogo e 13 de Maio, como artérias básicas. A estrutura era mais ou menos assim: a burguesia construía seus casarões no espigão da Paulista, enquanto que

nas baixadas, próximos ao Saracura, fixaram-se os negros, e, nas demais áreas do Bixiga, os lotes foram sendo adquiridos pelos calabreses que imigravam. "Pessoas que nunca enriqueceram", comenta, hoje, um morador da região. "Nós nunca atravessamos a 9 de Julho e, da Brigadeiro Luís Antonio para lá, sempre foi Liberdade. Preservamos a liberdade.

Não temos patrão. Por isso é que nunca tivemos uma grande indústria, ou casa de comércio. Detestamos ordens".

Verdade. Tanto que 90% da mão-de-obra empregada sempre foi tipo sub emprego, com predomínio dos grandes artesãos. No início, os *capomastri* (mestre de obra) circulavam pelas ruas. E também as pizzas, o macarrão, a sardela, o pão, os Matarazzo, o Bixiga. Bixiga? Até hoje, desconhece-se a origem do nome das terras para onde se dirigiam o pessoal da baixa Itália. Hipótese: a varíola, conhecida por "bexiga", ou então, devido a Antonio Bexiga, proprietário da chácara do mesmo nome. Uma ou outra causa, não importa. Vale mesmo é que a região, caracterizada por subidas e descidas (de terrenos mais baratos), passou a lembrar a antiga pátria, do aspecto físico a maneira de viver. Tanto isto é verdade que, em 1930, o Bixiga era um bairro auto-suficiente, onde os de fora não entravam ("fazer o que dentro dele?")... e ninguém saía para fazer serviços em outros lugares. Um bairro *sui-generis*, sem dúvida. Onde até os casamentos só eram realizados entre os moradores desse verdadeiro "reduto" de italianos.

Nas encostas do morro, as famílias (vivendo em regime patriarcal) formavam barulhentos cortiços. Só que eram cortiços diferentes dos que conhecemos. Nessas casas, ficava-se uma vida. E, aí de quem não conservasse o local, pintando as paredes, trocando vidros, "ajeitando" uma decoração mais aconchegante. "É difícil acabar com o Bixiga", observa outro morador, mais de 60 anos. "Somos todos amigos, sabemos o que se passa com os vizinhos, todos se ajudam. Onde mais há tal sentimento nesta cidade?" Tem comportamentos que os calabreses não negam, não escondem, como a

estrutura familiar. Mais forte no passado. Amena no presente.

Mulher saindo do lar? Jamais. No início, todo morador tinha um forno em casa, para fazer pizza, assar galinha, cabrito e leitão. Enquanto o macarrão era feito em casa, o queijo e o vinho vinham da Itália. Pobres, sim, porém excelentes *gourmets*. Assim, as mulheres cuidavam da casa, das crianças e da alimentação. E os homens eram verdadeiros artesãos - sapateiro, alfaiate, ou, simplesmente, tarefeiros. Importante: sempre sem vínculo empregatício. Melhor era fazer, inclusive, uma fezinha no bicho. Já os parentes, fixados em outros bairros, progrediram em novas fábricas, que surgiam no Brás e no Bom Retiro. Tudo crescia e o Bixiga conservava seu "are" boêmio. O comércio era só vendas, onde mercadorias eram oferecidas a granel, algumas lojas de tecidos e muitos vendedores ambulantes. Industrialização? Apenas contornava o bairro.

Gente muito teimosa, extrovertida, violenta, alegre, os calabreses orgulham-se dessa "fuga" ao novo. Se surgiram prédios na região, foi contra a vontade da maioria (ou totalidade) dos moradores. Os chamados cortiços, característicos do Bixiga, no passado e no presente, é literatura e vivência. Fachadas pequenas, próximas às calçadas, quintais enormes. Nenhuma garagem. Gente pobre. Antigamente, por exemplo, as cantinas eram apenas grandes armazéns, com mesas e cadeiras, muito queijo e vinho, onde o "joguinho" de baralho era indispensável. A comida vinha de casa. Lugar obrigatório, para os homens, de todos os dias. Foi em 1904 que Francisco Capuano implantou a primeira cantina com cozinha, "onde não se podia deixar nada no prato". Era num porão da rua Major Diogo, que chegou a receber personalidades ilustres, como Adhemar de Barros e



Adoniz Barbosa, em frente a um bar da rua Rui Barbosa, 1978.

Juscelino Kubitschek.

É certo que no Bixiga falava-se mais o italiano que o português. Mas o que realmente importava àqueles calabreses? Numa incoerência compreensível, nada e tudo. Viver "festivamente" era o verdadeiro lema, assim como preservar hábitos e costumes da antiga pátria. "Mulher não saia de casa", fala um calabrés de terceira geração, "e separação de casais foi 'coisa' que só conhecemos a partir de 1950."

A partir de 1930, o bairro ampliava sua multiplicidade de costumes, caracterizando-se por uma típica vida noturna, com cantinas, muita música, danças, serestas, o futebol do bairro, o aparecimento do cordão "Vai-Vai", o aumento das habitações coletivas. Acontece a miscigenação cultural. Período em que o Bixiga mantém grande densidade populacional, proporcionada pelas casas de porões altos, fachadas bem cuidadas e interiores absolutamente confusos, onde se instalavam várias famílias. A pobreza contornava-se com futebol, com muita música, festas e um bom papo. As vilas davam uma feição diferente ao bairro. A de "Zamataro", que desapareceu em 1979, tinha tanques coletivos de roupas, bem no meio da rua. Deixou saudades.

A partir de 1910, Bexiga era Bel-



Uma típica família de imigrantes

la Vista. E os italianos gostavam. Tanto que não falavam mais no "apelido", que achavam "meio" pejorativo. Após 1960, entretanto, Bexiga passou a Bixiga (apesar de não legalmente) e a caracterizar um espaço arquitetônico e cultural diferenciado de Bella Vista. Um orgulho para os ocupantes desse perímetro, considerado, atualmente, o maior centro turístico do mundo.

Antes de 1945, as opções de lazer eram mínimas no Bixiga. Não havia televisão e cinema era só "de vez em quando", já que o dinheiro "via" curto. Mas o bairro era animado. A começar pelo fato de que todos sabiam tocar, ao menos, um instru-

mento. Os cantores, por sua vez, iam de casa em casa mostrar sua arte. Aos sábados à noite, não faltava lugar para dançar. E jogar baralho era a diversão mais comum. Lentamente, tudo mudou. Por extravasar alegria, independente das dificuldades cotidianas, o Bixiga, nos anos quarenta, já atraía atores, músicos, boê-



Os meninos ajeitados para a missa na Aquirópita.



Uma festa.

mos, seresteiros e teatrólogos. Sérgio Cardoso, Raul Cortês, Cacilda Becker e Ruth Escobar montaram suas primeiras peças no bairro, iniciando a carreira profissional. Em 1948, com a inauguração do TBC (Teatro Brasileiro de Comédia), por Franco Zampari, a rua Major Diogo acolheu personalidades de todas as categorias. E começou o teatro profissional no Brasil. Outro orgulho do bairro. Na mesma época, Joe Cantor abriu o Nike Bar, local que durante anos foi ponto de encontro de nos-

tos maiores e melhores artistas. O aparecimento do Cine Rex, em 1940, é mais um marco importantíssimo do Bixiga e de suas transformações. Na esquina da rua Rui Barbosa com a Conselheiro Carrão, é hoje, o Teatro Zácara. Mas, antes, o local era frequentado por jovens que faziam *footing* na 13 de Maio, onde existia uma sorveteria chamada Rebeca. "As moças e os rapazes cruzavam-se em sentido oposto", lembra um morador da rua dos Ingleses, 72 anos, cabelos brancos e olhar atrevido. "Os velhos italianos, com suas cadeiras nas calçadas, colocavam o assunto em dia, ao mesmo tempo em que apreciavam os jovens".

Já os grandes nomes do setor teatral, encantados com a poesia natural do bairro e suas peculiaridades, o escolhiam tanto para residir como

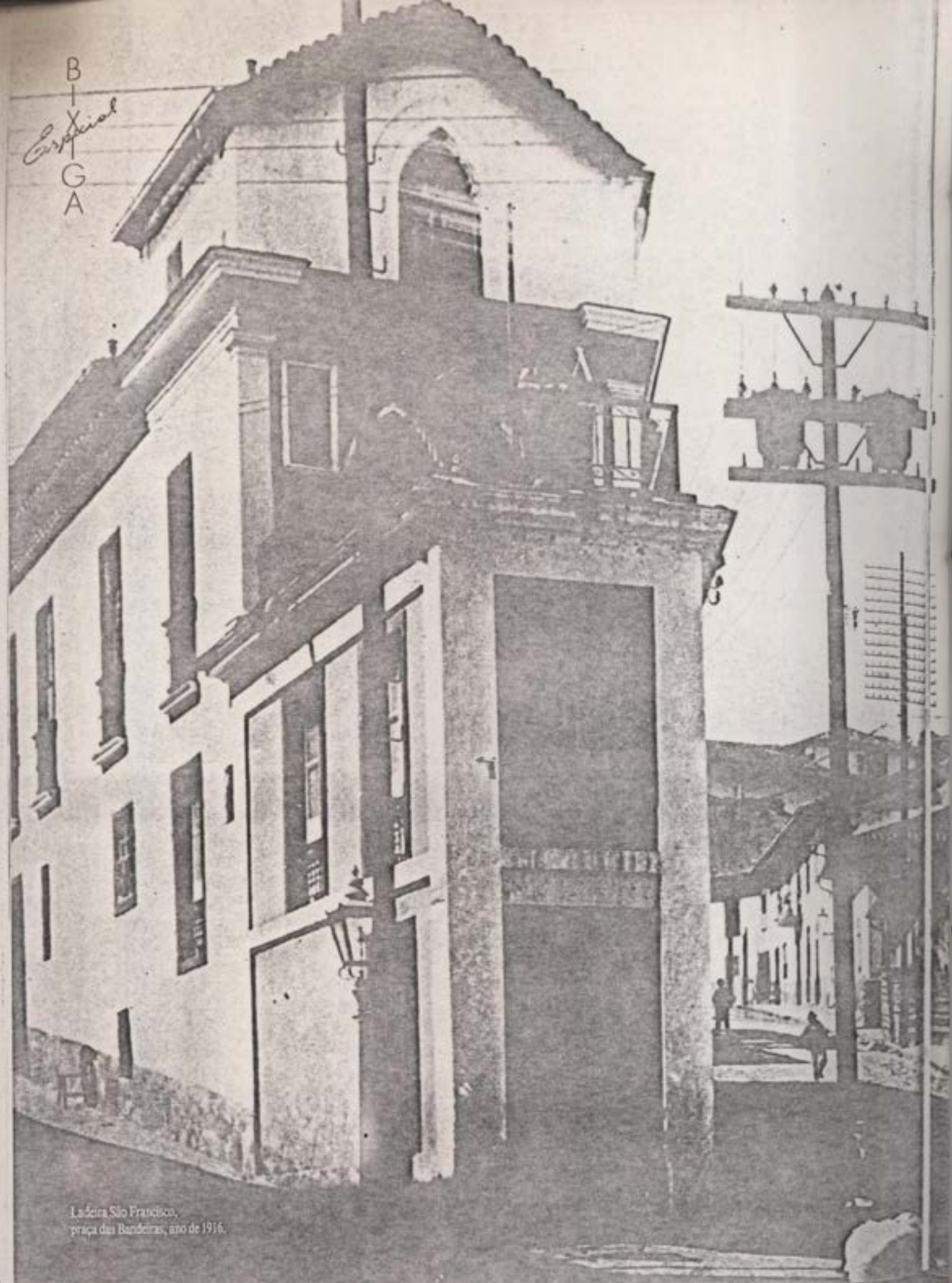
para trabalhar. Era algo mais ou menos assim: a solidariedade e a amizade do povo italiano, num ambiente arquitetônico de floreiras e portões rendilhados, atraía a classe artística na década de quarenta. O êxito do TBC, por exemplo, abrangeu todo o país: de lá saiu grande número de companhias, que se dividiam entre São Paulo e Rio de Janeiro, como a Companhia Nydia Lícia e Sérgio Cardoso; Tônia Carrero, Paulo Autran e Adolfo Celi; Madalena Nicol; Ruggero e Jacobbi; Cacilda Becker e Wal-

mor Chagas; Teatro dos Sete, com Giani Ratto e Fernanda Montenegro; gente que formou o teatro brasileiro. Em 1954, Maria Della Costa edificou sua casa de espetáculos na rua Paim. Um pouco mais tarde, Sérgio Cardoso descobriu, na rua Rui Barbosa, um cine teatro. Atualmente, a sala leva seu nome. Em 1961, o teatro Oficina, liderado por José Celso Martinez Correa e seu grupo, aborda questões sociais e se torna um marco da teatrologia nacional. Em 1964, foi a vez de inaugurar-se o Ruth Escobar, na rua dos Ingleses. E assim, muitos outros foram implantados. Mais de vinte, garantem empresários e artistas. Para acompanhar as mais de trinta cantinas ali existentes, assim como a explosão dos barzinhos, com música e muita intimidade ambiental.

No carnaval, a explosão da alegria é geral. Desde 1947, o bloco do Esfarrapado sai toda segunda-feira. Eram apenas dez pessoas. Hoje são dez mil. "Em 37 anos", observa Armando Puglisi, um dos fundadores, "nunca saiu briga. Não temos sede e nem dono. Temos somente a vontade de nos divertir". Por outro lado, há 52 anos nascia a "Vai-Vai", que ia às ruas sem esquemas e montagens. No cordão, não havia necessidade de samba-enredo. O pessoal cantava músicas de exaltação à escola, compostas por Tino, Lico, Herculano e outros, as marchas e sambas do carnaval da época. Atrás, era uma festa. O povo do Bixiga cantava e improvisava passos. Em 1966, a "Vai-Vai" sai com o primeiro enredo, e, depois de 1970, o individualismo passa a ser vencido: é a escola crescendo.

Verdade é que o Bixiga do passado permanece "vivo", quer na memória de antigos moradores, quer nas características de toda uma região, quer no desejo, da atual geração (descendente dos antigos italianos), de preservar todos os hábitos e os costumes da Itália. □

B
X
G
A
Especial



Ladeira São Francisco,
praça das Bandeiras, ano de 1916.

UM BIXIGA QUE JÁ NÃO EXISTE MAIS

Por Armando Puglisi

(Criador e diretor do Museu do Bixiga)

*"Antonieta... que bicho fa hoje?"
"Casso sacho se sopesse mi eta-
va pura a fissa".*

Assim nós perguntávamos e assim dona Antonieta Longa (comprida) normalmente respondia.

As noites na porta do Rex (Conselheiro Carrão com Rui Barbosa), ponto de encontro e *futting*, discutindo sobre o Palestra Itália ou lembrando as melhores jogadas do último jogo do Jaceguay F.C. (time de futebol do bairro, fundado em 1912), ou então ouvindo as mentiras de Vicenzo, o *diavolo*. As moças indo e vindo, com a saia na altura do joelho, todas quadris grandes e pequena cintura, busto também grande e pernas grossas.

Em noites de luar, as inesquecíveis serenatas. Seu Fulvio Visconti (pintor de paredes) e seu Angelo Taverna (barbeiro) no bandolim, seu Nicola (sapateiro) no violão e o seresteiro Roberto Fioravante.

Todos beijavam a mão do padre (que ao contrário de hoje, pouco andavam pelas ruas) e aí daquele que não tirasse o chapéu ao cruzar com uma mulher grávida.

O bonde número 5, que parava de esquina em esquina, e nunca tinha fila: primeiro as crianças, depois as mulheres, depois nós. Apesar de usarmos o bonde, todos os dias, no mesmo horário, nunca deixávamos de pagar a passagem da mulher com que estávamos. Quando uma senhora entrava no bonde, todos os homens levantavam-se e ela escolhia o lugar para sentar. "Que coisa não, a mulher lutou, lutou e conseguiu perder tudo isso".

Ninguém era mendigo, não existiam cheques e nunca ninguém cobrava juros pelo dinheiro emprestado. No carnaval era obrigatório que todos assinassem o livro de ouro do cordão Vai-Vai e por esse motivo todos os dias de carnaval desfilavam

pelo bairro. Lolo, de rei, Yara, de rainha, Genézio, de baliza, e mais uns trezentos "negos" do bairro. Branco apenas olhava.

Na Marques Leão, o campo de futebol do Herói Brasil, que ficava a uns cem metros do nível da rua, com a carretinha para trazer a bola que caía fora do campo.

Em cada casa, várias famílias. No quintal, o tanque, o banheiro, as galinhas e a cabra. Pês de frutas, a hortinha, o machucho (chuchu), o poço e o forno. Portas sem chaves, apenas o barbantinho, "puxador do trinco".

Nas cantinas apenas jogava-se baralho e bebia-se - comer era em casa. No cine Espéria assistíamos a quatro filmes e as velhas levavam lanches, e onde de vez em quando durante a projeção todos riem e gritavam: "Viva o Mustassol!". (Um senhor de oitenta anos, que tinha sido acendedor de lampiões). Em razão de um... que ele havia soltado. □



FOTOGRAFIA DE ARMANDO PUGLISI

O FENÔMENO BASSI

Marcos Bassi, 36 anos, há 24 trabalhando com carnes. Esse é o homem que comanda três casas especializadas em carnes no Bixiga; e que tornou a marca Bassi conhecida no Brasil inteiro pelos que lidam com os produtos nobres da carne.

Por Ronaldo Hein

Para Marcos Bassi, o ato de comer carne é um longo e delicioso ritual. Pelo menos uma vez por semana ele se livra de todos os compromissos e se entrega por inteiro à tarefa de deglutir, de uma só vez, um quilo de carne regado a três litros de vinho branco. A sessão gastronômica dura entre cinco e seis horas e nesse período ele prova cortes a que os humanos comuns dificilmente têm acesso: desde uma costela de peito de vitelo até um filê de búfalo. Por absoluta falta de tempo, o ritual em geral só se repete a cada sete dias. Nos outros dias, Bassi prefere não comer carne, apesar de viver dela, com ela e para ela em cada momento de sua vida. "Essa é a melhor maneira que conheço de fazer um bom churrasco", explica. E respeite-se a opinião, porque pouca gente conhece - e gosta - tanto de carne como Marcos Bassi.

A marca Bassi é, hoje, conhecida no Brasil inteiro, pelos que lidam com os chamados produtos nobres da carne. Os principais hotéis do Brasil só oferecem a seus clientes carnes vindas das câmaras frigoríficas de Marcos. Os paulistanos enfrentam filas todos os dias da semana pelo prazer de comer uma especialidade da Churrascaria Bassi. E no Clube do Churrasco - que Bassi prefere chamar de sala especial - alguns poucos iniciados provam as novidades criadas por esse perito em carnes.

Mas apesar de ter desenvolvido quase um império no seu ramo, Bassi gosta mesmo é de ser chamado de açougueiro. "Eu lido com carne desde os doze anos", diz ele, hoje aos 36, "e nesse tempo todo tenho sido, realmente, um açougueiro. Hoje sou um empresário, é verdade: um empresário-açougueiro."

Lixem-se os que preferem esconder suas profissões sob títulos pomposos: Bassi se orgulha do que é. Sua precoce carreira começou nas feiras. Ele tinha apenas doze anos e todos os dias amanhecia no Tendal da Lapa, para comprar miúdos que revendia aos feirantes. O negócio prosperou

e Bassi abriu sua primeira casa de carnes, na rua Humaitá, no coração do Bixiga, onde está até hoje. Com algum tempo de profissão, ele segmentou seu mercado. A loja da rua Humaitá passou a vender apenas produtos nobres, enquanto, num supermercado recém-aberto, Bassi funcionava como um grande atacadista do que chama de "carne para bife" - patinho, coxão mole, coxão duro e outros cortes menos requintados.

O nome Bassi, entretanto, não teria se transformado numa "griffe" da carne se, um dia, um determinado cliente que lhe comprava 50% do produto nobre estocado não tivesse interrompido o seu pedido. Foi assim que o destino de Bassi mudou. De um dia para o outro, Marcos decidiu não fornecer mais para nenhuma churrascaria. Fechou o supermercado e obstinou-se em desenvolver o mercado de produtos nobres. Isso foi há onze anos. Desde então, os seus clientes mais importantes são os hotéis. Entre eles, o Maksoud, que, por seu rígido critério de qualidade, ajudou a culinária Bassi (então já se chamava assim) a desenvolver o padrão da carne nobre. Ainda não havia a Churrascaria Bassi. Aliás, Marcos nunca teve a intenção de se tornar um *restaurateur*. O que existia era uma sala especial, onde os clientes provavam a carne que seus hotéis iriam consumir. O trabalho de Bassi consistia em usar o seu talento de artesão para criar novos cortes apropriados à cozinha dos melhores hotéis. A sala funcionou um ano e meio nesses moldes e, então, pressionado pela fama que seu churrasco criou, Bassi abriu-a para o público.

Ao sucesso da churrascaria seguiu-se a necessidade de abrir uma nova sala especial. Surgiu, então, na mesma rua 13 de Maio, onde funciona a churrascaria, o Clube do Churrasco. Um mini-restaurant - dezesseis lugares - dedicado à degustação de carne. Um raro requinte numa terra onde, por abundante, a carne está em todas as esquinas. O Clube do Churrasco é uma espécie de confraria de gour-



Marcos Bassi, em seu Clube do Churrasco. Um culto à carne.

mets, por onde tem passado os mais exigentes e badalados paladares do país. Ali, Bassi faz suas experiências. São cortes novos, secretos, a que poucos têm acesso. Consta que, na sala especial, pode-se comer trinta tipos de carne que não se encontram em nenhuma churrascaria. Desses, apenas quatro foram incorporados ao cardápio da Churrascaria Bassi: a fraldinha, a costela de peito de vitelo, a costela de contrafilé e a costela de boi. São, por coincidência, os pratos mais requisitados da casa.

"Esse é o meu templo", informa Marcos Bassi. "Aqui eu cultuo a carne".

Essa paixão pela qualidade dos produtos nobres fez com que Bassi interferisse até na criação. Em Patrocínio Paulista, no Estado de São Paulo, vivem os vitelos de confinamento dos quais Bassi obtém carne tenra e de sabor especial. Lá também estão os leitões, búfalos e cordeiros, dos

quais derivam parte da carne estocada em sua Central de Carnes. Que, por sinal, é um grande açougue com 1600 metros quadrados de área e câmaras frigoríficas que estocam até 120 toneladas de carne. E também fica na rua 13 de Maio, que é cada vez mais a rua de Bassi.

"Aqui estão os meus dois prazeres", diz Bassi. "A Central, onde eu preparo a carne e a sala especial onde eu degusto. Isso é tudo o que eu gosto."

Já o que Bassi não gosta é ensinar as pessoas a fazerem churrasco. Em sua longa carreira, ele aprendeu que o importante é uma boa carne. Churrasco, costuma dizer, é um estado de espírito. Ou por outra: uma festividade a que cada um se dedica como quer. Ele prefere o ritual semanal das seis horas em torno da mesa, provando os cortes que inventou. Mas ninguém precisa tomá-lo como parâmetro. Porque ele é Bassi e sua relação com a carne é muito especial. □

A COZINHA DO BIXIGA

Por Giovanni e Borzoni Soares
Foto: Paulo Schmidt

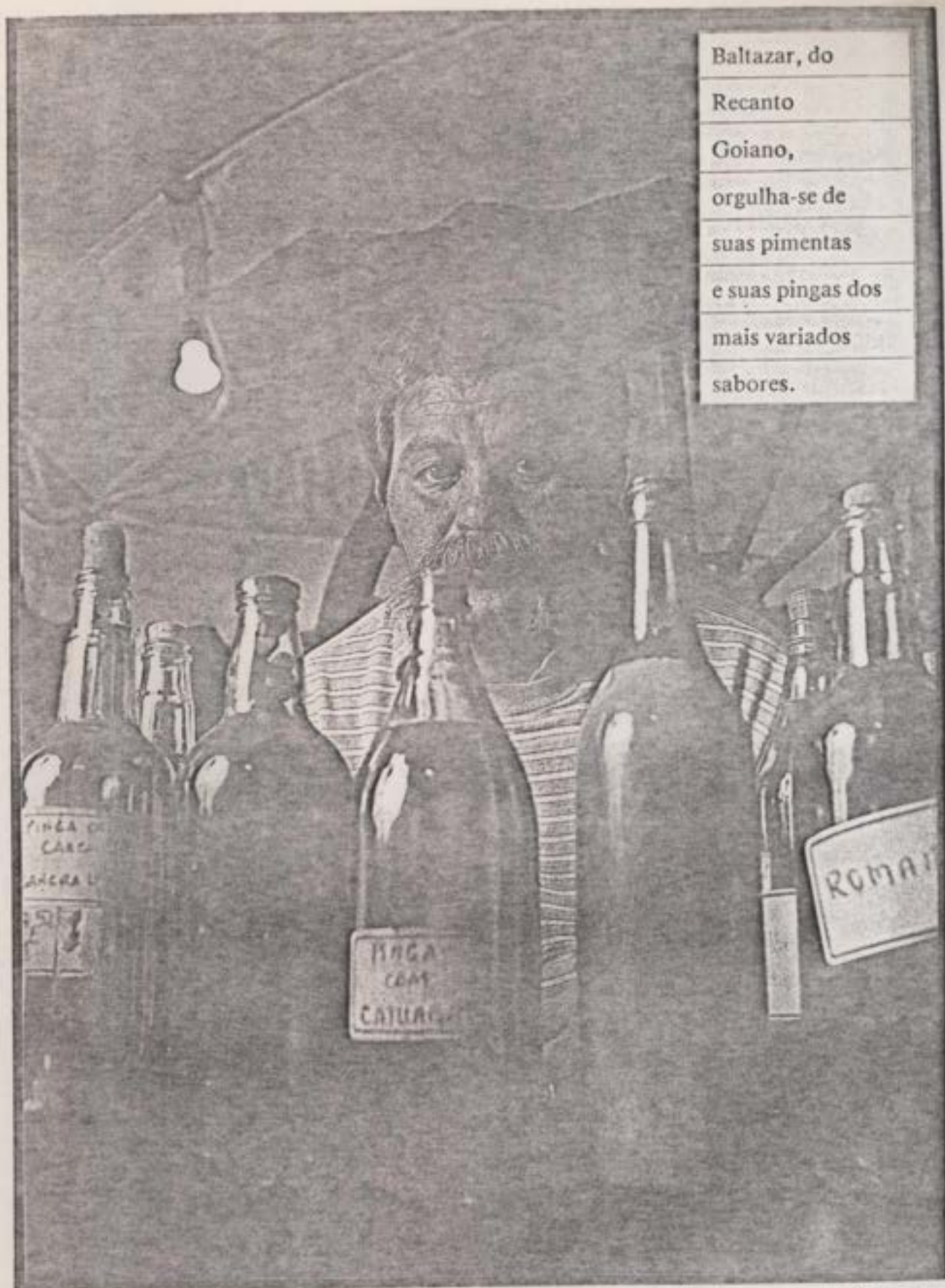
Franco, do
Il Cacciatore,
com sua
vitela assada,
que é um dos
pratos fortes
entre
suas criações.

A cozinha do Bixiga é a comida do Bixiga. Isto quer dizer que ela é das mais simples e das mais caseiras possíveis. A influência é da cozinha italiana, aquela que gostamos de chamar de a cozinha da *mamma*. É, sem dúvida,

isso que dá charme a esse bairro, que acaba quase sendo como uma praga: quanto mais se vai mais se quer voltar. A atmosfera é de uma grande família, e presenciei isso quando fazia as fotos dessa reportagem. Estava posta

Receitas na pág. 58

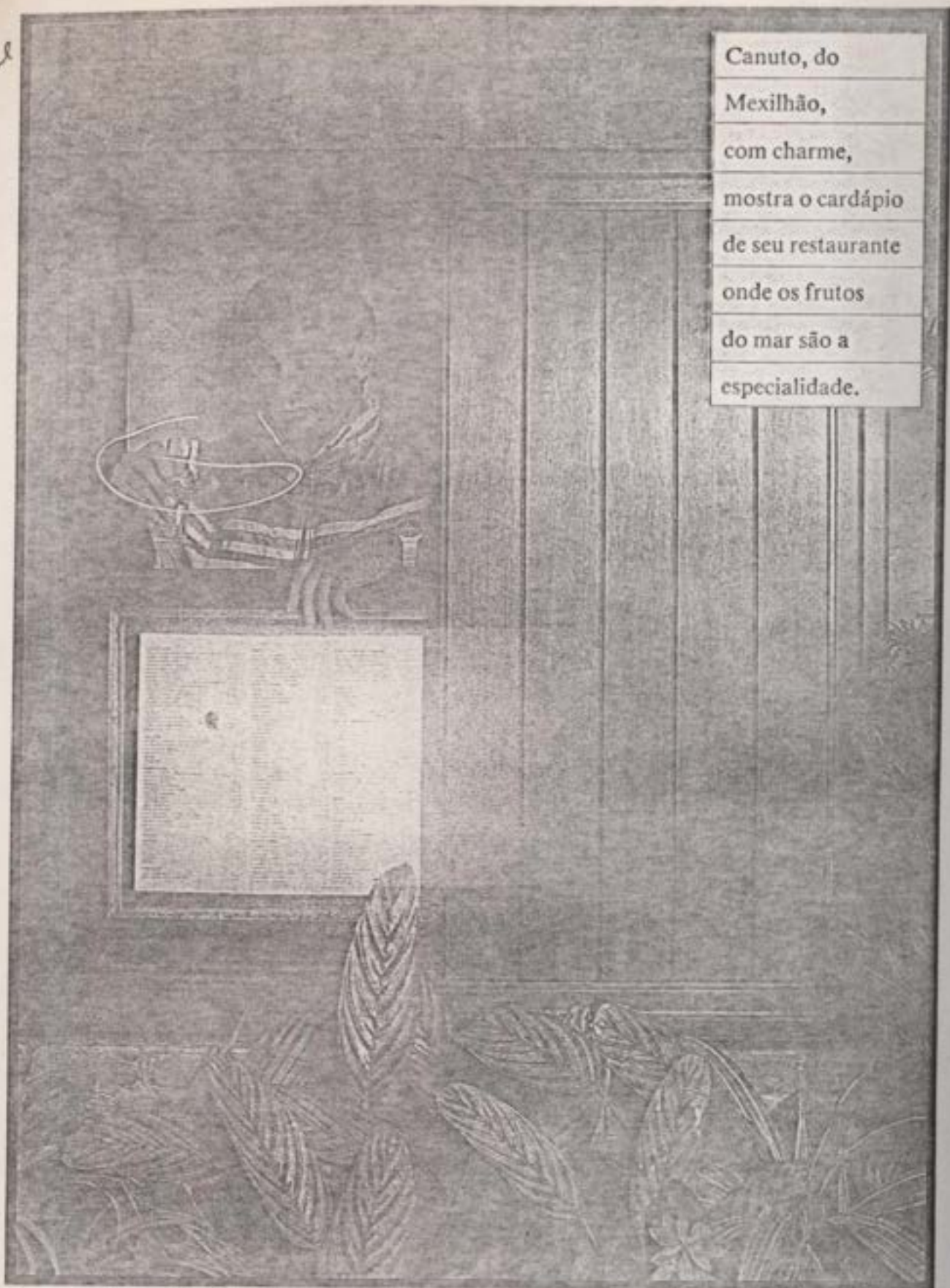
Baltazar, do
Recanto
Goiano,
orgulha-se de
suas pimentas
e suas pingas dos
mais variados
sabores.



uma grande mesa, bem no centro do restaurante, com uns vinte *couverts*. Perguntei se estavam preparando um banquete e responderam-me que era a mesa onde os empregados iam almoçar, como numa grande família.

FOTOS PAULO FRIDMAN

Massas, das mais simples como *spaghettini* ao molho de tomate até as mais complicadas como os *capolletti* feitos à mão com molho de creme e legumes. Carnes desde o cordeiro, passando pelo coelho para acabar no fran-



Canuto, do
Mexilhão,
com charme,
mostra o cardápio
de seu restaurante
onde os frutos
do mar são a
especialidade.

A COZINHA DO BIXIGA

go. Peixes grelhados, ou lagostas à Thermidor, passando por moquecas e peixadas variadas. Legumes e saladas em abundância, como também churrascos e carnes assadas, acompanhados por polentas, risotos ou massas.

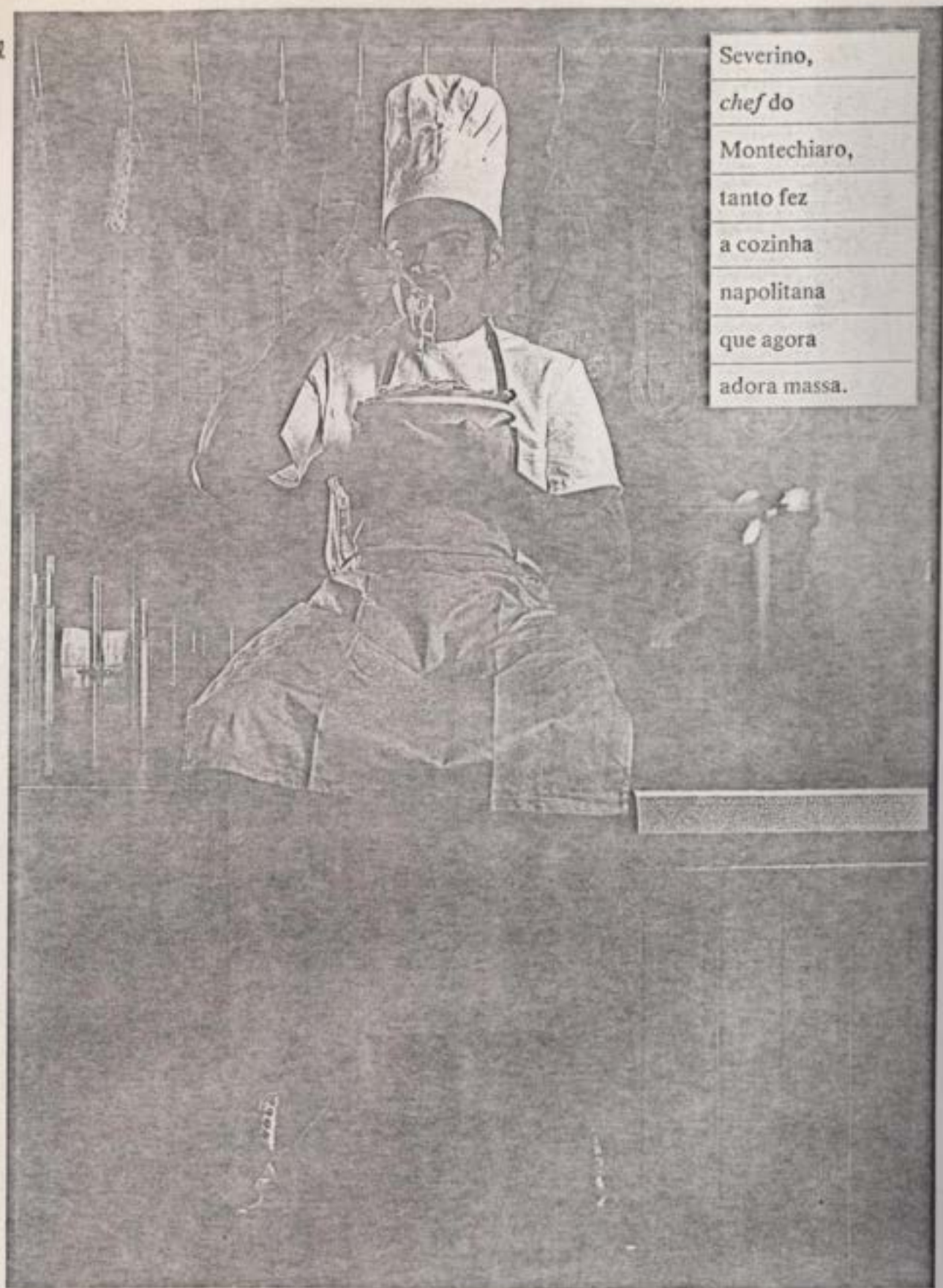


Ronaldo,
do Roberto, cuida
atenciosamente
da qualidade
de suas compras,
assistido por
parte de sua
equipe.

Naturalmente, não faltam as pizzas e os *calzones* feitos, verdadeiramente, de mil e uma maneiras. Regados por vinhos honestos ou estrangeiros, para os mais sofisticados, e posso garantir que as adegas estão cheias de delícias.

A COZINHA DO BIXGA

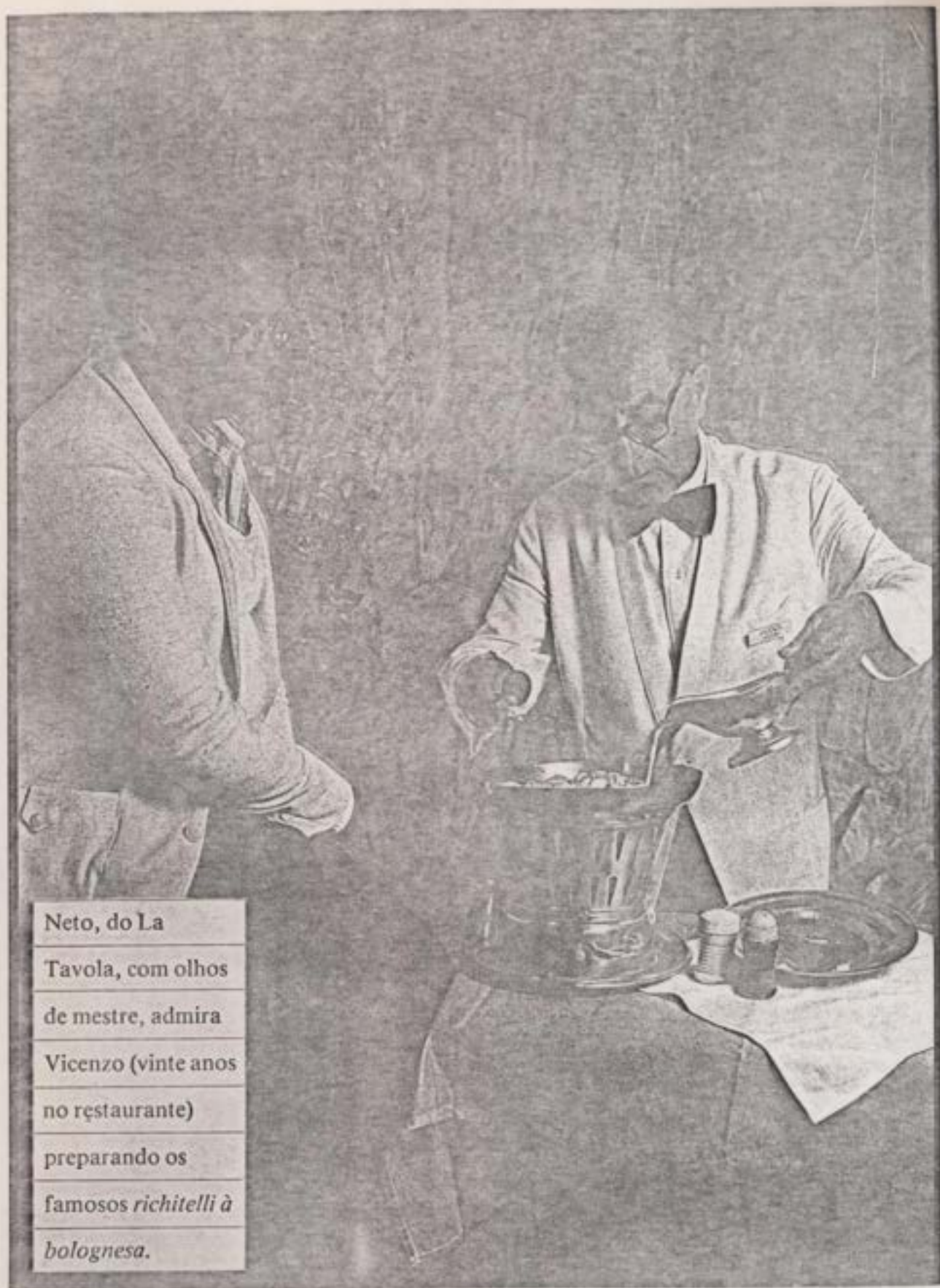
B
|
Especial
|
G
|
A



Severino,
chef do
Montechiaro,
tanto fez
a cozinha
napolitana
que agora
adora massa.

A COZINHA DO BIXIGA

Misturem a tudo isso alguns elementos folclóricos dosse nosso Brasil, como cozinhas de Goiás e Pernambuco, sem esquecer o Ceará e Alagoas. Mas sempre com gran-



Neto, do La

Tavola, com olhos
de mestre, admira

Vicenzo (vinte anos
no restaurante)

preparando os
famosos *richitelli à
bolognesa*.

de espírito de alegria de bem viver, um bem viver simples, sem requintes desnecessários ou falsas ilusões.

Para ilustrar todos esses lugares, escolhemos seis das

casas mais conhecidas, sem achar com isso que as outras são menos importantes, tanto assim que também publicamos um roteiro quase que completo do Bixiga. □

BIXIGA HOJE

Por Ana Maria de Abreu

FOTO: AGENCIA FOLHA



No Bixiga de hoje há lugar para tudo. Ao lado das cantinas e do melhor pão italiano de São Paulo convivem as típicas casas japonesas de Karaokês, livrarias para todos os gostos, antiquários, carteados, verdadeiros artesãos da alfaiataria... O bexiga de hoje é um estado de espírito.

O Bixiga continua sendo um grande *imbroglio*, onde os contrastes sentam-se à mesa, todas as noites, para saborear um succulento minestrone da paz. Em suas ruas tortuosas, de um sobe e desce que deixam à mostra as pernas de moças bonitas, há realmente de tudo: pão de lingüiça calabresa, tatuagem, livros de Bakurin, pianos de cauda, hotéis de alta rotatividade, igreja Nossa Senhora Aquirópita, tendências sadomasoquistas, "cantantes" japoneses amadores, oficiais de alfaiate que ainda pregam as mangas de um paletó à mão...

Entre uma e cinco da tarde, a cidade desregada que já derrubou ou atropelou muitas marcas dos calabreses e napolitanos que se instalaram no Bixiga na segunda metade do século passado, parece que não se atreve a entrar no miolinho do bairro: rua dos Ingleses (o antigo *belvedere* de São Paulo), Franceses, 13 de Maio, São Vicente... Há uma



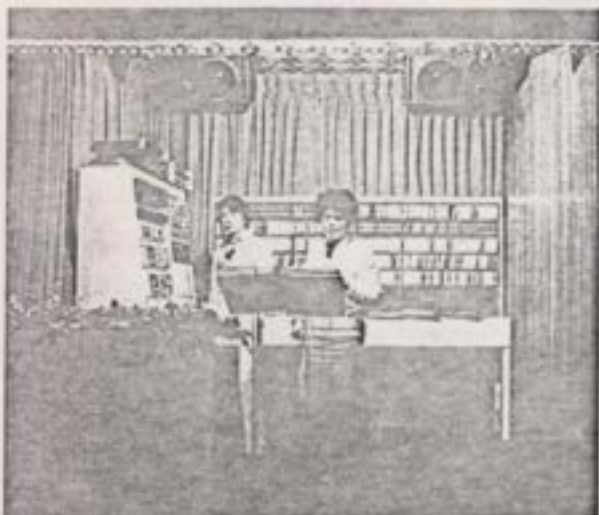
calma interiorana, aquecida pelo inesperado sol desse inverno paulistano, só quebrada pela voz irremediavelmente italianada do Armandinho, ele mesmo, o Armandinho do Bixiga, o "dono do museu do bairro, que cumprimenta todo mundo, pergunta da vida de todos e tem sempre uma novidade para acrescentar às tantas que o Bixiga coleciona nestes últimos anos.

"Nós, os moradores antigos do Bixiga, perdemos o bairro depois das oito da noite". Mas Armandinho não empresta um tom perdedor a esse desabafo, ele sabe que a tendência boêmia que sempre existiu naquelas ruas de sobrados muito compridos, que souberam como ninguém aninhar o italiano e o negro que por lá se instalaram, só poderia sintetizar-se no chamado "Baixo Bixiga" (o cruzamento das ruas Santo Antônio e 13 de Maio), na São Paulo da metade da década de 80.

FOTOS CALAZANS

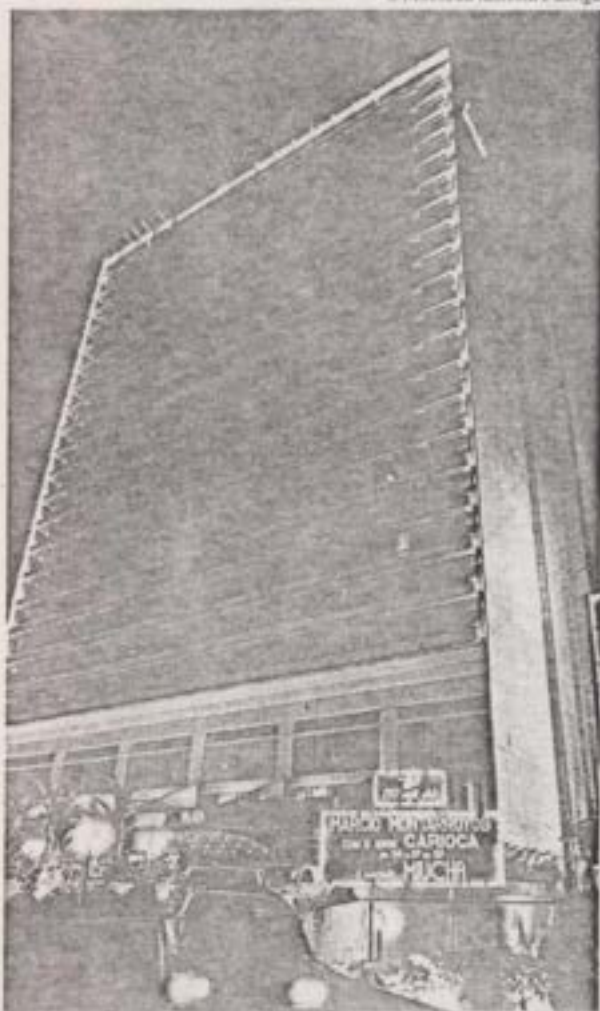


O moderno Sérgio Cardoso.



Karaokê, para cantar, à japonesa, ou não.

O Maksoud também é Bixiga!





Na Basilicata, pão italiano a toda hora.



As casas que subiram pelas escostas...

B
I
X
I
G
A
Especial

Depois das oito, quando as padarias (Basilicata, São Domingos, 14 de Julho, Mérito) fecham e recolhem sua exposição de queijos e linguiças; os meninos de "bundaragada" tomam seu banho e sopa e dona Carmela desiste de ficar sentada à porta de sua velha casa de muitos comodidades (afinal há a novela da televisão e a violência das ruas), uma legião de turistas, cambistas, artistas, estudantes, trombadinhas, punks, pós-punks, new waves, engratados e cansados funcionários das mais diversas especialidades, reúnem-se para uma pizza no tradicional Speranza, um cabrito no La Tavola, um café com creme no Café Paris ou emoções mais fortes no Madame Satã.

"Vez ou outra", conta Armandinho, "vem uma moradora, daquelas mais antigas, berrar comigo, desesperada, dizendo que estão fazendo porcaria debaixo da janela dela". Quase sempre o pessoal fica bravo porque tem que pedir licença para entrar em casa, "fica todo mundo encostado no portão e o coitado tem que pedir para entrar na própria casa", continua o presidente do Museu do Bixiga. "Mas o que se pode fazer? O Bixiga, diante das barbaridades que fazem por toda a cidade, não é o bairro mais violento que existe em São Paulo. Às vezes tem uns tirinhos, um trombadinha rouba uma corrente, mas isso é normal onde tem muita gente. Um dia eu encontrei o padre lá no 'Baixo', arrastando seus oitenta anos. Quando eu perguntei o que ele estava fazendo ali, abriu os braços e desabafou: "Vim conhecer o diabo".

Dos 51 teatros relacionados no *Guia 4 Rodas*, doze estão no Bixiga e lá nasceu dois grandes e importantes movimentos do nosso teatro - Teatro Brasileiro de Comédia



Chorinho.

e Oficina. Foi lá também que se instalaram os primeiros cafés da década de setenta que misturaram *irish coffee* com *posters* semiclandestinos de Che Guevara; vendedores de livros ambulantes que traziam títulos até então proibidos com sanduíches diferentes, tudo isso envolto na euforia de poder assistir *Rasga Coração*, de Oduvaldo Vianna Filho, e desbundar com os *Dzi Croquettes* no extinto Teatro 13 de Maio.

Alguns desses cafés ainda resistem, simplesmente mantendo a opção de um lugar acochegante, não muito tranquilo, onde depois de alguns conhaques ou vinho derrubasse qualquer governo. Outros quiseram inventar mais e mais, entrando na psicologia *prêt-à-porter*, dividindo-se entre céu, paraíso, inferno à luz de velas. Há gosto para tudo. Café Brasil, Café Paris, Persona, Café Moderno (com piano ao vivo), Café Piu-Piu, Café Soçate... As opções são muitas e quase todos mantêm música ao vivo para um

choro, um jazz-soul, um samba-canção ou um sambão.

Talvez o Bixiga seja o único bairro de São Paulo onde se encontre uma livraria, que não ofereça apenas *best sellers*, aberta às duas da manhã, Livraria Bixiga (rua Santo Antonio, 958). Maiakovski, Dostoiévsk, Bakunin, Gramsci, Márcio de Souza, Baudelaire, Oscar Wilde, Brecht, todos esses, clássicos, malditos ou "marginais", convivendo com uma poesia alternativa, livros sobre comida natural, modo natural de viver, do-in, tai-chi-chu-an.

"Quem frequenta a nossa livraria", fala Ceci Gikovate, sócia de seu marido, o psiquiatra Flávio Gikovate, "é estudante, boêmio, turista. Nós estamos abertos à noite e

nos fins de semana e procuramos estimular os novos escritores que são muito bem aceitos pelos nossos compradores". Ao contrário do que possam pensar, apesar da crise, os frequentadores da Livraria Bixiga também compram livros. Aberta há dois anos e meio, Ceci jura que esse novo empreendimento da família Gikovate não chega a dar prejuízos. Seus *best sellers*: *Morangos Mofados*, de Caio Fernando Abreu, e todos os livros escritos pelo amazonense Márcio de Souza, autor entre outros de *Boto Tucuxi*.

Próxima à Livraria Bixiga, há outra, a Pagu, da atriz Cláudia de Castro. Aberta das 6 da tarde às 10, 11 da noite, a Pagu só vende livros sobre mulheres ou escritos por elas. Funciona entre as três salas de espetáculo e um bar que forma o Teatro Ruth Escobar, na rua dos Ingleses, 209.

Mas o Bixiga também não é só cafés, pizzas, macarrão e livrarias, tem também um dos melhores cineclubes da cidade, o cineclubes Bixiga (Rua 13 de Maio, 124) com capacidade para 96 pessoas e uma programação bem cuidada, além de antiquários. Na 13 de Maio, 642, encontramos um dos três do bairro. É preciso paciência para achar objetos



A homenagem a Adoniran, no neon do bar...



TBC, berço do teatro brasileiro.



Bixiga convidada à noite.

autênticos e de bom gosto na imensa variedade de imitações de abajures Tiffany, vasos Gallé, sopeiras e pratos ingleses do século passado. Tudo indica que seus donos só gostam mesmo de turistas e parece que odeiam jornalistas. Seu Nino, dono do lugar, é também dono da maioria dos antiquários de São Paulo, "mas ele não gosta que falem isso", alerta a funcionária de plantão nesta noite. Se você não for jornalista e apenas um possível comprador, vale a pena fuçar, existem objetos lindos e raros por lá. Na mesma 13 de Maio, seu Nino comanda outra loja, que só vende lustres e pianos antigos.

Na rua Santo Antonio, 1137, o Bixiga oferece outro antiquário, o Paixão Antiquário. Lá seu Paixão e seu filho Cícero abrem as portas para quem quiser conhecer seus móveis e não se importam em responder perguntas. Os móveis são o forte de seu Paixão. É o caso de um aquecedor lindíssimo do século 19, de penteadeiras com tampos de

mármore, de um banco escolar com mesa, lugar para tinteiro e até chapinha numerada. Cicero é o responsável pela recuperação dos móveis.

O Bixiga tem outro lado, um que pouca gente vê e conhece. Lá estão instalados com o devido respeito, alvará de funcionamento à porta e baralhos novinhos, em folha, quatro clubes de carteados: o Lusitânia (rua Conselheiro Carrão, 532); Autêntico do Bixiga (rua Rui Barbosa, altura do nº 400); o Corintinha (rua Santo Antonio, entre 13 de Maio e Luiz Barreto) e o Regente Feijó (Brigadeiro esquina com a Pedrosa de Moraes). Se não for jogo de azar "onde não entra a inteligência do cara", fala de cátedra Armandinho, o jogo come solto nestes clubes de carteados que é freqüentado, basicamente, pela velha guarda do Bixiga. Agora, quem quiser perder mais dinheiro e estiver disposto a fugir da polícia ou passar uma noite no xadrez da Primei-



Na feira de domingo, troca-se de tudo.



O samba da Vai-Vai, o orgulho do bairro.

ra Seccional, pode dar uma esticada em algum clube clandestino e ver se "nasceu pra lua" arriscando na "Ronda".

Outra atração do bairro que certamente os tradicionais moradores não gostariam de conhecer é o Madame Satã. "Não é danceteria, não é bar, não é teatro, é tudo isso ao mesmo tempo. Ou melhor, é uma estação onde as pessoas se cruzam, passam e vão embora", explica um de seus sócios, Wilson, ex-seminarista e um dos criadores do Madame Satã, ao lado de seu irmão Willians, também ex-seminarista e hoje psicólogo; Miriam, pedagoga, e Márcia, jornalista. Em preto e vermelho, as cores preferidas da pomba-gira e certamente de Madame Satã, com um bidê

na pista de dança, o Madame Satã é um espaço onde se apresentam grupos teatrais, de dança e grupos musicais como Azul 29, Be Sex, Soft. "Aqui é freqüentado principalmente por intelectuais", informa Wilson, "citando Antonio Bivar como exemplo, e também o pessoal que não é mais punk, o pós-punks. Quem vestir o modelinho fetiche pode ir correndo: há velas de formatos eróticos, cintas e cinturões pretos, calcinhas de renda vermelha e o preço das bebidas satânicas variam entre Cr\$ 1.000,00 e Cr\$ 3.000,00. Fica na rua Conselheiro Ramalho esquina com Fortaleza, rivalizando com o Carbono 14 que atualmente aderiu aos videos e fica na 13 de Maio.

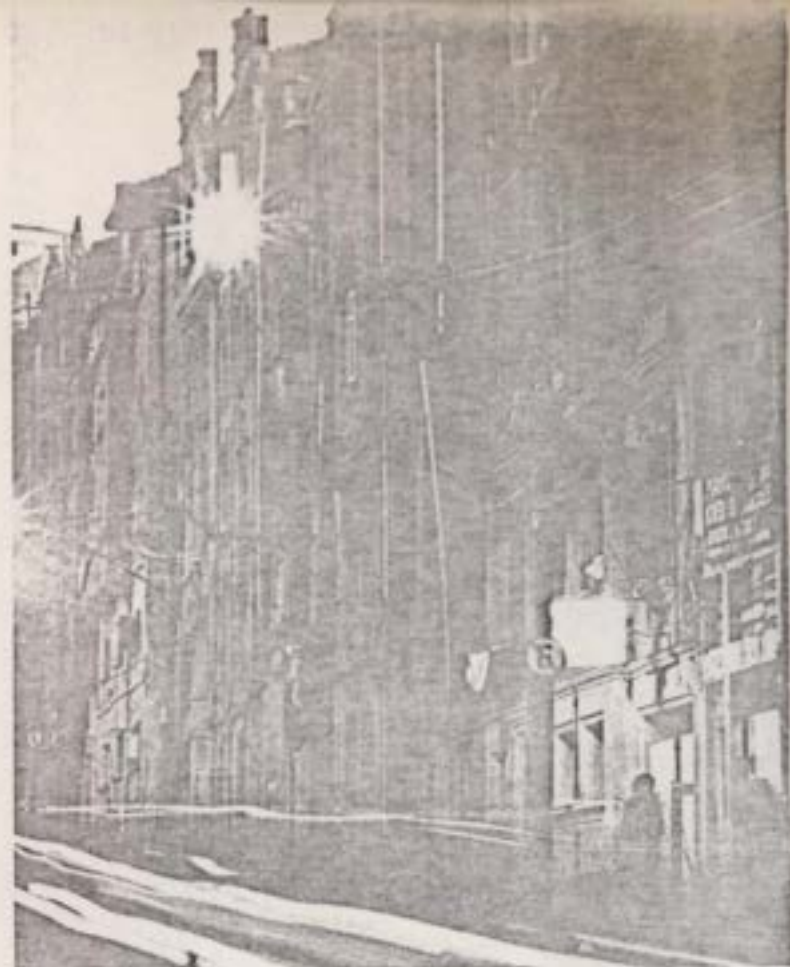


O Museu do Bixiga guardando as lembranças do passado.

Em contraste com a piração de certos lugares, o Bixiga está sendo invadido por casas japonesas, os karaokês que, aparentemente, são bem comportados. Entre Brigadeiro Luiz Antonio, Santo Antonio e Rui Barbosa, existem sete casas no gênero. Sob luz difusa, plantas de plástico, flores artificiais, mesas de fórmica e muito uísque nacional, um palco é a atração principal do local e poderá ser ocupado por quem quiser cantar para o público presente. No Shimada (Brigadeiro Luiz Antonio, 1.647), por exemplo, uma sofisticada aparelhagem de som fará o *play-back* acompanhar o eventual "cantante" que será respeitosa e aplaudido em intervalos regulares pelos frequentadores da casa. Mas existem casas que contratam músicos para acompanhar seus cantores, além de todas fornecerem partituras e letras das canções japonesas.

Hideo está no Brasil há cinco anos, é engenheiro eletrônico e gosta muito de cantar. Seguindo um hábito bastante popular no Japão, não se constrangiu em apresentar uma romântica canção de seu país para uma reduzida plateia. "Os karaokês do Japão são mais bonitos, mais graciosos, mas este também é bom", fala Hideo em seu sofrível português após fazer o que mais gosta: cantar.

No Bixiga de hoje ainda se encontra um bom alfaiate, aquele que corta com um estilo inconfundível e prega as mangas à mão, com a ajuda de oficiais que há quarenta, cinquenta anos estão nesta profissão. Seu José Gargiulo, setenta anos, há setenta no Bixiga, é um deles. Com o apoio de oito tarefeiros e cinco oficiais, ele confecciona cerca de quarenta ternos por mês para uma clientela fiel e especial (cada terno custa Cr\$ 500.000,00). "Enquanto os meus ajudantes viverem, eu posso continuar na profissão, o dia que eles morrerem - todos têm atualmente mais de sessenta anos - eu paro de trabalhar porque não há novos oficiais, o pessoal de hoje em dia não quer aprender um ofício", la-



As casas de muitas famílias...

menta seu José mostrando com orgulho seu atelier da rua dos Ingleses, 124.

Quase em frente ao atelier de seu José, no número 165, fica o Museu do Bixiga, criado por Armandinho Puglisi com ajuda da comunidade do bairro. Nessa velha casa, construída na década de vinte, morou um dos alfaiates mais respeitados do bairro, João Puglisi, pai do Armandinho. Armandinho não acredita em museólogos, então com garra e vontade foi juntando as "tralhas" - como ele diz - do bairro e formando o museu. "Eu acho que este é o primeiro museu do mundo que retrata o homem comum - o batateiro, o vendedor de queijo, o alfaiate, aqui não tem coisas ou fotos de reis ou rainhas, generais etc... mas sim da dona Carmela, do seu Giovanni, do Luizinho barbeiro. Até cueca samba-canção eu coloquei no museu. Não era hábito de uma época? Lá estão reunidos máquina de fazer macarrão, os instrumentos da parteira que ajudou a nascer quase todos os velhos moradores do bairro, máquinas de costura, gramofone, fotos lindas de quando a especulação imobiliária não havia destruído velhas casas e palacetes da década de vinte, como o da família Parente. O Museu do Bixiga funciona de quarta a domingo, das 14 às 18 horas."

Armandinho, o que é o Bixiga agora? "O Bixiga, realmente, é um estado de espírito, o lugar dos garotos de bunda rasgada." □

OS MORADORES DO BIXIGA

Por Manuela Carta

Não é só de música e comida farta que vive o bairro do Bixiga. Lá também tem alguns dos mais queridos personagens desta cidade. O Feitiço, que foi um grande jogador de futebol e um dos maiores goleadores de todos os tempos; tem o Pedro Galaço, lutador de boxe; tem o alfaiate José Scaramuzza; tem o barbeiro Walter Taverna; tem o Tatu queijeiro e o Tatu fruteiro. E tem também o Bano se-resteiro; a dona Matilde, esposa do inesquecível Adoniran Barbosa, um dos mais assíduos frequentadores do Bixiga; o Sérgio Mamberti e o maior entusiasta do bairro, que não poderia ser outro senão o Armandinho.

Armandinho, do Museu

O Armandinho, neto de Francisco Puglisi que vendia queijo pelas ruas do bairro e filho do João alfaiate. Foi ainda no final do século passado que o velho Puglisi, um rijo camponês de Rossano, na Calábria, chegou ao Brasil e logo tratou de adquirir o seu pedaço de terra na rua Saracura Pequena, que mais tarde passou a ser chamada de Marques Leão. "Além disso ele comprou também um jazigo no

Araçá", diz Armandinho. Em seguida nasceu o Francisco, que logo cresceu e virou um bonito rapagão. E como dava trabalho... "desgraçado de homem bonito, que mesmo depois de velho ainda vivia traçando as mulheres". Lenda ou não, dizem que para que ele se livrasse de uma paixão mal resolvida, uma macumbeira o aconselhou a cruzar o mar, para que o feitiço se desfizesse. "Só que como não deu, os meus avós o mandaram para a Argentina".

Na mesma casa em que nasceu na rua dos Ingleses, Armandinho montou o que é hoje o Museu do Bixiga, que reúne um vasto material entre fotografias, cartas e documentos, instrumentos musicais e utensílios domésticos cedidos por pessoas do bairro. "Eu quero colocar aqui dentro os verdadeiros pioneiros, os legítimos heróis. Os construtores reais de um país não são os nomes guardados pela história, mas os que foram varridos dela".

A vida de Armandinho é o Bixiga com suas tradições e seu passado: "Eu quero sempre estar no Bixiga porque aqui eu não tenho medo de nada. Sabe, quando eu estou fora daqui e o crepúsculo começa a anunciar o fim do dia eu quase morro. Para mim o Bixiga é a capital de um país que é São Paulo e não existe mais nada além disso".

Matilde, quarenta anos de bairro

Tanto quanto Armandinho, também o querido Adoniran Barbosa homenageou o Bixiga com glórias e pompas e a música *Um Samba no Bixiga* e que diz mais ou menos o seguinte: "Domingo nos funo num samba no Bixiga... na rua Major, na casa do Nicola... a mezza notte o'clock saiu uma baita duma briga... era só pizza que avoava junto com bracciola". Fiel companheira de Adoniran, dona Matilde é hoje personagem do bairro. Filha de romanos, também na sua casa paterna não faltou muito *spaghettti*, o *prosciutto*, o *vino* e a boa leitura de Victor Hugo e Dante Alighieri. "E olha a gente era pobre", lembra ela. Sem esquecer da pizza da escarola, uma especialidade de



Armandinho Puglisi, o relações público apaixonado do bairro.



Matilde Barbosa, amor eterno a Adoniran.

seu pai, "que todos os domingos ia para a cozinha".

Com vinte anos ela conheceu o Adorinan e juntos frequentaram até o falecimento dele, em 1982, o Bixiga, onde também moraram algum tempo. "A gente começou frequentando o Nick Bar, que ficava anexo ao TBC, onde eram os escritórios da Vera Cruz e onde justamente começou todo o movimento do Bixiga". No mesmo bairro, dona Matilde tem lutado para construir aquilo que ela já chama de Museu do Adorinan, onde ela reunirá desde um papel de embrulho de chocolate, até as partituras que pertenceram ao artista, "que afinal adorava o bairro". Bixiga que celebrou Adorinan, dando-lhe uma rua e um busto, "coisas que ele merece, pois afinal foram quarenta anos que nós frequentamos esse lugar".

Mamberti: sem trancas na porta

Célebre como o próprio bairro é o ator Sérgio Mamberti, morador da rua dos Ingleses há quatorze anos. Natural de Santos e descendente de sardos, Mamberti veio para São Paulo ainda garoto, para estudar arquitetura, que largou em detrimento do teatro. Depois de morar um período numa velha pensão em Vila Buarque ("e que por acaso era de propriedade de Paulo Cotrin, que mais tarde também veio para o Bixiga"), ele se casou e foi morar no Rio, onde viu nascer seus dois primeiros filhos. "Como a vida inteira eu morei em casa, quando eu voltei para São Paulo a primeira coisa que eu fiz foi procurar uma casa na Bela Vista, onde eu pudesse ter ao menos um quintal". De fato, até hoje, é o próprio Sérgio quem cuida do jardim e de uma velha parreira que ele poda em julho para colher os frutos em janeiro. "Eu queria justamente isso, um lugar onde eu não precisasse dividir a minha privacidade e que ao mesmo tempo estivesse no coração de São Paulo". Para ele, o Bixiga se resume "numa malandragem simpática, onde ao mesmo tempo não falta o sentido comunitário". "Aqui todo mundo se conhece, exatamente como na Vila

Buarque da década de cinquenta". Com algum dinheiro e muita boa vontade para arrebanhar todos os objetos e materiais de casas de demolição que encontrava pela frente, Sérgio montou a sua casa. "E sem tirar o espírito italiano que os antigos moradores deixaram nela". Nessa mesma casa, onde ele viu nascer seu terceiro filho, Mamberti já teve dezoito cachorros (um deles, o falecido Fox, um personagem inesquecível das redondezas), coelhos, tartarugas e passarinhos, além das mais interessantes empregadas. "Nós tivemos uma, certa vez, que pegava uma outra empregada para lavar e passar nossas roupas." Até hoje a casa de Mamberti, mantém alguns ruídos e cheiros das velhas casas italianas. E mais: "até hoje nós não temos chave".

Bano, o valioso dono do carteado

Além das velhinhas que jogam tômbola e que não deixam de ser patrimônio histórico do bairro, tem também o Bano, que além de seresteiro, é dono do carteado local: "Eu nasci e morei a vida inteira na rua Rocha. E sou também aquele que fazia serenata para as moças bonitas do bairro. E isso depois que eu perdi três dedos da mão direita, no primeiro dia de trabalho, como mecânico numa fábrica." A partir disso Bano fez de tudo: vendeu perfumes que ele mesmo confeccionava - "quando ele entrava no cinema todo mundo o reconhecia pelo perfume que ele usava, que era o Diamante Negro", conta Armandinho, seu velho amigo -, vendeu pastéis, fez shows particulares - "até hoje eu nunca vi alguém que andasse de bicicleta de costas como ele", diz Armandinho. Com 61 anos, Bano continua tão vaidoso quanto era na sua juventude. "Naquela época ele era o moço mais namorado do bairro e não tinha menina que não olhasse para ele. Hoje ele se contenta em trocar de roupa três vezes por dia", finaliza Armandinho, o relações públicas e porta voz do Bixiga. □

Sérgio Mamberti, no Bixiga, um sonho realizado.



Bano, o dono do carteado.



FOTOS MAURO HOLANDA



BIXIGA

BIXIGA UM ROTEIRO

Aqui, uma seleção de endereços para desvendar o Bixiga. Restaurantes, bares, cafés, teatros, padarias... Os locais certos da melhor cozinha italiana, do melhor espetáculo e os horários em que funciona esse fascinante mundo mágico.

Bixiga gastronômico

Cozinha italiana

Amerigo

Rua Conselheiro Ramalho, 970, tel.: 289-0177. Aberto diariamente.

Cantina Montechiaro

Rua Santo Antonio, 844, tel.: 257-4032. Aberto diariamente.

Capuano

Rua Conselheiro Carrão, 416, tel.: 288-1460. Fecha às segundas-feiras.

Don Grazia

Rua 13 de Maio, 597, tel.: 288-4274. Aberto diariamente.

Il Cacciatore

Rua Santo Antonio, 855, tel.: 256-1390. Fecha às segundas-feiras.

La Tavola

Rua 13 de Maio, 621, tel.: 288-5673. Aberto diariamente.

Lazzarella

Rua 13 de Maio, 589, tel.: 288-1995.



Aberto diariamente.

Posillippo

Rua Paim, 277, tel.: 256-7092. Aberto diariamente.

Roperto

Rua 13 de Maio, 634, tel.: 288-2574. Somente jantar.

Taberna do Julio

Rua Conselheiro Carrão, 392, tel.: 289-0321. Somente jantar.

Pizzarias

Comilão

Rua 13 de Maio, 870, tel.: 288-4426. Aberto diariamente.

Roperto

Rua 13 de Maio, 552, tel.: 289-4005. Aberto diariamente.

Speranza

Rua 13 de Maio, 1004, tel.: 288-8502. Aberto diariamente.

Torre do Bixiga

Rua 13 de Maio, 848, tel.: 289-7364.

Aberto diariamente.

Outras especialidades

Baião de Dois

Rua Rocha, 15, tel.: 251-5810. Especialidade: cozinha típica nordestina. Aberto diariamente.

Bassi

Rua 13 de Maio, 334, tel.: 34-2375. Especialidade: carnes. Aberto diariamente.

Don Paco

Rua 13 de Maio, 590, tel.: 251-1492. Especialidade: cozinha espanhola. Fecha às segundas-feiras.

Mexilhão

Rua 13 de Maio, 626, tel.: 288-2485. Especialidade: frutos do mar. Aberto diariamente.

Recanto Goiano

Rua Rocha, 112, tel.: 284-2606. Especialidade: cozinha goiana. Fecha às segundas-feiras para almoço.

Rincão de Bagé

Rua Fortaleza, 228, tel.: 283-0440. Especialidade: carnes. Fecha aos domingos para almoço.

Sushy Kiyo

Rua 13 de Maio, 950, tel.: 285-2025. Especialidade: cozinha japonesa. Fecha às segundas-feiras.

Cafés e bares

Bar Adoniran

Rua Rui Barbosa, 340, tel.: 285-0394. Violão, percussão e cantor. Fecha aos domingos.

Café do Bixiga

Rua 13 de Maio, 76, tel.: 259-6069. Das 18 às 4 horas.

Café Society

Rua 13 de Maio, 46, tel.: 259-6562. Conjunto às quartas, quintas e domingos.

Cave do Gaulês

Rua 14 de Julho, 86, tel.: 35-8728. Orgão e cantor. Fecha às segundas-feiras.

Padarias

Basilicata

Rua 13 de Maio, 614, tel.: 289-5613. 14 de Julho

Rua 14 de Julho, 92, tel.: 35-3215.

São Domingos

Rua São Domingos, 330, tel.: 34-7837.

Carnes

Bassi

Rua 13 de Maio, 652, tel.: 34-2375.

Wessel

Rua Manoel Dutra, 420, tel.: 37-4561.

Bixiga dos espetáculos

Cineclubes

Bixiga

Rua 13 de Maio, 124, tel.: 255-4624.

Centro Cultural Operário

Rua Maria José, 326.

Fundação Cásper Líbero

Av. Paulista, 900, 5º andar.

SEMPRE AOS DOMINGOS

Assim como domingo é dia de macarrão em casa de italiano, é dia de ir ao Bixiga provar os pratos dos muitos restaurantes que congestionam as ruas Rui Barbosa, Conselheiro Carrão, 13 de Maio, promovendo uma verdadeira maratona de criatividade nos fardados porteiros que usam todos os argumentos para convencer o freguês a entrar em seu restaurante.

Apesar dos luminosos chamativos, das fachadas em verde e vermelho, das promessas e de mil e tantos sabores de pizzas, há alguns restaurantes e pizzarias do bairro que podem deitar no berço da glória e prescindir de recursos outros que não sejam um *spaguetti al dente*, um molho leve e uma mozzarella especial. Entre esses, estão o La Tavola (rua 13 de Maio, 621) que prepara uma das melhores pernas de cabrito da cidade, a churrascaria Bassi, que em dois endereços da rua 13 de Maio, números 334 e 652, oferece seu artesanato da carne e uma deliciosa cebola na brasa e a Pizzaria Spe-

ranza, uma das primeiras a adotar a mozzarella de búfala.

Mas o domingo do Bixiga não é só comilança. Lá funciona, das dez às quatro da tarde, na praça Dom Orione, ao lado do busto de um dos frequentadores mais ilustres do Bixiga, Adoriran Barbosa, a "Feira Comunitária de Trocas do Bixiga", implantada pela Paulistur, onde se pode trocar de tudo um pouco, dependendo da vontade do freguês.

Ainda aos domingos um outro programa, desta vez envolvendo um dos grandes orgulhos do Bixiga: a Escola de Samba Vai-Vai, a mais antiga de São Paulo. É a Rua do Carnaval que acontece na praça 14 Bis, a partir das vinte horas, sob a batuta de uma das melhores baterias do carnaval paulistano, a da Vai-Vai, é claro. Essa rua onde toca-se de tudo: partido alto, roda de samba, sambão rasgado é também promovida pela Paulistur, UESP - União das Escolas de Samba Paulistas - e Vai-Vai.

Teatros

Alfredo Mesquita

Rua Santa Madalena, 275.

Aplicado

Av. Brig. Luiz Antonio, 931, tel.: 36-7891.

Bandeirantes

Av. Brig. Luiz Antonio, 1411, tel.: 285-2357.

Cenarte

Rua 13 de Maio, 1040, tel.: 284-6837.

Do Bixiga

Rua Rui Barbosa, 672, tel.: 284-0290.

Major Diogo

Rua Rui Barbosa, 547, tel.: 36-4617.

Maria Della Costa

Rua Paim, 72, tel.: 256-9115.

Markanti

Rua 14 de Julho, 114, Tel.: 32-1975.

Oficina

Rua Jaciguai, 520, tel.: 32-3039.

Ruth Escobar

Rua dos Ingleses, 209, tel.: 289-2358.

Sérgio Cardoso

Rua Rui Barbosa, 153, tel.: 280-0136.

Zaccaro

Rua Rui Barbosa, 266, tel.: 289-1522.

Auditórios (centros culturais)

Carbono 14

Rua 13 de Maio, 363, tel.: 257-1438.

Maksoud

Al. Campinas, 150, tel.: 251-2233.

Livrarias

Bixiga

Rua Santo Antonio, 958.

Fundação Getúlio Vargas

Avenida 9 de Julho, 2020, tel.: 284-2311.

Pagu

Teatro Ruth Escobar, rua dos Ingleses, 209 (apenas assuntos referentes à mulher).

Karaokês

(Casas especializadas em tocar *play-backs* de músicas, geralmente japonesas, para quem quiser cantar).

Azuma

Av. Brig. Luiz Antonio, 1740, tel.: 289-8088. Fecha aos domingos.

Donguri

Rua Prof. Sebastião Soares de Fera, 49. Fecha aos domingos.

Shiawase

Rua Rui Barbosa, 734. Fecha aos domingos.

Shimada

Av. Brig. Luiz Antonio, 1647. Fecha aos domingos.

Tokio

Av. Brig. Luiz Antonio, 1804, tel.: 289-9487. Fecha às terças-feiras.

Outros

Museu do Bixiga

Rua dos Ingleses, 166, tel.: 285-5113. funciona de quarta a domingo das 14 às 18 horas.

Feira Comunitária de Trocas do Bixiga

Praça Dom Orione, todos os domingos das 10 às 16 horas.

Rua do Carnaval.

Praça 14 Bis, a partir das 20 h: samba sob o comando da Escola Samba Vai-Vai. □

ESPORTE E TURISMO

- 1984.....115



A vida simples e criativa de Adoniran. Agora em Museu.

Está funcionando desde novembro o Museu "Adoniran Barbosa", que reúne acervo completo das obras musicais do grande compositor paulista e, ainda, variedade pitoresca de trabalhos artesanais por ele realizados em seu lar, nos raros momentos em que conseguia afastar-se de sua grande paixão: a música popular. O MAB está localizado no Espaço Turístico (rua 15 de Novembro, 347), da Secretaria de Esportes e Turismo. Não se trata de um local comum, ou seja igual a muitos que estão abrigando instituições similares, mas de um cofre, verdadeira jóia artesanal do início deste século, cujo projeto e construção é de autoria do engenheiro alemão B. Panzer, o mesmo que construiu os tanques blindados empregados pelos nazistas na II Guerra Mundial.

O Museu "Adoniran Barbosa" foi inaugurado pelo Secretário Caio Pompeu de Toledo, numa cerimônia que reuniu a esposa do Prefeito Mário Covas, o Coordenador de Turismo da SET, Caio Luz de Carvalho, a viúva Matilde Barbosa, dezenas de artistas e um sem número de admiradores do autor de "Saudosa Maloca". Sua finalidade é perpetuar a memória do inesquecível artista que, como ninguém, cantou em suas músicas as agruras no dia-a-dia dos trabalhadores paulistanos e a luta dos boêmios para retornarem às suas casas depois que o último trem — o Trem das 11 — partia da chamada Estação do Norte.

A sua sensibilidade traduziu também musicalmente, as antigas madrugadas garoentas da cidade de São Paulo e o conformismo dos "sem casa" para en-

frentar os efeitos da humidade e do frio da grande metrópole. Os manuscritos originais de todos estes trabalhos, que encantaram gerações de paulistas e por que não dizer de brasileiros também, estão reunidos no Museu "Adoniran Barbosa" à disposição dos admiradores mais interessados em aprofundar na obra do saudoso autor. Como complemento, poder-se-á ainda conhecer toda a carreira de Adoniran através de uma excelente coleção fotográfica, que o mostra em shows nas emissoras de rádio e em praças públicas, quando interpretava seus sucessos e se inspirava na sua maior fonte, a vida do próprio povo. Muitas revistas e recortes de jornais ao longo de pelo menos três décadas são encontradas no MAB, como evidência da trepidante existência artística de Adoniran.



ARTESANATO

Adoniran, todavia, não era apenas o boêmio que o povo conheceu permanentemente vestindo um paletó xadrez e usando uma infalível gravatinha borboleta. Tinha também sua intimidade, os seus momentos de lazer, quando procurava mergulhar em distrações completamente alheio à rotina da vida, provavelmente para revitalizar sua imaginação.

Era nestes momentos que, ainda, preenchia os vazios que as dificuldades financeiras criavam em sua existência. O trenzinho movido pelo motor de uma máquina de costura sobre trilhos é uma destas criações extra-musicais, que vem encantando os visitantes do Museu. O trenzinho compõe-se de uma locomotiva e dois vagões. Todas as peças foram confeccionadas por ele, num trabalho em que uniu a arte ao seu infatível dilettantismo. O carrossel, com os seus pitorescos bonecos, é uma original criação sua. E como ele, a bicicleta e tantos outros brinquedos em que o espírito de criança do grande artista se manifestou da forma mais original.

PRÊMIOS

Todos os prêmios recebidos por Adoniran ao longo de sua vitoriosa carreira artística estão reunidos no MAB, começando pela série de "Roquete Pinto", que acabaram por consagrá-lo, não apenas como um poeta paulistano, mas mesmo como uma das grandes expressões da própria Música Popular Brasileira. E no meio deste monumentos, estão ainda curiosidades diversas. Uma delas é o chapéu de cangaceiro por ele usado no filme do mesmo nome, dirigido por outro gigante, o cineasta Lima Barreto.

O Museu "Adoniran Barbosa", vale recordar, foi inaugurado ao som de suas próprias músicas, mais especificamente "Saudosa Maloca" e "Trem das 11" interpretadas pelo conjunto "Talismã" que acompanhou seus últimos passos artísticos. O MAB funciona de segunda a sexta-feira, no horário das 10 às 18 horas.

REVISTAS DO RIO de JANEIRO / RJ

O CRUZEIRO

- 1953.....	135
- Sem data.....	143

G U I A A Z U L D E R Á D I O A T O R E S

-1946.....119

DE RADIO-ATORES

1946



ADONIRAM BARBOSA

ADONIRAM BARBOSA

Este radiador comediante da Record nem sempre foi radio-ator fazedor de graça. Quando se iniciou no rádio, quasi que no nascimento do próprio rádio, há uns oito anos ou dez anos, era cantor de emboladas e sambas de brêque.

Como tal apresentou-se Adoniram Barbosa em quase todas as poucas emissoras da ocasião, prevalecendo sempre a Rádio São Paul, que naquele tempo, na rua 7 de Abril, era uma das primeiras, senão a primeira.

Há seis anos e pouco passou-se Adoniram Barbosa para a Record, a qual pouco depois, seguindo um "palpite" de Oswaldo Molles, transformou-o em humorista.

C A R N A V A L 1985

-1985.....123

Gravado pelos Demônios da Garôa em discos Chantecler

Trem das Onze

SAMBA

Melodia { PISTON Si b
CLARINETE Si b
SAX TENOR Si b

Adoniran Barbosa

Não posso ficar nem mais um minuto com você
 Sinto muito amor, mas não pode ser
 Moro em Jaçania
 Se eu perder êsse trem
 Que sai agora às onze horas
 Só amanhã de manhã.

Além disso, mulher
 Tem outra coisa
 Minha mãe não dorme enquanto eu não chegar
 Sou filho único
 Tenho minha casa p'ra olhar
 Não posso ficar.

Gravação ODEON por DEMONIOS DA GAROA

Saudosa maloca

PISTON SI \flat
CLARINETE SI \flat
SAX-TENOR SI \flat

SAMBA

Adoniran Barbosa

103

PISTON Si \flat
 CLARINETE Si \flat
 SAX-TENOR Si \flat

Adoniran Barbosa

Se o «sinhô» não tá lembrado
 Dá licença de contá
 Qui aqui onde agora está
 Esse edifício «arto» era uma casa véia,
 Um palacete assobradado,
 Foi aqui «seu» moço
 Qui eu Mato Grosso e o Jôca
 Construímo nossa malóca
 Mais um dia nois nem pode se alembrá
 Vêio os homens c'as ferramenta
 O dono mandô derrubá.

Peguemo tudas nossas coisas
 E fumos pro melo da rua
 Preciá a demolição ...
 Que tristeza que nois sentia
 Cada taubua que caia
 Dula no coração
 Mato Grosso quiz gritá
 Mais em cima eu falei
 Os homes tá c'oa razão
 Nois arranja outro lugá
 Só se conformemos quando o Jôca falô
 DEUS dá o frio conforme o cobertô
 E hoje nois péga a páia
 Nas grama dos Jardim,
 E prá esquecê nois cantemos assim:

Coro

(Saudosa maloca
 Bis (Maloca querida
 (Dim dim donde nois passemo
 (Os dias feliz de nossa vida.

PAULISTA

- Sem data.....127

PAULISTA

De caloura à rainha do "broadcasting" bandeirante... — S. M. Isaura Garcia não gosta de pôses... a não ser diante das câmeras fotográficas — Adora os bichos... e a vida em geral



"Venci com 536.209 votos!" — diz a cantora, do alto de um pedestal improvisado pela nossa cronista...



Com os produtores de programas da Record, Thalma de Oliveira, Blota Júnior e Armando Rosas, Isaurinha sorri...

Até o baile da coroação já houve. No Esplanada, a 15 de agosto último, com a presença dos "bigs" dos nossos meios artísticos e sociais, e duas fabulosas orquestras, uma do Rio e outra paulista. Gente como quê. E tudo elegantíssimo, quase como na corte inglesa...

Mas Isaurinha Garcia continua a simplicidade em pessoa. A simplicidade — e o sorriso... Como gosta da vida e de todo mundo essa leve rainha (pesa só 47 quilos), de olhos verdes e cabelos louros-acinzentados, que vem de ser sagrada a primeira entre as primeiras do "broadcasting" bandeirante, no primeiro concurso desse gênero ali efetuado. Até nos animais envolve com a sua humana e sorridente ternura. Adora tudo quanto é bicho... domesticável, naturalmente. Possui, em casa, três papagaios, vinte passarinhos, um cachorro e um corubião (que ela classifica como algo aparte entre os pássaros, devido à inteligência que demonstra). E confessa desejar muito dinheiro, para poder ter uma enorme residência, cheia de irracionais dessas e de outras espécies...

Foi o que nos disse, aliás com muita emoção e sinceridade, logo de entrada, quando começamos a conversar. Estávamos na Record, de São Paulo, estação a que Isaurinha se prendeu há longo tempo profissionalmente, e também pelo coração, pois, além do mais, é noiva do seu diretor comercial, Teófilo de Almeida Sá. Acabara de ir ao ar um dos "scripts" de Antônio José, "As minhas músicas prediletas", focalizando, nessa noite, as preferências musicais da rainha soberana de Piratininga, as quais foram executadas em arranjos especiais do maestro Enrico Simonetti (autor

das partituras de 13 filmes nacionais e detentor de um "Soci", por sua contribuição a "Veneno").

Tínhamos ainda nos ouvidos os queixumes da sanfona de Luiz Gaúcho, interpretando "Maringá", e loda a nostalgia dos acordes de "Saudades de Itapoá", duas das peças prediletas de Isaura Garcia, então irradiadas. Ritmos tão nossos, tão brasileiros, que evocam panoramas pitorescos e distantes... Conheceria ela as paisagens lembradas por essas composições?

— Como não! Não só conheço tudo isso, como amo também esses lugares — retrucou-nos com vivacidade. Já viajei quase todo o Brasil, e vou partir em "tournee", por estes dias, para o norte e para o sul, começando por atuar na Rádio e na Televisão Tupi, do Rio. Tercei, assim, oportunidade de rever, entre outras, as praias de Iracema e de Itapoá, e tudo o mais que me empolga neste nosso país...

— Onde você nasceu, em São Paulo?

— No Braz, na rua da Alegria, o número eu não me lembro mais...

— Quando? Em que data?

Sem se perturbar, como geralmente acontece com as mulheres, diante de pergunta tão indiscreta, ela responde logo:

— A 26 de fevereiro de 1923.

E ri, assegurando não ter receio de declarar a sua idade, nem de ficar velha...

— Sempre teve vocação para o canto?

— Desde pequenina. Imagine que meu pai era dono de um empório e, nas mesas desse (Conclui na pág. 61)



Adoniran, o "homem-arsenal" de "O Cangaceiro", ameaça feroz Isaurinha...



...Mas, amigos e colegas que são na Record, logo voltam sorrindo às boas...



Comendo passquinha, com Sila Souza e Neide Fraga, radiatrizes de sucesso...

AS CONSIDERAÇÕES DE



Descoberto em São Paulo o livro de rezas e pregações de Antônio Conselheiro, copiado no ano de sua morte — Pertenceu a João Pondé, Afrânio Peixoto e Euclides da Cunha, agora está com Aristeu Seixas — Em muitos pontos o Conselheiro do "breviário" afasta-se daquele que conhecemos — Dois velhos sobreviventes de Canudos — Com a palavra os pesquisadores.

Texto e fotos de LUCIANO CARNEIRO

← ESTE é o livro das pregações e rezas de Antônio Conselheiro, achado por João Pondé no dia da queda de Canudos.

ANTÔNIO CONSELHEIRO



← ARISTEU SEIXAS, poeta ilustre, membro da Academia Paulista de Letras, comprou o "manual" do Conselheiro por 500 cruzeiros. Manteve longa palestra com o repórter sobre o reliquia, e entre outras coisas admitiu que a religião de Conselheiro não era a de um fanático, a julgar pelo conteúdo de suas rezas e preceções.

SALVADOR

LA em S. Paulo existe algo que vai ser muito útil à quem tiver a coragem de escrever uma nova história de Camulos: um livro que acompanhava Antônio Conselheiro nos seus últimos dias de vida. Não é um diário e nem a letra pertence a Conselheiro. Mas suas 628 páginas, manuscritadas, ora em forma de preces, ora como se fossem sermões, parecem condensar boa parte da moral religiosa de que Camulos se alimentava. Pois Conselheiro foi quem as mandou copiar.

O baiano João Pondé fez a descoberta. Estudante do 6.º ano médico, em Salvador, ele integrava voluntariamente a comissão pública da 4.ª Expedição Militar a Camulos. No dia 5 de outubro de 1891, examinando as ruínas do "Santuário", onde Antônio Mendes Maciel morava, Pondé encontrou dois livros numa velha caixa de madeira: uma espécie de breviário (logo reconhecido como sendo o livro que acompanhava Conselheiro nos seus últimos dias), e um exemplar das "Lições de Patologia Cirúrgica", do Prof.

Pedro Braga. Segundo me declararam dois ilustres filhos de João Pondé, os Drs. Lafayette e Adriano Pondé, o volume de "Patologia" fora emprestado pelo próprio Pondé a um colega que figurara na expedição de Moreira César, sendo perdido durante a fuga desordenada que rematou o insucesso da expedição. Por que o Conselheiro teria conservado um livro técnico?

Quando Pondé partira de Salvador, seu colega de estudos Afrânio Peixoto lhe pediu trazer de volta um autógrafo de Conselheiro. Não obtendo o autógrafo, Pondé, bom coração, deu-lhe de presente o livro de rezas. Anos mais tarde, no Rio, Afrânio transferiu a reliquia a Euclides da Cunha, já depois de *Os Sertões* publicados. Vinte anos depois, Euclides morto havia anos, o "manual" era oferecido a Afrânio Peixoto por um alfarrabista. Afrânio não tinha os 50 contos pedidos. Mesmo se os tivesse, não compraria aquele presente que generosamente recebera e generosamente dera. Fez o que mandou dizer a um amigo.

Outro que teve uma oferta do livro foi o nosso

companheiro Theophilo de Andrade. Não comprou, mas dele se serviu para publicar em O CRUZEIRO, em 1947, a primeira reportagem sobre o documento referido. Afinal o livro caiu em mãos de um poeta ilustre e bibliófilo famoso, Aristeu Seixas, Sonetista, prosador, crítico e jornalista, membro da Academia Paulista de Letras, dono da maior coleção de Camilo Castelo Branco do mundo inteiro. Aristeu é um parvasiano que tem sido posto no nível de Alberto de Oliveira, Olavo Bilac, Raimundo Correia e Emílio de Meneses. Está com 72 anos e a cabeça branca. Ainda lídico como se tivesse vinte anos de menos. Brillante na palestra, e no que produz. Na majestosa biblioteca de seu palácio residencial ele prepara um livro de versos para breve, com o mesmo entusiasmo e uma brilho talvez com que devia fazê-lo 50 anos atrás.

Pagou 500 cruzeiros pela raridade que hoje não vende por preço nenhum. Leu o livro do princípio ao fim, achou Conselheiro espantoso. Claro, a obra tem pouco valor como criação, apesar de seu autor denunciar aqui e ali veleidades literárias. Sobretudo

ANTÔNIO CONSELHEIRO foi exumado no dia seis de outubro de 1897. Mergulha antes do queda de Canudos. Sua cabeça deveria ser cortada para estudos; entretanto, porém, o cadáver foi exposto em praça pública, e fim de ser feita a identificação e também para que fosse fotografado. Conselheiro era um homem de 1,60 m, e teria na época em que ocorreu a sua morte, uns 65 anos de idade.

impressionou ao poeta o misticismo de Antônio Mendes Maciel, coerente com as doutrinas da Igreja. Se ele era fanático, não escreveu como tal. Muitos preceitos, as citações, ali, poderiam sair perfeitamente da boca de um padre.

O magistral Euclides fixa em *Os Serões* um Antônio Conselheiro de "oratória bárbara e arrepiadora... desconexa, abstrusa...". Mais adiante: "... E' um dissidente do molde exato de Thomison. Insurge-se contra a Igreja Romana, e vibra-lhe obsequiosas, esboçando o mesmo argumento que aquele: ela perdeu a sua glória e obedece a Satanás. Esboça uma moral que é a tradução justalimar da de Montaigne; a castidade exagerada ao máximo, horror pela mulher, contrariando com a licença absoluta para o amor livre, atingindo quase a extinção do casamento..."

D. Luis, o então Arcebispo de Salvador, proibiu aos católicos de ouvir Antônio Conselheiro pregar "doutrinas supersticiosas e uma moral excessivamente rígida". Outros, que visitaram o Arraial de Bom Jesus antes do seu colapso, descreveram Conselheiro como uma aberração de misticismo; um bronco, que passava por apóstolo apenas entre os que não podiam sentir-lhe a incultura. E foi como um insano que o fanático passou à História.

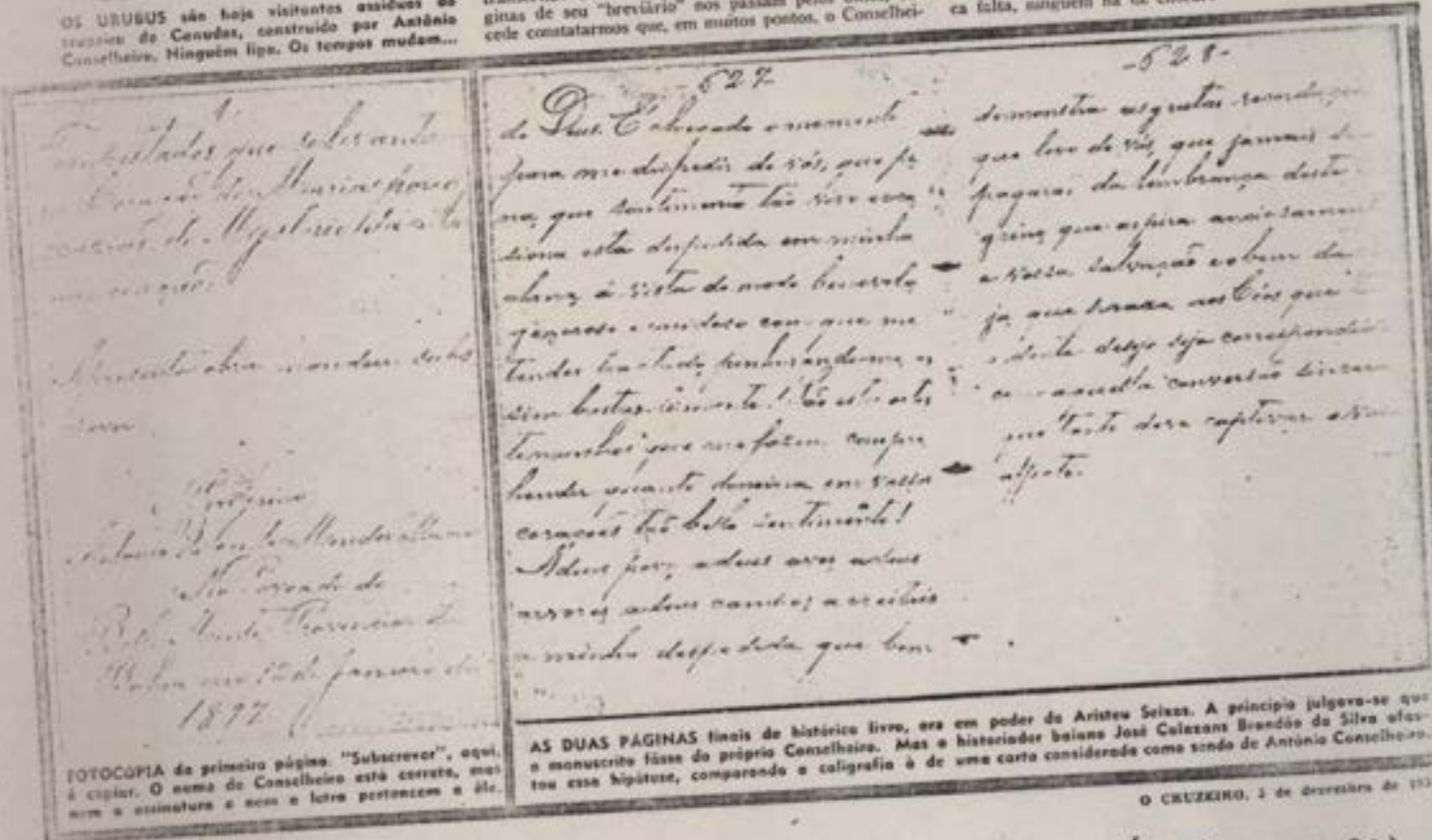
Mas Conselheiro, ele próprio, não fora ainda transcrito. Só com o tempo. Quando, enfim, as 628 páginas de seu "breviário" nos passaram pelos olhos, sucede constatarmos que, em muitos pontos, o Conselheiro do "manual" se distancia da imagem que a História lhe guardou. Semelhante pouco aquele outro de quem se fizesse ter erguido a voz contra a Igreja Católica e fizesse permitido o amor livre em Canudos. Muito embora, ao falar da República e do casamento civil, ele se revele o mais pitoresco e ciado observador.

A autenticidade do livro está fora de suspeita. E mesmo que o seu conteúdo fosse quase só um misto de transcrições das "Horas Marianas" e "Missões abreviadas" — a que Conselheiro tanto se afeiçoara, nem assim a obra deixaria de simbolizar os princípios que, aparentemente, guiavam o "rei dos jagunços". A originalidade, no caso, pesa pouco.

Dentro de uns cinco anos, Canudos servirá de lúcia a um novo século. Foi o que me disse o Engenheiro Arnaldo Ferreira, chefe distrital das Obras Contra as Secas. Um desaparecimento que não há de ser muito sentido. Hoje tudo aquilo é tristeza e desolação. Além de a gente ainda poder encontrar casais à flor do solo sem muita dificuldade, o Rio Vaza-Farris está quase sem vida. O sol bate na vila sem descanso, dia após dia. Os campos parecem chiar, tão tostados. Bode para matar a fome precisa, às vezes, recorrer ao xique-xique. Água por ali é apenas sonho ou artigo de importação. A população depende dos caminhões-pipa do governo. Todo mundo sente saudades de uma chuveira rala que caiu em junho. Todo mundo está cansado da seca. Canudos indo, vai fazer pouca falta, ninguém há de chorar.



OS URUBUS são hoje visitantes assíduos do túmulo de Canudos, construído por Antônio Conselheiro. Ninguém lida. Os tempos mudam...



FOTOCOPIA da primeira página "Subcrever", aqui, é copiar. O nome do Conselheiro está correto, mas não a assinatura e nem o letra pertencem a ele.

AS DUAS PÁGINAS finais de histórico livro, ora em poder da Aristeu Seixas. A princípio julgava-se que o manuscrito fosse do próprio Conselheiro. Mas o historiador baiano José Calazans Brandão da Silva efetuou essa hipótese, comparando a caligrafia à de uma carta considerada como sendo de Antônio Conselheiro.

O BREVIÁRIO DO CONSELHEIRO O DISTANCIA DA IMAGEM QUE A HISTÓRIA LHE GUARDOU

AQUI estão alguns fragmentos dos sermões e rezas que Antônio Conselheiro mandou ensinar ao seu Brevirim. As polémicas entre ecclésiásticos são do reporter, resumidas e que o autor queria dizer. As reticências indicam a supressão de palavras supérfluas e a esta transcrição. A grafia é a mesma do original.

Daviel — "He antiga Lei posta o homem duvidar de Deus... Mas depois de o ter visto derramar o seu sangue... como podemos duvidar...? Deus nos deu seu próprio Filho... Two amor que nos tem. São Thomas diz: Oh! Bom Jesus... como depois de nos haver amado tanto, e morrido por nós... não pôde ainda castigar os nossos pecados?"

Jurar falso — "E horrroso o procedimento daquelles que nada sabendo da causa, sem de vista, nem de ouvir dizer, preta juramento falso, movido por respeito humano, por louca ou por qualquer consideração... E' peccado mortal deixar de dar o juramento, sabendo a verdade."

Prezar os almas — "E'... útil que não vos esqueçala que havéis de morrer; não ha coisa mais importante para livrar os homens de offender a Deus do que a repetida lembrança da morte... O que é a vida do homem neste mundo?... Uma peregrinação... para a eternidade... Quando é a curruela dos... mundanos, que se deixam levar [isto] vaidosa vida temporal. Por que não sendo completarem-se os annos, passaram os mezes, correrem as semanas, voarem os dias, conturbarem-se as horas, e nada disso reparão; cada vez se mettem mais nos gostos e delicias do mundo, como se tivessem por certo que, acabada a vida, sem fazerem penitencia, havião de gozar da Bemaventurança. Disse Deus a Moisés: Tende a vossa mão, que eu... responderei a vobos; mais sobra que a minha sem a vossa não vos ha de valer..."

Reparar — "Diz São João Chrysostomo que os que furtam... são peiores que as fêmeas... os demônios. Porque as fêmeas, quando accometem um outro animal, estalão satisfecitas, se delatão; porém os que furtam, de nenhum modo se sentem satisfeitos; porque furtam com fome para fazerem outro; e quanto mais roubão mais se têm de furtar... Acham-se [isto facto] dois agravos, um que se faz a Deus, que offendendo sua Santa Lei; e outro ao próximo, tirando-lhe a sua fazenda. O agravo que se faz a Deus perdão-se por meio da confissão e penitencia; e que se faz ao próximo, só si repara com a restituição..."

Caluniar — "Que offensa gravissima commette aquelle que diz de outrem o que elle não fez. Se com este procedimento occididmo algum damnus, deve restituir-se a pessoa [calunhiada] e... a quem manifestou a calunia. Não murmurarem do próximo. Se [algum] commette alguma falta, usen de caridade, relevando a falta."

Sex lés esposas — "As mulheres casadas... guardem-se de ter amizade com mulhezes descompostas. Não digão mal de seus maridos em presença de outrem para não incorrerem na nota de que os não amão, como devem e são obrigadas. E se seus maridos lhes dixerem não exemplo [praticando o adulterio], não por isso lhes venha a lembrança de se offender com... semelhante injuria... Devem ser honestas de vista... fortes, discretas e prudentes; dentro em suas casas, zelosas, lora ditas recatadas; e em todas as occasões exemplares. Occupem-se... em boas exercitios, não estirão ociosas."

Cobiar — "Ingratissimo deve cobiar a minima coisa do próximo. Quem se não quizer sentir afflicto de pensamentos descompostos, tenha os olhos castos, faça exercitios com elles de não olhar o que não é lícito de olhar."

Império e Republica — "A republica... é incontestavelmente um grande mal para o Brasil... Quer acabar com a Republica, esta obra prima de Deus, que há diversos séculos... existe e há de permanecer até o fim do mundo... O presidente da república... estende que pode governar o Brasil como se fora um Monarcha, legitimamente constituído por Deus; tanta injusticia os Catholicos contemplam amargurados... Tudo o poder legitimo é uma emanção da omnipotencia eterna de Deus, e está sujeito a uma Lei Divina, tanto no orden temporal, como no espirital, de sorte que, obedecendo ao Pontífice, ao Príncipe, ao pai... a Deus, só, obedeçamos... E' evidente que a republica permanece sobre o principio falso... Alinda que ela trouxesse o bem para o país, por si é má, por que vai de encontro... A Divina Lei... Quem não sabe que o divino Príncipe o Senhor Deus Pedro... tem poder legitimamente constituído por Deus para governar o Brasil?... Negar estas verdades seria o mesmo que dizer que a aurora não veio descobrir um novo dia... E' erro lícito que a Família Real não ha de governar mais o Brasil; se este mundo fosse absoluto daria se erer... mas não ha nada de absoluto neste mundo... A republica ha de cair por terra... Creio, nuno a esperança, que mais cedo ou mais tarde... Deus fará devida Justiça... E' preciso... que não deixe no silencio a origem do odio à Família Real: Sua Alteza e Senhora Dona Isabel [amhar com] a escravidão... Mas os homens não peccaram a inspiração divina que moveu o coração da digna e virtuosa Princesa..."

Casamento civil — "E' o casamento, como todos sabem, um contracto de duas vontades ligadas com o amor que Deus lhes communica, justificado com a graça que lhes deu Nosso Senhor, e autorizado com a testemunha que lhe juntou a Santa Igreja... O casamento é puramente da competência da Santa Igreja... os seus Ministros têm poder para celebrá-lo; não pode... o poder temporal intervir neste [casamento]... Assim pois é prudente e justo que se não deixe a família não obedecer a lei do casamento civil, evitando gravissimas offensas em materia religiosa que toca directamente a consciência e a alma... O casamento civil é... nulla, occaciona o peccado de escandalo... E Nosso Senhor... lamentou a sorte daquelle que commette escandalo dizendo: milliar fura ser lançado com uma pedra ao pectoco no fundo do mar, do que da occação de escandalo... Nesta quadra de corrupção... é que mais... augmentam as vossas obrigações como guardas de vossas famílias; ... sustental — o país — a moralidade de vossas famílias."

Religião — "A Religião... não destrua coisa alguma, esrete o peccado." **Missa** — "De bem soubeas um christão o que lucra em assistir e ouvir Missa todos os dias, delicias os maiores negocios deste mundo para não faltar a tão grande bem espiritual..."

Despedida — [Dizem capitulo do livro]: Frax aos Céos que abundantes frutos produzam os conselhos que tendes ouvido; que ventura para vós se assim o praticardes; podem convencer estar certos que a paz de Nosso Senhor Jesus Christo, missa luz e força, permanecerá em vossos espiritos. Elle defendera das misérias deste mundo; um dia alcançardes o premio que o Senhor tem preparado for convertidos sinceramente para Elle; que é a gloria eterna. Como não ficardis plenamente satisfeitos sabendo de vossa conversão, por não tão ardentemente desejada. Outra coisa porém não é de esperar de vós a vida de fervor e estimacão com que tendes concorrido para quirdes a paz-vra de Deus, que é uma prova que estria o vosso zelo religioso. Antes de fazer-vos a minha despedida, peço-vos perdão se aos conselhos vos tenho offendido. Creio quanto em algumas occasões profereis palavras excessivamente fúrdas, conselhando a maldita republica, reprehendendo os vícios e auctor e corrupção no bando de separatista a vossa reputação. Sim, o desejo que nutria o maldito desejo de separar a vossa reputação. Sim, o desejo que tenho de vossa separação [que falla mais alto de que tudo quanto eu pudesse aqui reduzir] me forçou a proceder daquela maneira. Se porém se achão recitadas de mim, peço-vos que me perdoades por isso. Se porém se achão o momento para me despedir de vós; que peço, que sentimento tão vivo occaciona esta despedida em minha alma, a vista do modo benevolente, generoso e caridoso com que me tendes tratado, pensando-me assim basta-minte não estes os testemunhos que me fazem comprehender quanto dormina em vossa caridade tão bello sentimento! Aduea povo, aduea ave, aduea arvore, aduea campo, acceitais a minha despedida que tem demonstrado a gratia recorporada que levo de vós, que jamais se apagarão da lembrança deste Peccador, que aspira ardentemente a vossa separação e o bem da Igreja, que prece aos Céos que tão ardente desejo seja correspondido com aquella conversão sincera que tanto deve captivar o vosso affecto."





MANOEL CIRIACO, um dos raros sobreviventes de Canudos, com 86 anos de idade, andou 3 horas de jipe e mais 8 de jumento para ir visitar um velho amigo.

Encontrei por lá o mais famoso cicerone do alto sertão baiano — "Manoel Ciriaco, seu criolo". Um velho viril de 86 anos, com a alma mais branca que os cabelos e os dias do bigode, simpático como ele só.

Sua credencial: ex-jagunço de Antônio Conselheiro. Ele já contou a sua longa história aos leitores de O CRUZEIRO, através de Odorico Tavares. Perguntei pelas demais sobreviventes. "Tão se acabando ou tão indo embora" — respondeu. "O velho Mariano já esticou a canela. Os outros que tem por aqui não têm muita coisa, não, para dizer ao senhor. Quem pode falar muito é o Pedrão, mas Pedrão vive longe, lá na Várzea da Esma."

Queria-me uma idéia:

— Quer visitar Pedrão, Ciriaco?

O velho ficou espantado.

— "Ilume de Deus, como?"

Al o Dr. Arnaldo Ferreira interveio e disse como. Andar hora e meia de jipe até Furnosa, montar num jumento e furar a caatinga. Quatro horas depois a gente estaria com Pedrão.

— "Ves?"

Se tu ainda não tivesse rãs para acreditar no sertanejo do Brasil, Ciriaco bastaria para convencer-me. Ele subiu para o jipe com a facilidade de quem tivesse 30 anos menos de idade. Achava graça toda vez que os buracos na estrada faziam o carro tiritar.

— "Ah! parece cabelo!" — comentou.

Em Furnosa pegamos a sela que lhe pusemos no jumento e pedi uma canga-lha. Ao longo da penosa viagem pela caatinga, quatro horas a fio, não parou de conversar, embora o sol estivesse de rachar.

Afinal, o guia nos apontou o caschê. Pedrão estava sentado no chão dum alpendre.

— "Credo!, como fase vêi tã acalado!" — Ciriaco cochichou.

É verdade que Pedrão não ia lá muito bem. Os olhos semicerrados com o que parecia tracoma, os pés inchados, a perna direita seca, mãos trêmulas lembrando doença de S. Guido — Pedrão parecia um rebotallo humano. A vida marcial de Cipriano anos atrás Euclides classificava de "bruto", de "terrível defensor de Cocoróbi", aquele jagunço que não se rendera. Agora, preso ao chão, paralisado da cintura para baixo. O tempo caminhara.

(CONCLUI NA PÁGINA 12)



QUANDO ATINGIU o caschê de Pedrão, foi tirando uma brincadeira: "A polícia veio buscá-lo para responder por crimes feitos em Canudos". Pedrão respondeu que nunca em sua vida temera homem, e estendeu a mão a Ciriaco.

OS DOIS MAIS VELHOS SO REPÓRTER PARA DIZER



OS DOIS octogenários não se viam desde 1932. Eram os mais velhos sobreviventes dos jagunços de Antônio Conselheiro. Pedrão, semiperolítico, arrastou-se pelo chão da casa até perto de um banco, mandou Ciriaco sentar-se ao seu lado.

O CRUZEIRO, 3 de dezembro de 1953

BREVIVENTES DE CANUDOS REÚNEM-SE DIANTE DUM QUE CONSELHEIRO SÓ PREGAVA E FAZIA O BEM



E DIANTE DE DOIS filhos de Pedrão, eles passaram a reviver os episódios sangrentos da luta fratricida, defendendo incondicionalmente a figura de Antônio Conselheiro. Cada ex-jagunço, aliás, inocenta sempre Antônio Conselheiro.

NO "MANUAL" de que esta reportagem trata, avulta um Conselheiro diferente de sua imagem histórica. Nas declarações ao repórter, Pedrão e Ciriaco também asperam que fosse Antônio Conselheiro um amoral, e um esticadão.

O CRUZEIRO, 3 de dezembro de 1953

11

(cont. na p.12)



Vôe para qualquer parte do mundo, cercado da tradicional cortesia britânica!

Viajando num "Argonaut Speedbird", de cabine pressurizada, V. pode transportar-se rapidamente, num vôo suave e tranquilo, a qualquer dos 51 países ligados pela imensa rede aérea da B.O.A.C. Durante a viagem, reclinado em confortável poltrona, voando em altitudes onde as condições meteorológicas são sempre favoráveis, servindo-se de deliciosas refeições e finas bebidas, sem despesas extras ou gratificações, V. sentirá, nos mínimos detalhes, o que é, realmente, "a tradicional cortesia britânica".



Reservas e informações nas principais agências de turismo e nos escritórios da B.O.A.C.

VÔE PELA **B.O.A.C.**

BRITISH OVERSEAS AIRWAYS CORPORATION

RECIFE

RIO DE JANEIRO

SÃO PAULO

1012

12

OS CONSELHOS DE ANTÔNIO CONSELHEIRO

(CONCLUSÃO DA PÁGINA 10)

A título de graça, Ciríaco gritou de fora, em tom enérgico:
 — Somos da Polícia, viemos buscar o senhor pra responder pelos crimes que fez em Canudos.
 Pedró não reagiu com a gargalhada prevista. Enquanto tentava erguer-se do chão com o auxílio das mãos, num esforço farridável para impulsionar o corpo semimorto, voltou para o recém-vindo uma fisionomia quase de cêlera, os olhos chiapando, e adôcia, indacada, bradou:
 — Nunca tive medo de homem nenhum. Não tenho medo dos senhores, entenderam?!
 Ciríaco estranhou, lá dizer qualquer coisa, quando o outro, ainda de punho cerrado, no auge da fúria, engrandecera a cena ainda mais:
 — Não esqueçam que o homem nasceu pra morrer um dia!
 Só então Ciríaco se refez, e fazendo blague perguntas:
 — Será que esse vai num me conhece mais?
 Pedró acalmou-se um pouco enquanto o preto velho se aproximava, apurou a vista, disse, enfim:
 — "Vixe Maria! o Misé! Ciríaco por estas bandas!" E abriu a fisionomia para um sorriso de não que ele não dava desde 1932.
 Quando eu lhe dei meu nome, à guisa de apresentação, o velho calou a boca no pelo com a mão direita e retrucou:
 — "Pedro José de Oliveira, assim trata quem não conhece, raiz de cajoteira, pass que amarga, flor que cheira, cravo das mentiras, bala das solteiras".
 — E riu amplamente, doido de alegria. Tinha vindo gente visitá-lo? E, no entanto, ele pensava que, fora seus filhos e netos, ninguém mais se lembrasse do velho Pedró. Viva o Brasil!
 Atirou-se pelo solo com o auxílio das mãos, orgulhoso, sem aceitar ajuda alheia, moveu o corpo semimorto para o banco onde Ciríaco se acomodara. E os dois octogenários passaram a falar de Canudos com a naturalidade de quem falasse nas férias de segunda-feira. Meia dúzia de canseiras e dificuldades lhes haviam ensinado a relembrar sem lágrimas os amigos e os melhores anos da vida que eles perderam em Canudos.
 Abordaram então fase da "guerra", mas não me cabe aqui reconstituir a longa história da queda do Arraial. Pedró, sobretudo, tinha uma série de episódios inéditos a contar. Certa vez, voltando de um combate, Conselheiro lhe indagou:
 — "Campade, que fez?" Pedró respondeu: — "Nada, que sem milado só pôde Deus." — "E já perdeu a fé no Bom Jesus?" — "Nô, não perdi, mas é que os soldados estão aqui na rua."
 Conselheiro sabia que era verdade. Fez um muxôo e concluiu:
 — "Tem razão, campade. Tantas imagens, e tantos inocentes, aqui, para os sacerdotes virem acabar."
 Conselheiro gostava de Pedró. Pedró era homem para qualquer situação. Tirar escola ele tirava, varando a pé aquela redondeza lodinha. Brigar éle brigava, e comê! Até cozeiro, e dos boos, éle foi. Após o combate de Usul, Conselheiro mandou enterrar os mortos. Uca 20 homens partiram do arraial, mas voltaram calchaxos no dia seguinte. Ninguém suportara o mau cheiro, os cadáveres jaziam insepultos por uma semana. Pedró comentou que naquele tempo não havia um homem sequer. Conselheiro sorriu, matôs chamá-lo:
 — "Verdade?" — "Verdade". Meia hora depois partiu Pedró com alguns amigos.
 — "Enterei 52 corpos num buraco, 22 neutro buraco".
 Homem disposto. Não morreu em Canudos porque estava ali pelo Conselheiro. Não arredaria pé enquanto o chefe fosse vivo. Mas Conselheiro achou de morrer antes do fim, e, Pedró, sem mais razão de estar ali, fugiu para proteger a família, que antes mandara embora.
 Mostrei a Ciríaco e Pedró algumas fotografias do "breviário" de Antônio Conselheiro. Não, nenhum deles sabia de que se tratava. Sem outro recurso a usar, baseei um questionário-de-momento nos itens em que o "manual" divergia das notas geralmente aceitas sobre Antônio Vicente Mendes Maciel. Eis o resumo do depoimento deles:
 — Antônio Conselheiro não era contra a Igreja Católica. Acateva os padres, respeitava os sacramentos, jamais ofendeu uma cerimônia qualquer que fosse privativa de um clérigo. Não se considerava um enviado dos céus. A quem se apelava para tomar-lhe a bênção, dizia: — "Levante-se, que Deus é outra pessoa". Só pregava o bem, só fazia o bem. Construiu as melhores igrejas da região, combates e roubo, a mentira, o homicídio, impeliu que vivessem juntos os casais não casados na Igreja. Mandava chamar um padre para batizar, casar, confessar a gente do arraial. Mentira que éle fosse tolerante com o amor livre. Jamais empunhou um fuzil ou um revólver, por isso que a luta estivesse. Sua arma era o rosário. Sim, era contra a República. Talvez porque o novo regime separou a Igreja do Estado. Nunca pensou em rendição, pois não reconhecia o governo que mandara atacar Canudos. Enquanto fosse vivo, mandou anunciar, o dinheiro da República não correria no Arraial. Não correu. Das prisa de guerra só permitia que se utilizassem as armas. Dinheiro, mantimentos, demais pertences, tudo era jogado no mato. Conselheiro não queria sua gente com as coisas dos "inzeiros". As vezes o povo luta de matar a fome com "cabeça-de-frade", embora o inimigo houvesse abandonado na estrada uma quantidade enorme de charque. Não importava. Antes e fome que botar na boca comida da República. Conselheiro não parecia odiar ninguém. Cinco soldados que caíram prisioneiros no combate de Usul foram devolvidos a suas linhas. Conselheiro era um bom."

Mas Euclides e a História falam noutra tom. Precisamos saber até onde vai a ingenuidade dos Ciríacos, qual a importância do "breviário", e se há ou não há imprécises no que se conhece da história de Canudos.



VISTA DE CANUDOS em 1953. Já nada mais resta do tempo de Conselheiro, exceto o cruzeiro, atualmente pouco de arábica, e alguns escombros.

O CRUZEIRO, 3 de dezembro de 1953

Adoniran Barbosa: “aprendi a tocar por divertimento”



Joffre Dumazedier

Adoniran Barbosa, sem ter jamais passado por uma escola de música, fez seu aprendizado num meio informal, onde desenvolveu-se a ponto de vir a tornar-se um artista famoso. Seu caso é idêntico aos de outras pessoas que, dedicando-se a uma atividade, inicialmente por puro prazer e divertimento, são de tal forma bem-sucedidas que acabam por transformar seu lazer predileto em atividade profissional. Mas são sempre exceções. Deixarão de ser à medida em que a sociedade dispuser

de meios aptos a fazer do tempo livre não só uma ocasião de divertimento, mas também de autoformação cultural sistemática. Esta é, segundo Dumazedier, uma das diferenças entre autodidaxia e autoformação permanente.

— Adoniran: “Eu, antes de ser artista fiz de tudo. Fui serralheiro, mecânico, encanador, pintor, trabalhei em casas de ferragens e de comércio de tecidos. Depois é que passei a ser artista; depois de 1934. Dal prá cá, só rádio, cinema e televisão. Mas antes já

fazia música. Sempre gostei de música e tocava por divertimento. Tocava flauta e também caixa, na banda de música, em Santo André. Aprendi a tocar por divertimento. Nunca pensei em ser profissional. Tive um vizinho que tocava violão e com ele fazia musiquinhas sem compromisso; fazia por fazer. Depois eu vi que não eram tão horríveis... Fiz uma marcha em 1934 para a Prefeitura, ganhei 1º prêmio; daí me empolguei, comecei a fazer isso aí só: compor. Fui aprovado como cantor de rádio, mas lutei muito para entrar. Foi duro, não foi fácil não. Prá mim, até elevador vazio estava ocupado. Se eu venci foi por persistência. Eu dizia: tenho valor, por que não vou entrar? Ninguém me descobriu como compositor, eu mesmo me descobri. Eu me comparava com os outros e via que tinha valor. Depois foi ficando mais fácil: ‘Saudosa Maloca’, que eu gravei em 1950, foi sucesso. Muita gente não queria minhas músicas porque falavam nós que, nós val, pequenos... Agora acham isso engraçado; todo mundo vai aos meus shows; todo mundo quer. Gostam de minha música. Eu também gosto. Meus sambas são histórias musicadas, como o tango. Tenho paixão pelo tango e todo tango é bem feito; não é verso, é crônica musical, com começo e fim. Eu faço uma historinha e ponho música. As histórias são imaginação minha, mas os assuntos são verdadeiros... ‘Maloca’: todo dia tem uma casa que cai; ‘Iracema’ — desastre de automóvel — todo dia tem atropelamento... As músicas saíam na hora; nunca parei para pensar em compor. Fazia música andando na rua; era só pensar numa coisa que tinha interesse e já sala... letra e música.” (Depoimento colhido pelo Centro de Estudos de Lazer do SESC-SP.)

REVISTA DO RÁDIO

-1954.....	147
-1955.....	149
-1957.....	151
-1959.....	153
-1961.....	155
-Sem data.....	157



A Record de São Paulo tem sob contrato diversos artistas do cinema nacional. Um deles: Adoniran Barbosa. Mas este foi para o cinema por causa do rádio, onde é conhecido pelo bom desempenho dos tipos mais diversos, desde o caipira do Interior ao malandro de Buenos Aires, ao professor italiano de primeiras letras e ao turista francês em busca de aventuras em São Paulo. Lima Barreto, quando fez "O Cangaceiro",

Adoniran, Campeão de Simpatia

Texto de
CARLOS MARIA

Fotos de
C. IADELUGA



**N
O
I
V
A
S**

A NOBREZA TEM O ENXOVAL DO
SEU AGRADO E CUSTA
MUITO MENOS

EDIÇÕES PARA QUANTO A
PARTIR DE CR\$ 295,00.

**Vendas à Crédito
A NOBREZA**

Uruguiana, 95 - Tel.: 23-4404



Adoniran, Adoniran diz ao ouvinte que prefere saber o que o rádio pensa do artista. E, após a gravatura do canto, conta uma anedota ao microfone. E o ouvinte prontamente se inclina para ouvir melhor a "boa"...

... e fêz dêle um homem terrível de canção, e quando filmar "O...". Adoniran será o fantasma Antônio Conselheiro. Mas deixamos o cinema e falemos de Adoniran Barbosa, artista de rádio.

... são os papéis por êle desempenhados e os programas em que se atua. Agora, distingue-se o programa de Agostinho Aguiar Leitão, "O salão dos tangerins", que é levado irradiado diariamente das 18.30 às 19.25 (exceto aos domingos). Faz vinte minutos passados na fazenda do Interior, em que nada acontece e tudo acaba bem. Adoniran Barbosa é tudo: num programa faz de calpina, noutro de viajante, noutro de vilão, noutro de cantor de modinhas, e só não faz de galã porque a voz não ajuda. É acompanhado por bons elementos de rádio-teatro e apresenta atrações musicais, como a Elisete Cardoso, o Carlos Galindo, o Luís Gaúcho (sanfoneiro de grandes méritos). Os ouvintes da capital e do Interior fizeram dêste programa um de seus favoritos e Agostinho Leitão recebe



Adoniran Barbosa diverte-se com a Elisete Cardoso, o produtor A. A. Leitão, o Luís Vieira e o Luís Gaúcho

Por fim, uma péssima galata para a REVISTA DO RÁDIO. Adoniran sabe fazer rir.



diariamente cartas e mais cartas. Fizemos algumas perguntas a Adoniran Barbosa e a tôdas respondeu de maneira bem divertida. Perguntamos o que é que êle acha do rádio, e a resposta foi:

— E o que é que o rádio acha de mim?

A maior "simuca" em que se viu envolvido foi quando, num programa, encarnou, simultaneamente, um nordestino e um gaúcho. Em do momento enganou-se, trocou os sotaques e se o programa não acabasse logo, diz êle, cantaria, sem mais nem menos, um samba de "breque", acompanhando-se numa caixa de fôsforos, porque assim a confusão seria completa. Aliás, êstes enganos são raríssimos, porque Adoniran é conhecido por sua memória prodigiosa. Adoniran Barbosa é um dos grandes cartazes do rádio paulista.

Depois que ele pegou um violão, começaram a aparecer sambas. Adoniram está fazendo a "uarba e o cabelo" com as suas músicas!

SÓ FALTAVA FAZER SAMBAS ... E ADONIRAM TAMBÉM FEZ!

• Texto de FERNANDO LUIS
Fotos do nosso arquivo

Uma das figuras engraçadas do rádio é Adoniran Barbosa, comediante da Rádio e TV-Record. Sua simples apresentação é recebida com um coro de gargalhadas, pois ele é insuperável em sua mímica. Mas, Adoniram não é apenas o cômico irrequieto que os ouvintes da

Record conhecem. É também um sentimental e, como tal, inspirado compositor de música popular. Tô-

das as músicas dele obtêm sucesso, mas, fato curioso, geralmente é ele mesmo quem faz a primeira gravação sem que o público tome conhecimento. Depois, os outros cantores gostam, gravam e a música alcança êxito. Assim foi com "Saudosa Maloca", que só fez sucesso com os Demônios da Garoa e Marlene. Repetiu-se o fato com o "Samba do Ernesto" e, agora, com "As mariposas", que também foram gravadas pelos Demônios da Garoa.

Adoniran Barbosa é casado e sua senhora não é do meio artístico. O casal não tem filhos, mas o artista adora crianças. Passa os seus fins de semana num sítio que comprou e onde construiu uma pequena casa a qual deu o nome de "Maloca". O sítio fica lá para o lado de Sto. Amaro e todos os sábados, quer chova ou faça sol, lá vai o Adoniran com a esposa e, às vezes, com pessoas amigas para o sítio. Só volta segunda-feira para trabalhar na rádio.

Adoniran, além de seu trabalho na Rádio e TV-Record, é também, artista de cinema. Trabalhou em "O Cangaceiro" e em "Nadando em dinheiro", com Mazaropi. Vai fazer "O sertanejo" e terminou recentemente um papel em "A Carrociola", o filme de Dóris Monteiro e Mazaropi. Em "O sertanejo", vai viver a figura já lendária de Antônio Conselheiro. Aliás recentemente teve um aborrecimento, quando quebra-



As atividades são muitas e o artista da Rádio Record tem mesmo que se valer do carrinho para ganhar tempo.



ram a estatueta feita à sua imagem no papel de Antônio Conselheiro e que estava esposta no saguão do Teatro Brasileiro de Comédia.

Sempre brincalhão, resolveu aprender a tocar violão e o aprendeu muito bem. Foi até, então um samba de brinadeira e que por brinadeira de amigos foi inserido no concurso de músicas de carnaval. O resultado foi que ganhou o 1.º prêmio e abarcoitou 10 mil cruzeiros. Mas, dinheiro que fácil vem, fácil vai. No mesmo dia gastou todo comemorando com os amigos o sucesso.

Agora a Rádio Record e a turma que lá trabalha. Como prova disso, passa quase o dia todo na B-9. Seu programa diário é acordar às 9 horas, tomar banho, fazer a barba e, quando não está filmando, dirigir-se à rádio. Chega à Record cerca de dez horas. Lê os jornais da manhã e vai também ler os recortes pendurados no jornal mural. Depois procura os amigos para o bate-papo e o café. Assim, consegue também material para suas piadas. A 1 hora vai para casa almoçar. Depois do almoço, descansa um pouco, deitado. Lá para 16 horas volta à rádio para tomar conhecimento da tabela e para os ensaios. Depois janta e volta para fazer a programação noturna. Após o programa, se der tempo, leva a esposa a um cinema ou uma sessão de teatro e, antes de deitar, ainda lê os jornais da tarde, principalmente os do Rio.

Deita-se depois de uma hora da manhã.

Com os amigos, no bar ou no restaurante, ele sempre arranja boas piadas para contá-las aos seus ouvintes na PIR-9.



O microfone está ali mesmo para fazê-lo puxar pela cabeça: Adoniram, que nunca se aperta, tem uma história gozada para contar.



AMIGOS — São bons amigos César de Alencar e Dalva de Oliveira. Por várias vezes o animador tem recebido a cantora em seu programa (apesar de serem de emissoras diferentes). Na foto, César beija a mão de Dalva, agradecendo a visita



EVIDENCIA — Nelson Gonçalves e Marion, dois nomes que se mantêm sempre em evidência, mercê de suas atuações em rádio e discos. Nelson reencontrou a felicidade ao lado de Lourdinha e Marion resolveu, mesmo, não mudar de nome.



CORDIALIDADE — Enquanto o contra-regra não vem avisar a entrada do programa no ar, Adoniram Barbosa e Maria Amélia, dois excelentes valores da Rádio Record, conversam nos corredores da B-9, num flagrante de cordialidade.



CUMPRIMENTOS — Radamés Gnattali e Severino Araújo, quando da homenagem da Orquestra Tabajara ao primeiro, aí estão reunidos em atitude cordial. Severino viu passar seu 40.º aniversário e os 20 anos da Orquestra Tabajara.

HUMORISTA FAZ MÚSICAS TRISTES

ADONIRAM BARBOSA
CONTA SUAS EMOÇÕES
E DIZ QUE UM CACHORRO
O AJUDOU A COMPÔR...



Até um cachorro já serviu de "parceiro" numa das músicas de Adoniram Barbosa, veja só.



Noel
os morr
bistas, I
um legiti
composiç
Moço, I
Suas mú
procurar
cantando
Ele resp
... V
só par
um post
casa, a
mesm
ginal
teve a
encont
verborr
- I
- I
trabalh
pegar u
- I
- A
- C
- M
taria nã

Fazend
real é

Não, essa foi o cantor inesquecível da Vila. Todos nós, os cariocas foram exaltados, por outros sambistas, lá em São Paulo, temos em Adoniram Barbosa, um legítimo cantor da capital bandeirante. Em suas composições desfilam os bairros mais populares: Iluz Maloca, Mexica (hoje Bela Vista), Casa Verde e Penha. Essas músicas têm um sabor de drama, humor, sempre procurando a causa do sofrimento dos humildes. Perguntamos a Adoniram, como nasceu "Saudosa Maloca". Ele respondeu:

— Moro em um apartamento pequeno. Toda manhã saio para passear com o meu cachorro, à procura de um pescozinho. O cachorro gostava do jardim de uma casa, que ia ser demolida e onde moravam marginais famosos, como Mato Grosso, Joca, Corintiano. Esses marginais constantemente existiram e já morreram. Ali tive a inspiração. Logo, o verdadeiro parceiro que encontrarei para compor "Saudosa Maloca" foi o meu cachorrinho.

— Pode abandonar o rádio e viver sem trabalhar?

— Posso abandonar o rádio, pois lá não estou em trabalho forçado. Mas, se isso acontecer tenho de pegar uma cadeira de engraxate e me virar por aí...

— Então, não possui bens?

— Não! Tenho o cachorrinho, meu parceiro.

— Quer dizer, que tem amargas decepções?

— Minha maior decepção foi pensar que um dia estaria na "vida mansa". Depois de mais de 20 anos no

rádio, preciso dar duro, diariamente, para ganhar o meu pão e o ossa do meu cachorro.

Adoniram Barbosa, tão "pessimista" em trônico, na vida real, já trabalhou em diversos filmes brasileiros. Em "O Cangaceiro" foi onde melhor apareceu. Namora de perto o cinema nacional e disse:

— Cinema em São Paulo? Tenho lágrimas nos olhos. Tudo parado, ninguém sabe de nada. Estou esperando que Lima Barreto tire o paletó e comece a trabalhar em "O Sertanejo".

— E enquanto não vem esse filme?

— Vou trabalhando no rádio e compondo sambas. Afinal de contas sou o "Charutinho", do programa "História das Malocas".

— Se você encontrasse Marilyn Monroe, em plena avenida São João, sozinha, às 7 da madrugada, o que diria?

— Sai água da minha boca, sai...

— Qual a sua maior alegria?

— Aquela da estréia de "O Cangaceiro", em São Paulo. Fiquei tão contente, que se encontrasse Lampião na rua, eu me "acendia" com ele.

Adoniram, prêmio Requete Pinto de 1958 (Melhor Comediante), ator de cinema bem conceituado, compositor de sucesso, é mesmo um homem pessimista na vida real. Mas, tem lá a sua originalidade. Pelo menos, não conhecemos no mundo quem encontrasse um cachorro para parceiro de um samba...

Fazendo humorismo no rádio, Adoniram revela-se, no entanto, um pessimista na vida real, como real é a história que ele nos conta em "Saudosa Maloca", sua composição de maior sucesso.



OS "MELHORES DO RÁDIO E DA TV" DE SÃO PAULO

A EQUIPE de observadores da REVISTA DO RÁDIO, verificando todo o panorama do rádio e da televisão de São Paulo, em 1960, chegou a seguinte conclusão, quanto aos "Melhores do Rádio" e "Melhores da Televisão", desse ano:

OS "MELHORES DO RÁDIO" - (São Paulo)

- Cantor: FRANCISCO EGÍDIO
- Cantora: ISAUURINHA GARCIA
- Locutor: FÁBIO PEREZ
- Locutora: VIRGINIA DE MORAIS
- Locutor esportivo: PEDRO LUIS
- Comentarista esportivo: MÁRIO MORAIS
- Locutor esportivo de campo: TOM BARBOSA
- Narrador: WALTER FORSTER
- Animador de auditório: SILVIO SANTOS
- Rádio-repórter: CARLOS SPERA
- Rádio-ator: EDUARDO CORI
- Rádio-atriz: VIDA ALVES
- Rádio-ator-cômico: ADONIRAN BARBOSA
- Rádio-atriz-cômica: MARIA TERESA
- Novelista: FULCE SANTUCCI
- Produtor: GIOLA JR.
- Produtor humorístico: OSVALDO MOLES
- Instrumentista: MÁRIO ZAN
- Conjunto vocal: "TITULARES DO RITMO"
- Revelação feminina: LEILA SILVA
- Revelação masculina: HUGO SANTANA

OS "MELHORES DA TELEVISÃO" - (São Paulo)

- Cantor: ROBERTO LUNA
- Cantora: MORGANA
- Ator: AMILTON FERNANDES
- Atriz: GESSI PONSECA
- Ator cômico: RENATO CORTE REAL
- Atriz cômica: NAIR BELO
- Animador: CARLOS HENRIQUE
- Animadora: BIBI FERREIRA
- Anunciadora: BRANCA RIBEIRO
- Produtor: CASSIANO GABUS MENDES
- Produtor musical: EDUARDO MOREIRA
- Produtor humorístico: MANOEL DE NOBREGA
- Narrador: KALIL FILHO
- Locutor esportivo: RAUL TABAJARA
- Comentarista esportivo: PAULO PLANET BUARQUE
- Revelação feminina: GLORIA MENDES
- Revelação masculina: PERY RIBEIRO
- Cenógrafo: KLAUSS FRANKE
- Novelista de TV: CIRO BASSINI
- Diretor de TV: ALVARO MOYA



Novas paulistas que se fizeram ídolos do público, merecendo, da RR, o título de "Melhores do Rádio" e "Melhores da Televisão". Pela ordem: Isaurinha Garcia, Walter Forster, Renato Corte Real, Nair Belo, Leila Silva, Adoniram Barbosa, Francisco Egídio e Morgana. Todos nomes consagrados.



RUI LEMOS, é elemento de destaque no Rádio da paulicéia, como programador e intérprete na Record. Goza de prestígio e popularidade.



ADONIRAN BARBOSA, pertence ao "cast" da Rádio Record e aparece constantemente em seus programas como humorista, excelente ator.

VARIAS

A Excelsior, em cadeia com dez emissoras do interior, passou a transmitir, diariamente, "Situação Nacional", um programa político que vai ao ar às 22,30 horas.

O PRIMEIRO OLHAR É PARA O BUSTO



Pasta Russa

Se a plástica do seu busto não a satisfaz, é tão simples corrigi-la. Em seis ou oito semanas de uso da Pasta Russa, você reconquistará a sua forma impecável, constituindo a sua maior atração e encanto. Quando pequenas, atrofiadas e flácidas, fácil é desenvolvê-las com a PASTA RUSSA. Quando faltar firmeza, a PASTA RUSSA restabelece a linha justa da plástica feminina, fertilizando os tecidos e ativando a circulação local. Distribuidores Araújo Freitas, Cia. Não encontrado no local, enviem Cr\$ 35,00 para caixa postal 1724, Rio, que remetemos.

Com uma "avant-première", de que participaram figuras do mundo feminino de São Paulo, a Rádio Excelsior inaugurou com êxito o anunciado programa "Para o seu lar", sob a direção da cronista Helena Silveira.

Oswaldo Moles anuncia a apresentação de um novo programa denominado "História de cangaço", na Rádio Record.

O "Club Papai Noel", da Rádio Difusora, comemorou o seu 12.º aniversário. A data deu ensejo à realização de grandes festas e muitas felicitações.

Manézinho Araújo estreou mais um programa, ao qual deu o nome "Vitamina B-9".

Entre os novos elementos que a Rádio Excelsior contratou conta-se Paulo Massenet, locutor e rádio-ator, cujo nome real é Antônio Pereira Borges.

Jorge Amaral, locutor e comentarista esportivo, deixou as "Associadas" paulista.

"As grandes dores de cabeça da história" é a última novidade que J. Antônio d'Ávila pretende apresentar na emissora de "Palácio do Rádio".

Mário Lago estreiará na Bandeirantes como programador com "Cavalcada de estrelas".

Jota Silvestre havia resolvido deixar a Cultura, mas o desentendimento foi desfeito, de forma que continuará nessa emissora.

As simpáticas Irmãs Meireles, que conquistaram grande público em São Paulo, farão na Record uma temporada de vinte e seis audições.

A Rádio Tupi está apresentando uma nova cantora, que interpreta valsas com muito sentimento. Seu nome é Alda Guimarães.

RÁDIO DE

REVISTA DO RADIO

São Paulo

Movimento das Emissoras

Além da transmissão feita pela PRF-3-TV dos espetáculos da temporada lírica oficial deste ano, a Rádio América Incumbiu-se de irradiar tódas as óperas, de modo que os apreciadores do "bel canto" que não puderam arcar com os altos preços do Municipal, encontraram na vídeo e no sem-fio a oportunidade de acompanhar a temporada.

Darcelo Ferreira, diretor-artístico da Bandeirantes, entrou em férias, sendo substituído por Luiz de Oliveira, que já vinha desempenhando, com eficiência, as funções de seu assistente.

Você sabia que o Manoel de Nobrega é pintor nas horas vagas? (Para evitar confusão declaramos que ele não é pintor de paredes e sim de paisagens, águas marinhas etc.).

A Rádio América está apresentando o sambista Jameirão, com probabilidade de prorrogar a sua temporada.

Ivani Ribeiro, da Bandeirantes, está escrevendo para a Rádio Clube do Brasil "Uma voz ao telefone", que terá como intérprete Prócopio Ferreira.

Estreou na Excelsior, o soprano Tercina Serraceni, uma artista bastante conhecida em São Paulo.

A Tupi, aproveitando a presença nesta capital do barítono Gino Bocchi,



IVO DE FREITAS

Interpretando com segurança diversos tipos, é rapidamente se firmou como humorista. Seu nome real é Ivo Piccolini e festeja o seu aniversário natalício a 2 de outubro. Presentemente, é um dos principais elementos da Record

atualmente participando da Temporada Lírica, contratou-o para uma série de audições, a partir do dia 4 deste mês.

Consta que Romeu Fôres, um dos nossos cantores líricos, do cast das "associadas", vai abandonar o rádio, para dedicar-se a direção de uma boite.



SONIA RIBEIRO

Este é o nome que ela adota no rádio, mas na verdade ela se chama Neide Mocarzel Blota Júnior. É claro que o Blota Júnior foi acrescentado depois do seu casamento com o conhecido e categorizado programador da Record. Tendo-se iniciado na "Malor" em 1942 — a emissora onde se encontra até hoje — Sonia Ribeiro venceu em tódas a linha, como rádio-atriz, locutora e animadora



ADONIRAN BARBOSA

Intérprete humorístico, sendo mesmo um verdadeiro criador de tipos, Adoniran Barbosa é ainda cantor e compositor. Já aprontou para o próximo carnaval o samba "Malvina", que será gravado pelos Demônios da Garça em disco Elite

GRAVADOR

Alvaro

CLICHES

TEL.

23-6227

"Batáfa" na Rádio Cultura

Entrou em crise o alto comando da Cultura. José Nicolini, diretor geral e J. Alvis Assunção, diretor de "broadcasting", desentenderam-se seriamente e surgiram as inevitáveis modificações. O Alvis deixou a estação, tendo assumido o seu posto Hélio de Araújo.

ELEIÇÃO À VISTA

Aqui vai a relação completa da turma de rádio que se candidatou a vereador nas próximas eleições: Homero Silva, das associadas; Vicente Chiaregatti, da Excelsior; Fausto Carlos, da Emissora de Piratininga; Mário Guimarães (Zé Caninha), Jôta Domingues e J. Cruz da Rádio América.



EXCEPCIONAIS OFERTAS!!

Enxovais com 12 peças por Cr\$ 720 — Enxovais para batizados e 1.ª comunhão, desde Cr\$ 120,00 — Ternos de brim desde Cr\$ 148,00 — GABARDINE azul marinho, 1,50 de largura, metro Cr\$ 39,80.

VENDAS A VISTA OU A CRÉDITO, SEM FIADOR

A NOBREZA — RUA URUGUAIANA, 95

RADIOLÂNDIA

- 1956.....161
- 1957.....164

O SAMBA NASCE NO BEXIGA E NA BARRA FUNDA



Em cortiço até moleque dá ritmo e gira

"Saudosa Maloca" surgiu da vida — Um artista múltiplo agora
arrendado também como compositor — De cantor de chapéu de
pelúcia e "astro" de cinema — Osvaldo Moles, o grande incentivador

DE S. PAULO

"Saudosa Maloca" ficou conhe-
cido, inclusive, em todo cortiço
no Brasil



Além disso, a música popular em São Paulo, ao ser possuída, na "samba 'Baudouin Maluco'", que logrou igualmente repercussão mundial. Depois do dobrado "Quarto Centenário", de Mário Zan - J. M. Alves, a composição de Adoniram Barbosa colocou-se entre os mais recentes êxitos musicais nascidos na Capital baudebranta.

Antes de obter renome como compositor, entretanto, Adoniram Barbosa já era um comediante de recursos enormes (prêmio "Boquete Pinto") e um dramático vigoroso no Record e TV-Record, ator de cinema ("O Congocreiro", "A Carrocinha", "Isolina da Ilusão", "Cacauito", "Mulher da Verdade", "Carnaval em 177 Milhas" e outras, "A Penha de D. Estela" e futuramente "O Setenta e Sete"), portador ainda um passado rico de conteúdo humano — encenador, baléista, empresário de marinha, garçon de Fundão Colômbia, o primeiro civil ministro da guerra no Brasil — que começou a escrever no rádio em 1933, como cantor do gênero chapéu de palha (nos ângulos do sardão Luis Barbosa) e que já em 1953 levantava o 1.º prêmio do carnaval no concurso oficial da Prefeitura de São Paulo.

"Baudouin Maluco", entretanto, projeta em todo o país o nome do compositor Adoniram Barbosa, a pequena filha de Valinhos que na vida civil tem o nome ainda mais pacato de João Rubião.

SURGE O SAMBA

"Baudouin Maluco" nasceu da vida — informa Adoniram Barbosa. Vem ao mundo há quatro meses, inspirado na existência miserável de alguns maloqueiros, amigos meus de boemia, residentes nos ruas Antônia, Conselheiro Nebras e na Bexiga. Meu Grasso existe mesmo. Jáca "deve" ter existido, encarnando no negro Mário da Rua Aurora. Muitos desses já morreram. Tuberculose como ponto final à abundante coqueça e a comida pouca. Não havia botecos, cortijo e galineta da Rua Funda e Bexiga que não conheçamos. Ainda hoje resta com muito maloqueiro. Boa gente. Leal e sincera. Desprezível do céu. De mal só tem o vício e a miséria, e mais infeliz em que vivem. O essencial em quem convive com eles resume-se apenas em não se deixar contaminar por seus costumes, que no resto a natureza é realmente fraternal e incomparável o poder criador de música e gíria.

NECESSIDADE SEM SUCEDIDA

Lembra Baudouin que "Baudouin Maluco" já foi gravado por Elia Pórgia, em 1932, como verso de um disco carnavalesco que tinha como lado "A" uma marchinha, "Minoso Colibri", composta sobre poesia popular de Oivaldo Moles (seu grande incentivador artístico e amigo pessoal), não alcançando porém tanta repercussão. Passou-se o tempo e no ano passado, após muita insistência, Astur, o chefe do conjunto Demônios do Gêroa, já então no Nacional, manteve em fim registrar o samba, que "estudou" imediatamente, animando o acordeonista Hortêncio a pô-lo em casa em ritmo de tanço e também a Malena em gravação com oboé e orquestra.

— Em número reduzido — revela Adoniram Barbosa — "Baudouin Maluco" vendeu 100 mil discos nas várias gravações. Edmundo ou Gabriel com ele 150 mil cruzetões, embora, cá entre nós, tenha aproveitado de bom desses dinheiro apenas 40 mil para comprar uma lumba d'água destinada a um sítio que possui lá para bandas de Pinheiros, esbanjando o restante não sei em que...

Texto de
ARNALDO CÂMARA LEITÃO

Fotos de
WILDO PASSOS



Oivaldo Moles é o grande incentivador de Adoniram Barbosa

ARTISTA POPULAR

Os sambas de Adoniram Barbosa, tal como suas melhores criações radiofônicas, refletem a vida dura das camadas mais humildes da população paulistana: "Samba do Aracê", "As Mariposas", "Inocente", "Deus te Abençoe", "Um Samba no Bexiga", etc. são disso exemplo. (Continua na pág. 41)



Maloqueiro é gente boa e leal — afirma Adoniram Barbosa.





Presidentes, madrinha e presidente do Fan-Clube Emilinha Borba, de Jacaraju, e Aglaé, "Miss Centenário".



Maria Veiga tem a honraria de Jacaraju, de Vespúcio, de Horizonte.



Jacira Ribeiro, de Niterói, Emilinha, Chico Carlos, César e Isis de Oliveira são incomparáveis.



Fausto G. da Silva, de Carangola, é fan de Jorga Veiga.



Marlene e Moysés Weltman são os favoritos de Zenaide Profeta, do Rio.

Paulo Silva, cartas com Entida Romelli e foto de Marlene e Emilinha, a quem enviará mensagens sobre o aniversário; Rua Fausto Louza, 26, Inhauma, Distrito Federal.

Jurema Pereira da Silva, cartas com a foto de Cauby Peixoto e Emilinha Borba; endereço: Santana de Japuíba, Estado Rio.

Hélio Cavalcanti, cartas e recortes sobre Emilinha, com foto do interior; Rua Istão, 513, Cascadura, Distrito Federal.

Itana Alves, cartas e recortes sobre Carlos Alves; Rua Vigarão Carlos, 30, Uberaba, Minas Gerais.

Joana D'Áro Falcão, com fans de Nelson Gonçalves, Dalcy Lucidi e Dalva de Oliveira, e Isabel Falcão, com fans de Marlene e Nelson Gonçalves; Rua D. Pedro II, 150 João Evangelista, Minas Gerais.

Marcos Nunes Fernandes, com fotos de 23 anos, é, funcionário público; seu endereço: Divisão de Finanças, Santarém, Pará.

Mary e Lauridões Alves, cartas com a foto de Emilinha; Rua Sargento João Lourenço, 446-A e 446-B, Guarabá, Ilha do Governador, Distrito Federal.

Francisco Antônio Pestana, avô, com fotos de 18 e 23 anos; seu endereço: Rua — G.C.A. — Base Aérea N.º 2, Alentejo, Portugal.

Edméa C. de Santana, 20 anos, postalista com fotos do Brasil e do exterior; Rua Miguel Cayon, 41, Saúde, Distrito Federal.

Victória N. Brito, 22 anos, vem ao Rio, cartas com fotos e senhoras de pre-

terfúncia residentes em fazendas e plantações de café; o endereço: Auda, Colón, 562, Callao, Peru.

Irene Neves Bandim, cartas com fans de Emilinha Borba; Caixa-Postal, 101, Barra Mansa, E. do Rio.

Dalva Jaeger, cartas com fans de Dalva de Oliveira e Marlene; Fan-Clube Dalva de Oliveira, Rua do Mercado, 10, Volta Redonda, E. do Rio.



Acabe com os seus cabelos brancos sem usar tinturas!

Muitas vezes, cabelos brancos prematuros se devem ao acúmulo de caspa, que prejudica o crescimento e o desenvolvimento normal dos cabelos, enfraquecendo-os e causando a perda do brilho e da própria cor.

Restoure a cor natural dos seus cabelos, eliminando as causas com Loção Restauradora Juvenia. Com a Loção Restauradora Juvenia, você acabará com os cabelos brancos, porque a sua nova fórmula científica age nas próprias raízes dos cabelos, restaurando a cor natural sem a necessidade de usar tinturas.

E os fabricantes da Loção Restauradora Juvenia lhe oferecem mais estas vantagens: se V. precisa de orientação para resolver seus problemas individuais de cabelos brancos, caspa ou queda dos cabelos, escreva para Bozzano S. A. - Rua Joaquim Távora, 1610 - São Paulo, descrevendo suas dificuldades, e nós teremos prazer em aconselhá-lo.

Além disso, se depois de usar dois vidros de Loção Restauradora Juvenia, V. não tiver obtido os resultados esperados, envie uma carta pormenorizada a Bozzano S. A., e nossos especialistas estudarão seu caso e tentarão ajudá-lo da melhor maneira possível. - Loção Restauradora Juvenia, à venda em todas as casas do ramo. 1956

COM ADONIRAN BARBOSA (Conclusão da pág. 35)

Figura obrigatória em quase todos os programas "Introdução" do Record, pessoalmente um sujeito modesto e colheiteiro que 43 anos de idade, escondendo a sensibilidade de que é dotado, usa sempre maxixe para um futuro breve reside em protagonista o papel de Antônio Conselheiro no filme "O sertanejo", que Lima Barreto prepara desde há alguns anos. Enquanto isso nos momentos, leva mau a vida, com diáspora cultuária musical, sem intimidade com ninguém, sem deixar os amigos noturnos, cuja ternura sintética seria!

— Molequeiro é gente boa, ucradine, nunca te dá trabalho.

RECADOS DOS FANS PARA OS ARTISTAS



De Julieta Kocha para EMILINHA BORBA: "Primeira e única Rainha dos Corações".

De Clarice Volgi para IVON CURY: "Continue sempre fan de Emilinha, que será, cada vez mais, querido".

De Sebastião de Souza para EMILINHA BORBA: "Sou teu advogado de defesa em qualquer lugar".

De Dayse Maria Silva para EMILINHA BORBA: "Invejada sempre, igualada nunca".

De Nise Albuquerque para MARLENE: "Orgulho-me de ser 'marlenista', pois tens talentos e honestidade artísticos".

De Darilce Frates para EMILINHA BORBA: "Rainha da Popularidade".

De Ana Costa para RANDAL JULIANO: "Você é o maior!".

De Anselma da Silva para FRANCISCO CARLOS: "Querido, como você só você mesmo".

De Neusa Santos para LUIS CLAUDIO: "Você é uma verdadeira revelação".

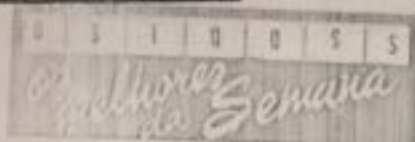
De Vilma Assumpção para PAI LO GRACINDO: "Nós, 'vacalinas', recebemos a afimizada com um sorriso e a ofensa com indiferença".

De Sandra Savana para EMILINHA BORBA: "Se o Brasil prefere Emilinha, pra que discutir?"

Leiam todos os meses

ACONTECEU

a melhor revista do Brasil no setor das grandes reportagens internacionais.



bolsa de valores do RADIO e TV



MELHOR ANIMADORA

MARIA APARECIDA BAXTER, maternal e eficiente no programa "Parque Infantil União", da TV-Record.

MELHOR ATOR DE TV

PERCIVAL FERREIRA, que realizou um bom trabalho interpretando o dono do bar no tele-drama "Laços Humanos", na TV-Paulista.

MELHOR REPÓRTER

PAULO VITOR, da Bandeirantes, "furando" espetacularmente o motim dos menores do Presídio da Alegria, ponta de abertura para o ramoroso caso.

MELHOR ATOR DE RÁDIO

ADONIRAN BARBOSA, esplêndido no negro Arnesto da Luz, de "Histórias das Malocas", de Osvaldo Moles, pela Record, papel que vai bem a seu feitiço artístico.

A audição não oferece o brilhantismo de outras vezes: a história do Arnesto da Luz, o singular campeão popular que colecionava sembas, é focalizada de maneira esquemática e superficial. Entretanto o assunto são negros e quem o trata é Osvaldo Moles. Significa que pelo menos a parte humana, de solidariedade da história, é contida. Mas de todo modo a audição resulta interessante, revivendo de elementos populares e denunciando a experiência e a simpatia do produtor. Admirar Barbosa espelhado como o pobre sambista sem oportunidade, com o cenário típico do personagem encarnado. Também com bom rendimento Aurea Ribeiro e Alfredo Gramani. Narração segura de Jorge Magalhães. Direinha Costa interpreta com grande vivacidade o samba "Vitamina de Nêgo", de Herá Cordeiro e Osvaldo Moles, surpreendendo em interesse o seu estilo sofisticado de comuna.

COTAÇÃO

6

PROGRAMA:

"JORNADA ESPORTIVA GOOD-YEAR"

DIA: 5 5
HORA: 15,30
EMISSORA:
TV-PAULISTA

COTAÇÃO

7

PROGRAMA:

"PALHINHA NA TV"
DIA: 10-5
HORA: 19,00
EMISSORA:
TV-TUPI

Ari Barroso é o narrador da pelra Coelheiros e Botafogo. Estilo idêntico ao que lhe deu projeção no gênero pelo rádio. Com espírito crítico e respeito do que seja futebol profissional no Brasil, vai o locutor se divertindo e divertindo os espectadores com as jogadas e as ocorrências extravagadas no campo. Não apresenta propriamente descrição dos lances e ainda menos comunica ao público a sensação individual e coletiva da partida — nem afinal é isso para isso: a imagem está ali à vista de todos e não pode ser apagada e a respectiva interpretação não pode ser torcida. Entretanto, a narração é pontilhada de ressaltos zoccosos, o destaque lhe dá leveza e às vezes a própria saída se apresenta como a lembrar que, enfim, o que se está vendo... é apenas jogo de futebol profissional. É indiscutível que Ari Barroso acrescentou elemento diferente nas transmissões esportivas de fim de semana em São Paulo. Comentários sóbrios, claros, imparciais e como sempre de elevada responsabilidade de José Lazzari. Trabalho de câmaras bom e eficiente reportagem de campo, embora esta deva dar mais "lances" e com maiores detalhes. Textos comerciais pedigidos com argúcia, ligando no possível a mensagem com a fraseologia normal das transmissões desse natureza.

Transformado num autêntico programa de auditório para o público infantil, o horário ganhou em interesse. A prova do ovo ao cristo, por exemplo, teve uma torcida entusiasta entre crianças e adultos presentes, embora sua repetição evidenciasse falta de imaginação por parte do produtor. Casquinha e Pimentinha, em número crescente, foram a atração artística do horário, preenchido como já é tradicional por artistas amadores infantis. Sempre maternal, Aparecida Baxter conduziu com habilidade o programa, sabendo ser agradável mesmo quando precisou cortar um número artístico pelo peso, por falta de tempo. Durval de Souza, sóbrio, comprometido e de gravata, fez a contra-regra, enquanto Durval Bortoloto, na direção de TV, apresentou trabalho mais que regular.

Apresentado com o pomposo slogan "o estilista da canção espanhola", o chileno Pepe Lucena está longe de ser isso, não passando de um cantor mediocre como tantas outras faixas "atrações internacionais" que por aqui aportam. Cantando diante das câmaras com uma disciplina que chega a parecer ignorância do que seja o vídeo (aquela piçarra em close é um exemplo) não é nem sequer uma figura agradável para o espectador. Cinco "jingles" comerciais, por Augusto Machado de Campos e Jane Batista, são excessivos para 15 minutos de programa, especialmente num caso como este, quando nada de interessante é oferecido ao espectador.

PROGRAMA:
"HISTÓRIAS DAS MALOCAS"
DIA: 4-5
HORA: 21,10
EMISSORA:
RÁDIO RECORD

COTAÇÃO

7

PROGRAMA:
"PARQUE INFANTIL UNIÃO"
DIA: 9-5
HORA: 18,00
EMISSORA:
TV-RECORD

COTAÇÃO

2

Você pode ser um Catedrático do Rádio!



Mario Brasini trabalhou com destaque no filme:

- 1 — "Treze cadeiras";
- 2 — "Fantasma por acaso";
- 3 — "Mulheres e samba".



Cantora portuguesa contratada pela Rádio Tupi:

- 1 — Mimi Gaspar;
- 2 — Helena Gonçalves;
- 3 — Virginia Naronha.



Saint Clair Lopes começou a carreira no rádio em:

- 1 — 3 de setembro de 1934
- 2 — 9 de janeiro de 1930
- 3 — 15 de março de 1940.

Geni Martins, Rainha dos Músicos realmente:

- 1 — Martiniana Fonseca;
- 2 — Genir Bibiano;
- 3 — Marta Genir Ruiz.



João Rubinato quem é?

- 1 — João Dias;
- 2 — Adoniram Barbosa;
- 3 — Walter Forster



QUADRO DE COTAÇÕES

Acertando somente uma questão, VOCE NAO ENTENDE NADA DO RISCADO.
 Acertando duas questões, VOCE E' FRACOTE NO ASSUNTO.
 Acertando três questões, VOCE NAO ESTA' FAZENDO FEIO.
 Acertando quatro questões, VOCE TEM QUEDA PARA O NEGÓCIO.
 Acertando tudo, VOCE PODE BATER NO PEITO E DIZER ALTO: "EU SOU CATEDRÁTICO EM RÁDIO!"

RESPOSTAS DO TESTE DE HOJE

1 — Genir Bibiano, 2 — "Fantasma por acaso", figurando ainda em "O primeiro somar", "Gente honesta" e "Vida solitária". 3 — Adoniram Barbosa, radiador e compositor paulista. Atencido à Inquirição 4 — 3 de setembro de 1934, na extinta Rádio Educadora (RNE-1). 5 — Helena Gonçalves, cantora no Brasil do sucesso "Bastinho da Madalena". Como foram as cotizações hoje, amigos catedráticos?

TV rádio LÂNDIA

-1961.....169

Discolândia (SÃO PAULO)

MAURO PIRES

Mais um carnaval se aproxima e mais uma vez sou obrigado a dizer isto, aliás, bem a contragosto: como vem acontecendo há já alguns anos, quase todos os diretores artísticos de nossas gravadoras afirmaram — quase juraram — que não se interessavam pelo carnaval, que nada gravariam no gênero etc, etc. Como bom folião e como, modéstia à parte, bom psicólogo, no meu terreno, não dei a mínima atenção à "ameaça", pois, eu, sim, jurava que as gravações viriam, e às catadupas, como realmente aconteceu mais uma vez. Não será por falta de discos carnavalescos, pois, que os foliões deixarão de cantar... "A Jardineira", "O Teu Cabelo Não Nega", "Linda Lourelinha", "Grau Dez", "Jóia Falsa", "Mulatinha da Caserna" etc. E... entre a "bagulhada" toda... sempre se salvará alguma coisa...

José Ottoni, um cantor cujos reais méritos os discófilos ainda não reconheceram devidamente, estreou na Phillips com a toada "Cantiga da Lavadeira" — não confundir com o lamento da dita — e a "Guarânia da Lua Nova", ambas de Luís Vieira.

★

A Sertanejo lançou um disco de Luizinho, Limeira e Zêzinha fadado a grande êxito: "Mariuzinha", velha valsa alemã, de autoria ignorada, em adaptação de Palmeira e Teddy Vieira, e "O Crime do Circo", toada de Palmeira e Luizinho.

A Copacabana também gravou para o Carnaval, e um de seus melhores lançamentos é o de Caco Velho, o sambista infernal, constituído dos sambas "Baiana do Bambolé", que escreveu em colaboração com Filhinho e Lúcio Martins, e "Esterzinha Bueno", que compôs em parceria com Haroldo Maranhão.

FRANCISCO
EGÍDIO



A Odeon — que de fato não se interessa pelo Carnaval há alguns anos, limitando-se a repensar alguns grandes sucessos — ainda este ano conservou-se nessa política. Por falar em Odeon: seu artista exclusivo Francisco Egídio (foto) foi premiado como o melhor cantor popular do rádio paulista em 1960.



Adoniran Barbosa, o famoso "Charutinho" da PRB-9, compôs e gravou o samba "Agora Vai", e também levou para o acetato a marcha "Tustão de Amendoim", de Arquimedes Messina. Lançamento bom da Havana.

★

A Chantecler lançou "apenas" cerca de vinte artistas — entre efetivos e avulsos — em gravações monísticas. Num deles deparamos com a marcha "Eu Sou Confete", de Daniel Magalhães e Luís Monteiro, em interpretação do primeiro, e, no verso, a marcha "Mentira Lusitana", de José Gomes e Osvaldo Mendes, na voz de Acluan.



C A R I O C A

- 1953.....173
- Sem data.....177



O HOMEM DAS SETE VIDAS

Adoniram Barbosa, da Record de São Paulo e do cinema Nacional

Reportagem de Carlos Maria

ONTE dia, quando a reportagem foi visitar a Rádio Record, aproveitou a ocasião para bater um ligeiro papo com um tipo popularíssimo de São Paulo, artista de rádio e da televisão Record e figura indispensável em filmes brasileiros. ADONIRAM BARBOSA exibia uma barbiça fora do vulgar e, quando lhe perguntamos o por que dessa fantasia capilar, nos respondeu que fora escolhido para fazer o papel de ANTONIO CONSELHEIRO, no filme "O SERTANEJO", a rodar brevemente nos estúdios da Vera Cruz, sob a direção do conhecido LIMA BARRITO. Pedimos uma fotografia, se a tivesse, para publicar na CARIOCA e o famoso ADONIRAM, sem mais demoras, em vez de uma, deu-nos três, com estas palavras: "O tempo passa, a barba cresce e o fotógrafo mostra..." E aqui estão de fato três fases da evolução da barba de ADONIRAM BARBOSA, como aparecerá no papel de ANTONIO CONSELHEIRO. ADONIRAM já participou nos seguintes filmes: "Pi-Paf", "Caidos do Céu", ambos da Cinédia; depois, contratado pela Vera Cruz, fez mais os seguintes: "O Cangaceiro", em que seu papel era o de um cangaceiro fracassado; "O Candeia", onde aparecia como professor Pancrácio, um filósofo de boa pluma, como ele nos diz. Estreou no rádio em 1934, como cantor de samba e corretor de anúncios, frequentando em ambos os mistérios. Foi quando se lembrou de criar um tipo: "Don Segundo Sombra", argentino, todo tango e bigodes. Foi um sucesso e, com ele, descobriu sua verdadeira "bossa". Depois, fez o de francês, de inglês, de professor de escolinha de meninos, de chefe de caminhão, de calpina, de malandro e, agora, ao microfone da Record, apresentava-se como "Doutor Senisio Trombone", professor de ciências e letras... Nasceu em Vallinhos, no Estado de São Paulo, em 6 de agosto de 1910 e, apesar da idade, ainda joga pelada com os vizinhos da rua onde mora. Tem um cachorrinho de nome "Petelco", que é, diz o ADONIRAM, o maior do mundo e arrebores...



Carloca

• • •



Ilka Soares e Anselmo Duarte surpreendidos nos estúdios da Record pelo fotógrafo

DESCOBERTA ESTRELA DE RADIO RECORD

Reportagem de

betro. Quando lhes perguntamos onde estavam o Paulo e a tal nova "estrela" do cinema, riram e responderam:

— "O bom repórter não pergunta, porque ele é quem deve saber!"

Fomos embora e pensamos em interrogar os nossos amigos Ilka Soares e Anselmo Duarte, mas eles estavam em programa. E o nosso fotógrafo lá ia marcando os insucessos de nossas diligências. Foi quando num dos corredores deparamos com o Adoniram Barbosa, do rádio e da televisão Record, e do cinema também, que por acaso vai figurar, como Antonio Conselheiro, no mesmo filme, "O Sertanejo", em que entram o Paulo Ruschel,

O repórter foi avisado de que, no programa "A Grande Filmagem", que Thalma de Oliveira produz para a Record de Elio Paulo, seria apresentada pela primeira vez ao público uma nova estrela do cinema nacional, descoberta pela Record, através de um outro programa — "Cinerama" — produzido pelo conhecido ator de cinema Paulo Ruschel, irmão de Alberto (Cangaceiro) Ruschel. Naquela tarde de domingo, 5 de novembro, a barreira era tremenda antes do programa, porque a ordem era de que ninguém fotografasse, antes da apresentação, a moçinha escolhida por Lima Barreto para fazer o principal papel feminino na superprodução, "O Sertanejo", da Vera Cruz. Mas o repórter de CARIOCA está habituado a vencer o impossível e, depois, seria difícil que Paulo Ruschel resistisse a um pedido feito em nome da nossa revista. Tínhamos que ser os primeiros a fotografar a sensacional descoberta de Paulo Ruschel-Record e a falar com ela. Sabíamos apenas que vencera os severos testes a que fora submetida, em concorrência com algumas centenas de moças de todo o país. Conseguimos iludir a vigilância dos porteiros da Record e entramos nos corredores da rádio. Mas, cadê o Paulo? Procuramos o diretor de broadcasting da Record, o simpático Eliete Júnior, e fomos dar com ele escrevendo um programa, em colaboração com sua esposa, a lindíssima atriz de teatro e do rádio, Sônia Ri-



Regina Lima, a nova descoberta do cinema, entre Paulo Ruschel e Assis Valente

Carioca

• 16 •

UMA NOVA CINEMA PELA D, DE S. PAULO

CARLOS MARIA



Adoniram Barbosa, o "Antonio Condeiro" do filme em preparo, "O Sertanejo"



Sônia Ribeiro e Blota Júnior, dois valores do rádio bandeirante

no papel de Cirino, e a nova "estrela". Quando perguntamos ao Adoniram onde estava o Paulo Ruschel, ele riu e apontou:

— Ali...

O nosso fotógrafo preparou o "flash", estamos à porta, o Paulo Ruschel abriu e... estava fotografado, antes da apresentação, a nova atriz do cinema bandeirante! Nossa reportagem foi a única a conseguir essa proeza, apertando numa só chapa, o Paulo, o Zé Valente, conhecido compositor e que fará, em "O Sertanejo", o papel do famoso cangaceiro "Volta Grande", e a linda moçoila que nos declarou chamar-se Regina Lima, ter dezessete anos incompletos e nascido no Estado de São Paulo. Foi escolhida entre as trinta e quatro e sete concorrentes ao papel de filha do fazendeiro, no "O Sertanejo", sendo esse papel um dos quatro principais da película. E lá está a fotografamos de novo, enquanto Paulo Ruschel dizia ao microfone:

— A rádio Record, de São Paulo, anuncia agora o nome da candidata vencedora!

Em breve faremos uma reportagem completa com o simpático brotinho, a quem desejamos o êxito que sua simpatia merece.



Paulo Ruschel, ao microfone, fazendo a apresentação da futura "estrela"

© 17 ©

Carlota



2º PREMIO — 25\$000

AUDIÇÕES INTERROMPIDAS

Ligando o rádio em busca de boa música, já tive o desprazer de ouvir composições clássicas como rapsodias de Liszt, a Dança das Horas da Gioconda, a Valsa symphonica e o Bolero de Ravell interrompidas para annuncio de casa de pasto, novo typo de radio, loja de ferragens, etc.

E' increditavel até onde vai a insensibilidade, o despudor artistico de certos organisaedores de programmas de radio.

Supponhamos que uma dessas estações promova uma hora de arte em homenagem a Gonçalves Dias. Vão declamar-lhe versos: "Y Juca Pirama". A hora da transmissão os ouvintes escutam, attentos e ansiosos, as apostrophes do velho indio cego ao filho que com lagrimas comprou a liberdade:

"Pois que a tanta vileza chegaste,
Que em presença da morte choraste,
Tu, covarde, meu filho não és!"

Nesse momento o declamador é interrompido pelo "speaker", que nos grita aos ouvidos: Oh! Oh! não! Beba isto! Coma

O RADIO EM S. PAULO

Darcio Alves Ferreira, "speaker" da Radio Diffusora; Octavio de Barros, "speaker" da Radio Record; Octavio Mendes, director da Radio Record; Tito Fleury, "speaker" da Radio Excelsior; José Sierra, cantor de tangos na Radio Diffusora; Arnaldo Pescuma, apreciado cantor de valsas e "foxes" no "broadcasting" paulista; Lauro d'Avila, pertencente á trínca "Ha-tchá-tchá", da Radio Record; Aristides Sessa, cantor de tangos da Record; Ardanyhy, cantor de tangos e valsas argentinas.

aquillo! Pum! bilhete vendido... — para depois continuar a transmitir outro pedacinho da poesia!

Se o tempo é pouco para os annuncios e estes indispensaveis, supprimam as musicas extensas porque os seus apreciadores preferem realmente perdê-las a ouvirem-nas esquarterjadas.

E' lamentavel esta violação da esthetica musical!

OCTACILIO RAINHO CARNEIRO.

3º PREMIO — 25\$000

O "QUARTO DE HORA"

Uma das qualidades indispensaveis para uma radio-diffusora tornar-se preferida dentre as demais é, fóra de duvida, a excellencia de seus programmas.

Ora, ha estações nacionaes que não pôdem colher a sympathia geral dos radio-ouvintes e isto em parte porque falta aos seus directores artisticos uma dose minima sequer de bom gosto.

Assim é que, por exemplo, costumam algumas dellas, entreinar, em materia de musica, classico com popular, o que não pôde ser do agrado dos admiradores de qualquer desses dois generos musicaes.

Imagine-se um "dilettante" de musica fina a saborear um trecho de opera, quando logo após vem ferir desagradavelmente os seus tympanos os sons ruidosos de um desses "foxes" que costumam chamar de electrizantes. E, vice-versa, um ouvinte enlevado com a voz magica de Carmen Miranda num samba sentimental, como só ella sabe interpretar, para logo após uma orchestra de tantos professores iniciar a "ouverture" dessa ou daquela opera.

O ideal seria que cada uma das nossas estações de radio, aliando o util ao agradável, procurasse attender ás preferencias de seus ouvintes, adoptando, na execução de seus programmas, a exemplo das es-





A esquerda, de pé, o maestro Gabriel Migliori, o melhor regente de 51; sentados, Geraldo Blota, "revelação de programador", a rádio-atriz Sônia Ribeiro e o grande Blota Junior, detentor de dois "roquetes"



Aqui todos foram premiados — Lia de Aguiar, Blota Junior, Oswaldo Moles e Walter Forster, o galã das grandes novelas



Cada "roquete", na hora de receber o prêmio, tinha que se apresentar com um padrinho. O de Isaura Garcia foi Oswaldo Moles, que cumprimenta a "afilhada", enquanto Vicente Leporace observa...



Murilo Antunes Alves, o melhor repórter, recebe o seu prêmio das mãos de Edmur de Castro Cotti



Três "roquetes" em uma foto — Adoniram Barbosa e Maria Amália, ambos da Record, consagrados como os melhores intérpretes humorísticos, e Pedro Luiz, o melhor locutor esportivo



"Três grandes" — Ivany Ribeiro, Walter Forster e Pacino Sobrinho

O MUNDO ILUSTRADO

- 1954.....181

patronos que tomam, recebem o desejo de gratidão daquelas que tiveram, assim, graças ao seu generoso auxílio, um Natal bem melhor.

RÁDIO DE SÃO PAULO

DESFILE DE ASTROS E ESTRELAS DO ETÉR PAULISTA



quase dois anos, Ivo Triflitas escreveu «Músicas e Músicos» — «Albúm de Melodias» — «Piadas que todos gostam» — «Professor de Lelicência» — «Monteiro e suas Cartões», além do seu ovidíssimo «Dicionário de Hissos».

MAURY VIEIRA, animador dos auditórios da Piratininga e NELSON MARTINEZ, diretor artístico daquela emissora, acertam seus registros, pelo famoso «Mosteiro de São Bento», onde a B.S. tem instalado um dos seus microfones, a fim de transmitir, nos seus ouvintes, a hora certa. Um detalhe interessante da programação, que, certamente, pouco despercebido de muita gente que a escuta.



NILCEIA ROGERS, cartaz da Emisora de Piratininga, vem se destacando ultimamente por suas atuações nos programas cinematográficos dessa estação, um dos mais movimentados e aplaudidos da Paulicéia. A popular estrelinha, gravou em discos «Sliters», para o carnaval, e também «Mulher Polonesa», e, por isso, não pretendendo, contradizer o título da música de sua criação, está mesmo no grande! Na foto, a prestigiada cantora, quando ouvia sua gravação.



ADONIRVAN BARBOSA, o popular «Barbozinha», comediante da Record, um dos tipos mais curiosos do Rádio paulistano. Também pela originalidade de seu vocabulário de gíria, intérprete de cinema, onde desempenhou interessantes papéis no «Cangaceiros», «Esquina da Ilusão» e recentemente em «Candinhos», do Tordo de Maxarope. No flautante, num «boto-papo» com Isaurinha Garcia, já na do rádio paulista, sua colega de microfona e cartaz no «Zorrocastings» paulista.

R Á D I O - T E A T R O

- 1953.....185

Rádio-Teatro

"Madalena"

PRESÍDIO DE MULHERES

e as melhores pladas do Edifício

BALANÇA MAS NÃO CAI

N.º 68



Cr\$ 4,00

— **OUÇA** diariamente

— de 2.ª a 6.ª feira, às 15:05 hs.

— na **RÁDIO NACIONAL.**

PRESÍDIO
de
MULHERES



A vida trágica de mulheres que,
por amor, chegaram até ao crime...

Gentileza da

PASTA DENTAL PHILLIPS

o dentífrico que os dentistas recomendam

BIOGRAFIA DE ADONIRAN BARBOSA

Adoniran Barbosa, esse "velho-enço" do rádio da terra da garoa, nasceu em Valinhos, no Estado de São Paulo.

Iniciou sua carreira vitoriosa, em 1936, na Rádio Cruzeiro do Sul e, até 1941, "circulou" ainda pelas rádios Kosmos e Difusora, para nessa época "acertar o pé" com a Rádio Record de São Paulo — já como intérprete cômico — e ficar na B-9 até hoje!

Adoniran Barbosa fez tanto em rádio que não teríamos páginas suficientes para dizer de tudo aquilo que ele já fez! Assim, vamos dizer que em 1946, Adoniran Barbosa "aderiu" ao cinema nacional, estreando no Rio de Janeiro, na Cinédia. Nesse ano, fez "Pif-Paf". No ano seguinte, ainda na Cinédia, apareceu em "Caidos do Céu", uma película que teve o argumento de Osvaldo Moles e contou com a direção de Luiz de Barros. De 47 para 52, Adoniran Barbosa continuou fazendo "miserias" no sem-fio paulistano, quando no ano passado, apareceu em "O Cangaceiro", esse grande trabalho de Lima Barreto para a Vera Cruz, considerado por muitos, como a maior realização do cinema brasileiro. Em "O Cangaceiro", Adoniran Barbosa faz o papel de "homem-arsenal", um "jagunço" já cansado das lutas das contingas!

No momento, Adoniran Barbosa está filmando ao lado de Alberto Ruschel, Ilka Soares, Luiz Calderaro, Waldemar Wey e outros, "Esquina da Ilusão", que tem a direção de Ruggero Jacobi, também para a maior fábrica nacional — a Vera Cruz. E já está em entendimentos na mesma companhia, para tomar parte em novas películas.

Adoniran Barbosa faz também — sem compromisso, diz ele — suas melodias para o Carnaval. Além, devemos dizer que Adoniran Barbosa tem alcançado inúmeros sucessos com músicas para o Reinado de Momo. Voltemos um pouco: em 1935, foi premiado pela Prefeitura Municipal de São Paulo, com a marchinha "Dona Boa!" — Adoniran Barbosa continuou "rabiscando" músicas para os dias de folia e sempre viu suas melodias cantadas por todos os cantos desse imenso Brasil! — Em 1951, apresentou "Malvina", premiada num concurso realizado por Rádios Assumpção S. A. — Em 52, fez dois extraordinários sucessos nacionais: "A Louca Chegou" e "Joga a Cha-

RÁDIO-TEATRO — 109

de". — "A Louca Chegou", fez de parceria com Romulo Pires e Henrique de Almeida e "Joga a Chave", com Orlando França — o Voador Jalado!

Adoniran Barbosa continua na Rádio Record de São Paulo, cada vez mais firme na emissora da rua Quintino Bocaiuva, já com os olhos fixos na TV-Record, onde pretende reeditar muitos dos seus já conhecidos tipos cômicos, assim como: o inglês Richard Morris — o judeu Moyses Rabinovich — o pretinho Zé Conversa — o Venito Gijo Magnagati — o italiano Giuseppe Pernosina — o argentino Don Segundo Sombra — o francês Jean Rubinet e muitos outros tipos que Adoniran Barbosa sempre fez com absoluto sucesso na rádio paulista!

Adoniran Barbosa participa, no momento, dos seguintes programas da P. R. B. 9: "Solteiro é melhor" — às segundas-feiras, às 21 horas. Adoniran Barbosa faz nesse programa o papel do marido humilde — Confúcio das Dóres — e a redação é de A. C. Carvalho; As terças-feiras, ele é o Zé Conversa de "Convite ao samba" — um "script" de Fernando Moreira que vai ao ar às 21,30 horas. Zé Conversa é o pretinho que "folga prá zura", mas no fundo não passa de um grande sentimental; As quartas-feiras, aparece em dois programas de Armando Rosas: "Show Castelo" e "Vale Quanto Pesa"; "A presença do trio" — às quintas-feiras, nos mostra um Adoniran Barbosa na pele de um judeu "muito camarada", sempre ajudando o próximo com suas prestaçõesinhas "suaves" — o Moyses Rabinovich. "A presença do trio" vai ao ar às 21 horas; Talma de Oliveira apresenta todas as sextas-feiras, um "broadcasting" — "O Creme não compensa", onde Adoniran Barbosa tem chance de fazer quase todos os seus tipos característicos.

Trabalha aos sábados em "Sitio do bicho do pé", de Armando Rosas; Aos domingos, Adoniran Barbosa aparece num trabalho bonito de Talma de Oliveira "A grande filmagem", apresentado às 21 horas. Nesse programa, Adoniran trabalha ao lado dos grandes astros do cinema nacional — Anselmo Duarte, Ilka Soares, Alberto Ruschel e o grande "cast" da Rádio Record, sob a direção de Blota Junior. Uma apresentação de gala, da B-9, onde participam ainda, duas orquestras, conjuntos regionais e cantores. E, tem mais: faz todas as noites, às 18,50 horas, o tradicional "Charuto e Fumaca", giocando o esporte!

Como vocês vêem, minha vida não é "sopa não", — diz o famoso Barbozinha!

Assim, procuramos contar um pouco do muito que esse "pelhomoço" — Adoniran Barbosa — tem feito no rádio e também no cinema dessa nossa querida terra brasileira!

NELSON FERNANDES

110 — RADIO-TEATRO

10/2/53

PARADA RCA VICTOR

- 1956.....189

PARADA RCA VICTOR das grandes
músicas para o carnaval de 1956.

p.09

«CHOREI, CHOREI»
Samba de Adoniran Barbosa -
J. Nones - Regulho

BIS (Chorei, chorei
CÓRO (Quando perdi seu grande amor.

Agora volta
A me querer
Pra seu castigo
Não quero mais você!

Disco RCA Victor Nº 80-1541
Canta: Isaura Garcia

A RCA VICTOR

SE ORGULHA DE APRESENTAR NOTÁ-
VEIS CRIAÇÕES, GRAVADAS COM A
PUREZA E FIDELIDADE QUE SEMPRE
CARACTERIZAM SUAS GRAVAÇÕES.

- 9 -

BRASIL RITMOS + LETRAS

CARNAVAL - 1960

- 1960.....193

"LEVA TUDO CON- FITA OS OLHOS TIGO" MEUS"

SAMBA

Santos Garcia

Canta: Jorge Goulart

Vai
Leva tudo contigo
Vai
Deixa a saudade comigo

Leva tua beleza
Que me deu tanta alegria
Deixa p'ra mim a tristeza
Sofrimento e nostalgia

JURO AMOR

SAMBA

A. Barbosa-Ivan Moreno-Jóca

BIS

Juro amor
Eu juro
Nunca mais bebe
Toda vez que eu bebo
Não sei o que é que há
Chego em casa
Pronto pra te contrariar

A bebida
Minha querida
Ta estragando
A nossa vida

MAS QUE CHAVÉCO

MARCHA

Manoel Ferreira-Canarinho

BIS

Chi mas que chavéco
Aprontaram pro Cacaréco
Imagine o senhor
Ele inocente
Foi eleito Vereador

Não fez discurso
Nem gastou grana
Não pregou faixa
Nem fez projeto
Foi a maior barbada
A eleição do Cacaréco

SAMBA

De Antônio Almeida

(Gravado em Discos "POLY-
DOR" por Joel de Almeida)

Fita os olhos meus,
Olha pra mim por favor...
Fita os olhos meus,
No olhar é que começa o
[amor.

Si você quiser se convencer,
Mira os meus olhos bem no
[fundo...
Basta um olhar para saber
Que o meu amor é o maior
[deste mundo.

"MANGUEIRA MEU BERÇO"

SAMBA

W. Baptista-J. Castro
Atila Nunes

Canta: Angelita Martinez

No meu tempo de criança
Sambel, sambel de pé no
[chão
Minha casa era do lado de
[mangueira
Mangueira do meu coração

A Lua ilumina o samba
Quem quiser vai ver
Mangueira meu berço
Não posso esquecer de você

LEVA ESSE

MARCHA

J. dos Santos-Dôca-Rogulho

BIS

Leva, leva, leva
Leva este
Leva esse que é melhor pra
[você

Leva, leva, leva
Leva este
Que você não vai se
[arrepender

Leva este
Que este é de coração
Leva este
Que é na base do agrião

Grav. Moraes Sarmiento
Disco PREMIER

"MANHÃ DE CARNAVAL"

(CANÇÃO DO ORFEU)

MARCHA-RANCHO

Luiz Bonfá e Antonio Maria

Canta: Carlos Galhardo

Manhã, tão bonita manhã
Na vida uma nova canção
Em cada flor, o amor
Em cada amor, o bem
O bem do amor faz bem
Ao coração...
Então vamos juntos cantar

O azul da manhã que nasceu
O dia já vem...
E o seu lindo olhar
Também... amanheceu...
Canta o meu coração,
A alegria voltou
Tão feliz amanhã
Dêsse amor...

A CIGARRA

- 1967.....197

SÃO PAULO

TEXTOS DE JOSÉ FELIX FERREIRA
FOTOS DE RONALDO MORAES

TAMBÉM

DO NOSSO "BUREAU" EM SÃO PAULO

TEM SAMBA



Uma cidade gigante, onde o compasso binário marca a cadência do progresso. O sota das praias, do moyleto das forjas, do "um-dois" do bate-estaca das fundações dos edifícios que se erguem, misturando-se em harmonia com os viraes e os burras. A algaravia de raças e nacionalidades faz-me o contra-canto de um hino de trabalho e amor, numa evocação épica dos atabaques de índios e negros, dos batuques e congados das festas do Divino, de São Benedito e de Nossa Senhora do Rosário, da modinha dos bailes e das serenatas, dos tangatinhos de Zequinha de Abreu, dos maxixes das "localidades" e das batucadas do Bexiga e da Barra Funda. Esta cidade é São Paulo. Esta cidade não pode ser, como dizem por aí, o "túmulo do samba". Não é, porque nela ecoam as notas e letras do samba, vinda ela lá de Porto Alegre, numa inspiração de Lupiscínio, ou do Kacife, em versos de Copiba, ou do Rio, na poesia de Noel ou do "ceirico" de Miral, o mestre Ataulfo, ou na música do paulista Vadico, parceiro de Noel. Em São Paulo são vendidos, mais do que em qualquer outra cidade, os discos — com que os grovedoras lançam para os que gostam de samba e de sua música popular brasileira. Sim: São Paulo tem seus sambistas. Gente boa e que faz samba bom. Gente que ali permaneceu, presa à sua terra, ou que dali emigrou. Esta foto reúne alguns "big" do samba em São Paulo, compositores e intérpretes famosos: Denis Brean, Noite Ilustrada, Isaura Garcia, Adoniram Barbosa e César Roldão Vieira.

CONTINUA



SÃO PAULO TAMBÉM TEM SAMBA

CONTINUAÇÃO



ISAURA GARCIA

A "personalidade" apareceu aos treze anos de idade, num programa de colouros comandado pelo saudoso Otávio Gabus Mendes. A interpretação foi de "Camisa Listada", de Assis Valente. Isaurinha, hoje, acha gozado um dia ter sido gongada por Renato Penna Firme, num outro programa, a "Hora da Peneira". Interessante é que sua mãe, Amélia Garcia Pancetti, cantava nesse mesmo dia e seguiu o exemplo da filha: o caminho do "gongo". Frustração na família. Seu primeiro cachê ou salário, "sei lá que diabo era" — explica — "foi de vinte e cinco mil réis, sim senhor". Mas como o negócio era pior que cachaça, seguiu "dizendo" e até hoje ainda "digo". Nascida no Braz (ah! velho Braz — herço de Vadico e tantos outros), Isaurinha é sobrinha do pintor Pancetti. "Colocou voz" em mais de quatrocentas músicas, e seus maiores sucessos, na época, foram: "Marrequinha", "Baile no Braz", "Pé de Manacé", "Carro de Bigode", "Mensagem", "Pregão do Baiano", "De Conversa em Conversa", "Ve-

lho Enferrujado", "Velho Gagá", "Saia do Meu Caminho", "Ninho do Nonô" e outros. Ah, sim, e "Banca do Distinto". Conquistou sete Roquetes (um de ouro), quatro Chico Violas, um Revista do Rádio, um Tupiniquim etc. E, diz, o mais famoso autor para quem gravou foi o inesquecível poeta da Vila, Noel Rosa. E a "personalíssima", primeira Rainha do Rádio que Orlando Silva (o das multidões) há trinta anos coroou, pode muito bem dizer, de cadeira, que merecia ao menos constar no que se escreve e se diz de samba, porque, para isso, canta desde quando muita gente de hoje ainda engatinhava. Isaura Garcia (ou Isaurinha Garcia, como se tornou mais conhecida durante os primeiros anos de sua carreira artística) foi uma das maiores cantoras da sua época, colocando-se no mesmo plano de Carmem Miranda e Aracy de Almeida. E, hoje, com toda a revolução que se operou em nossa música popular, é ainda a mesma e inconfundível intérprete do samba.

*"Dá licença, dá licença, meu sinhô,
Dá licença, dá licença, pra yoyô.
Eu sou amante da gostosa Bahia, porém,
Pra saber seu segredo,
Serei baiano também..."*

Quem não ouviu, quem não cantou esse samba? Foi um sucesso dos áureos tempos de Francisco Alves. Seu autor é um paulista. Campineiro como Carlos Gomes, já que o negócio é falar de quem faz boa música no Brasil. Denis Brean não ficou só nisso. Vamos falar nêle depois. Paulista não desanima e, como diz Paulo Vanzolini, "levanta, sacode a poeira e dá volta por cima". Um sambão que Noite Ilustrada cantou e que durante meses permaneceu no primeiro lugar nos "hit-parades" de São Paulo e Guarabara. Paulista, porém, trabalha muito, e o seu senso de responsabilidade leva-o a explicar, em samba, o porquê de sua despedida:

*"Moro em Jaçanã,
Se eu perder esse trem
que sai agora às onze horas,
só amanhã de manhã..."*

E o trezinho do ramal da Cantareira, com Adoniram Barbosa na locomotiva, entrou pelos trilhos da Rede Ferroviária Federal e parou na Pedro II. Antes de continuar para a Zona Sul, despertou os subúrbios da Zona Norte e acordou com seu apito de sucesso a Primeira de Mangueira.

Prosseguiu viagem pelo Brasil a fora e, como dizem os paulistas, foi mais outra locomotiva a paxar muito vagão por aí.

A despedida do sambista, porém, implica no reencontro romântico, e a voz da "personalíssima" Isaura Garcia o canta.

*"Aquêle apêto de mão,
não foi adeus.
A nossa separação não convenceu.
Sim, seja tudo pelo amor de Deus..."*

E se o assunto fôr exportar samba, São Paulo foi o pioneiro. Não há sambista que se preze que desconheça o papel de divulgador da nossa música no exterior, realizando por um grupo de rapazes paulistas: Bando da Lua. Aliás, foram esses moços que levaram a carioca por adoção, Carmem Miranda, para os Estados Unidos. Depois do seu sucesso, surgiram outros conjuntos de vocalistas e instrumentalistas, como os Anjos do Inferno etc.

Outros conjuntos paulistas gozam de prestígio idêntico: Demônios da Garoa, Vagalumes do Luar, Titulares do Ritmo e tantos mais, com sucessos que são cantados por todo o País.

Onde nasce o Samba Paulista

O samba paulista tem características diferentes do samba carioca. Primeiro é que



DENIS BREAN

De Campinas para o Brasil bastou um pulo. Foi mais além, infiltrando-se pela França, Itália e até Rússia. O homem que o samba fez cronista era um vitorioso desde 1939, quando venceu um concurso de música popular promovido pelo Departamento de Cultura, e tinha como jurados Mário de Andrade e o maestro Souza Lima. Numa época em que até Chico Alves gravava quatro discos anuais, Brean — como ele mesmo diz — "quê dar o vôo mais alto e, sem sair de São Paulo, gravou o primeiro sucesso com Carlos Galhardo: "No Tempo do Onça". Vencia, assim, o mudo campineiro a rivalidade existente nos dois lados. De lá para cá, seguiram-se: "Bahia com H", "Boogie-Wogie na Favela", "Boogie do Rato", o maxixe "Marrequinha", que só em Paris teve 15 gravações, "Eu Vegeto sem Mulher", "Convite ao Samba", "Franqueza", "Conselho", "Ralax", "Estou Louco de Saudade", "Ninho do Nonô" — música ligada à fundação de Brasília, "O Samba Está com Tudo", e, dentre outras que se seguiram, a última gravação de Francisco Alves, "A Mulher do Meu Amigo". Denis Brean, que pelo seu vasto repertório mereceu das gravadoras RGE, Fermata e Odeon três longplays com músicas suas, destacou-se como produtor de discos, realizando, no ano que passou, "Bozondade", com Elisete Cardoso e Ciro Monteiro, onde incluiu mais uma bela composição sua, "Melancolia". Por outro lado, "o teórico do samba", como bem o classificou Lúcio Rangel, tenciona apresentar este ano sete composições com letras do também campineiro Guilherme de Almeida. E explica: "O samba é um país sem distinções geográficas. E por isso mesmo eu o faço".

ADONIRAM BARBOSA

Em 1952, vindo de Valinhos, gravou ele mesmo a música que viria, meses depois, a ser regravação pelos Demônios da Garoa, e que era nada mais nada menos que a "Saudosa Maloca". O "sambista caipira", como ele se considera, produziria, no outro ano, "Samba do Ernesto", e, logo a seguir, "Apaga o Fogo Mané", "Um Samba no Beziga", "Trocema", "Marpôsa", "Abrigo de Vagabundo", e o samba que simultaneamente dominou Rio e São Paulo e foi parar na Europa — Itália, França — o cantadíssimo "Trem das Onze". E foi gravando assim que Adoniram ganha a vida e a fama como compositor. Sem se considerar um "fabricante", conta que seu início foi o daqueles que têm de vencer pelo cansaço, boa vontade e talento. Se não fosse o amigo Paulo Machado de Carvalho — diz —, não sabe o que seria de sua vida. Está há vinte e seis anos como contratado da Record — rádio e televisão — na condição de humorista, e uma de suas interpretações é famosa por toda São Paulo: o "Charutinho" das Histórias das Malocas, programa escrito e produzido pelo jornalista Osvaldo Moles. "Os arruados de meu samba" — acentua — "são diferentes porque encarnam no linguajar do homem da rua. É a linguagem do analfabeto, o descuido do ilustrado, o folclore para o pesquisador de amanhã. Explica: "É como diz o "deitado", "nóis" ganha "poco" mas bem que "nóis" se "adverte".



NOITE ILUSTRADA

Em 1950, quando Zé Trindade precisou de um violonista para substituir Raymundo Olavo, viajou até Porto Novo, para ir buscar o Mário "Bom Crioulo", que naquele tempo era centroavante do Comercial e seresteiro nas horas vagas. Saíram os dois Brasil a fora, um "quebrando o galho" do outro. Um dia, Zé, que era o encarregado de anunciar o pessoal, esqueceu-se do nome do crioulo, mas se lembrou do hábito que ele tinha de ler "A Noite Ilustrada", que era editada na época. Nasceu assim o apelido. Foi para o Rio e, por muitas vezes, deixou de ganhar dinheiro, porque não tinha. Explica: — "Quantas vezes passei por bolei-ro, porque não tinha mil e quinhentos réis para sair de Cariacai". Veio a São Paulo como "crooner" da Escola de Samba Unidos da Portela, e foi ficando por aqui. Com quinze anos de capital e o apelido que lhe deu Zé Trindade, numa feliz inspiração, é famoso internacionalmente. Seu primeiro sucesso foi "Volta por Cima", e logo depois "O Neguinho e a Senhorita". Mas Mário "Bom Crioulo" não ficou aí. Gravou mais cento e quarenta músicas, metade das quais sucessos. "Depois do Carnaval", "Pedra Noventa", "Dedo de Luva", "A Flor e o Espinho", "Andorinha", "Toalha de Mesa", "Caminhando", "Realidade da Vida", "Tropeçando na Idade", "Minha Cidade", "Rôlo de Pastel", "Pra que Lembranças", "Preconceito" e "Conselho de Amigo" são algumas das músicas onde Noite Ilustrada colocou sua autenticidade, e que pretende vender Brasil a fora, numa viagem para os próximos dias, a qual ele resume na explicação da ausência: "Neste cinqüentário, vou mostrar, sem discriminações, samba autêntico ao Brasil".

CONTINUA

SÃO PAULO TAMBÉM TEM SAMBA

CONCLUSÃO



São Paulo não tem morro. Os que existiam foram loteados, urbanizados, asfaltados, há água, luz, condução e nenhum desmoronamento. Logo, o fator miséria e tristeza não figura nos seus versos, embora elas existam. Depois, há outras coisas a considerar: a miscigenação foi diferente. O trabalho duro para viver impede o cidadão de contemplar o céu, a montanha e o mar. Para comer, paulista tem de estar com os pés no chão e olho aberto para a frente. Ele não brinca em serviço.

Nem por essas razões deixaram de aparecer grandes nomes. Entre os contemporâneos, a gente do samba novo, destacam-se nomes como os de Tito Madi, Sereno, Paulo Vanzolini, Jorge Costa, Adauto Santos, Theo (Theófilo de Barros Neto), Chocolate, Lírio Panicalli etc.

O samba em São Paulo, quando popular, nasce nas batucadas do Largo da Banana, na Barra Funda, onde "os chapas" cantam seus amôres; surge nas ruas dos Campos Elísios, Parque Peruche e nas ladeiras do Bexiga.

Os sambistas tradicionais fazem seu ponto no Parreirinha e na esquina do Jeca (Avenida São João com Ipiranga). Os da Jovem Guarda do Samba, nos bares da Galeria Metrôpole, nas mesinhas da Praça Dom José Gaspar e nos "inferninhos" sofisticados da Rua Augusta.

Esse grupo, a Jovem Guarda, já deu nomes famosos, como Chico Buarque de Holanda, Toquinho e César Roldão Vieira, um autêntico continuador do samba rural — paulista —, característica principal da música de São Paulo. O jovem autor ampliou o repertório de protesto com:

*"Sapato de pobre é tomanco,
a vida não tem solução.
Morada de rico é palácio,
Casa de pobre é barracão..."*

Um verso significativo, oculto entre a grande produção de Denis Brean. E os paulistas não querem ficar fora deste País. Têm dado, nestes cinquenta anos de samba, desde os "jangarás" até os últimos sucessos da música popular brasileira, sua contribuição que, por sinal, não foi modesta.

Seus compositores figuram entre os grandes nomes, seja no choro, no maxixe, na batucada, no samba quadrado, no samba-canção, no samba autêntico ou de participação.

Enumeramos apenas alguns intérpretes e compositores paulistas: Eduardo Souto, Vadico, Cristóvão de Alencar, José Maria de Abreu, Helio Sindô, Zequinha de Abreu, Raul Torres, o inesquecível Malfitano, Oswaldo Guilherme — o parceiro de Denis Brean —, Victor Simon, outro paulista de Macaé, Germano Mathias, Jair Rodrigues, Maria Odete, Márcia Maria, as irmãs Ardanui, Hebe Camargo, e mais um sem-número de gente de samba, que faz samba, que vive para o samba e que dele vive.

Quem conhece São Paulo, seus compositores, suas batucadas e escolas de samba, pode muito bem mandar um recado de protesto para aqueles que andam dizendo por aí que na Cidade do Trabalho não se samba, através do que "disse" Isaurinha Garcia:

*"Você está ficando
Pra lá de gagá.
Passado foi, presente não tem,
Futuro não há..."*

CÉSAR ROLDÃO VIEIRA

Com apenas vinte e dois anos, o moço guaratinguetense alcançou o sucesso nacional. De sua infância, passada em Guaratinguetá, interior paulista, trouxe a musicalidade de seu pai, violonista e seresteiro. Veio do mesmo movimento que lançou Chico Buarque e outros, e, a exemplo deste, ingressou no ano passado na RGE. Conta que sua maior alegria foi ver seu primeiro disco, acontecido em 1963, e que tinha como título "Balanço de Criança". Apesar de não ter muita coisa gravada, alcançou o sucesso com *Eliz Regina*, cantando "Sem Deus com a Família". Simultaneamente com isso, gravava, com *Jair*, *Cláudia*, *Ary Toledo* e outros, sambas que viriam a se transformar em sucessos. Vejamos: "Zé do Trem", "Anúncia", "Fiz Meu Samba de Manhã", "Pranto", "Flor da Avenida" e "Caletê". Dividiu sua vida artística em duas etapas: como participante no "protesto", e a atual, que se prende ao samba autêntico. Alega ter um estilo noelino, mesclado com a temática de Adoniran, procurando sempre novas variações melódicas e temas populares. E esse moço, César Roldão Vieira, o continuador do samba de povo, que atualmente vem se apresentando, com rara felicidade, num "show".

A CIGARRA — Magazine

A M I G A

- 1972.....	205
- 1973.....	206
- 1975.....	208
- 1976.....	209
- 1982.....	211

Ferreira Netto

**SEM BLÁ
BLÁ
BLÁ**



NERVOSA OU MAL EDUCADA



Tal uma dúvida que só será esclarecida, quando a moça voltar ao Brasil! Refiro-me a Dionne Warwick. Uma excelente cantora. Uma criatura supermal-educada. Começou desembarcando com algum problema de fígado! Artista como é, deve

saber que pertence ao público e que, portanto, deve, ao menos, ter um mínimo de atenção para com ele. Pois bem, a grande cantora colorad saltou do Pan-American reclamando até a dureza do solo. Disse que veio de classe turística e que por isso estava de mau-humor. Mas e daí? O que tinham a ver com isto os jornalistas e o público que a aguardavam no Aeroporto de Viracopos? Nada! Mas quem conseguiria fazer a madame fadar? Nem mesmo as flores levadas pelos moços do Aristocrata Clube a sensibilizaram. O creólou da terra também não teve vez. Será que ela pensa que aqui os brancos também são contra os pretos? Mas, afinal, o seu espetáculo foi bom! Não como esperavam os que superlotaram as duas noites do Municipal de São Paulo. Aguardavam uma simpatia similar à de Elia Fitzgerald ou Sarah Vaughan. Nada disso! A mocinha desceu do seu pedestal, cantou, virou as costas e foi embora! Não foram suficientes os três minutos de palmas do seletos auditório! Ela nem se tocou! Foi em frente e da cochia se meteu num automóvel e foi direto para o hotel. Acabou dando entrevista, é claro! Mas por muito favor. Decepcionante! Será que não há ninguém a seu lado para dizer-lhe que isto pega mal para uma grande estrela?

DIA 31: CORES NO AR

Às vinte horas e trinta minutos do último dia deste mês, o caminhão de externas, a cores, da TV Rio estará a 40 metros do gabinete do Presidente Médici. As únicas câmaras coloridas que estão na GB se encarregarão de transmitir, para todo o país, como já o fizeram de Caxias do Sul, durante a Festa da Uva, imagens a cores. O chefe da nação, nesse horário, fará um pronunciamento marcando, oficialmente, o lançamento da tevê a cores, no Brasil. Tudo certo? Quase! Para que isto fosse decidido, aconteceu, em Brasília, um dia destes, encontro de todos os comandantes da tevê brasileira com o Ministro Corsetti, das Comunicações. E daí? Ou eu não entendi bem, ou está havendo um lamentável engano em tudo isto. Programado para o mesmo dia, com "sinal de imagem a cores" partindo às 18 horas, todas as tevês, em rede nacional, transmitirão, durante 54 minutos, um filme produzido por Jean Manzon focalizando aspectos brasileiros. Pois bem! Após uma hora e trinta minutos, pois o filme terminará às 19 horas, falará o Presidente Médici anunciando a inauguração da TV a cores! E em seguida? Será desligada a rede nacional e tudo volta ao que era antes, a menos que as emissoras, por moto própria, desejem apresentar programas a cores. Não entendi! Não dá para se compreender porque, então, os organizadores não programaram este filme de Jean Manzon para logo após a fala presidencial. Al sim teríamos uma inauguração de fato. Alguém não entendeu bem...

New Business

O Clube 220, que reúne a nata do crioulo paulista, está se movimentando a todo vapor. Vai eleger, no dia 13 de maio, a Boneca do Café. A festa será no Hilton Hotel. Este é o XII Concurso promovido para a escolha da mais bela crioula brasileira.

Monaco Music Hall, onde "o restaurante e o serviço" continuam superdesvagar, vai ceder espaço para mais uma casa de samba. Na sua sobreloja está sendo montada uma boite só para sambão. Acha que estão chegando um

pouco atrasados no assunto! Já tem muita casa de samba em São Paulo! Vai se repetir o mesmo fenômeno do boliche. É uma epidemia. De repente, acaba!

Artistas da Bahia estão mostrando na A Galeria, as suas artes. Reunidos: Caribé, Calasans Neto, Chico Diabo, Emanuel Araújo, Floriano Teixeira, Fernando Coelho, Jenner Augusto, José Maria, Mirabeau Sampaio, Sônia Castro e Zu Campos. E ainda obras do saudoso Genaro de Carvalho.

Carlinhos Mascaro movimentando pra valer o seu Le Bateau. Todas as noites, grandes badalações em pauta. A guerra é grande entre o New Tonton e o Le Bateau. Sobra ainda briga boa para o Moustache, onde o João Alberto está a todo vapor.

CHARUTINHO NAO QUER NADA COM TEATRO



Adonirã Barbosa, que já foi Charutinho na História das Malecas, popular programa da Rádio Record, de há muito tempo atrás, está sendo superprocurado! Querem, produtores de teatro, levá-lo ao palco. Aham que o famoso compositor, que tem em sua bagagem músicas conhecidas em todo o país, como o caso de Saudosa Maloca, Trem das Onze e muitas outras, poderá fazer boa figura no teatro. Adonirã, no entanto, rejeita. Ainda esta semana foi procurado por Randal Juliano que afirmava: "Vamos, Adonirã, já está tudo pronto, só falta você dar o sim e nós vamos em frente!" Mas, nada, Charutinho, modesto como sempre, está com medo! Não quer enfrentar o público. Texto existe e bom. Só falta mesmo a sua disposição para enfrentar um compromisso diário!

ELZA MARTINELLI E IRA NA TUPI

Fato é que a TV Tupi, através de contatos realizados na Itália, está se movimentando com "botas-de-sete-léguas". Querem, nada mais, nada menos, ter Elza Martinelli e Ira Furstemberg como atrações internacionais da novela Na Idade do Lobo. Afinal desmascara-se a história de Sérgio Jockymann. Nós um dia dissemos que, ao ler o roteiro, havíamos concluído que Na Idade do Lobo estava baseada na vida do milionário Baby Pignatari. Só falta agora Ira Furstemberg para ratificar a nossa observação. A Tupi está cuidando, com muito carinho, dessa superprodução. É provável que consigam trazer os dois famosos nomes de Cinecittá. Orlando Negrão andou por Roma, será? O tempo se encarregará de definir. As informações falam de abril, o mês escolhido para essas presenças. Vamos ver!



TV a cores é uma realidade

Um papel especial em Mulheres de Areia revelou o compositor como ator



ADONIRAM PEGA O TREM DAS NOVELAS

A DONIRAM Barbosa, o alegre compositor de samba e autor do famoso Trem das Onze, é mais um que adere à telenovela. Especialmente para ele, Ivani Ribeiro, a autora da novela *Mulheres de Areia*, criou o papel de Chico Belo. Mas o conhecido compositor de inúmeras músicas de igual sucesso a *Trem das Onze*, já trabalhou antes em televisão. "Esta não é bem uma nova carreira para mim. Fui ator de Ceará Contra 007, de Marcos César, a primeira novela humorística do Brasil." E ele explica como conseguiu seu primeiro trabalho: "Acontece que entrei na novela porque vivia pelos corredores da TV Record pedindo uma oportunidade como ator de televisão." Já em sua volta à televisão as coisas correram de modo diverso: "Vim passear na TV Tupi, rever os colegas, e o Carlos Zara, que é um grande coração, quando me viu perguntou se eu queria fazer um papel na novela *Mulheres de Areia*. Antes que ele se arrependesse, respondi que queria." Assim nasceu uma das figuras mais

alegres e pitorescas na novela escrita por Ivani Ribeiro. Chico Belo, o personagem de Adoniram, reflete o que ele é na vida real, sempre pronto para um trocadilho, uma brincadeira, e criador de um novo idioma que ninguém consegue entender. Versátil, ele se sai bem tanto nas cenas humorísticas quanto nas dramáticas e suas tentativas de reconciliação com a Do Carmo, que o abandonou ao saber que ele paquerava sistematicamente uma de suas companheiras de pesca, são verdadeiramente hilariantes e comovedoras. "Chico Belo sou eu na vida real. Sinto-me bem no papel que a Ivani Ribeiro criou para mim. Só tenho que dar o melhor de mim porque adoro a TV Tupi, os colegas, e o convite que me fizeram para fazer este trabalho, que eu acho tão importante." Mas o compositor não se limita às suas músicas e ao atual trabalho em televisão e faz questão de que todos saibam que "já fiz muito cinema". E agora mesmo Adoniram vem aí na *Superfêmea*, filme que fez sob a direção de Aníbal Massaini.



Adoniram Barbosa, na novela sempre às voltas com seu barco e os amigos pescadores, e como Chico Belo, a mesma figura alegre da vida real.

Reportagem de LIBA FRYDMAN • Fotos de IUGO KOYAMA

Adonirã Barbosa quebrou
o braço de seu
personagem

**NOVELA
COPIA A VIDA
NUM ACIDENTE**

Foto: Sérgio Magalhães - Agência O Globo



A DONIRÃ Barbosa sofreu recentemente um duplo acidente: um em terra firme e outro em voo, com o resultado de dois membros quebrados e a lavicula direita num castelo. O primeiro acidente ocorreu quando ele viajava em um taxi pela rua de São Paulo. Não é a mesma pista da Avenida Brasil, quando ele preveniu moléstias que, há quinze horas pessoais, Max e não teve culpa no acidente. O Sr. Cabrita Filho, comandante da Polícia Militar de São Paulo, motorista de outros carros, travessou o sinal vermelho e pegou a gente sem cheirar. Resultado: dois acidentes. O segundo acidente foi determinado pelo primeiro. Como Adonirã foi o papel de Chico Belo na novela "A Mulher de Celso", era preciso encontrar alguma justificativa para o braço quebrado. A solução foi fazer sofrer um acidente na novela. Este em alto mar, ao barco-chico de contrabando. Serviu seu companheiro de pesca, ferindo-lhe o braço. Socorrido no Hospital da Clínica Adonirã Barbosa foi levado ao hospital de São Paulo como Chico Belo da novela. Mas os enfermeiros insistem em saber quem feriu o ator. Vândia e Edgar Franco, a quem ele atribuiu a culpa, responderam: "Escut! O contrabandista Vândia feriu o ator. Mas o que o ator fez foi que se arrebentou o braço. O ator não fez nada". Adonirã ficou com o braço em um castelo. Mas não se preocupou para nada com a esposa, Mafalda. Ela também ficou com o braço quebrado. O ator não ficou com o braço quebrado. O ator não ficou com o braço quebrado. O ator não ficou com o braço quebrado.

Mesmo com o braço quebrado, Adonirã Barbosa não perde o humor. Ele mesmo manda a equipe para trabalhar.



O ESCRETE DA FOFOCA

PELOS CANAIS DA VIDA



● **Suzana Gonçalves** é uma das alunas mais aplicadas da escola de música do Zimbo Trio. Estuda jazz e vai indo muito bem.

● **Cleber Afonso** entrou para o elenco de ídolo de Fane, bem no finalzinho dos trabalhos desta atração sediada das 20 horas. Vai ser o homem que chega da Europa, para transar a compra de todas as propriedades da família Clermont.

● Votou **Série Documento**, o bom programa da Bandeirantes. Com algumas modificações, apresentou na semana passada Adoniran Barbosa e se propõe a continuar a focalizar a vida e os trabalhos dos representantes da Música Popular Brasileira.

● **Paulo José, Dina Slat, Regina Duarte** e mais um grupo de artistas paulistas, trabalhando firme na preparação de um longa-metragem, cuja direção será de Paulo José. A idéia é quente e a turminha trabalha com muito emboalo.

● **Iris Bruzzi**, separada de Nelson Casuso, desfilou no Sumaré a bordo de um novo namoradinho. O moço

não é figura conhecida dos meios artísticos e parece não ter gostado quando perguntaram à atriz se se tratava de seu filho.

● Com bacalhau e vinho, a direção social do Clube Atlético das Bandeiras homenageou o elenco de **Meu Rico Português**, no último sábado. A festinha foi até altas horas da manhã e muito animada.

● **Antônio Marcos e Vanusa** não trabalham mais com Genildo. Seus novos empresários são Moracy do Val e Antônio Carlos Tavares. Estão acertados, de saída, muitos lances internacionais, inclusive excursão a diversos países da América Latina.

● **Paulo Autran**, em São Paulo, afirma seu desejo de continuar apenas no teatro, afastando qualquer possibilidade de integrar o elenco de uma telenovela.

● **Fim de papo:** Renato Aragão e Pautinho Machado de Carvalho não chegaram a um acordo e **Os Trapalhões** continuarão mesmo na Tupi. A pedida foi alta e a Record sentiu que não dava, muito em-

bora o comediante, apresentando seus companheiros, estivesse muito a fim de que o negócio saísse.

● **Roberto Carlos** chegou na semana passada. Veio em companhia de seu conjunto e do empresário Marcos Lázaro, partindo direto para um descanso ao lado da família em Águas de São Pedro. Interrompeu apenas por um dia, na segunda-feira, para apresentar um show em benefício da APAE.

● **Ronnie Von e Silvia Massari** poderão formar um novo par romântico do movie nacional. É uma idéia de Mário Wilson produzir um filme que tenha a dupla cuidando dos principais papéis. O que poderá atrapalhar são os compromissos de Ronnie como cantor.

● **Juca Chaves** desfilando com uma nova Maserati e causando inveja a muita gente boa. Muito modesto, o Pinocchio Notável afirma que este é apenas um fruto do intenso trabalho que vem desenvolvendo nos últimos tempos.

● **Tamara Taxman** não gostou nem um pouquinho dos papos que envolviam seu maridinho Nuno Leal Maia e a atriz Suzana Gonçalves. Foi tirar explicações e ficou tranquila. Nuno e Suzana, além de trabalharem juntos em **Na Teoria a Prática** e **A Outra**, são apenas dois bons amigos.

● O espetáculo **Médico à Força** continua excursionando por cidades do interior e já faz isso há quase dois anos. No elenco está o ator Jacques Lagoa, o

Amadeu de **O Sheik de Ipanema**.

● **Tupi** partindo firme para a reestruturação do seu departamento de jornalismo. Sabe-se que dentro de muito pouco tempo teremos o lançamento de um novo noticioso e, para a surpresa de muita gente, o homem cogitado para a apresentação é Sérgio Chapelin.

● **Jussara Freire** está empolgada com o seu papel em **O Sheik de Ipanema**. É uma farsa milionária que vai ficar até o resto da história em busca de um milionário de verdade. A atriz, por outro lado, recebeu diversos convites para fazer cinema, porém acabou não aceitando nenhum, simplesmente porque não topou a idéia de aparecer nua.

● **Lúcio Alves** desfilando por São Paulo. Reencontrou-se com seu velho amigo Dick Farney e a dupla vai voltar a funcionar. Estão pensando em gravar um novo disco.

● **Newton Prado**, ator da Tupi, deixou de lado, momentaneamente, a idéia de montar uma orquestra, devido aos seus trabalhos para a novela **O Sheik de Ipanema**. Além disso, as constantes viagens entre Rio e São Paulo têm impedido uma maior concentração para a realização de seu grande sonho.

Suzana Gonçalves
Adoniran Barbosa
Tamara Taxman
Juca Freire
Renato Aragão
Lúcio Alves



Sindicato e TV Tupi acertam ponteiros. Agora, em SP, ator só trabalha gravando novela seis horas por dia

AS BOCAS de São Paulo

NADIR Fernandes, atriz do cinema nacional, teve, dias destes, uma atitude muito humana: sua empregada, Regina, tinha como maior sonho conhecer sua xará, Regina Duarte. E, no coquetel que a British Caledonian ofereceu, para entrega do título de Comissária Honorária para a atriz da Globo, lá estava Regina, a outra, boquiaberta, feliz e emocionada. Ela não chegou perto demais da atriz, caso contrário era capaz de desmaiar. Boa Nadir...

MILTINHO, cantor, quase vira estátua em Barra Bonita, cidade do interior de São Paulo. Ele, que fora aquele município realizar um show, acabou brigando com seu empresário, tomou umas e outras e ficou mais de 15 dias curtindo as pescarias e paisagens locais. Chegou até a procurar casa para fixar residência, mas no fim retornou ao Rio de Janeiro. A estátua, no caso, seria oferecida pelos moradores da cidade, adeptos número um do cantor.

VANDERLEI Cardoso embaíça pia 24 de agosto para uma temporada de 45 dias na África do Sul e Portugal. Até lá, dizem as más-línguas, ele confessará publicamente se está casado ou não com Bernardete. Aliás, esse romance do cantor pode até virar novela, pois o **diz-que-diz** em torno do casamento é terrível...

MARIA Betânia foi assistir ao show de Isaurinha Garcia na boate Igrejinha, mas não foi reconhecida de pronto pela clientela da casa. Para resolver o problema — afirmação, não é Maria? —, ela começou a acompanhar as músicas que Isaurinha cantava, só que em tom mais alto. Alguém descobriu que a Bê estava lá.

MAIS Betânia: nessa mesma noite, ela prosseguiu na campanha de divulgação das obras de Fernando Pessoa, oferecendo um livro do poeta a Isaurinha. Esse deve ter sido o vigésimo livro de Fernando que Maria Betânia transforma em presente. Dizem que este é o seu atual hobby, além de cantar, é óbvio...

CORNÉLIUS, líder do Made In Brazil, vítima de estafa recebeu ordens médicas de descansar três meses, estando proibido de fazer shows. Mário Bonfiglio, empresário do grupo, procura um substituto para Cornélius que, dizem, teve a estafa aumentada pela crista que carregava na cabeça, durante suas exhibições...

NONATO Buzar terminou de gravar um LP para a Copacabana e agora realiza uma busca no meio artístico para escolher nove sambistas que levará para a França. Quem estiver a fim de tocar para francês ouvir é só procurar o Buzar. O embarque dele e do grupo (9) será no último dia deste mês.

JOÃO Sô, que a gente sempre chamou aqui de compositor de uma só música, **Menina da Ladeira**, emplacou **Viola Cansada** em 26.º lugar entre os compactos mais vendidos. Só que o sucesso não se deve à gravadora Continental, a que ele pertence, mas sim ao Niltinho, que calçou dia e noite a música de João. Dissemos acima que ele pertence, pois o cantor-compositor já deixou a Continental, devendo assinar com outra etiqueta por estes dias...

ROBERTO Carlos faz um show beneficente em Santo André, com a venda revertendo em prol do Lar Benfundo. Ele estará acompanhado do RC-8 e de uma orquestra de 15 músicos.

FEELINGS, música que lançou Morris Albert como sucesso no Brasil e exterior, foi gravada por dois co-criadores do cenário musical internacional: Andy Williams e Tom Jones...

NAO é por nada, não, mas a gente tá curiosa pra ouvir o Antônio Carlos, Jocáfi e Maria Creuza, cantando **Dona Flor** em japonês. Isso vai acontecer em outubro, quando os três viajam para Tóquio onde irão gravar algumas músicas em japonês. É isso...

Sítio Di Nardo

O ESCRETE DA FOFOCA

Universo 76 é mesmo o título que as Associadas escolheram para um programa sério, onde o teatro será o principal tema. Foi rifado, pelo menos por enquanto, o esquema novela das 10. Carlos Zara, eufórico, registra os pontos positivos e a repercussão sobre Dois Mil Anos de Teatro. Foi realmente um grande lance. Enobrecer a TV

PELOS CANAIS DA VIDA



NIVEA MARIA

velmente depois de alguns capítulos traquiceiros.

● Rosemary não vai viajar para o exterior. Pelo menos, por enquanto. E, pra não dizer que não está a fim de prestigiar o público brasileiro, a menina aparecerá em grande estilo, em um show montado no Beco. Muito balé, cantorias e roupas finíssimas entrarão na produção.

● O páio da Sabesp, companhia estatal de saneamento básico de São Paulo, está servindo de campo de ação e cenários para a novela de Geraldo Vietri, Os Apóstolos de Judas, que segundo Mário Araújo é apenas título provisório. Externas estão se movimentando na Rua Calvoas, próximo ao Sumaré, em São Paulo.

● Depois de várias tentativas por parte da Tupi e de Silvio Santos, Cláudio Marzo acabou aceitando as condições impostas pelo Globo e ficou no Botanic Garden. Cláudio Marzo, no entanto, não entrará em novelas imediatamente. Só em agosto é que voltará ao ar.

● Todos os dias, e as rosas estão caras, alguém envia dúzias e dúzias a Ariete Sales. A atriz — a bordo de Feira de Adultério, no Teatro Itália, SP — faz mistério e não revela para ninguém quem é o desesperado fã. Sabe-se que agora o assunto já está em fase de casamento e que o can-



ADONIRA BARBOSA

didato ao coração de Ariete é um conhecido empresário, chegou a uma atriz.

● Nada mais nada menos que 250 mil pessoas, segundo Marcos Lázaro, assistiram Roberto Carlos durante suas apresentações no Canecão. O nosso herói, que agora lidera movimento em prol de direitos autorais, precisa urgentemente cuidar mais do que fala. Tem muita crítica de olho no Rei e a missão de policiar os direitos é das mais difíceis.

● Divinópolis, cujo sonho é homenagear a Divina Elisete Cardoso, se contentou com Glaucê Graieb e Fausto Rocha. Ambos foram convidados a apresentar o baile das debutantes daquela cidade e lá compareceram em pleno Dia do Trabalho.

● Não deu outra: Pedro Luis Paulieto (baiano) não transmite mais as competições esportivas da Fórmula-1. Isto porque ele está na chefia do Departamento Esportivo da TV Globo. Resultado: a Excelsior foi obrigada a transmitir em cadeia com a Bandeirantes o Grande Prêmio da Espanha, já que tinha patrocinador acertado.

● A propósito: traquiceiros as narrações de Luciano do Vale. O que salva é a presença de Ciro José, um moço que sabe exatamente como acontecer as coisas, no complicado mundo da Fórmula-1.

● Tupi vibrou com

Eder Jofre. Resultado, no embalo, Tupi promete acompanhar toda a trajetória de Eder e anuncia que já comprou os direitos da próxima luta de Cassius Clay. Eder, eufórico, promete honrar a confiança que nele está depositando.

● Na surdina, Lélia Abramo prepara cuidadosamente a montagem de um espetáculo infantil de teatro, ainda para esta temporada. Muito reservada, ela procura ir acertando todos os detalhes, muito embora afirme que os trabalhos serão acelerados após o encerramento das gravações de Um Dia de Amor.

● Rildo Gonçalves não esconde de ninguém. Para melhor criar seu papel de delegado na novela das 19 horas das Associadas, até acompanhou buscas policiais na madrugada paulista. Isso sem contar os longos papos que levou com conhecidos juristas.

● Paulo Celestino parou para pensar e montou esquema novíssimo, para dar cobertura às aparições de Louca no Show. Agora tudo bem e sem maiores dores de cabeça.

● TV Bandeirantes mandou José Paulo de Andrade para comandar a cobertura do festival Palma de Maiorca, do qual participaram Antônio Carlos, Jocáfi e Maria Creusa.



COSTINHA

AS BOCAS de São Paulo



JOÃO Só, parando o colunista na rua, e reclamando: "Vocês vivem escrevendo que eu sou o cantor/compositor de uma música só, Menina da Ladeira. Porque não picham também o Malcolm Roberts, que só canta Love Is All, e o Billy Paul, com Mr. And Mrs. Jones?" E não é que o João tem razão. Tanto o Malcolm como o Billy, pelo menos nas emissoras de rádio daqui, só aparecem cantando essas músicas. O João tá com a razão...

MARCOS Ponka dando canja na boate Igrejinha, contando piadas envolvendo os integrantes do chamado conflito do Oriente Médio. Aliás, o Marcos é descendente do Pedação, por isso a forma pela qual ele imita tão bem os personagens que cria nas suas piadas.

MANEZINHO Araújo fazendo uma análise da música Juventude Transviada, de Luis Melodia: "Tal um exemplo de música confusa. Tem tanta coisa misturada que não dá para entender o sucesso que está fazendo. Inclusive, nunca vi nenhuma mulher lavando roupa na soleira..." Falou.

HÉLIO Ribeiro atacando de filósofo em seu programa O Poder da Mensagem, pela Rádio Bandeirantes, todas as tardes. E, convenhamos, há muita verdade e aviso naquilo que o Hélio transmite.

CARLOS Zara saiu da sua timidez e enviou carta à imprensa, fazendo uma análise desapassionada daquilo que foi o primeiro programa da série Universo 76 que, felizmente, focalizou o teatro. O Zara, na sua carta, confessa do entusiasmo em ter participado de um dos maiores espetáculos proporcionados pela televisão brasileira nos últimos 25 anos.

CONCORDAMOS com o Zara e aproveitamos para opinar. Coisa boa para ser feita na televisão existe, o que falta é apenas um pouco de cuca, que se deixa de lado os esquemas tradicionais que vêm mortendo a vida da TV no Brasil desde sua inauguração. O teatro, é óbvio, devia ter há mais tempo o seu espaço no vídeo. Nem que fosse de manhã ou à tarde, já que à noite, pelo que se percebe, o horário nobre é dedicado apenas às novelas e filmes.

A programação da TV Bandeirantes sofrerá modificações, em breve. E parece que novos caminhos foram descobertos pela emissora do Morumbi. Entre os nomes que estão sendo sondados para comando de novos programas, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Raul Cortês e Lilian Lemmert.

HEBE Camargo, quietinha no seu canto, continua desmentindo sua volta à televisão. A artista, por enquanto, só quer apresentar seu programa pela Rádio Mulher e cuidar de seu filho, o são-paulino Marcelo. Isso sim é que é sossego...

MAIS uma vez as fãs de Eva Vítima, agora da Trijuca, funcionando a todo vapor, enviando votos de boa Páscoa pra gente. Obrigada, meninada.

MARCOS Lázaro abriu o baú e gastou uma nota danada na compra de roupas. Tudo para receber o título de Carioca Honorário concedido por um jornal do Rio. Até que o Tio Patinhas ficou elegante na hora de provar as novas vestimentas... Mas que ele chorou o dinheiro gasto, isso ninguém pode desmentir.

IRENE Ravache sentindo o gosto da fama. A jovem não pode sair às ruas, que é reconhecida prontamente e tome de dar autógrafos, contar sua carreira e outras coisas más. Ela merece...

Silvio Di Nardo

● Adonira Barbosa, compositora de músicas excelentes, já tem outra prontinha para agradar. Trata-se de Envelhecer é Uma Arte, que foi feita sem a menor intenção de homenagear Eder Jofre, mas deveria. Esta música já está sendo preparada para Xé-que-Mate, a novela que melhorou considera-



EDER JOFRE

ará apenas um LP por ano

SAUDADE



Poeta do povo, ele deixou uma vaga definitiva no samba

Ninguém para o

Ao mesmo tempo em que Adoniran Barbosa era sepultado, na tarde de quarta-feira (24), uma dúvida — angústia? — dominava a todos: quem vai substituir o autor de Trem das Onze? Com seu jeito simples, o bom malandro paulista criou um estilo que jamais se harmonizou com a gramática. Mas soube, como ninguém, fundir o linguajar do imigrante italiano e do retirante nordestino — mistura meio indigesta para o gosto dos mais exigentes, embora fosse a mais autêntica forma de expressão do paulistano.

CRONISTA-MOR de São Paulo, cidade a que dedicou sua vida e obra, Adoniran foi enterrado sem o reconhecimento que merecia. Pouco mais de 500 pessoas, entre parentes, amigos e fãs foram ao Cemitério da Paz, em Santo Amaro, levar seu adeus ao compositor, cantor, ator e humorista. A movimentação maior ficou por conta de velhos e novos companheiros de ofício, como Fernando Faro, Geraldo Filme, Carlos Vergueiro, Eduardo Gudim, Tom Zé, Paulinho Boca de Cantor, Elifas Andreatto, Luisinho Eça, Paulinho Nogueira, os componentes do grupo Talismã e Arnaldo e Toninho, ambos do Demônios da Garoa, entre outros. Poucas também foram as coroas de flores mandadas ao velório, com destaque para a Corbeille de Roberto Carlos, em que se lia "que Deus te abençoe". A Escola de Samba Calouros do Brás que, este ano, conseguiu o quarto lugar do grupo dola, com o tema Adoniran Barbosa (e que contou com a presença deste em seu principal carro alegórico), também se fez presente. Afixou, à volta do caixão, seu estandarte e, ao final, cantou o samba exaltação ao poeta popular.

Também à hora em que Adoniran deveria ser enterrado, o lamento do samba, com todos os presentes cantando Trem das Onze e Saudosa Maloca. A base rítmica coube, de um lado, a Arnaldo e Toninho, do Demônios, e, de outro, ao conjunto Talismã, antigos e recentes acompanhantes. Comovente foi o espetáculo que se viu. O corpo de Adoniran Barbosa baixando à sepultura 55, quadra sete, e to-

dos, em uníssono, entoando seus maiores sucessos. Quase não havia chance para as lágrimas, pois era isso que o artista menos queria. Forte, dona Matilde, esposa de Adoniran por 40 anos, guardou seus sentimentos para si, não deixando transparecer seu abatimento pela perda do marido. Sempre solícita, conversou com todos e,

quando alguém lembrava que Adoniran não teve o devido reconhecimento, ela simplesmente respondia que "ele nunca se importou com isso. Não era de guardar mágoas: quando se irritava com alguém, esquecia logo. Eu, sim, sinto tristeza por ele jamais ter tido o verdadeiro reconhecimento", diz ela.

"Onde ele chegava, não

encontrava qualquer apoio. Muito pelo contrário, fechavam bem as portas para ele", desabafa dona Matilde, procurando dar à conversa outro rumo, ao revelar que o marido "foi o fundador do primeiro time de dentes-de-leite do futebol brasileiro, em 1948. Foi no tempo em que ainda tínhamos o cachorro Peteleco, que acompanhava Adoniran em todos os jogos". Ela não deixa passar em branco o lado humano de Adoniran. "Quando ele soube que o Lima Barreto (cineasta com quem o compositor trabalhou em dois filmes — Cantinho da Terra e O Cangaceiro —, e que morreu poucas horas depois de Adoniran) estava internado num asilo em Campinas, me pediu para que viajássemos até lá para levar ao amigo um apoio moral. Ele era muito disso: fazia de tudo pelos amigos."

ESSE lado sentimental e o gênio brincalhão de Adoniran eram exaltados a todo instante por aqueles que conviveram com ele. O cantor carnavalesco Joel de Almeida, por exemplo, tinha compromissos importantes para aquele dia. Mas nem por isso deixou de dar uma passadinha pelo velório para "trazer meu adeus a meu irmão. Conhecia Adoniran há 40 anos e ele sempre foi um homem maravilhoso, de um grande coração". Sobre a perda do poeta, Joel entende que foi "irreparável. Defino o Adoniran como o Noel Rosa paulista". Nicola Caporriño, parceiro de Adoniran em Samba do Arnesto, composto há 30 anos, era o mais exaltado. "Um homem que dedicou sua

vida a São Paulo merecia mais consideração das autoridades. Tinha que ser velado na Câmara ou outro local público de melhor acesso para o povo, seu caixão deveria percorrer as ruas num carro de bombeiros e não ser enterrado quase no anonimato. Se fosse antes das eleições..."

A Sociedade de Defesa das Tradições e Progresso da Bela Vista mandou um representante para pedir à família que fizesse o velório no Teatro Sérgio Cardoso, localizado no bairro. Só que os parentes não concordaram, pois "essa decisão demorou 12 horas para ser tomada. O corpo já estava sendo velado desde o começo da noite de ontem (terça-feira) e eles chegaram aqui ao meio-dia (de quarta)", recusou o sobrinho de Adoniran, Sérgio Rubinato.

Adoniran Barbosa morreu às 17h15min de terça-feira (23), no Hospital São Luís, de enfisema pulmonar — sua capacidade pulmonar, nos últimos meses, era de apenas 20%. Ele estava internado há dias, depois de já haver recebido alta de uma prolongada internação. Adoniran deixa obra de mais de 60 músicas gravadas, vários filmes, novelas de televisão e programas humorísticos de rádio e TV. Não deixa filhos e, para sua mulher, uma casa no bairro de Cidade Ademar, na zona sul, e uma pensão de 120 mil por mês.

Quanto à dúvida — angústia? — sobre seu substituto, todos chegaram a uma conclusão: "Não há!"

Texto de Renato Saraceni
Fotos Arquivo

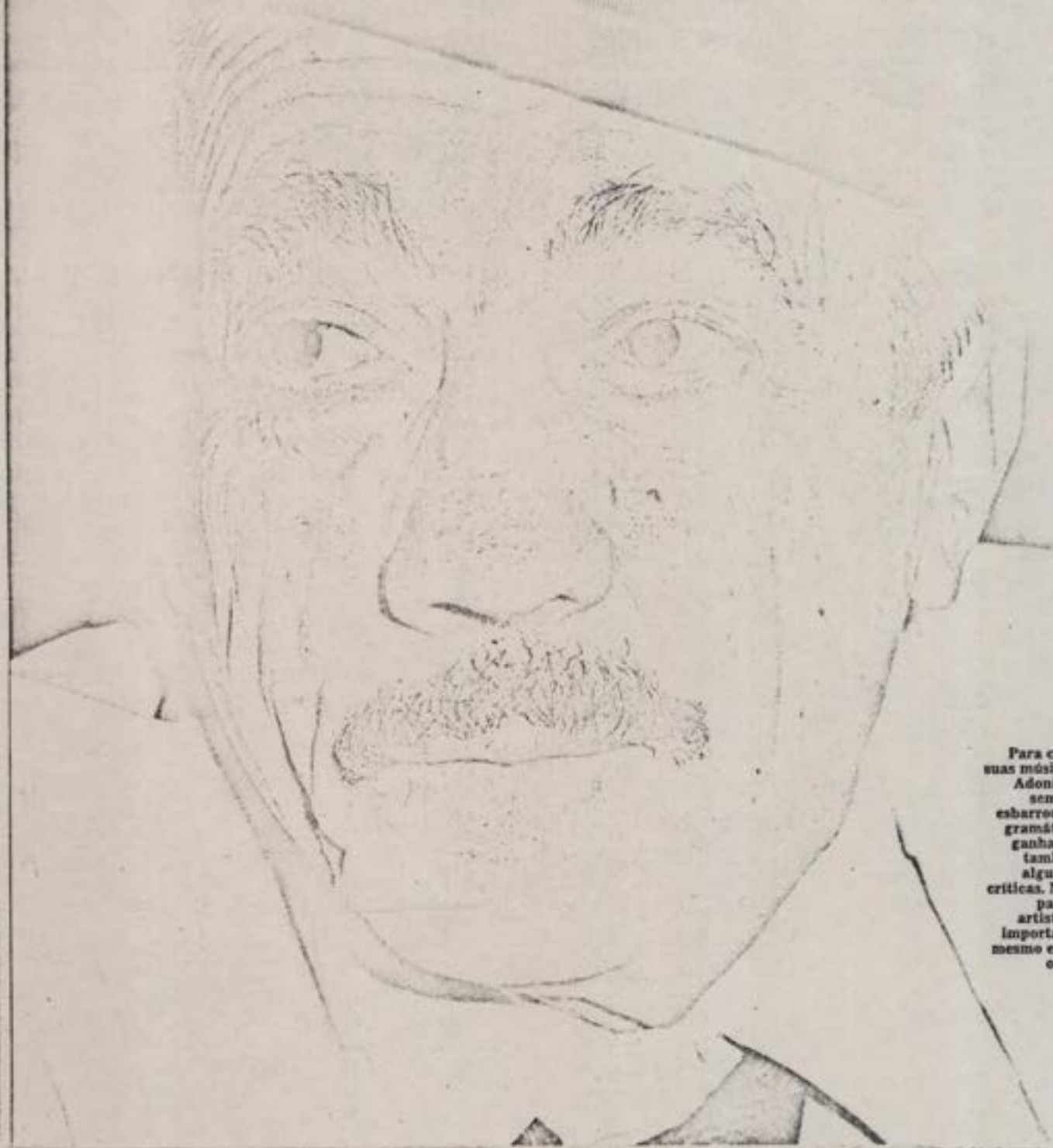


Um estilo muito especial marcou as composições de Adoniran Barbosa que, segundo os amigos, nunca será substituído.

(cont. na p.09)

lugar de Adoniran

AMIGA



Para criar suas músicas, Adoniran sempre esbarrou na gramática, ganhando também algumas críticas. Mas, para o artista, o importante mesmo era a obra.

MANCHETE

- 1973.....	215
- 1975.....	217
- 1976.....	218
- 1984.....	219

Nos botecos do Brás, sentindo a batida musical do povo da grande cidade, ele criou um ritmo tão quente como o do carioca

ADONIRÁ BARBOSA

São Paulo também dá samba

Reportagem de LUIZ GONZALEZ • Fotos de IUGO KOYAMA

Um dia, Vinícius de Moraes acusou São Paulo de ser o túmulo do samba. Para ilustrar a afirmação, ele escolheu um dos maiores sucessos nacionais, de autoria de um paulista — o Samba do Ernesto — e disse: "Em São Paulo, letra de samba é igual à de música caipira." Sérgio Porto, então, discordou: "São Paulo também faz samba, só que samba paulista." Desse dia em diante, Adonirá Barbosa, o autor de Ernesto, ficou conhecido como "o inventor do samba paulista".

LE anda sempre de terno, engravatado, cachecol e chapéu enterrado na cabeça. Aos 63 anos, conserva e faz questão de acentuar um certo estilo de São Paulo antigo. Mas não concorda com a afirmação de que seja o inventor do samba paulista. "Quem sou eu pra inventar alguma coisa, meu Deus do céu. Antes de mim, Paraguaçu e Tupinambá já faziam samba, em São Paulo. Eu tive foi sorte, minhas músicas pegaram. Quando eu inventei o Ernesto, o Vinícius deu entrevista criticando a letra... Sabe como é: O Ernesto nos convidô/ prum samba, ele mora no Brás/ nós fumo e não encontramos ninguém. O Vinícius se irritou, Sérgio Porto lhe deu a resposta, mas depois o poetinha e eu ficamos amigos." Essa amizade começou com uma parceria acidental. Vinícius estava em Paris e escreveu uma letra. Por carta, pediu a Araci de Almeida que lhe conseguisse alguém para fazer a música. Araci, amiga de Adonirá, apresentou-lhe a letra, e ele, como bom malandro, achou que aquela era a oportunidade de dar o troco ao poetinha: colocou a música, e o resultado foi Bom Dia, Tristeza,

Paulista da velha guarda, Adonirá Barbosa ainda usa terno completo, cachecol e chapéu, mas não perde o contato com os jovens. Ele diz que de conversas informais retira a inspiração para muitas das suas composições de sucesso.

um dos maiores sucessos de Vinícius. A aversão às brigas também faz parte do temperamento de Adonirá. Quando ele foi jurado no programa Quem Tem Medo da Verdade! e as agressões se cruzavam, entre julgados e julgadores, Adonirá se limitava a dizer: "Otis, Otis", uma versão da palavra ótimo, brincadeira que, em pouco tempo, se popularizou em todo o Brasil. Nos tempos da sua juventude, Adonirá freqüentava as bocas mais pesadas do mundo paulista, mas nunca entrou em briga, nem quando foi morar no Jardim Paulista — bairro perto do aeroporto — e os moradores da favela vinham para cantar samba nas redondezas. Adonirá achou jeito de ficar amigo de todo mundo.

A pinga unia o pessoal. Eu sempre fui um pouco do bloco Eu Sozinho — no máximo, andava com meu cachorrinho Peteleco — mas nunca topei briga, sempre achei jeito de viver em paz com toda gente." O hábito de freqüentar favelas, bares pobres, locais de muitos problemas e muita cachaça fez Adonirá introduzir um novo estilo na linguagem da música popular brasileira. "Eu sou do povo, só tenho até o terceiro ano primário. Minha vida foi essa mesma, na pobreza. Eu falo errado como meus amigos da meninice: nós fumo, nós vai, chegemo. Não é charme, não. Eu colocava esse jeito verdadeiro de falar e de viver nas minhas letras. Por exemplo,

veja como é de pobre essa preocupação de não perder o trem: Não posso ficar, nem mais um minuto/ com você/ sinto muito amor/ mas não pode ser/ se eu perder esse trem/ que sai agora às 11 horas/ só amanhã de manhã... Esse samba, Trem Das Onze, é de 1964 e foi gravado originalmente pelos Demônios da Garoa." Adonirá não admite diferença entre samba paulista, carioca ou baiano. Ele nunca estudou música, mas acha que o ritmo é igual, em toda parte. Faz samba porque gosta e nem acha que dá dinheiro. Só tem uma propriedade: a casinha em que mora, com Matilde, sua mulher, e que comprou graças a seis anos seguidos de trabalho no circo. Juntou o dinheiro centavo a centavo. "A Matilde guardava todo o dinheiro que eu ganhava, segurava tudo." Por falta de

verba, Adonirá não pôde ir à Itália ver o sucesso de sua música Trem Das Onze. Quem vinha da Europa contava que a música estava sendo muito tocada em bailes, programas de rádio e televisão. Ele se lembra da alegria que sentiu quando recebeu um postal de uma brasileira residente na Itália: "Adonirá, eu ia andando na rua e ouvi a sua música: aí, abri a boca no maior choro do mundo. Por causa de você, eu fiz um papelão."

DIANTE desse recado, Adonirá ficou certo de que Trem Das Onze era mesmo um sucesso internacional. Ele não recebeu dinheiro pela gravação feita na Itália. De Paris, conseguiu apenas a remessa de 5 mil cruzeiros pelo disco, mas ainda assim depois de muitas e insistentes cartas remetidas à BIEN — o órgão que arrecada os direitos autorais na Europa.

SEGUE



Em botecos modestos — onde agora só bebe água mineral — o compositor mostra a batida do samba a populares de São Paulo.



Adonirã começou a vida como operário e sempre viveu os dramas do povo, entre eles o de não perder o Trem Das Onze. O tema deu o mais famoso dos seus sambas

A DONIRÃ confessa que está acostumado com a falta de dinheiro. Nascido em 1910, na cidade de Valinhos — interior paulista — aos 12 anos ele já trabalhava numa fábrica de tecidos de Jundiá. Da sua meninice como João Rubinato — verdadeiro nome de Adonirã — ele se lembra das brigas da mãe, à hora das refeições. "Eu ficava batucando nos pratos e improvisando quadrinhas, e ela se aborrecia: "Pára com isso. Até na mesa?" Com os anos, Adonirã Barbosa não perdeu a capacidade de improvisação. Há pouco tempo, ele estava gravando a novela *Mulheres de Areia* — onde fazia o papel de um pescador, o Chico Belo —, quando notou uma cena que mostrava a tentativa de afogamento do vilão da novela. Mal a cena acabou, Adonirã já havia inventado uma quadrinha que acabou servindo de fundo musical para todas as seqüências da novela que mostravam o mar. Muito observador, Adonirã diz que deve sua inspiração ao fato de andar sempre de olhos abertos para o insólito e o poético do dia-a-dia. Uma vez, quando morava num apartamento na zona das boates de São Paulo, ele chegou tarde em casa e viu que tinha esquecido a chave. Foi para o meio da rua e gritou à mulher: "Joga a chave, meu bem." De maneira surpreendente, um grande número de portas se abriu e começou a cair chave de todo tamanho e modelo na calçada. Adonirã ali mesmo pensou no tema de uma nova música: *Joga a chave, meu bem / que aqui fora tá ruim demais / é tarde, perturbei teu sono / amanhã não perturbo mais* (*Joga a Chave* — 1950 — gravação original dos Demônios da Garoa).

NO tempo em que morava nesse apartamento, Adonirã teve a sua fase mais criativa. À noite, ele saía com o cachorrinho Peteleco e parava nos bares para conversar com o pessoal e fazer um sambinha. Dois desses conhecidos de bar são personagens constantes da música do compositor. Mário, o Mato Grosso, e Joca se reuniam freqüentemente com Adonirã num casarão

velho da Rua Augusta, para bater papo. Um dia, os amigos estavam juntos, quando chegaram os operários para demolir o casarão. Ao ver caírem as paredes, Adonirã compôs *Saudosa Maloca*. A música se transformou, imediatamente, num grande sucesso.

Apesar de seus êxitos como compositor, foi no rádio que Adonirã se tornou mais conhecido, como cantor de samba e radioator humorístico (em 1941). Quem escrevia os textos dos programas era Osvaldo Moles, grande amigo de Adonirã: ele aproveitava conversas reais, para compor as falas dos personagens. "Eu andava com muito crioulo, o Corinthians tava bem em 1954. Naquele tempo, diziam de quem estava bem: "está fumando charuto". Ai o Moles compôs um personagem para mim chamado Charutinho." Desse personagem surgiu o programa da Rádio Record, *Histórias das Malocas*, que durou de 1954 a 1966.

O Charutinho ficou mais conhecido que o próprio Adonirã, mas nem isso garantiu boa situação para o radioator no novo meio de comunicação que veio substituir o rádio — a televisão. Ele fez muito teste de estúdio, trabalhou numa novela (Tilim, com Vanda Kosmos), num programa humorístico (Ceará Contra 607), num especial (*O Príncipe e o Mendigo*), mas quase o tempo todo esperou em vão pelos corredores da TV Record. Em 1966, ainda colocou uma música no festival da Record em que apareceram Chico Buarque, Geraldo Vandré, Gilberto Gil, Caetano Veloso. A letra era a que seu amigo Osvaldo Moles havia deixado antes de morrer: *Mulher, Patrão e Cachaça*. Hoje, suas mãos tremem um pouco ao erguer o copo de água mineral. Ele já não toma pinga, mas se lembra de todos os personagens que fizeram sucesso no rádio e no disco. E diz que não se importaria de voltar a trabalhar na televisão. "Otis, estamos aí pra o que der e vier."

18/10/1975

21 (1226)

PÁG. 126

NOSTALGIA



Manchete, 21 (1226), p. 126,

**ADONIRAN
BARBOSA**

18 de outubro de 1975

a voz da cidade

Encarapitado na janela do barraco, ele olha a paisagem que sempre lhe serviu de inspiração. A foto (acima) é naturalmente antiga mas esta imagem do passado permanece na gravata borboleta, o chapeuzinho de aba quebrada com que este cantor (ou anticantor?) e compositor (ou anticompositor?) aparece na capa de seu LP, **Adoniran Barbosa** — em selo Odeon. Uma janela voltada para o seu mundo e linguagem particular e também, peculiar, misturando o italiano de sua descendência (nome verdadeiro: João Rubinato) ao paulistano e saindo daí um português de raízes incrivelmente brasileiras — ouçam um **Joga a Chave**, **O Samba do Arnesto** ou **Mulher, Patrão e Cachaça**. Na contracapa do disco, o professor Antônio Cândido afirma: "... Com seus 65 anos de magro, Adoniran é o homem de São Paulo entre as duas guerras, se prolongando na que surgiu como jibóia fuliginosa dos vales e morros para devorá-la. Lírico e sarcástico, malicioso e logo emocionado (...) ele é a voz da cidade." A quem duvidar, recomendo **Adoniran Barbosa**.

● Flávio Marinho

Pela fidelidade do seu torcedor anônimo e sofrido, o Corinthians merece uma categoria à parte como superpaulista



O compositor Adoniran Barbosa é o desmentido vivo de uma das frases do Vinicius de Moraes: **São Paulo é o túmulo do samba.** Pois o que Adoniran é, acima de tudo, o Brasil inteiro já sabe: o autor de **Saudosa Maloca, Trem das Onze e Samba do Arnesto**, um dos fenômenos de nossa música popular. Adoniran tem tudo para ser um subcarioca transfigurado na figura e na glória de um superpaulista. Corintiano fidelíssimo, conhecedor emérito de todas as bocas paulistanas, resistente a diversos tipos de bebida, é inventor de uma das batidas mais sensacionais do arsenal brasileiro: a batidinha de figo. Ganhou muito dinheiro mas gastou tudo. Se não fosse a mulher — confessa ele — estaria morando na praia, ao relento. Coração mole, divide o prato que come com qualquer um que esteja com mais fome do que ele. Conhece intimamente as favélas paulistanas, onde busca inspiração. Seu antológico **Trem das Onze** tem um dos maiores achados do nosso cancioneiro popular: "Minha mãe não dorme enquanto eu não chegar." Adoniran garante que está envelhecendo com dignidade, como queriam os latinos. Além de compor e cantar, ele também trabalha em novelas na televisão. É um tipo, desses que não se fazem mais. Diz abertamente que pretende morrer trabalhando e com um copo na mão. Durante 31 anos deu duro na Rádio Record e seu nome está ligado, para sempre, ao mundo mágico e complicado onde nascem os gênios populares que honram e elevam a massa anônima dos que sofrem e esperam.

O Sport Club Corinthians

Paulista foi fundado em 1910 por membros da colônia espanhola. O nome foi copiado de um time inglês que visitou o Brasil. Não se sabe como, tornou-se uma lenda em São Paulo, merecendo a classificação de superpaulista, tanto por suas glórias como por suas desgraças. Há 22 anos persegue o título de campeão da cidade — e esta é a sua única e real desgraça. O Timão, o Coringão faz parte da lenda e da mística da supercidade. Se não houvesse o Corinthians, certamente São Paulo não seria o mesmo. Talvez fosse melhor ou pior, mas não seria a mesma coisa. Seu torcedor é de uma fidelidade espartana e suicida. Por causa dele, o time se tornou um fenômeno social. Quando ganha, as delegacias

especializadas registram maior número de ocorrências. Quando perde, acontece o absurdo pois aumentam também as ocorrências policiais. A torcida nunca admitiu estrangeiros no time. Sua linha de 100 gols ficou na memória de todos: Cláudio, Luizinho, Baltazar, Carbone e Mário. Corintiano, em São Paulo, é sinônimo de povão. E povão é sinônimo de sofredor. Há uma previsão estupefacente: no dia em que o Corinthians for campeão (o último título é de 1954) haverá tanta confusão que nada será como antes. Como fenômeno de massa, o Corinthians tem sido analisado por sociólogos e psicólogos. Como superpaulista, o Corinthians caminha a passos rápidos para se tornar um superflamengo.



Leitura dinâmica



Mourão: bom de equilíbrio.

música

Roberto Muggiati

Mourejando no jasmineiro

As teclas fluem, descontraindas, perseguidas em seu vôo pelo toque igualmente livre do violão. Já na primeira faixa de *Jasmineiro*, Túlio Mourão mostra a que veio. O diálogo do seu piano com o violão de Nonato Luiz marca este álbum — produção independente de João Luiz Albuquerque incorporada à série *Todos os Sons da Ariola* — mas não pode ser destacado como um dos bons momentos do LP: em *Jasmineiro*, todos os momentos são bons. Formação clássica

misturada com Mutantes, Milton e outros grandes da MPB, Mourão deu duro para chegar à maturidade — técnica e artística — deste álbum. Brota de tudo no seu *jazmineiro*: além das composições, complexas e curtíveis — todas de Mourão —, ele se cercou de músicos afins: tinham afinidades com ele e estavam todos a fim... os sopros incluem os saxofones e flautas de Nivaldo Ornelas, Mauro Senise, Leo Gandelman; as baterias de Nenen e Robertinho Silva; e o baixo de Zeca Assumpção. Além do piano acústico, Túlio se aventura pelo OBSX, mas sem se deixar deslumbrar pelo brinquedo eletrônico. Equilíbrio é mesmo com mineiro...

Não perca o trem do Rubinato



MANCHETE

Vozes do além, mas muito vivas. Tem pessoas que precisam morrer para ser valorizadas à altura do seu talento. Elis foi uma delas. Mais ainda, João Rubinato, um ítalo-brasileiro que achava que o seu nome não dava samba e mudou para Adoniran Barbosa. E Adoniran deu muito samba... Neste documento inédito da Estúdio Eldorado (a capa é só o retrato do velho), o autor de *Saudosa Maloca* e *Trem das Onze* ressurge redondo em gravações tiradas de programas de TV, do *Fino da Bossa* de 1965 até produções mais recentes. Entre as canções, muita fala, Elis e Rubinato trocando figurinhas, a verve do Adoniran, as lembranças da viúva, Mathilde. Um álbum para quem gosta de amor e humor, de vida. E quem não gosta?

arte Flávio de Aquino



Encáusticas de Scaldaferrri

Sua pintura, sem ser de última vanguarda, choca, agita e causa um impacto incomum. Sante Scaldaferrri — que expõe na Ars, Artis Galeria, em São Paulo — nasceu em Salvador e revolucionou a pintura baiana como um Jenner Augusto, ou, particularmente, um Rubem Valentim — sem ter qualquer afinidade com qualquer dos dois. Pelo contrário, as encáusticas de Scaldaferrri são um grotesco desfile de personagens barrigudos, alegres, carnavalescos. Excelentes caricaturas da comédia da vida, elas mostram um Brasil feio, mas real em seu conceito existencial. É uma pintura incômoda mas fascinante, propositalmente deformada para melhor contar a decadência festiva de uma fase crítica da civilização. Por trás dessas figuras insólitas há muito mais do que uma simples caricatura. Há a beleza da cor e a fotografia de uma realidade.

Guanabara em Florianópolis

Há dois anos escrevi sobre o jovem pintor catarinense Adilson Guanabara (Bom Retiro, 32 anos) como sendo um dos mais promissores talentos que se projetava fora dos pólos Rio—São Paulo. Na época, ressaltai que seus melhores quadros eram os esquematizados, com saturação de cores à maneira *fauve*. Adilson agora continua sua carreira com uma série de individuais e coletivas em Lages (onde reside), Florianópolis e no Rio Grande do Sul. A atual pintura de Adilson Guanabara é uma continuação mais depurada da anterior. Na maioria dos quadros reinam vermelhos sangüíneos, extremamente decorativos, do qual se destacam o corpo branco e nu de mulheres desenhadas em seus esquemas estruturais, sem que certa dose de sensualismo seja relegada. Os vestidos pontilhados de manchas coloridas dão ainda mais vivacidade às superfícies. Adilson, que precisa ser mais bem divulgado, é bom colorista e um promissor desenhista.



O amor segundo Hélio Rodrigues

A luz que percorre o bronze patinado a ouro cria caminhos de luz que valorizam as esculturas sensuais de Hélio Rodrigues (carioca, 35 anos), expostas na A.M.C. Galeria, no Shopping Center da Gávea, Rio. "Sinto (a escultura) como um casamento onde duas formas diferentes se unem numa só, talvez por isso desenvolvi a escultura do encaixe; do unir na harmonia de uma mesma solução." As esculturas deste artista formado em belas-artes e professor de artes plásticas no Rio realmente formam um acoplamento amoroso de seres e um conjunto harmonioso de formas. Em suas estatuetas o movimento coordenado dos membros sugere a carícia, a ternura e um dinamismo semelhante ao imprimido pelos futuristas. Mas as superfícies lisas dos blocos escultóricos anulam qualquer influência direta de antigos *ismos*. O *ismo* de Hélio Rodrigues é o amor físico do ser humano.

CARTAZ

- 1973.....223

ADONIRAN AGORA É NOME DE TROFÉU

Aos 72 anos de idade, o compositor paulista Adoniran Barbosa recebe sua maior homenagem: um prêmio com seu nome será oferecido este ano ao autor da melhor música de carnaval de São Paulo. O troféu foi criado por Blota Júnior e será entregue em seu programa "Domingo Total", da TV Tupi, para homenagear o compositor de "Saudosos Maloca", "O Samba do Ernesto", "As Mariposas", "Iracema" e "Trem das Onze", o samba que venceu o Campeonato Carioca de Carnaval em 1965. Adoniran é um dos sambistas mais premiados de São Paulo — tem mais de cinco Roquete Pinto —, mas além disso já fez vários filmes ("O Cangaceiro", "Candinho", "Esquina da Ilusão", "Caído do Céu", "Carnaval em Nova



lorque") e duas novelas de televisão: "Ceará Contra 007" e "Quem Bate?", uma sátira do seriado "Combate". No momento está se aposentando da TV Record e pretende fazer teatro.

O TEATRO NA VIDA DE PAULO PINHEIRO

Você trocaria um promissor emprego público pela insegura carreira de ator? E, se funcionário de um importante banco, faltaria o suficiente para que seu chefe o despedisse? Pois foi exatamente isso que aconteceu na vida do ator Paulo Pinheiro, que chegou há dias de Mato Grosso, onde esteve filmando "Caingangue", sob a direção de Carlos Hugo Christensen.

Paulista de nascimento, mas radicado no Rio desde 70, Paulo diz ter encontrado na Cidade Maravilhosa "a comunicação, o público e tudo que pode pintar para um ator profissional". Mas ele já atravessou momentos difíceis em sua carreira, como no início, quando, para acompanhar a excursão da peça "O Auto da Compadecida", onde não ganhava quase nada, foi despedido do emprego que o mantinha, por faltas sucessivas.

No Rio, Paulo Pinheiro fez

quatro p
"Minha
Vicente
ro amor
agora e
mada p
Globo. S
com Ch
ter felto
ao lado



NÉLSON TROCA PAPO POR POP

As presenças jovens e sofisticadas de Márcia Mendes e Scarlet Moon, apresentadoras do jornal "Hoje" (TV Globo, 13 horas), ganharam um novo companheiro. Ele é Nelson Mota, compositor e produtor de shows e discos, que há dias mantém uma seção sobre assuntos gerais, "Pop", assistida em todo o país, a cores. Por causa desse novo programa Nelsinho deixou de produzir e apresentar o "Papô firme", que entrava no ar

antes da novela das 19 horas. — Pra mim foi melhor, pois em "Pop" sou visto em todo o país, e trato de assuntos nacionais e internacionais. Mas ele não se limita a esse programa. Nelsinho é um dos redatores de "Viva Marília" e, de parceria com Guto Graça Melo, compôs a trilha sonora da novela "Cavalo de aço". Na Philips, sua última produção é um LP para o carnaval, onde apresenta músicas de Caetano, Chico, Gil e Gutemberg Guarabira.

SANDRA MATERA MOSTRA SEU TALENTO

"Eu queria casar, ter filhos e cuidar do lar. Mas isso é quase impossível para mim, que sou bailarina da TV. Ninguém quer nada sério com a gente". Este é o desabafo da loura Sandra Matera, durante algum tempo principal bailarina do Chacrinha, e, atualmente, do programa Silvio Santos. Mas Sandra não se limita a dançar e é contratada da linha de shows da TV Globo, onde atua com destaque em "Faça humor 73" e "Chico City", onde surpreendeu a todos vivendo a engraçada "Turmalina", mulher de "Maláquias", personagem-chave do humorístico de Chico Anísio.

Seu sonho, contudo, reside nas novelas. "Sei que um dia chego lá, e vou me esforçar para isso", diz ela. Morando com os pais num apartamento em Copacabana, ela quer provar que seu talento vai além do corpo bonito.



S É T I M O C É U

- 1974.....227



MACHETE ficou feliz em poder abraçar a Suzy Kirby. Andava longe para cumprimentá-la por seu trabalho em *Os Ossos do Barão*. E aí aproveitou para

decejar-lhe umas boas festas pois ela vai passar uma temporada descansando. E que o seu personagem tinha muito a ver com uma situação real por que está passando. Então, acha que o melhor mesmo é repousar e se desligar de Célia.

CLAUDIA Barroso revelou-se tão ardorosa de Alice Cooper! Tanto que nem agüentou esperar o show do cantor no Palácio das Convenções (SP) e foi mesmo junto com todo o povo ao Anhembi! A brincadeira ia custando caro para ela! Se não fosse um policial reconhecê-la e livrá-la da multidão, a cantora seria massacrada.

ELISETE Cardoso não está mesmo a fim de perder a linha. A hora do massagista é sagrada. Não atende telefone nem do Xé da Persia! Faz ela muito bem que a ordem do rei é relaxar-se totalmente!



BACANINHA quando acontece um amor verdadeiro. Desses que vêm para ficar! E um romance assim que Cláudia Nunes está vivendo com o Adelson Alves, disc-jôquei da Globo. Eles estão mesmo na base do "só vou se você for". Por isso, está fazendo das tripas o coração para ver se consegue conciliar suas viagens ao exterior, onde tem muitos contratos a cumprir, com as férias do seu querido e assim reunir o útil ao agradável. Isso é que é bom!



BASTOU dar uma folguinha nas gravações de *Os Inocentes* que todos os artistas correm para levar um papo com Adoniran Barbosa. Sempre de bom-humor, ele

tem um repertório de piadas — novas — para descontrair a turma. Mas sempre há os tímidos, que ficam encolhidinhos num canto sem coragem de escutar as anedotas, como é o caso da Eudósia Acunã. Mas ele sempre faz questão de buscá-la!

A MODINHA POPULAR

- Sem data.....231

HISTÓRIA DE UM HOMEM MAU

Roberto Carlos

Eu vou contar pra todos
A história de um rapaz
Que tinha a muito tempo
A fama de ser mau
Seu nome era temido
Sabia atirar bem
Seu gênio violento
Jamais gostou de alguém
E ninguém jamais viveu pra dizer
Que o contrário sem depois morrer
Nos duelos ele nem piscava
No galilho ele era o tal
Todos que o desafiava tinham seu
final

Mas desde uma tarde
Alguém apareceu
Com ele quiz lutar
E o mundo até tremeu
Marraram numa espina antes do
Por do sol
E todos já sabiam que um ia morrer
Neste dia porém
O homem mau tremeu,
Logo entrou no bar
E no bar bebeu
Ninguém tinha visto ainda
Ele em tal situação
Mas somente ele sabia
Qual era razão

Chegando então a hora
Da outra encontrar
Chegado na espina parou para
[olhar
O outro estava firme com a arma
[na mão
Fazia grande alarde fazendo sensação
E o homem mau, quiz logo matar
E no valentão quiz logo atirar
E depois da tiroteria todo mundo
[estremeceu
Quando um grito se ouviu
O homem mau morreu
(Falando)
Esta é a história de um homem mau.

IRACEMA CAPELA DO AMOR

Adoniram Barbosa

Grav. Demônios da Garoa
em disco Chantecler

IRACEMA
Eu nunca mais te vi
Iracema
Meu grande amor foi embora
Chorei, chorei de dó porque
Iracema
Meu grande amor foi você
Iracema, eu sempre dizia
Cuidado ao atravessar essas ruas
Eu falava
Mas você não me escutava não
Iracema você é travesseiro contra mão.

E hoje ela vive lá no céu
Ela vive
Bem juntinho de nosso santo
De lembrança
Quando somente suas meias
E seus sapatos
Iracema eu perdi o seu retrato.

O BOM MIGUEL

(MICHAEL)

Arr. de Rossini Pinto
e Carlos Becker
Grav. de Renato e Seus Blue Caps
em disco CBS

Vai Miguel a navegar, Aleluia
Vai o rio atravessar, Aleluia
Vai cantando uma canção, Aleluia

O seu barco é veloz, Aleluia
Do senhor ouvindo a voz, Aleluia
Vai contente o bom Miguel, Aleluia
Sua glória está no céu, Aleluia
Vai Miguel a navegar, Aleluia
Vai o rio atravessar, Aleluia
Vai cantando uma canção, Aleluia
Pra alegrar seu coração, Aleluia

Já não sente mais temor, Aleluia
Vai seguir o Salvador, Aleluia.

Jeff Barry - Elbe Greenwich -

Phil Spector

Versão de Neusa de Souza

Grav. Wanderléa em discos CBS

Vou na capela rezar
E agradecer a Deus
Vou na capela rezar
E agradecer a Deus
Se o teu amor te deison
Não percas tempo em chorar
Vai rezar na capela do amor.

Sou tão feliz hoje
Meu coração ri
Termino, enfim, o meu sofrer
Quem tanto adoro
Voltou pra mim
Nunca mais eu vou saber o que é
[chorar

Vou na capela rezar
E agradecer a Deus
Vou na capela rezar
E agradecer a Deus
Se o teu amor te edison
Não percas tempo em chorar
Vai rezar na capela do amor.

MERA FANTASIA

BOLERO

Adilson Ramos - Magno Mattos
Grav. RCA de Adilson Ramos

O meu apartamento está vazio
À espera de você que me deixou

Tudo fora, mera fantasia
De um amor que não frutificou
Hoje vivo perambulando
Na esperança de retornares para mim
Desta feita pagarei a promessa
Que fiz de joelhos
Ao Senhor do Bonfim.

Sinas tangendo
Ceu tão azul
Felicidade é o meu viver
Quem tanto adoro
Voltou pra mim
Nunca mais eu vou saber o que é
[chorar

UM PAR DE ALIANÇAS

Leonel Cruz e Genti Gilberto
Gravação de Marco Antônio
em disco Odeon

Tem muita gente que almeja
Um sonho realizar
Entrar feliz na Igreja
Sorrir diante do Altar
Senti o mesmo desejo
Meu sonho realizei
Comprei um par de alianças
Feliz na Igreja com ela casel
Mas durou pouco
nossa unção
Sofri como louco
A triste separação
Mais não lamentarei
O destino assim quis
Não é um par de alianças
Que faz um casal feliz

★

MEU GRANDE BEM

Helena dos Santos
Grav. de Roberto Carlos
em discos CBS

Quem ouvir esta canção
Com certeza vai pensar
Que eu tenho um coração
Guardadinho p'ra rifar
Tenho quase um harém
E a tôdas quero amar
Pode ser você meu grande bem.

Gosto do A
Gosto do C
Gosto do M
E do L também
Se o seu nome aqui está
Não espere venha já
Pode ser você
Meu grande bem.

★

IRACEMA

Adoniram Barbosa
Grav. dos Demônios da Garoa
em disco Chantecler

Iracema
Eu nunca mais te vi
Iracema
Meu grande amor foi embora
Chorei, chorei de dor porque
Iracema
Meu grande amor foi você
Iracema, eu sempre dizia
Cuidado no atravessar essas ruas
Eu falava
Mas você não me escultava não
Iracema você travessou contra
[mao.

E hoje ela vive lá no céu
Ela vive
Bem juntinho de nosso senhor
De lembrança
Guardo somente suas meias
e seus sapatos
Iracema eu perdi o seu retrato.

CIGANA SEM SORTE

(LA RODRIGUES)

PASO-DOBLE

Letra em português de
Hubaldo Silva, sobre a
música de Fernando Garcia
Grav. de Angela Maria
em disco Copacabana

Ao som de guitarra e de casta-
[nhola,
Num pátio, de um velho café
[andaluz,
Dançava e cantava, cigana es-
[panhola
— Tal qual mariposa, sedenta
[de luz!
Mantilha fremente, a rosa no
[seio
— Rainha incontestante do velho
[café!
Os velhos e os moços, em lucro
[anseio,
Ao vê-la, cantavam, gritavam,
[olé!

Me chamam cigana,
Cigana sem sorte!
Pois, meu canto triste,
Só fala da morte
Do belo toureiro,
Tombado na arena,
Por quem peço à Virgem
De Macarena!

Com todos, a bela cigana
[flertava
Jogando, com a rosa, a
[doce

[doce ilusão...
Porém, a cigana, somente
[sonhava

(Bis) Com bravo toureiro do
[seu coração!

Um dia, o toureiro, tom-
[bou lá na arena;

Lá na praça de touros,
[chegou o seu fim!..

E a pobre cigana, cigana
[morena,

Cantava, tristonha, um
[canto assim

★

"RANCHO DO RIO"

João Roberto Kelli
Canta: Dalva de Oliveira

Foi Estácio de Sá quem fundou
E São Sebastião abençoou
Rio é quatrocentão)
Mas é um brôto no meu) bis
[coração)

Eu falo assim porque
Rio, eu conheço você
Com esta idade que o bom Deus
[lhe deu
Para cantar tra la la
E para amar tra la la
Você está mais brôto do que eu

BRUCUTÚ

D. Frazier

Versão Rossini Pinto
Grav. Roberto Carlos
em discos CBS.

Côro: Olha o Brucutú, Brucutú
Olha o Brucutú, Brucutú
Nas histórias em quadri-
nhos das revistas, dos jor-
[nais

Olha o Brucutú, Brucutú
Há um tipo curioso e di-
[vertido até demais

Olha o Brucutú, Brucutú
O lugar onde ele vive to-
[dos sabem que é mú

Olha o Brucutú, Brucutú
Quem ainda não ouviu
[falar de Brucutú

Olha o Brucutú, Brucutú
Olha o Brucutú, Brucutú
Mora só numa caverna
[dorme mesmo é no chão

Olha o Brucutú, Brucutú
O seu carro é um dinosau-
[ro e veste pele de leão

Olha o Brucutú, Brucutú
Anda sempre bem arma-
do briga sempre com pra-
[zer

Olha o Brucutú, Brucutú
Traz consigo uma clave
gosta mesmo é de bater
Olha o Brucutú, Brucutú
Mas no fundo o Brucutú
[é bom

Olha o Brucutú, Brucutú
Seu amigo Fuzi é quem
[diz

Olha o Brucutú, Brucutú
Deixa a Hula até usar
[baton

Côro: Olha o Brucutú, Brucutú
Brucutú um certo dia foi
[com Hula passear

Olha o Brucutú, Brucutú
Foi ao baile que o rei
Gus todo mês costuma dar
Olha o Brucutú, Brucutú
Só porque um bom rapaz
[p'ra sua noiva olheu

Olha o Brucutú, Brucutú
Brucutú ficou zangado e
[seu nariz ele amassou

Olha o Brucutú, Brucutú
Mas no fundo Brucutú é
[bom rapaz

Olha o Brucutú, Brucutú
Seu amigo Fuzi é quem
[diz

Olha o Brucutú, Brucutú
Deixa a Hula até usar
[baton

Olha o Brucutú, Brucutú
Olha o jeito dele andar

VAMOS CANTAR

- Sem data.....237

ENCANTO

- Sem data.....245

★ SIM FOI VOCÊ

De Cristiano Veloso, gravação
RCA Victor de Maria da Graça.

Sim foi você
Quem não quis voltar
Toda noite a saudade
Val de verdade
Agora lhe procurar
Como a mim
Que a tristeza tem
Para sempre perdido
Além do sorriso
Já sem poder chorar
Ah nosso amor foi bom
Foi de não se esquecer
Era pra sempre
Foi tão bonito
Era de se esperar renascer
Mas foi você
Quem não quis voltar
Toda noite a saudade
Val de verdade
Agora lhe procurar

★ O PINTO PIOU

Ritmo sertanejo de Carlos e
J. Nillo, gravação Mocambo
de Carlos Diniz.

O pinto piou?
Piou de novo?
Piou no ovo?
Enão é pinto novo

O pinto piou Zezé
Vai val olhar como é
O pinto piou e a galinha cantou
Quando o pinto pia a galinha canta
O galo faz roda e agente se espanta

EU NÃO DIREI O TEU NOME

Samba-canção de Adeline Mo-
reira, gravação Odeon de Or-
lando Dias.

Eu não direi o teu nome
Eu calarei que sofri
Eu não direi que te adoro
Nem que o pranto que choro
É todo por ti
Eu não direi que te quero
Eu calarei minha dor
Eu não direi que te amo
Nem que te reclamo
Perdido de amor

Vai silêncio meu e diz a ela
Que a sua ausência me maltrata
Que eu um outro amor não admito
Que tu silêncio és o meu grito
E o nosso orgulho nos mata

★ I COULD HAVE DANCED ALL NIGHT

De Lester e Orise, gravação
de Nat King Cole.

I could have danced all night
And still have begged for more
I could have spread my wings
And done a thousand things
I'd never done before
I'll never know what made it so
exciting
Why all at once my heart took fly
I only know when she began to
dance with me
I could have danced, danced, danced
all night

LIKE I DID

De Releigh e Damon, gravação
de Rita Pavone.

You found someone new
But does she love you like I did
Can somebody else
Give all of herself like I did
When things get rough will she
be near
Will her love be deep and sincere
Can she give you her heart and
soul
Like I did, like I did
Does she understand
Your kind of man like I did
And when her kiss is no more
a thrill
And you say goodbye
Will she go on loving you still
Like I did, like I did

★ AMOR MAIOR DO MUNDO

Rumba de Fernando Costa e
Emilinha Borba, gravação CBS
de Emilinha Borba.

É tão gostoso estar ao seu lado
Meu amor
Ao dançar essa rumba
Com você bem justinho a mim
Não há nada melhor
Não há ninguém que possa impedir
O nosso amor
Que é tão grande e profundo
É o maior dos amores e
É o maior amor do mundo

E quando é noite de lua
E você vem
Eu lhe abraço sorrindo
Nosso amor é tão lindo
Faz inveja a quem vê
Eu sinto grande emoção
No coração
Felix que lhe ama
E é por isso que sou feliz
Por viver ao seu lado

DEUS TE ABENÇÔE

De Adouren Barbosa, gravação
RCA Victor de Demônio
de Garça.

Val meu filho
Deus te abençoe
Segue o teu trilho
É o que minha mãe sempre diz
Todas as manhãs

O homem e a mulher

De Pepe Ayala, gravação de
Osain Galvão.

Se Deus uniu o homem e a mulher
Por que razão se devem separar?
Se Deus uniu num beijo um grande
amor
Por que razão depois nos faz
chorar?
Se o coração pudesse ouvir
O que vai acontecer entre os dois
amanhã
Seria bom, seria bom demais
Ninguém mais sofreria e a gente
escolheria o amor ideal
O homem e a mulher não podem
esquecer
Que Deus abençoou o beijo do amor
O homem e a mulher amigos devem
ser
Para serem felizes até morrer.

Quando vou pra tabaia
Eu saio de manhazinha
Só volto à noitinha
Pro acobedo do meu lar
Eu trabalho de pedreiro
Ganho por milheiro
Sou meia-ruid, faço todo sacrificio
Mas minha mãe tem que ter
Tudo o que "quize"
— Bença mãe!
— Deus te abençoe meu filho
Num esqueça a marmita

★ BIONDINA

De Uccio Gaeta, gravação de
Sérgio Cardoso.

Sei tu Biondina la mia piccina
Mi fai soffrire d'amore perché non
ami me
Sei tu Carina, bella Biondina
Mas un giorno tu me dirai il si,
amor
Mas un giorno tu me dirai il si, amor
Non serai sola senza di me
Te spozzerò ma chi lo so
Biondina mia che nostalgia
Stare lontano da te, non vivo più,
Declaração: Sei tu Biondina, sei la
mia piccina me fai soffrire
d'amore perché non ami me
sei tu carina, bella Biondina
ma un giorno tu me dirai di si
amor.

Tema para dois

De Arnaldo Silva e Geraldo Bar-
bosa, gravação de Dalya Barbosa.

Samba no balanço assim,
Eu danço com você,
Na base de piano
Contrabaixo e afoxé
Vem a bateria
Para o samba ritmar,
Amar alguém é bom
Quando se pode balançar.

Meu bem
Esqueça o rock,
Deixe o twist pra depois,
Vem balançar comigo
Este tema pra dois

C I N E L Â N D I A

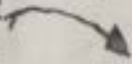
- Sem data.....241

Cinelândia



HELENA AMARAL em "Contrabando" (Foto Avila).

(CONTINUA NO VERSO)



DO PREFEITO DO D. F. PARA O CINEMA BRASILEIRO

O PREFEITO Negrão de Lima atendeu à solicitação dos produtores do Cinema Brasileiro, criando uma comissão de cinema, encarregada de recolher e indicar quais as medidas necessárias para o amparo de nossa Indústria Cinematográfica.

O seu gesto veio ao encontro da iniciativa de São Paulo, onde também foi criada a Comissão Municipal de Cinema, que resultou na Lei número 4.854 de 30 de dezembro pp., cujos resultados têm sido os mais animadores para os produtores paulistas, além de, por meio de privilégio e de amparo direto criar uma situação toda especial e privilegiada para os que realizarem filmes em São Paulo. É de tal sorte a vantagem auferida pelos que realizarem filmes na capital paulista, a não os laboratórios do Rio se viram ameaçados de fechar suas portas, a não ser que tivessem igualmente as vantagens concedidas pela Prefeitura de São Paulo, devido a reciprocidade de prêmios, único caso em que a lei assinada por Wladimir de Toledo Piza favorece ao cinema nacional, e não apenas regional.

A comissão, aqui, nomeada, ficou composta de Manoel Ferreira Jorge, pela Prefeitura do Distrito Federal; Mário Sombra e Jayme Pinheiro, do Sindicato Nacional da Indústria Cinematográfica; do cronista e jornalista Clóvis de Castro Ramon; Pedro Lima, da Associação do Sindicato de Jornalistas Profissionais; Pedro Lima, da Associação Brasileira de Imprensa; Roberto Acácio, como Produtor; Carlos Manga como diretor, e Anselmo Duarte como ator, cada qual representando a sua classe.

Naturalmente que têm surgido vários protentos de gente que deseja fazer parte da comissão, como os exibidores e um "trustman", que queriam, incluídos no grupo, representantes de cada um dos seus inúmeros cartéis. Mas, se assim fosse, a finalidade de auxílio ao Cinema Brasileiro estaria comprometida, pois os interesses em jogo não seriam nunca do nosso cinema, mas inteiramente pessoais. Além do que, o auxílio para o filme nacional nasce diretamente do público e não do exibidor ou distribuidor, órgãos arrecadadores e que nunca demonstraram, até hoje, qualquer simpatia pelo nosso cinema e jamais ampararam qualquer de suas iniciativas.

Trabalhando exaustivamente, em poucos dias já está pronto o anteprojeto e entregue ao Prefeito, que o fará publicar a fim de receber sugestões antes de enviá-lo à Câmara Municipal. Mas acreditamos que de um modo geral, a comissão só teve em mira zelar pela criação de nossa Indústria de Cinema e que a imprensa, diretamente vinculada à Comissão, sentindo os anseios do público, não faltará aos seus deveres, contribuindo para que se possa vencer a má-ventada e a indiferença de alguns, orientando e reunindo o planejamento necessário para uma base segura de produção, de maneira a que o Brasil figure entre os países que podem e devem ter sua indústria de filmes.



♦ LIANA DUVAL e Adoniram Bertho, na peça "A Pentão da Dona Estela".

CARLOS MANGA dirige uma cena de "Colégio de Brotos" com Oscarito. ♦



ADONIRAM BARBOSA com dor de dente...

o humorista da Rádio Record em cenas especiais para "Encanto".

fotos de NORMET PINHEIRO

Quadrinhos de CLÉLIA SAUAYA



Tristonho é indiferente
Sentado, com dor de dente.
Ai está o Adoniram.
Ninguém posta do dentista
E eu creio que o nosso artista
Também dele não é já.

— "Basta sentar na cadeira
Pra mé dar a tremedeira".
Diz Adoniram Barbosa
— "E, com o dentista na frente,
O sujeito mais valente
Acaba perdendo a prosa".



O dente que lhe dói tanto,
Aos leitores de ENCANTO
Ele em mostra-lo se apraz.
É lembrando embebecido
Que... e pelo far tão querido
Esquece o douror lá atrás.

Na direção do humorista
Vem caminhando o dentista.
Nas o que é traz na mão?
Um instrumento inocente
Que líquida a dor e o dente
Está visto, é o boticão.



Pronto, está tudo acabado.
O dente já foi tirado.
E é quase não sofreu.
Só que, na sala do lado,
O pessoal, apavorado,
Também desapareceu!

Mas dor maior que a primeira
Pelas mãos da enfermeira
Está lhe sendo enviada;
Desgraça pouca é bobagem
Meu velho, toma coragem
E agüenta firme a "facada".

REVISTAS DE BELO HORIZONTE / MG

ALTEROSA

- 1954.....251



O maestro Nézinho



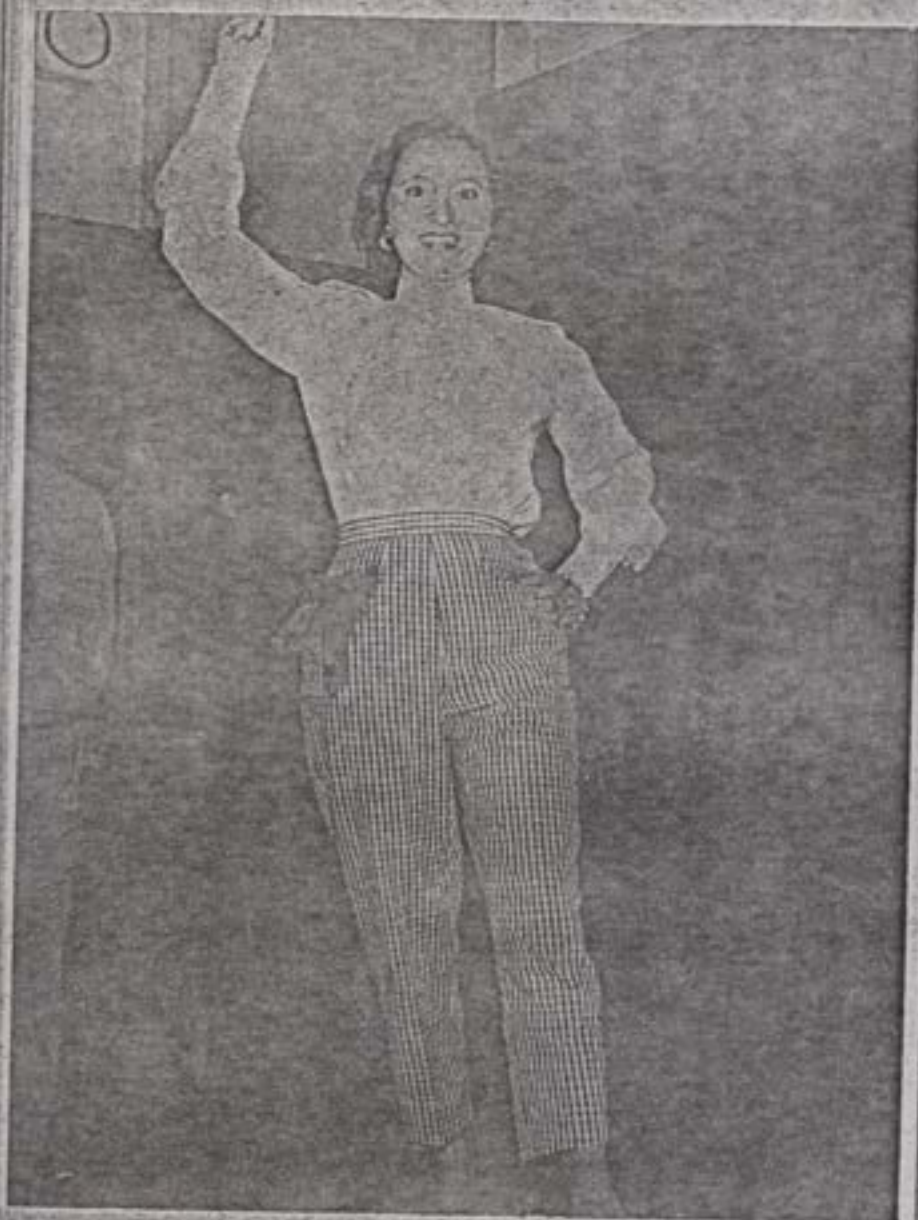
Trio Negro

Os Grandes

É DIFÍCIL haver algum grande artista de rádio, de cinema ou de televisão que não esteja na Rádio e TV Record de São Paulo. Atores de cinema tais como Anselmo Duarte, Ilka Soares, Paulo Ruschel ou Adoniran Barbosa, estão na Record. E na mesma emissora encontramos cantores como Carlos Galhardo e Araci de Almeida, Isaura Garcia e Dorival Caymmi, Neide Fraga e Luiz Vieira, Inezita Barroso e outros. Na Record estão os maestros Hervé Cordovil e Gabriel Mi-



Nota Júnior, Araci de Almeida e Renato Corrente.

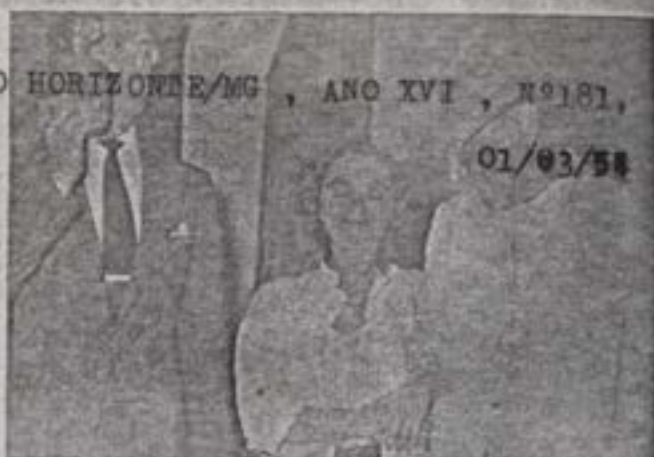


Isaura Garcia, Rainha do Rádio de São Paulo (1953).





Adonias Barbosa e o reporter Carlos Maria.



Blota Júnior, Isaura Garcia e Ary Barroso.

Cartazes do Rádio em São Paulo

gliore (o homem da música de "O Cangaceiro"), o super Ary Barroso e ainda Nôzinho, que além de maestro é um músico fabuloso que deslumbrou Paris durante quase um ano. Também na Record se encontram o Almirante e os populares conjuntos Trio Nagô e Cascatinha e Inhana. Todos estes grandes cartazes da Rádio e TV Record, e do Brasil, virão, um por um, em reportagens exclusivas, aos leitores de ALTEROSA. Por hoje demos esta notícia e as fotografias que estão vendo.



Reportagem de
CARLOS MARIA



Em cima, Gabriel Migliore e Carlos Galhardo. Em baixo, o animador e produtor Blota Júnior (diretor de Broadcasting da Record), Isaura Garcia e o ator de cinema e teatro Renato Consorte.



MÚSICA E MAIS MÚSICA

Reportagem de
CARLOS MARIA

Fotos de C. Iadeluca



Oswaldo Rodrigues e Neide Fraga.



VOCÊ liga o rádio para a Record de São Paulo, e logo ouve músicas, e da melhor, cantada por diversas vozes. Uma vez é a de Araci, outras a de Isaura Garcia, outras a de Neide Fraga, outras ainda, de Caymmi ou de Carlos Galhardo. Isto só para falar em algumas vozes, porque outras faltam. Por exemplo, estas três: Elisette Cardoso, Carlos Galindo e Oswaldo Rodrigues. Falamos destas três vozes. Galindo conseguiu entrar no mundo do baião, quando ele já imperavam Luiz Gonzaga e Luiz Vieira, dois Luízes de respeito. E tem ainda tão grande o trito d'esse cantor, que o povo lhe deu o título, que ficou, de Embaixador do Baião. Galindo não só canta baião, como inventa baiões novos. Gravou, e com sucesso, a "História de Bastiana" e "Mãe do Mané" e se você, que lê esta reportagem, nunca cantou uma destas músicas, desculpe, é que não gosta de baião. Adiante. Oswaldo Rodrigues não canta baião. Oswaldo Rodrigues é cantor de outro gênero de músicas: bolero, tango, beguine, samba-canção.

Oswaldo Rodrigues, um dos nossos melhores intérpretes de música internacional.



Elisette Cardoso e Carlos Galvão.



Walter Júnior, produtor da Record e Oswaldo Rodrigues.

A crítica especializada o distinguiu com o prêmio Roquete Pinto em 1932 para o melhor intérprete de música internacional. No ano passado não concorreu. Mas seu nome está pintando para ganhar o prêmio, outra vez, este ano. Oswaldo Rodrigues é fã de Neide Fraga, e canta, com frequência, em programas com ela. E falta falar no terceiro nome que mencionamos há pouco: Elisette Cardoso. Ainda nova no "cast" da Record, é já, porém, uma das cantoras com mais sucesso entre os ouvintes da B-3. Para tal muito contribui a cuidadosa seleção que faz de suas músicas, e a forma como as interpreta. O nome de Elisette Cardoso deve estar entre os três primeiros nomes de cantoras do rádio paulista que detêm atualmente a maior popularidade. Para isso, muito contribuiu a sua interpretação do último namba de Ari Barroso — "Ocultel", que vem mantendo os primeiros lugares nas paradas de sucessos.

Na próxima reportagem apresentaremos outros três cantores da Record.

Adonizus Barbosa, do cinema, rádio e TV Record, com Elisette Cardoso e Carlos Galvão.



REVISTAS DA ITÁLIA

T V I L L U S T R A Z I O N E

- 1966.....257

NEL MONDO DI

REVISTA TV ILLUSTRAZIONE - ITALIA, ANO XV, 04/12/66, p.50.
N°49

TV
ILLUSTRAZIONE

I piú venduti

Al sondaggio di questa settimana hanno collaborato oltre ai nostri consueti intervistatori i seguenti negozi di dischi: Renato Gnerucci, via Nazionale 13, Cortona (Arezzo); Mundadori per Voi, via Vitruvio 2, Milano; Casa del Disco, via Marghera 22, Roma; Alberto Bianco, piazza Galimberti 14, Cuneo; Parisi Bruno, C.so Garibaldi 168, Reggio Calabria; Disco Sarpi, via Paolo Sarpi 3, Milano; Organizzazione Fa.Bi, via Medaglie d'Oro 421, Roma; Michele Napoli, Polistena (Reggio Calabria); Bon-santi Walter, c.so Italia 134, Orbetello (Grosseto); Espedito Acampora, Piedimonte d'Alife (Caserta); Radiovittoria, via Luisa di Savoia 12, Roma; Radiovision, via Manno 4, Cagliari; Santucci, via Vitt. Emanuele 30, Alba (Cuneo); Cacciola Mario, via Vitt. Emanuele 222, Scordia (Catania); Music City, c.so di Porta Vercellina 2, Milano.

Il numero fra parentesi, dopo il titolo del disco, indica la posizione della settimana precedente. Quando manca il numero vuol dire che il brano entra per la prima volta nell'elenco dei dischi piú venduti.

- | | | | |
|----------|---|-----------|---|
| 1 | BANG BANG (1)
(Milena Cantù; Clan - Cher; Liberty - Dalida; RCA - Equipe 84; Ricordi) | 8 | RIDERA' (8)
(Little Tony; Durlum) |
| 2 | MONDO IN MI 7ª (5)
(Adriano Celentano; Clan) | 9 | YELLOW SUBMARINE (6)
(The Beatles; Parlophon) |
| 3 | STRANGERS IN THE NIGHT (2)
(Frank Sinatra; Reprise) | 10 | LA ZANZARA (7) ✓
(Rita Pavone; RCA) |
| 4 | UNA RAGAZZA IN DUE (3)
(I Giganti; Ri.Fi) | 11 | DOMANI (14) (Sandie Shaw; Pye) |
| 5 | IL DOTTOR ZIVAGO (4)
(Orchestra Bob Mitchell; Variety - Al Korvlin; GTA) | 12 | FIGLIO UNICO (12) Riccardo Del Turco; CGD |
| 6 | SOGNANDO LA CALIFORNIA (9)
(I Dik Dik; Ricordi) | 13 | BLACK IS BLACK (17) (Los Bravos; Tiffany) |
| 7 | E' LA PIOGGIA CHE VA (10)
(The Rokes; ARC) | 14 | LOVE ME, PLEASE LOVE ME (Michel Polnareff; Vogue) |
| | | 15 | UN UOMO E UNA DONNA (20) (Orchestra Francis Lai; United Artist - Daisy Lumini; Ricordi) |
| | | 16 | SONO COME TU MI VUOI (11) (Mina; Ri.Fi) |
| | | 17 | PERDONALA (13) (Little Tony; Durlum) |
| | | 18 | C'ERA UN RAGAZZO CHE COME ME AMAVA I BEATLES E I ROLLING STONES (15) (Gianni Morandi; RCA) |
| | | 19 | IL VENTO DELL'EST (18) (Gian Pierretti; Vedette) |
| | | 20 | AMO (19) (Adamo; Voce del Padrone) |

NOVITÀ a 33 giri



Ecco il primo 33 giri di CATERINA CASELLI, un traguardo al quale «Casco d'Oro» è giunta sull'onda dei suoi successi di quest'anno; Nessuno mi può giudicare, Perdono, L'uomo d'oro. Un microsolco di grande formato costituisce, per un cantante, un impegno di grande respiro: come per il podista la gara di fondo. E' innegabile che dodici titoli tutti insieme mettono a fuoco le qualità dell'interprete e ne rivelano pregi e limiti. Una canzone può essere costruita su misura, ma dodici no. Accanto ai tre brani citati il disco comprende Tutto nero (versione italiana di Paint It, black), Cento giorni, Oh no, Kicks (repertorio di Cliff Richard), Puol farmi plan-



gere, E' la pioggia che va (lanciata dai Rokes), I believe to my soul (scritta ed incisa da Ray Charles), Cantastorie.

L'interesse maggiore è dato da tre brani: Cento giorni, Tutto nero e I believe to my soul, sono la chiave di volta per capire l'evoluzione di Caterina. Per i primi due non possiamo non parlare di operazione commerciale: si tratta infatti di interpretazioni che ricalcano il cliché collaudato della cantante di Sassuolo. Ma I believe to my soul mette a nudo le qualità di Caterina, che solo in questi brani «adulti» riesce veramente ad imporre la sua classe ed a qualificarsi come una delle più interessanti nostre giovani interpreti. La prima — a nostra memoria — ad aver affrontato il repertorio di Ray Charles con convinzione e sicurezza. (Disco CGD, lire 2800).

C'è un altro modo per affrontare un microsolco: ed è quello scelto da TOM JONES che ha inciso per la Decca (lire 3400) quattordici brani spigolando fra i successi di ogni tempo. Il disco intitolato «From the heart» comprende Begin the beguine, My foolish heart, Someday, Georgia on my mind, Kansas City, A taste of honey, The nearness of you, When I fall in love, My prayer, That old black magic. Questa dell'ex minatore gallese è una superba performance, con brani di diversa intensità.



Agfa Magnetoband
Cassetti magnetici Agfa Magnetoband consentono una registrazione ad alta fedeltà di livello professionale, un suono purissimo, la massima durata di ascolto.

Agfa Magnetoband
FA-GEVAERT

OMPLESSI, CANTAUTORI
Festival di Milano
CANZONE ITALIANA 1967
Clamato a:
Via del Corso, 4 - MILANO
Maggio a tutti gli iscritti

ESAZIONALE!

5 giri
D.2001
regi-
tag-
200 o
e) di
alla:
gglore n. 51/A - BOLOGNA

ZIE
a, forlora, caduta
liminare le alter-
breve tempo con
zioni di persone
e lo consigliano
con ORMONWIT;
cidere in merito.
GRATIS.
11 - ALESSANDRIA

SENSAZIONALE!
TRICE da taschino più piccola
del mondo
NELLA FIERA DI MILANO
STA SOLO L. 1500

ne, sottrazione, moltiplicazione e
a un miliardo. Perfettissima. Pre-
che alle normali calcolatrici. In-
studenti, professionisti, commer-
coloro che vogliono risparmiare
ela subito inviando lire 1500 (an-
nità) oppure in contrassegno, più
Per l'estero lire 2000 (pagamento
verrà spedita in elegante astuc-

EUROPEAN SC - Via della Bufalata, 45 - ROMA
CAN rimborserà l'importo se le prestazio-
e non risponderanno a quanto dichiarato.

BILI
della
scritta
ANTICO
estili
VINGHE
PICCOLO
pegno
RATO
con il
SUTI
NINI
LAMA

DI DISCHI

A cura di ANTONINO BURATTI

NOVITÀ a 45 giri



Maurizio e cinque clavicembali: questa, sinteticamente, la novità del nuovo disco del NEW DADA, intitolato Lady Jane, un brano che proprio per queste sue precise caratteristiche è entrato nelle simpatie del pubblico giovane. Sul retro: 15' Frustata, il disco — edito dalla Bluebell — è stato presentato, con entu-

siastiche accoglienze, alla trasmissione radiofonica «Bandiera Gialla».



In procinto di partire per una lunga tournée in Iran da dove poi ritornerà in Svezia — paese nel quale ha soggiornato da febbraio ad agosto cantando nei più eleganti night clubs di Stoccolma — la cantante LINA DE LIMA presenta una sua recente interpretazione di una canzone folcloristica sud-americana: Ave Maria No-Morro, titolo che, entrato nel repertorio di diversi cantanti parecchi anni or sono, ritornò alla ribalta. Retro: Corazon, disco Durium. Una interpretazione sensibile, offerta da una voce calda e vibrante.

sa di tanto in tanto alla ribalta. Retro: Corazon, disco Durium. Una interpretazione sensibile, offerta da una voce calda e vibrante.



Se un ragazzo pensa a te (tit. or. I couldn't live without your love) e Un bianco romani (tit. or. Mon credo, lanciato da Mireille Mathieu) sono i due nuovi titoli incisi da DONATELLA MORETTI per la Parade, casa discografica alla quale la cantante è passata di recente. Anche queste interpretazioni della giovane cantante sono — come le precedenti — siglate dal suo vocalismo preciso e convincente.

Nato ad Orvieto ma trasferitosi a Roma GUIDO RENZI appartiene alle nuovissime leve della musica leggera. Definito «polmoni d'acciaio» per la sua potenza d'emissione, il giovane cantante — che ha partecipato a moltissime manifestazioni ed ha dato vita a diversi complessi — ha ora inciso il suo primo disco (edito dalla Combo) con E' finita e Breve incontro.



LUCIANO MICHELINI, il ventunenne cantante romano che alcune settimane or sono si è presentato alla ribalta di «Settevoci», presenta su disco ARC, Piangi se vuoi — il titolo che ha cantato in TV — e Stop shooting (dal film «Clint il Solitario»). Michelini, che ricordiamo in «Quest'anno il mare», un brano lanciato nel 1965, ha uno stile molto personale. Ma «Piangi se vuoi» non è un titolo che lo scra v molto bene. Disco ARC.

ULTIMISSIME



Il reparto complessi si apre con THE LOVIN' SPOONFULL (che in italiano suona — all'incirca — «Una cucchiata d'amore») ormai nelle simpatie dei fans del beat. I loro dischi (etichetta Kam-Sutra, distr. Ricordi) — che si segnalano per un piacevole sound ed azzeccate interpretazioni — sono uno dei migliori piatti presentati finora a Bandiera Gialla. I titoli: Summer in the city - Daydream sul

primo 45; Do you believe in magic - Did you ever have to make up in your mind. Sempre su etichetta Ricordi segnaliamo Babababa-ba (versione italiana di «With a girl like you» del Troggs) incisa dai SATELLITI, formazione che ritroviamo spesso unita a Ricky Gianco. Di questo cantautore il disco presenta anche Quando sei con me, titolo scritto insieme a Gian Pieretti.

THE CASUALS, un complesso al quale Gino Paoli ha fatto firmare un contratto esclusivo per la produzione discografica, presentano su etichetta CBS tre titoli: Il sole non tramonerà (tit. or. The sun ain't gonna shine anymore), L'amore dura solo un attimo (tit. or. If you walk out) e Land of 1000 dances. Di questo complesso, in cui agiscono sei giovanotti, Bruno Lauzi ha detto: «Sono eccezionalmente bravi!».

Le novità segnalate in questa rubrica e tutti gli altri dischi in commercio possono essere richiesti a «TV-Illustrazione» - Servizio dischi a domicilio - Via Virgilio, 8 - Roma, inviando l'importo — corrispondente al prezzo indicato — a mezzo vaglia o in francobolli. Per i 45 giri (salvo indicazione contraria) il prezzo è di lire 830 e l'ordine minimo deve essere di due copie. Nessun aumento è dovuto per questo servizio e per le spese postali. Specificare sempre: 1) Titolo e velocità del disco (33 o 45); 2) Nome dell'esecutore; 3) Nome, cognome ed indirizzo del committente. Per le sole spedizioni all'estero è dovuto un aumento del 20 per cento.

ECCO IL CALDO CHE MI PIACE!



SPN 1100

È un caldo pulito, che costa meno, e molto
È così facile stare al caldo con Kerosagip
E Kerosagip fa tanto caldo!

kerosagip

petrolio per riscaldamento

REVISTAS SEM REFERÊNCIAS
DE PUBLICAÇÃO

A P E N A S A D A T A

- 1951.....263
- 1966.....265



Walfredo Osvaldo, o mago do Sax-Tenor, vindo do Balneario, para as nossas Boites, onde aparece com destaque

bolero, que estará sob a competente direção de d. Maria Helena apresentará entre outras novidades uma original orquestra cigana, além de elegantes coquetéis servidos por gentis senhoritas. Al está a novidade que será por certo um verdadeiro brinde sonoro para a nossa bulhosa Cinelandia.



Guimarães, trombone da Sinfônica PRA-8, J. França e O.K., elemento de valor da Classe Musical

— O milionário Bar Viaduto, vem conquistando cada vez mais o público paulistano com magníficos «shows» a cargo de destacados valores de nossa pleiade musical. Nós que também frequentamos as-



Quem não conhece ATHANASIO C. DE LIMA, creador de paginas de sucesso, tais como: "Homenagem", (Fernando Barreto), "Faran-Fan-Fan", e "Haburiba no Samba", (Bl. Sadinho-Odeon), "Trá nunca mais", samba, (Neyde Persira), "Vem a sonhar", samba, (Zécinho dos Santos - "Tessatinha"), "Chorando", choro. Já popular entre nós, "Vem coração", bolero, lançado com sucesso na voz do cantor JUCA, de "Tango da Meia Noite", e "Triste Ausência", (Léa Camargo-Odeon).

Olga Silva, da Bandeirantes, lançou naquela "pedra", de Athanasio, "Vim lá de Cuba", samba. O "dono" de "Haburiba", já preparou diversas musicas para os dias de Momo: "Papai não quer", marcha, é uma delas.

—000—

siduamente aquela acolhedora casa da rua Direita, não cansamos de aplaudir a orquestra típica de Raul Caruso, com o querido cantor Perez Moreno, a «lady-crooner» Irene Baral, uma das mais fieis intérpretes do ritmo portenho que a todos agrada cantando no som da orquestra do popular Viaduto".



Roldão, ex-integrante dos Vagalumes do Luar, agora uma atração do O.K., com J. França

— O Tropical, em boa hora entregou a direção da orquestra ao virtuoso da guitarra, Poly, que entre outras coisas vem apresentando magníficos arranjos de sua autoria. Oxalá a casa dos irmãos Fernandes sustente o cartaz que



Antonio Salvati, cantor do Conj. Ritmos Avenida, Sob a direção de Joaquim Barrios, que vem brilhando no Salão PIRATININGA

sempre a tem distinguido. Não é mesmo, Thiêra?

— Outra atração da Cinelandia é a orquestra de Luiz Cesar, responsável pelas encheites no Lido. Grande ritmo. Ótimos cantores, tais co-



José Viana (Juca). Crooner do Tango da Meia Noite, apresenta números de sucesso de seu vasto repertório

mo José Aldana, Francisco Magno e Mario Santiago. Vamos ao Lido, minha gente?

— O esforçado Elly está acertando o passo. Desta vez o «gorducho» fará do Cuba um dos melhores taxis da cidade. Também pudera. Com um «time» daquele, até eu...

— E o Cambuzinha fechou mais uma vez as suas portas. Promessa? Quem levou a melhor foi a boite Itapoã contratando o Luiz Gaucho para o seu conjunto de ritmo. Assim, sim.



Tobias Troist gravou em discos Odeon os seguintes numeros: "Tico-Tico no fubá", "Garoando", "Casinha pequenina", "Violino Magico", "Santista", "Dentro da noite", acompanhado pelo conjunto de Osvaldo Borba, com Garoto, proximos sucessos.

.. EM TEMPO: — Atendendo às solicitações de nossos leitores, 5.a AVENIDA publicará dentro em breve reportagens com as nossas melhores orquestras, inclusive capas. Aguardem.



Adoniram Barbosa e Otelo Santiago, dois ótimos valores da Record ao lado de Feteleco, o maior scachurro do mundo.



A simpática "crooner" DIVA MAÍRA, interprete de todos os ritmos, que vem de brilhar na boite de Londrina, onde atuou ao lado de seu esposo, o aplaudido guitarrista LOCA, canta na orquestra de Cardoso.

Filarmônica faz sucesso

Foi sempre um desafio para a cultura brasileira a falta de uma orquestra sinfônica permanente de alto nível, capaz de despertar no povo o gosto pela música clássica. Até aqui ficava-se sempre na dependência de temporadas curtas de orquestras estrangeiras. E, assim mesmo, apresentadas quase que exclusivamente em São Paulo e no Rio.

Havia, no entanto, uma série de problemas para um grande conjunto sinfônico. Custava caro, principalmente. Mas um grupo de São Paulo resolveu aceitar o desafio, sem nenhuma ajuda do Estado. Seguiram a experiência que levou perto de 1.200 cidadãos norte-americanos a criar suas orquestras filarmônicas. Dessas, algumas são famosas no mundo inteiro, como as de Boston, Filadélfia, Cleveland, Minneapolis.

A Orquestra Filarmônica de São Paulo é mantida exclusivamente por seus sócios que pagam pelo título 50 mil cruzeiros e mais cinco mil por mês. Logo no começo ficou provado que há interesse pela música clássica — conseguiram-se 3.500 sócios.

A idéia de criar uma Filarmônica em São Paulo nasceu em 1958. O primeiro concerto, porém, só se realizou em 1962. A essa altura, a maior dificuldade era a de contratar um número suficiente de bons músicos que pudessem dedicar o maior tempo possível à Filarmônica. Para isso era necessário pagar bons salários e possuir disponibilidade financeira para a compra de instrumentos musicais, a manutenção de seu patrimônio e a divulgação de suas atividades. Os meios foram obtidos e hoje a Filarmônica tem 84 professores, dos quais 23 são da orquestra do Teatro Municipal.

O regente Simon Blech é o responsável por toda a atividade artística da orquestra. Para os concertos deste ano, estão convidados os brasileiros Eleazar de Carvalho, Isaac Karabitschewsky e Armando Belardi; Choo-Hoey, da Malásia; Félix Prohaska, da Áustria; e Howard Mitchell, dos Estados Unidos.

A missão da Filarmônica, de divulgar a música erudita, foi efetivamente demonstrada no ano passado, no concerto que deu no Teatro Paramount; duas mil pessoas, entre trabalhadores e estudantes, muitas sentadas no chão, ouviram, conheceram e aplaudiram os clássicos. E hoje a Filarmônica chegou à TV, atingindo um público cada vez maior que não tem o hábito de ir às salas de concerto. Assim, em pouquíssimo tempo, a Orquestra atingiu sua finalidade — aumentar a cultura musical do povo. E com um detalhe muito importante: fazendo grande sucesso.



Filarmônica de São Paulo

História de um sambista

Hoje, a música popular brasileira está perdendo uma das suas características fundamentais: deixou de nascer no meio do povo e passou a ser feita para ele. Dos compositores da velha guarda, com o detalhe de ser paulista, destaca-se ainda — sempre atuante — o nome de Adoniran Barbosa. O depoimento que se segue é dele, na própria linguagem em que ele canta os seus sambas:

"Aos 1.800 e não sei quanto, uma seleção de imigrantes veio pro Brasil. Digo seleção porque só veio italiano dos bons. E tavam escalados meu pai e minha mãe. De Veneza se mandaram para Valinhos. E lá nós fumo nascendo. Eu fui o sétimo, mais ou menos depois da guerra de Canudos. Depois veio outra guerra, a de 1914 e quando ela acabou eu já tinha oito anos de idade. E como naquele tempo não tinha jardim-da-infância, eu frequentava as ruas da infância. Bunito! Dá samba, não? Estive três anos num grupo escolar de Jundiaí. Quando sai, arranjei um emprego gostoso: entregador de marmitas do Hotel Central. Bom entregar marmita. No meio do caminho eu abria as tampas e afanava pastéis e bolinhos. Depois fui trabalhar numa fábrica de tecidos, mas como varredor. Quatrocentos réis por hora. Ainda ouço a turna me chamando:

— Ei, Joaquin Barredô!

Mas veio a Revolução de 32 e fumo morá em Santo André. Lá fiz de tudo: tecelão, pintor, encanador, serralheiro. Ai bolei ser mascate — o serviço era mais leve — e sai vendendo meias e retalhos nos bairro pobre de lá. Como ajudava o serviço cantar um pouco, sem querer fui fazendo uns sambas enquanto

andava. E acostumei: até hoje faço samba andando. Mas eu não dava pra mascate.

Tamos agora lá por 1926, 1927. Fiquei um tempo desempregado. Dureza, dureza. Tavam procurando um empregado doméstico. Um amigo chegou, pegou, falou e me disse: — João, vai ali naquela casa. Tão querendo um garção.

Eu fui. A mocinha, filha do dono da casa, então disse:

— O senhor já trabalhou de garção em algum lugar?

Eu menti:

— Já, sim senhora. Mas faz tanto tempo que já esqueci como é.

Ela disse que me ensinava tudo e eu comecei a trabalhar. Arrumava a mesa, ia buscar um táxi pro patrão. Levava ele até a estação e voltava para ajudar a servir a mesa. Nessa hora eu me punha bunitinho. Até banho tomava. Só depois de algum tempo é que descobri que meu patrão era o dr. Pandiá Calógeras, Ministro da Guerra daquela época. Ai, como ele era Ministro, foi para o Rio e eu fiquei de novo desempregado.

Resolvi aprender ofício de metalúrgico no Liceu de Artes e Ofícios. Ajudei a fazer as cadeiras do antigo Cine Alhambra — aquele que existia na Rua Direita. Foi tão duro fazer as cadeiras que até adoeci. Grave, muito grave. Mas deixa isso pra lá que tristeza não se pode contar com saúde. Em que ano estou? Já sei, 1928. Loja de ferragens, agência da Ford, bomba de gasolina, loja de tecidos. Neste último emprego eu era mensageiro e passava sempre no Largo da Misericórdia, onde estava a Rádio Cruzeiro do Sul. Fiquei conhecendo Paraguaçu e muita gente boa daquele tempo. Aos sábados tinha a Hora do Calouro, lá na estação e eu cimei de arrancar. Fui muitas vezes e um sábado — o homem do pongo devia de estar distraído — consegui chegar ao fim. Fui aprovado, mas nada de dinheiro. Quando

JUL/66

JUL/66

me escalarão para um programa semanal, fui a loja de tecidos.

Não fazia quase nada, mas não largava a norma do Largo da Misericórdia. Estava numa dorzeza que dava gosto. Alí me ensinaram a ser zangão: fiquei amigo do pessoal da Prefeitura, onde a turma ia pagar imposto, e por uma notinha eu quebrava os galhos do pessoal que queria andar mais ligeiro. Ganhei tanto que até mudei prima pensão legal, na Rua da Liberdade. Agora é 1934. Tinha um concurso da Prefeitura pro carnaval. Um amigo, Amberê, fez a música e eu botei a letra. E ganhemo. O samba chamava Dona Boa. Que festa. Eu e meu parceiro fiquemos louco quando recebemo o cheque de 500 mil réis (era gaita a dar com pau). E aí saímos pra rua, e um pacote de amigos atrás. Eu queria guardá o tutu pra pagá um palitô que tava mofando no alfaite. Pois sim. Alí, na Praça da Sé, bebemo meu palitô a noite toda.

Depois a coisa melhorou. Eu ganhava 30 mil réis por programa e fazia dois por semana lá na Rádio São Paulo. Então resolvi arranjar um enguiço, que vou chamar de bicicleta. Uma bicicleta dá despesas e pra compicar, no dia que arranjei ela, o diretor da rádio, me chamou e disse:

— Barbosa. Amanhã você passa no escritório que tenho um negócio pra você.

Fiquei contente e fui. Quando cheguei ele falou:

— Agora já acabou o carnaval e nós não precisamos mais de cantor de samba. Pode passar na caixa.

Alí tudo piorou. Me virei que nem charuto na boca de bêbado. Pegava bico em tôdas as estações. Nessa época conheci o Osvaldo Mo-

les e fui pra Record. Em 1941, perdi a bicicleta. O Moles fazia o programa Casa da Sogra, com muitos quadros e criou um tipo para mim, o malandro Zé Conversa. Agradei e depois ele inventou muitos outros. Eu achava que tudo estava melhor por causa de uma bicicleta nova que arranjei. Então imaginei a bicicleta sendo mulher e fiz um samba que fez um bruto sucesso no carnaval de 47 e que Hélio Sindo gravou. Era assim: Depois que aquela mulher me deixou/ Minha vida melhorou/... etc.

Então me fiz galã de cinema. Galã é gozação, mas trabalhei no filme Pif-Paf, com Ademir Gonzaga, e Cuidos do Céu com a Derci Gonçalves. Muito mais tarde, trabalhei em O Cangaceiro e fumos premiados em Cannes.

Agora começa as ondas dos sambas. Em 1951 fiz Malvina, gravado pelos Demônios da Garoa. Foi premiado. Alí fiz Joga a Chave, também pros Demônios, que São Paulo todo cantou e era assim: Joga a chave meu bem/ Aqui fora está ruim de mais/ Cheguei tarde perturbei teu sono/ Amanhã eu não perturbo mais.

Depois veio Saudosa Maloca. Eu saía muito, à noite, para passear com Petelco, um vira-lata de quem eu gostava muito. Alí na Rua Aurora, havia um casarão abandonado onde moravam uns e outros sem compromisso, que para ganhar a cachaca e o sanduiche fazia biscate nas feiras, lavava carros, engraxava sapato. Eu conhecia todos: Mato-Grosso, Joca, Corintiano. Um dia cheguei ao casarão para bater papo e eles tinham sumido e o prédio tinha sido demolido. Então fiquei com vontade de fazer um samba: Saudosa Maloca/ Maloca querida/ Dinde donde nós passemo/ os dias feliz de nossa vida. Saí em 1954 e eu ganhei 90 mil cruzeiros com ele. Depois vieram, As Mariposas, Samba do Arnesto, Progresso, Abrigo de Vagabundos (A minha maloca/ A mais linda que eu já vi/ Hoje está legalizada/ Ninguém pode demolir/ A minha maloca/ A mais linda deste mundo/ Ofereço aos vagabundos/ que não têm onde dormir). Tôdas essas músicas foram gravadas pelos Demônios da Garoa, e fizeram um belo de um sucesso.

Pois é. Um dia, eu tava com a Araci de Almeida quando ela recebeu uma carta vinda de Paris. Ela abriu, leu. Era uma poesia de Vinícius de Moraes. Debaixo de tudo, estava escrito:

"Araci, faz o que quiser com estes versos". E ela fez, dando eles pra mim musicá. O nome do poema era Bom-dia Tristeza.

Depois disso fiquei uns tempos sem compor. Comigo não adianta forçar. As coisas têm de vir junto, letra e música. Foi assim que chegou o Trem das Onze, com o qual ganhei o prêmio do carnaval do Rio quatrocentão.

Hoje em dia, quem está na crista é a Jovem Guarda. Tem gente contra, mas eu gosto do jeito dos meninos falá as coisas que sentem. Até fiz um samba para provar isso e que se chama Já Fui Uma Brasa. Essa música tem um faladinho no final que eu gosto muito e é assim: É uma cinza, mora! Enganei o bruto, porque debaixo desta cinza, se asso- prearem, sem muita lenha ainda pra queimá".



Adonice Barbosa

PORTAS
PARA
BOX



Máxima perfeição em
BOX e PORTAS para
BANHEIROS

MODERNO-PRÁTICO
DECORATIVO

Exposição e Vendas

RUA BASÍLIO DA CUNHA, 1097 - HOI
"AMERICANBOX" - TEL. 63-3368 - SP
(DESPATCHAMOS PARA TODO O BRASIL)

Procure
pela
árvorezinha

V. a encontrará nas capas das revistas Claudia, Manequim, Claudia Noiva, Mamãe e Bebê, Quatro Rodas, Transporte Moderno, Máquinas e Metais, Capricho, Ilusão, Noturno, Contigo, Zé Carioca, Pato Donald, Mickey e Intervalo.

Revistas que V. lê com prazer. Revistas que V. pode levar para casa. Revistas que educam, entretêm; revistas feitas pensando-se em você.

EDITORA
ABRIL

TOTALMENTE SEM
REFERÊNCIAS

Discos



■ Adonirã Barbosa é um músico que adotou o nome de um amigo funcionário dos Correios e o sobrenome de um compositor que admira porque os achava simpáticos. Seu nome verdadeiro é João Rubinato. Mas foi mesmo como Adonirã Barbosa que ele se tornou um retrato do samba brasileiro. Suas músicas são verdadeiras crônicas sobre a vivência de um povo, com sua linguagem característica e real, dessa gente que vive nos morros e favelas cariocas. Nascido em 1910, Adonirã fala, em suas músicas, de uma São Paulo do começo do século, por exemplo, e de uns 20 anos atrás, uma cidade baírrista, até certo ponto ingênua mas que, agora, é difícil de encontrar (assim como é difícil encontrar no Rio a Lapa dos velhos tem-

pos). No Brasil inteiro, sua música e sua poesia mostram, acima de tudo, uma visão do lugar onde viveu os 65 anos de sua vida falando das pessoas e das coisas, do modo simples como se comunicam, sem nenhuma sofisticação. Agora, Adonirã está na praça com novas composições como *No Morro da Casa Verde*, *Samba Italiano* e *Malvino*, ao lado de outras mais conhecidas: *Tocar na Banda* e, principalmente, o *Samba do Ernesto*.

■ Outro que lançou novo LP foi Luis Gonzaga Júnior. Trata-se de *Plano de Voo*, nome de uma de suas músicas. As outras composições são todas inéditas, com exceção de *Gás Néon*, do show *A Cena Muda*, de Maria Betânia. Os arranjos são do próprio Gonzaga Júnior e de seu grupo, o Modo Livre. A capa do LP é feita por duas artistas plásticas, Leila e Lara, amigas do compositor. *Tá Certo*, *Doutor*, *Contos de Fadas*, *Catatonina Integral*, *Assim Seja*, *Amém*, *Suor e Serragem*, *Santa Bobagem*, *Sete Faces* e *Quebra-Pau* são as músicas deste LP de Luis Gonzaga Júnior.



OLGA NAVARRO

Depois de Olga Navarro ter conquistado os maiores triunfos no palco, resolveu transferir-se para o rádio. Pelo menos, por ora, isso vem acontecendo e sua participação nos programas de rádio-teatro da Record e Rádio São Paulo constitui sempre verdadeiro espetáculo de emoção e sensibilidade para o público ouvinte.



ADONIRAN BARBOSA

Não há quem não conheça o Adoniran Barbosa, o magnífico intérprete cômico da Rádio Record. Criador de tipos, o Barbosa ainda possui um cartaz de verdade, mereço da sua assídua e inteligente participação em inúmeros programas humorísticos da "Maior". Mas ele ainda é cantor e compositor e volta e meia aparece com um samba ou uma toada de sua autoria.

mas que tem qualidades para ir longe.

*

Desde o dia 1º de outubro último que a Record não sai mais do ar, transmitindo dia e noite sem parar. É mais uma experiência da «maior» no terreno das grandes coisas que ela pretende apresentar este ano. Henrique Simoneti veio reforçar o departamento musical da estação, que já conta com dois «big» maestros: Gabriel Migliori e Huvê Cordovil. Simoneti tem qualidades, tendo sido o autor da moldura musical de «Presença de Anita» e «O comprador de fazendas», duas produções da Maristela. Tem nova diretoria a Associação Beneficente dos Empregados e Artistas da Rádio Record (ABEARRE), que está assim constituída: presidente: Talma de Oliveira; vice-presidentes: Eliota Junior, José Rubens e Zé Fideliz; secretário, Vicente Leporace; tesoureiro, Colombo Gasparini e procurador Mário Sena. É bom lembrar que foi a ABEARRE quem promoveu a eleição dos «melhores do rádio paulista de 1950», oferecendo aos vencedores o prêmio «Roquete Pinto». A Record está interessada em apresentar o cantor Mário Reis, numa temporada evocativa dos sucessos de outora.

*

Jerônimo Monteiro é o novo diretor de programação da Emissora de Piratininga cargo esse que já exerceu anteriormente. Ester de Abreu, simpaticíssima e apreciada cantora portuguesa, cumpre vitoriosa temporada na PRG-9, que também oferece aos seus ouvintes as audições da cantora cubana Lia Ray. «Revista de Cinema» é um programa reunindo interessantes informações a respeito de coisas e artistas da sétima arte, feito sob a responsabilidade de Luiz Guvanini. Falaram que a Excelsior estava para ser adquirida pelo grupo da «Última hora», mas parece que as negociações não chegaram a bom termo e tudo continuou como dantes.

*

A Panamericana continua realizando um magnífico serviço esportivo, contando para tal fim com um selecionado e brilhante corpo de locutores e comentaristas especializados. Com

(Conclui na pág. 20)



DARCIO FERREIRA

Locutor dos melhores e programador de positivas qualidades, Darcio Ferreira é uma autêntica lenda de trabalho, inteligência e dinamismo. Tendo atuado em diversas emissoras, ocupa atualmente o cargo de diretor artístico da Rádio Bandeirantes, posto em que tem dado sobejas provas de sua capacidade orientadora. Advogado, arranja sempre algum tempo para cuidar da profissão, apesar do rádio absorver a maior parte da sua atividade.



AGNES AIRES

Alto valor das audições de música lírica da Rádio Gazeta, o soprano Agnes Aires tem o seu nome projetado além fronteiras, pois, mais de uma vez tem excursionado pelo estrangeiro e sempre alcançando o maior sucesso. Tendo participado de quase todas as temporadas líricas oficiais do Rio e São Paulo, Agnes Aires é um orgulho do nosso patrimônio artístico, o qual ela enriquece, dia a dia, com as suas soberbas interpretações das grandes peças operísticas.



VELHAS MÚSICAS NA ALEGRIA DE SEMPRE

Alternando sucessos de antigos carnavais com as últimas músicas do IV Centenário, os foliões lembraram os outros tempos, no Baile do Flamengo, pulando com o mesmo entusiasmo de antigamente. Entre *O Teu Cabelo Não Nega* e *Trem das Onze*, a turma vibrava animada, em diversos cordões espalhados pelo salão, enquanto a orquestra não parava um só minuto.